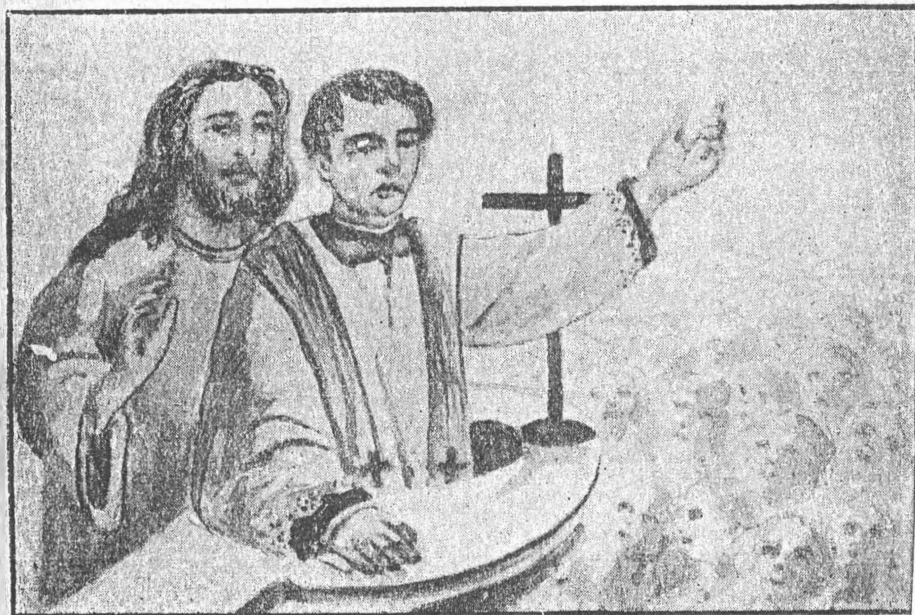


P. Julio-Maria

# COMMENTARIO MORAL

do

# Evangelho Dominical



com exemplos,

PARA HOMILIAS, SERMÕES E CONFERENCIAS

Editora «O LUTADOR» — Manhumirim

!

,

47



---

---

**Commentario moral**

---

---



**Nihil obstat**

Santos, 10 Julii 1938.

*P. Angelo Contessotto, S. J.*  
Censor

---

---

**Imprimatur**

Caratingen, 15 Augusti 1938.

*Mons. Aristides Rocha*  
Vic. cap.

# **COMMENTARIO MORAL**

---

---

do

Evangelho Dominical, com exemplos,

para

Homilias, Sermões e Conferencias

pelo

**P. Julio-Maria**

Missionario de N. Senhora de Smo. Sacramento



— 1939 —

Typ. do «O LUTADOR»  
Manhumirim — Minas

2014

3

2014

3

3

2014

2014



1

2

3

4

5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28  
29  
30  
31  
32  
33  
34  
35  
36  
37  
38  
39  
40  
41  
42  
43  
44  
45  
46  
47  
48  
49  
50  
51  
52  
53  
54  
55  
56  
57  
58  
59  
60  
61  
62  
63  
64  
65  
66  
67  
68  
69  
70  
71  
72  
73  
74  
75  
76  
77  
78  
79  
80  
81  
82  
83  
84  
85  
86  
87  
88  
89  
90  
91  
92  
93  
94  
95  
96  
97  
98  
99  
100

101

102





## Parecer do Exmo. Sr. Censor

**R. P. Angelo Contessotto S. J.**

*Exmo. Sr. Vigario Capitular de Caratinga,*

*Laudetur Jesus Christus*

*Examinei o «Commentario moral, do Evangelho Dominical, com exemplos», para Homilias, Sermões e Conferencias», do R. P. Julio-Maria, devolvendo-o ás mãos de V. Excia., com o meu Nihil obstat á impressão.*

*E' mais uma eloquente contribuição ao já grande arsenal de eloquencia que o incançavel batalhador de Manhumirim está formando para auxilio do nosso zeloso Clero.*

*O apostolico Autor, com o seu vasto e luminoso conhecimento da doutrina catholica e das necessidades das almas do nosso tempo, sabe perfeitamente o que nos falta e sabe dar admiravelmente o que nos falta.*

*Dahi os seus bellos e substanciosos Commentarios litteral, dogmatico, 'moral, eucharistico, e liturgico, formando uma serie completa, unica em seu genero, creio, de expliação popular do Evangelho Dominical, destinada aos sacerdotes*

*no ministerio, e aos fiéis avidos de instrucção doutrinal.*

*E' uma serie que não deve faltar em nenhuma Bibliotheca Sacerdotal e Parochial.*

*Deus guarde a V. Excia.,  
De V. Excia. Rvma., servo em Christo,*

*P. Angelo Contessotto, S. J.*

Censor ad hoc

Santos, 10 de Julho de 1938.

---

## Carta approbativa do Ex<sup>mo</sup>. Sr. Vigario Capitular de Caratinga

---

*Caratinga, 15 de Agosto de 1938*

*Carissimo P. Julio-Maria,*

*Junto, remetto a V. Rvma. o Nihil obstat de seu novo livro: Commentario moral do Evangelho Dominical.*

*Nada tenho que ajuntar ao parecer elogioso do Censor, o sabio jesuíta P. Angelo Contessotto; aliás, os numerosos livros já publicados por V. Rvma., e tão apreciados, dispensam encomios aos novos volumes que se vão seguindo.*

*A sua doutrina tão evangelica, theologica, e ao mesmo tempo clara e popular, é immensamente apreciada pelos sacerdotes, ao ponto que basta o nome de V. Rvma. para recomendar qualquer nova producção.*

*Meus parabens, por mais esta bella obra doutrinaria que completa admiravelmente o seu*

*Commentario litteral e dogmatico, formando uma serie completa de prégação dominical variada e instructiva.*

*Este novo volume será immediatamente adquirido por todos os que já possuem os primeiros.*

*Com satisfacção envio a V. Rvma. o Impri-  
matur, e peço a Nosso Senhor que continue a  
abençoar a sua penna sempre alerta e evange-  
lizadora, para que continue a brindar-nos com  
produções doutrinarias tão actuaes e tão sub-  
stanciosas.*

*Sou sempre de Rvma. o velho amigo dedi-  
cado.*

*Mons. Aristides Rocha*  
Vigario Capitular





## Introdução

---

---

O presente *Commentario moral* é a continuação logica do *Commentario litteral* e dogmatico.

Seguem ainda dois *Commentarios*: um eucharistico, e outro apologetico.

No modo de tratar os assumptos, o presente livro em nada differe de seus antecessores; ha, porém, uma novidade que os prégadores e os catechistas hão de apreciar immensamente.

Esta novidade é a seguinte: cada *Commentario* é seguido de dois ou três exemplos frizantes do ponto de doutrina explicado, de modo que taes exemplos podem ser intercalados, quer na introdução, para chamar a attenção; quer no proprio texto, para elucidar a doutrina; quer ainda na conclusão, para gravar com mais vigor a lição explicada.

E' uma innovação no genero, que será apreciada, sem duvida, pois hoje em dias, pequenos e grandes, ignorantes e letrados, querem ouvir casos, exemplos ou ditos incisivos.

O *Commentario apologetico* segue a mesma marcha, dando e exemplificando o ponto doutrinal, e esclarecendo-o, com exemplos typicos, adaptados ao caso.

Possa este novo trabalho, fructo de longa pratica do ministerio do pulpito, [ajudar os zelosos sacerdotes no cumprimento do dever sagrado da

prégação dominical, tão necessaria em nossos dias.

Cada instrucção, lida em publico, não passa de quiuze a vinte minutos, e dá assumpto para uma Homilia substancial ou um Sermão pathetico, de mais tempo, conforme o talento do pré-gador.

Ajudar os queridos sacerdotes no exercicio tão importante da prégação dominical, suavisar-lhes as difficuldades do ministerio da palavra divina e permittir-lhes fazer um bem maior, em menos tempo, e com menos fadiga, tal é a unica aspiração do autor.

*P. Julio-Maria*

Sacramentino de Nossa Senhora



# AOS PRÉGADORES

## uma simples observação



Tem-se escripto muito sobre a eloquencia... ao ponto que certas pessoas julgam que a arte da eloquencia consiste em escrever um bello discurso, em decoral-o e recital-o com firmeza.

A verdadeira eloquencia não consiste nisto; ella vem de mais alto e de mais longe.

Para o exito, duas qualidades são exigidas da parte do prégador, e duas da parte do discurso.

### *1. Da parte do prégador*

O prégador deve estar convicto do que diz, e deve amar as pessoas que o escutam.

**A convicção** pessoal do prégador é o primeiro elemento do bom resultado na prégação.

Tal convicção se manifesta desde o principio, pelo tom incisivo e firme com que se enuncia o assumpto. É preciso lançar a verdade, como de um só jacto, numas palavras vivas e fortemente destacadas.

A convicção dá esta qualquer cousa de vigoroso, de penetrante, que fixa o espirito do auditor e excita nelle o desejo de conhecer mais a fundo a verdade.

**O amor ao auditorio é o segundo elemento de successo.**

E' preciso que o auditor sin'a que o préga-  
dor quer fazer-lhe bem.

Trata-se de ganhar os corações e de entre-  
gal-os a Deus.

Só a caridade sabe descobrir os caminhos  
mysteriosos que conduzem ao coração.

E' sempre eloquente quem quer salvar as  
almas.

E' sempre escutado com satisfação, quem  
ama.

E' o segredo da palavra viva e efficaz.

Ahi está a magia da eloquencia sacra!

Que bello exemplo, nos offerece S. Paulo!

A sua prégação é a effusão de uma alma re-  
pleta de caridade e de verdade, destacando ha-  
bilmente os vicios e os erros das pessoas, fulmi-  
nando o mal e estendendo a sua mão paternal  
aos que o commetteram.

## II. Da parte do discurso

### A popularidade :

O discurso deve ser *popular* e *claro*.

O Sacerdote é o homem do povo, e a sua  
palavra deve ser comprehendida por todos.

A eloquencia academica é uma profanação  
da eloquencia sacra.

O grande modelo a imitar é, e sempre será,  
a palavra de Jesus Christo.

*Nunca homem falou como este homem*, di-  
ziam os judeus; e nós podemos ajuntar: Nunca  
o homem falará melhor do que aquelle que mais  
se approximar da linguagem de Jesus Christo.

**A clareza:**

É a segunda qualidade do discurso; clareza na *expressão* e no *sentimento*.

O povo nada entende das abstracções especulativas da razão. É mister conduzi-lo, do conhecido ao desconhecido, do sensível da religião ás altas verdades dos dogmas.

A palavra clara agrada a todos e faz o bem a todos, emquanto a phraseologia bombastica diverte alguns espiritos, mas não penetra no coração.

O tom *narrativo* é o mais claro e o mais comprehensível para o povo: é uma especie de dramatização da verdade a expôr.

É o methodo do Evangelho... narra e discute pouco; expõe, torna a verdade sensível pelas comparações e parabolias, e deixa o ouvinte tirar a conclusão pessoal.

Préguemos o Evangelho com convicção e amor.

Seja a nossa palavra popular e clara.

E o exito será esplendido, ultrapassando toda espectativa.

**P. J. M.**





## 1º DOMINGO DO ADVENTO

EVANGELHO — Luc. XXI. 25 — 33

---

---

25. *Naquelle tempo, disse Jesus aos seus discipulos: Haverá signaes no sol, e na lua, e nas estrellas, e na terra consternação dos povos pela confusão do bramido do mar e das ondas:*

26. *Mirrando-se os homens de susto, na expectação do que virá sobre todo o mundo: por que as virtudes dos céus se abalarão:*

27. *E então verá o Filho do homem vir sobre uma nuvem com grande poder e majestade.*

28. *Quando começarem pois a cumprir-se estas cousas, olhae e levantae as vossas cabeças: porque está proxima a vossa redempção.*

29. *E disse-lhes esta comparação: Vêde a figueira e todas as arvores:*

30. *Quando começam a desabrochar, conheceis que está perto o estio.*

31. *Assim tambem quando virdes que acontecem estas coisas, sabeí que está proximo o reino de Deus.*

32. *Em verdade vos digo que não passará esta geração, sem que todas estas coisas se cumpram.*

33. *Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão.*

## COMMENTARIO MORAL

## A esperança

Dirigindo-se aos que estiverem vivos ao approximar-se o fim do mundo, Jesus Christo lhes aconselha que levantem a cabeça e olhem para cima, porque estará proximo o reino de Deus.

E' uma recommendação de pôr em Deus a sua esperança.

Hoje, nos tempos perturbados e incertos que atravessamos, parece que as catastrophes preditas pelo divino Mestre estão se realizando pouco a pouco.

E' pois o tempo de pôr a nossa confiança em Deus, de esperar nelle, pois só d'elle pôde vir a salvação.

A esperança é uma virtude *theological* ou divina, porque tem por objecto directo o proprio Deus.

Para avivar esta esperança, examinemos hoje:

1. O seu **objecto**.
2. Os seus **motivos**.

## I. O objecto da esperança

A esperança, como virtude christã, é uma graça de Deus, que nos dá firme confiança de obter a *felicidade* eterna na outra vida e os *meios* de conseguil-a neste mundo.

Neste sentido a esperança, como virtude, distingue-se claramente da esperança terrena que é uma simples disposição da alma, e não virtude.

No antigo Testamento, os bens esperados por aquelles que serviam a Deus eram sobretudo *tem-*

*poraes*; no novo Testamento, taes bens são sobretudo *espirituaes*, conforme o conselho do divino Mestre: *Procurae antes de tudo o reino de Deus e tudo o mais vos será dado por accrescimento.* (Luc. XII. 31)

O objecto principal é pois a *posse* de Deus no céu.

Aqui, na terra, o homem desfructa apenas prazeres imperfeitos. As proprias delicias intellectuaes da sciencia e da amizade são incapazes de saciar o coração humano. Só Deus póde satisfazer nos plenamente, por ser Elle o unico Bem perfeito e completo.

O segundo objecto da esperança é a *graça*.

Tal graça é habitual ou actual.

A graça habitual torna a nossa alma mais agradável a Deus, adorna-a e a embelleza.

A graça actual affecta sobretudo as faculdades da nossa alma.

E' um auxilio passageiro que nos é dado no momento preciso, ou melhor, no acto mesmo em que precisamos.

Esta distincção é importante; e resolve quantidade de problemas da vida espiritual, que diariamente presenciámos.

A graça habitual adorna a alma; a graça actual faz agir as faculdades da alma.

E' esta dupla graça que é o segundo objecto da esperança.

Os proprios bens materiaes não ficam excluidos da esperança christã, emquanto podem ser auxiliares, ou meios indirectos de salvação.

É o que o Salvador nos faz entender, mandando-nos pedir no «Padre Nosso» o pão de cada dia.

Este comprehende: o pão espiritual da alma, que é a Sagrada Communhão, e o pão material do corpo, que é o necessario á subsistencia.

Os bens espirituaes, por serem os mais necessarios, e referirem-se directamente a Deus, occupam, pois, o primeiro lugar; os segundos bens, os temporaes, devem ser pedidos com inteira submissão á vontade de Deus.

## II. Motivos da esperança

Porque devemos ter em Deus uma esperança completa, certos de que Elle nos dará, si fizermos o que Elle nos pede, o céu, a graça, e, secundariamente, os bens temporaes?

Os motivos de tal esperança são os 3 grandes attributos de Deus:

- o seu *poder*;
- a sua *bondade*;
- a sua *fidelidade*.

De facto, para alguém merecer toda a nossa confiança e dar o que promete, é preciso que possua o que promete; que seja bondoso para dal-o e fiel á promessa feita.

Encontramos em Deus esta triplice base da nossa esperança.

a) Deus póde dar o céu como recompensa; na terra, a graça para merecel-o, e os bens temporaes que possam ser uteis para esse fim: Elle é a omnipotencia divina.

b) Deus quer dar-nos estes bens, pois Elle é a bondade infinita; e é proprio, é da essencia da bondade communicar os seus beneficios. *Bonum est sui diffusivum*, diz São Dionysio.

E' por isso que Deus manifestou a sua omnipotencia nas grandes obras da Creação e da Redempção.

E' por isso ainda que Elle nos enalteceu até á ordem sobrenatural por meio da graça e nos redestinou á vida eterna.

c) Quanto á fidelidade ás suas promessas, Deus não póde faltar; Elle empenha até a sua justiça, desde que trazemos a nossa devida' co-  
operação.

De facto, os bens que Deus nos prometteu, J. Christo os mereceu para nós, pela *Redempção*.

E' o que fazia dizer a S. Paulo, e nós podemos dizel-o com elle: — *somos servos de Deus, para a esperança da vida eterna que Deus, que não mente prometteu antes do começo dos seculos.* (Tit. I. 2)

### III. Conclusão

Do exposto vê-se que a esperança é uma virtude sobrenatural.

E' uma *virtude*, isto é: um habito do bem, exigindo esforço.

E' *sobrenatural* como a fé e a caridade:

no seu principio, que é a graça;

no seu objecto, que é o céu;

no seu motivo, que são os attributos de

Deus.

Para praticar esta virtude é preciso, de vez em quando, fazer actos de esperança, sobretudo nas tentações, nas difficuldades, e na hora da morte.

Taes actos têm a immensa vantagem de acostumar-nos a elevar os pensamentos e a convercer-nos de que tudo neste mundo depende de Deus.

Pecca-se contra esta virtude basica pelo desespero e pela presumpção, que são os dois extremos da virtude da esperança.

A Sagrada Escripura nos dá tocantes exemplos de esperança em Deus nas historias de Judith (Judith XI), do filho prodigo (Luc. XV) e

do bom ladrão (Luc. XXIII), como dá exemplo de dois peccados contra a esperança: o desespero de Judas (Mat XX. 7), a presumpção de Pedro (Mat XXVI. 33)

## EXEMPLOS

### 1. — *Palavra de criança*

Era numa aula de catecismo.

O Vigario acabava de contar ás crianças o desespero e o suicidio de Judas, e concluiu nestes termos:

Si um dentre vós, meus filhos, tivesse a infelicidade de trair o bom Jesus pelo peccado, estou certo de que não imitaria a Judas, indo enforcar-se.

— Eu o faria, senhor Vigario, interrompeu um menino, reputado entre os seus camaradas pela vivacidade de espirito.

— Como, Joãozinho!? que dizes lá... tu irias suspender-te numa arvore?

— Sim, senhor Vigario, eu iria suspender-me ao pescoço do bom Jesus, para lhe pedir perdão.

Si Judas se houvesse *suspendido* deste modo, o seu crime teria sido perdoado.

Nunca se deve desesperar da infinita bondade de Deus.

### 2. — *UM APOLOGO — Esperar sempre*

Um grão de trigo cabiu um dia da mão do sementeiro numa terra bem preparada. Cobriram-no de terra: o grão julgou-se perdido: *enterrado vivo!*... exclamou triste.

Poucos dias depois regaram os sulcos.

— *Desgraçado de mim*, disse chorando o grão, *estou envenenado!*

Veio o inverno com os seus serenos, neves e gelo...

-- *Nem sol, nem vida!* gemeu o prisioneiro.

Semanas depois, o grão rompeu o seu involuço, sentiu-se apodrecer.

— *Tudo está acabado, soluçou o grão, eis a podridão, a morte!*

Mas eis que na primavera esta podridão germinou e gerou uma nova vida.

Uma haste foi se formando, furou a terra, elevou-se, e enfim foi coroada de uma espiga que foi se dourou e amadureceu ao calor bem-fazejo do sol.

Este apologo é para os que se sentem tentados de desespero.

Grãos de trigo somos todos nós!

Porque duvidar do sol fecundo do bom Deus?





## 2º DOMINGO do ADVENTO

EVANGELHO (Math. XI 2—10)

---

---

2. *Naquelle tempo, estando João no carcere, como tivesse ouvido as obras de Christo, enviou dois de seus discipulos a dizer-lhe :*

3. *E's tu o que has de vir ou devemos esperar outro?*

4. *E respondendo Jesus disse lhes : Ide e contaes a João o que ouvistes e vistes.*

5. *Os cégos vêem, os côxos andam, os leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos resuscitam, os pobres são evangelizados.*

6. *E bemaventurado aquelle que não encontrar em mim motivo de escandalo.*

7. *E tendo elles partido, começou Jesus a falar de João ás turba:: Que fostes vêr no deserto? Uma canoa agitada pelo vento?*

8. *Mas, que fostes vêr? Um homem vestido de roupas delicadas? Mas os que vestem roupas delicadas encontram-se nos palacios dos reis.*

9. *Mas que fostes vêr? um propheta? Sim, vos digo eu, e ainda mais do que propheta.*

10. *Porque este é aquelle de quem está escripto : Eis que eu envio o meu anjo alean-te de tí, o qual preparará o caminho deante de tí.*



## COMMENTARIO MORAL

## O escandalo

Recolhamos do Evangelho de hoje uma phrase do divino Mestre, de profunda significação.

Depois de ter citado as obras maravilhosas que fazia como prova de sua missão divina, Nosso Senhor termina, dizendo: — *Feliz aquelle que não se escandalizar de mim.*

Meditemos hoje esta phrase divina para recolhermos o ensino que o Mestre quer ministrarnos, examinando:

1. O que é o escandalo;
2. Qual é a sua gravidade.

## I. O que é o escandalo

Os Romanos chamavam *scandalum* estas pedras que se encontram ás vezes no caminho e que fazem tropeçar o viandante.

Ha destas pedras de tropeço nos caminhos naturaes da vida, e as ha egualmente no caminho sobrenatural que a nossa alma deve trilhar.

Aquelle que põe occasiões de peccado *dá escandalo* (escandalo activo). Aquelle que esbarra nesta pedra, sendo induzido a peccar, *recebe o escandalo* (escandalo passivo).

Póde uma pessoa escandalizar outra *directamente*, induzindo-a intencionalmente ao peccado, e sendo esta provocação feita de proposito, para perder a sua alma, é chamado: *diabolico*.

O escandalo *indirecto* existe quando alguém provoca ao mal pelo seu exemplo ou pelas suas palavras, sem ter a intenção de fazer o mal, mas sim por leviandade ou vicio, como é por exem-

plo: a jogatina, a bebedeira, a preguiça, as <sup>m</sup>modas inconvenientes, conversações livres, falta de comportamento na igreja, etc., etc.

Quanto ao escandalo **passivo**, ou escandalo recebido, este provém do escandalo activo, directo ou indirecto, embora possa acontecer que uma obra bôa em si e na intençação venha a ser para o proximo uma occasião de peccado.

Tal desvio pôde acontecer:

1. Por causa da *ignorancia* ou da falta de *critério*, que enxerga o mal onde não existe em realidade: é o escandalo dos fracos.

2. Por causa da *malicia* de quem quer escandalizar-se, interpretando tendenciosamente os ditos ou feitos alheios: é o escandalo dos phariseus, de que fala varias vezes Nosso Senhor:— *Ai de vós! phariseus hypocritas!*

## II. Gravidade do escandalo

Esta gravidade deduz-se de duas razões: pelo mal que faz, e pelo contagio com que se espalha.

1. Si é um crime tirar a vida do corpo, crime mais execrando é tirar a vida da alma.

Ora, o escandaloso, pelo seu mau exemplo, pôde facilmente perder as almas fracas, as quaes deixam-se levar mais facilmente pelos maus exemplos do que pelos bons.

E' por isso que N. Senhor amaldiçôa aquelle que dá escandalo: *Ai do mundo por causa dos escandalos!... Ai daquelle homem por quem vem o escandalo...* (Math. XVIII. 7, 8) *melhor lhe fôra que se lhe pendurasse ao pescoço a mó que um asno faz girar, e que o lançassem no fundo do mar.* (ibid. 6)

2. Quanto mais grave é o escandalo, tanto mais contagiosos são os resultados.

O caracter desta gravidade varia, conforme as circumstancias. Estas circumstancias são:

a) *a intenção* do escandaloso. Quanto melhor o autor conhece a malicia do seu peccado, tanto mais pesada é a sua responsabilidade.

Deste modo, é claro que o escandalo directo, sendo calculado, é peor por natureza do que o escandalo indirecto. Por exemplo: conversar na igreja, de proposito, para perturbar a oração dos fieis, ou o serviço divino, póde até ser um peccado grave: é um escandalo directo.

Conversar sem reflexão ou maldade, mas por leviandade, seria um peccado mais leve, porque é um escandalo indirecto.

b) *a influencia* da pessoa que escandaliza os outros; assim, a falta de um superior, de uma autoridade, é mais grave do que a de um inferior ou de um pobre ignorante.

c) *a qualidade* das pessoas escandalizadas influe tambem na gravidade do peccado.

Escandalizar crianças, innocentes, pessoas fracas, em maior ou menor numero. N. Senhor tem uma maldição especial para quem escandalizar crianças. (Math. XVIII. 6)

d) *a gravidade* das faltas, que o escandalo motivar, por sua vez, exercerá a sua influencia sobre a gravidade do escandalo, de modo que um peccado, venial em si póde tornar-se mortal, si provocar faltas graves da parte dos escandalizados.

### III. Conclusão

Sendo o escandalo um peccado de graves consequencias, é preciso que todo catholico o afaste cuidadosamente.

1. Fugindo do escandalo directo, sempre e claramente prohibido, desde que o fim é mau.

2. No escandalo indirecto, evitando o que é evidentemente mau; e nas obras licitas, porém más em apparencia, evita-as tambem, desde que não haja necessidade premente.

3. Quanto ao escandalo dos fracos, a caridade aconselha que se abandone até uma obra bôa, quando houver perigo que redunde em occasião de peccado para alguém.

Limitemo-nos aos bellos exemplos dos santos a este respeito: Eleazar preferindo morrer antes que dar escandalo.

### EXEMPLOS — 1. *Eleazar*

Um dos mais bellos exemplos de fidelidade á lei de Deus é o de Eleazar, que preferiu morrer antes que escandalizar os seus patricios.

O santo ancião era um dos primeiros doutores da lei de Israel, quando o impio Antiocho obrigou os judeus a sacrificarem aos idolos.

Abriram-lhe a bocca á força, obrigando-o a comer carnes prohibidas, ou a morrer. O ancião escolheu a morte.

Aconselharam-lhe os amigos que para escapar á morte fingisse comer destas carnes e fingisse sacrificar aos idolos.

Eleazar respondeu com firmeza e dignidade: — Não é digno da minha idade usar de uma tal ficção, pois della póde resultar que muitos jovens, julgando que eu, aos noventa annos tenha passado para a vida dos pagãos, venham tambem elles por causa deste meu fingimento, para conservar um pequeno resto de uma vida corruptivel, a cahir

em erro, e com isto eu attrairia a vergonha e a execração sobre a minha velhice.

Si eu posso livrar me presentemente dos supplicios dos homens, não poderia entretanto fugir á mão do Todo-poderoso, nem na vida, nem depois da morte.

Deste modo morrerei valorosamente, mostrando-me digno da minha velhice, e deixando aos jovens um exemplo de fortaleza.

E logo que acabou de dizer estas palavras foi arrastado para o supplicio.

(II. Machab. VI. 18—30)

## 2. — *Os grandes culpados*

Um soldado francez chamado Bonard, foi condemnado a ser fusilado. Tinha commettido varios crimes.

Arrependeu-se e preparou-se piedosamente á morte.

Ao chegar no logar da execução, disse: Morro arrependido, pedi perdão a Deus, e nelle ponho toda a minha confiança; porém ha homens que são mais culpados do que eu: são estes escriptores e jornalistas que me perderam, inspirando me o desprezo da religião e a revolta contra a autoridade.

Tinha razão, sem duvida, mas era culpado de ter lido taes escriptos.

Os escandalos são incendios; vê-se onde comecem, mas ignora-se onde irão parar.

## 3. *Maus companheiros*

Refere Collet que um estudante, que possuia em alto grau as virtudes que se podem desejar

num moço, mas, que, por desgraça muito frequente naquella idade, deu com um mau companheiro que, entregue ás mais vergonhosas paixões, ateou no coração do moço fogo criminoso que consumia o seu; de sorte que, desde então, se tornou um grande libertino.

Os seus amigos, afflictos, supplicaram-lhe que voltasse ao bom caminho deixado; mas tudo foi inutil. Deus falou tambem por sua vez: uma noite o infeliz accorda, dando horriveis gritos; acodem, procuram socegal-o, e chamam um sacerdote, que o exhorta a converter-se a Deus.

O moribundo fixa sobre elle um olhar espantado, e pronuncia com voz terrivel estas tristes palavras: «Ai daquelle que me perverteu!... Em vão invocaria o soccorro de Deus; já está aberto o inferno para me tragar.»

Dito isto, vira-se para o outro lado, e expira no meio da mais horrivel desesperação.





### 3º DOMINGO DO ADVENTO

EVANGELHO (Jo. I. 19 - 28)

19. Eis o testemunho de João, quando os judeus lhe enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas a perguntar-lhe: Quem és tu?

20. E elle confessou, e não negou: e confessou: Eu não sou o Christo.

21. E elles perguntaram-lhe: Quem és pois? És tu Elias? E elle respondeu: não sou. És tu o propheta (predito por Moysés?) E respondeu: Não.

22. Disseram-lhe então elles: Quem és pois, para que possamos dar resposta aos que nos enviaram? que dizes de ti mesmo?

23. Disse-lhes elle: Eu sou a voz do que clama no deserto: Endireitae o caminho do Senhor, como disse o propheta Isaias.

24. Ora, os que tinham sido enviados eram da seita dos phariseus.

25. E interrogaram-no, e disseram-lhe: Como baptizas pois, si não és o Christo, nem Elias, nem o propheta (predito por Moysés?)

26. João respondeu-lhes, dizendo: Eu baptizo em agua: mas no meio de vós está quem vós não conheceis.

27. Esse é o que ha de vir depois de mim, que é mais do que eu: de quem não sou digno de desatar a correia dos sapatos.

28. Estas coisas passaram-se em Bethania da banda de além do Jordão, onde João estava baptizando.

## COMMENTARIO MORAL

## A humildade

A grande lição moral que se destaca do Evangelho de hoje é a humildade de João Baptista.

Aproximando-nos da festa de Natal, o idéal divino da humildade, a Igreja nos apresenta o bello exemplo do Precursor, salientando a sua incomparavel *humildade* para convidar nos a preparar-nos por meio desta virtude, para as grandes festas.

Quem é este? perguntam os levitas a João.

E este rejeita todos os titulos, accetando sómente o de: *A voz do que clama no deserto*, isto é: a nullidade, o nada.

Meditemos hoje esta bella virtude christã, examinando as regras a seguir para chegarmos a adquirir a humildade. Reduzamol-as a duas:

1. Referir tudo a **Deus** e não a nós;
2. Não nos **compararmos** sinão aos santos.

## I. Referir tudo a Deus

São Paulo diz admiravelmente: *Que tens tu que não recebeste? E si o recebeste, porque te glorias, como si não tiveras recebido?* (1 Cor IV 7)

E' a regra que segue João Baptista. Interrogam-no si é Elias? si é propheta? porque baptiza? e elle em vez de dizer, como dirá depois o proprio Salvador: *Este é mais que um propheta... entre os nascidos das mulheres não veio ao mundo outro maior do que elle.* (Math. XI. 9—11)

João contenta-se em negar todos os titulos que pretendendem applicar-lhe, dizendo que não



É outra cousa sinão um instrumento inutil nas mãos de Deus.

Desvia tudo de si, e refere tudo a J. Christo.

*Esse é o que ha de vir após mim, que existiu antes de mim, e a quem eu não sou digno de desatar a correia dos sapatos.*

Vê-se que a grande e unica preocupação de João é esconder-se e fazer apparecer Jesus Christo.

O rumor publico attribuiu-lhe uma personalidade que não era sua; por isso protesta e restabelece a verdade.

Não é nem o Messias, nem Elias, nem sequer acceta o titulo de propheta no sentido que lhe attribuiram os judeus.

Estes ultimos, de facto, queriam saber si elle era o Propheta annunciado por Moysés, para salvar a nação. A resposta é positiva: Não sou! Entretanto, não nega o seu verdadeiro titulo que é de ser o *anjo enviado deante do Salvador para preparar-lhe o caminho.* (Math. XI. 10)

Tal é a primeira regra a seguir para adquirir a humildade: Referir tudo a Deus, e nada a si mesmo.

## II. Comparar-se com os santos

É a segunda regra, admiravelmente seguida pelo Precursor.

João Baptista podia comparar-se a seus interlocutores, aos synhedritas, aos levitas, e dizer que, pela sua missão, estava muito acima delles; como estava acima delles, pela sua vida, a sua penitencia, as suas virtudes, o dom de milagres, as conversões, a popularidade.

Nada de tudo isso!

O Precursor sabe que comparar-se com um inferior, é rebaixar-se, e comparar-se com um superior é elevar-se.

Si um Presidente de estado se comparasse a um simples roceiro, dizendo que é mais rico, mais preparado, mais elevado que um humilde operario da roça, seria uma baixeza para elle; comparando-se, porém, a uma alta personalidade, a um genio, elle se eleva; embora se humilhe deante d'elle; esta humilhação porém, é uma gloria para elle.

Assim faz João Baptista: compara-se ao Messias, e proclama que não é nada, nem sequer digno de desatar a correia dos seus sapatos.

Deante da physionomia radiante do Salvador, João reconhece que nada é: faz um acto de humildade, e este proprio acto eleva o acima de seus interlocutores, de todo o valor que tem deante de Deus.

E' uma regra frequentemente violada.

Em presença de Deus é-nos facil humilhar-nos, sentirmos a nossa pequenez, a nossa miseria; comparando-nos aos outros talvez peiores do que nós, examinamos os seus defeitos antes que as suas qualidades, e julgamo-nos melhores do que elles.

E' o orgulho, e tal orgulho deriva-se da falta de comprehensão do principio acima annuciado que: comparar-se a um inferior, é rebaixar-se, e comparar-se a um superior é humilhar-se, e portanto: elevar-se.

### III. Conclusão

Notemos bem estas regras, para adquirir a humildade.

De nós mesmos, nada somos, nada temos e nada podemos: é uma das verdades, repetidas a cada passo por Nosso Senhor: *Sine me nihil potestis facere.*

E' pois justiça retribuir a Deus, todo o bem que ha em nós, e attribuir-nos unicamente o mal. Este mal de facto, provém ou da violação ou da omissão do bem, que devíamos fazer.

Em 2.º lugar: comparemo-nos com os que são melhores do que nós, e não com os que são peiores. Tal comparação desfavoravel a nós, nos excitará a realizarmos o que admiramos nos outros e ainda não possuímos.

O homem honesto que se compara com um libertino, está exposto a julgar-se um santo; emquanto, comparando-se com os santos se julgará um pobre peccador, sentindo-se humilhado pela sua fraqueza, mas exaltando-se ao mesmo tempo aos olhos de Deus, conforme a sentença divina: *qui se humiliat exaltabitur.* (Luc. XIV. 11) E' assim que Maria Sma. proclamando-se *escrava do Senhor* foi achada digna de ser a *Mãe de Deus.*

## EXEMPLOS

### 1. O que o demonio não póde

O demonio appareceu um dia a S. Macario e lhe disse:

— Tudo o que tu fazes, eu o faço: tu jejuas, eu jamais como; tu velas, eu nunca durmo. Só ha uma cousa que tu fazes e que eu não posso fazer.

— Que é? perguntou o Santo.

— Humilhar-me.

O orgulho é o peccado proprio de Satanaz.

## 2. O que valem as honras

O Arcebispo de Rennes, Dom Brossays acabava de ser nomeado Cardial.

Felicitaram-no. Elle respondeu, fazendo allusão á côr do chapéu cardinalicio :

— Que me importa? Estou velho; em breve terei que comparecer perante o tribunal de Deus: que importancia terá ali a côr do chapéu? Ali todos comparecem de chapéu baixo.

## 3. Duas cruzes

Um Bispo francez, Mons. de Cheverus havia sido condecorado com a Cruz de honra. Recebeu-a das mãos do delegado do Presidente da Republica.

Depositou-a ao pé do crucifixo que tinha em sua mesa de trabalho, e fitando o Christo, disse: Senhor Jesus, nem um nem outro merecemos a nossa cruz!





## 4º DOMINGO DO ADVENTO

EVANGELHO (Luc. III. 1—6)

1. *No anno decimo quinto do imperio de Tiberio Cesar, sendo Poncio Pilatos governador da Judéa e Herodes tetrarcha da Galiléa e Philippe seu irmão tetrarcha da Ituréa e da provincia de Traconites, e Lysanias tetrarcha da Abilina.*

2. *Sendo principes dos sacerdotes Annás e Caiphas, o Senhor falou a João, filho de Zacharias, no deserto.*

3. *E elle foi por toda a terra do Jordão, prégando o baptismo de penitencia para remissão dos peccados.*

C. 12

4. *Como está escripto no livro das palavras de Isaias propheta: Voz do que clama no deserto: Preparae o caminho do Senhor: endireitae as suas veredas.*

5. *Toda valle será cheio; e todo monte e collina será arrazado: e os maus caminhos tornar-se-ão direitos, e os escabrosos planos.*

6. *E todo o homem verá a salvação de Deus.*

COMMENTARIO MORAL

### Os caminhos de Deus

O Evangelho deste domingo começa com uma solemne enumeração de factos que fazem prever qualquer coisa de grande. Esta coisa grande é

a vinda do Messias, o nascimento do Salvador esperado.

Para preparar-nos a esta vinda e dispôr as nossas almas, o Evangelho em phrases curtas e incisivas nos enumera tudo o que é preciso fazer *para ver a salvação enviada por Deus*.

O Evangelho faz uma enumeração pormenorizada que se pôde reduzir a estes dois pontos que vamos meditar aqui.

1. Endireitar as *veredas* e aplainar os caminhos *escabrosos*. Abaixar os *montes* e encher os *valles*. E' a dupla luta do aperfeiçoamento.

1. A luta contra a **sensualidade**.

2. A luta contra o **orgulho**.

## I. Contra a sensualidade

### 1. *Endireitar as veredas*

A nossa vida é uma vereda que deve conduzir-nos ao céu. Ora, ha veredas direitas e outras tortas.

A vereda direita é aquella que consiste na pratica das virtudes. As almas dos santos que triham tal vereda vão direitas ao céu; mas nós, pobres peccadores, quantas vezes nos afastamos deste caminho e nos embrenhamos nos caminhos tortuosos do mal, da sensualidade, dos prazeres illicitos.

O Precursor vem clamar a estes transviados: *endireitae as veredas!* tomae outro rumo, pois o caminho do peccado conduz necessariamente ao abysmo do inferno, emquanto a vereda da virtude conduz ao presepio do Menino-Deus, onde os anjos cantam: Gloria a Deus e paz aos homens.

Endireitemos pois as nossas veredas, pela luta contra a sensualidade, para dispormo-nos á festa de Natal.

## 2. *Aplainar os caminhos escabrosos.*

Andando por caminhos tortuosos, o primeiro dever é indireital-os. Mas não basta; este caminho direito pôde ter ainda os seus perigos, pois o demonio nunca deixa de tentar o homem; tal caminho fica *escabroso* pelas occasiões perigosas; é preciso fazer desaparecer taes occasiões, aplainando o caminho.

Occasiões perigosas, escabrosas, são os companheiros perversos, o cinema immoral, as modas indecentes, os bailes cynicos, as leituras levianas e amorosas.

E' preciso aplainar ou fazer desaparecer todas estas escabrosidades.

## II. **Contra o orgulho**

A segunda preparação consiste, diz S. João Baptista, em abaixar os montes e encher os valles.

### *Abaixar os montes*

Ha dois montes na vida do homem que é preciso serem abaixados, porque se oppõem á vinda do reino de Deus: um é moral: o orgulho; e outro é material: a avareza.

Deus tem horror do orgulho, e pára deante delle como deante de uma montanha intransitavel.

*O orgulho é odioso perante Deus e perante o homem*, diz o Espirito Santo. (Eccli. X. 7)

*O homem nescio eleva-se em orgulho, e julga ter nascido livre como a cria do asno montez*, diz o santo homem Job. (XI. 12)

E por que orgulhar-se? pergunta o Apostolo. *Que tens tu que não recebeste? E si o recebeste por que gloriar-te, como si não recebeste?* (Cor. IV. 7)

Não deixemos a Deus a tarefa de abaixar a

montanha do nosso orgulho, o que Elle faz inexoravelmente: *Aquelle que se exalta será humilhado*. Mas, humilhem-nos voluntariamente, para que Deus nos eleve: — *Quem se humilhar será exaltado*. (Math. XXIII. 12)

*Encher os valles.*

O valle é uma depressão do solo, assim ha em nossa alma uma depressão que se chama: o respeito humano.

O respeito humano é uma escravidão do orgulho.

O orgulhoso julga-se uma pessoa em destaque, quer mostrar-se grande, acima dos outros, e por isso, julgaria rebaixar a sua grandeza ajoelhando-se na egreja, beijando a mão de um sacerdote, confessando-se publicamente, assistindo á Missa, acompanhando uma procissão, lendo um jornal catholico.

E' um pobre escravo da opinião dos outros: não se governa, é governado pelo: «o que dirão de mim?»

E' um valle cavado pelo orgulho; e para podermos approximar-nos do Menino-Deus, o Precursor nos brada para enchermos este valle, como devemos abaixar os montes, para traçarmos um caminho plano, recto, sem obstaculos.

### III. Conclusão

O grande dia de Natal está se approximando, o dia em que havemos de ver *a salvação enviada por Deus*.

Meditemos bem as palavras daquelle que Deus escolheu para ser o Precursor do Salvador, encarregado de preparar-lhe o caminho.

João prégava, diz o Evangelho, *o baptismo de penitencia*.



Este baptismo ou regeneração pela penitencia é o que acabamos de explicar: a luta contra a sensualidade e contra o orgulho, os dois vícios capitaes que arrastam os homens ao mal.

Endireitemos e aplainemos nossos caminhos pelo afastamento do peccado.

Abaixemos os montes do orgulho e enchamos os valles do respeito humano, para que o nosso caminho seja o caminho da verdade e da virtude, o unico que conduz ao berço do Menino-Deus.

## EXEMPLOS

### 1. O respeito humano

O respeito humano é uma falta de respeito a si mesmo.

Uma bandeira que se esconde em sua bolsa deixa de ser bandeira: é um lenço.

Um Inglez dizia um dia: O que faz a nossa força, a nós inglezes, é que a gente bôa é tão audaciosa quanto os canalhas.

### 2. Padre e soldados

Numa missão prégada aos soldados, o missionario annunciou que de noite confessaria em casa, aquelles que desejassem fazel-o, sem serem conhecidos.

De noite chegaram bastantes, um após outro. Foram introduzidos numa sala sem luz.

Quando a sala estava quasi repleta, o missionario entrou, com uma lampada na mão.

— Obrigado, meus filhos, disse, pelo grande numero. Mas olhae-vos bem uns aos outros, disse sorrindo, passando a lampada deante do rosto de cada um. Sim, olhae-vos uns aos outros,

reconhecei-vos, e ponhamos o respeito humano fóra de casa.

Todos olharam-se espantados, reconheceram-se e, no meio de uma franca gargalhada, ouviu-se:

— Como, é você que está aqui?

— E você se confessa?

— E você também?

— Eu não tinha a coragem por causa de você!

— E eu, por causa de você!

E cada um a rir de si mesmo, de seu respeito humano, e confessando que é uma estupidez...

### 3. S. João Chrysostomo

Arcadio, imperador de Constantinopla, irritou-se um dia contra São João Chrysostomo, e resolveu vingar-se. Consultou sua côrte sobre o modo de exercer a sua vingança.

Um primeiro disse: Mande-o para o exilio.

Um segundo: Confisque os seus bens.

Um terceiro: Lance-o no carcere.

Um quarto: Mande-o decapitar.

Um quinto, mais intelligente, respondeu: Tudo isso de nada serve... Imperador, quereis vingar-vos de Chrysostomo? Pois bem, achae o meio de fazer-lhe commetter um peccado, pois Chrysostomo não receia sinão o peccado.

De facto, um dia em que Eudoxia mandou ameaçal-o, Chysostomo respondeu: Vae, dize á Imperatriz que Chrysostomo só tem medo de uma cousa: do peccado.





## DOMINGO DEPOIS DE NATAL

EVANGELHO—(Luc. II. 33—40)

---

33. *Naquelle tempo, havendo chegado o dia da purificação, foi Jesus levado por seus paes ao templo para ser apresentado. E seu pae e mãe estavam admirados das cousas que delle se diziam.*

34. *E Simeão os abençoou, e disse a Maria sua Mãe: Eis que este (Menino) está posto para ruína e para resurreição de muitos em Israel: e para ser alvo de contradicção.*

35. *E uma espada trespassará tua alma, afim de se descobrirem os pensamentos escondidos nos corações de muitos.*

36. *Havia tambem uma prophetiza, (chamada) Anna, filha de Phanuel, da tribu de Aser: estava em idade muito avançada, e tinha vivido sete annos com seu marido, desde a sua virgindade.*

37. *E (tinha permanecido) viuva até aos oitenta e quatro annos: e não se afastava do templo, servindo a Deus noite e dia com jejuns e orações.*

38. *Ella tambem, sobrevivendo na mesma occasião, louvava o Senhor, falava do Menino a todos os que esperavam a Redempção de Israel.*

39. *E depois que cumpriram tudo, segundo*

*o que mandava a lei do Senhor, voltaram para a Galiléa, para a sua cidade de Nazareth.*

40. *Entretanto, o Menino crescia e se fortalecia cheio de sabedoria: e a graça de Deus era com elle.*



## COMMENTARIO MORAL

### O crescimento divino

O Evangelho de hoje termina com uma phrase divina, revelando os intimos segredos de Nazareth. *O menino crescia e fortalecia-se, cheio de sabedoria, e a graça de Deus estava com elle.*

E' a vida do menino Jesus no esconderijo de Nazareth.

Toda vida tende a crescer, a dilatar-se...

Mas não basta crescer; é preciso crescer em sabedoria e em graça.

Examinemos um instante este duplo crescimento, para ver como nós podemos crescer.

1.º Em **sabedoria**, pelo conhecimento da lei de Deus.

2.º Em **graça**, pela pratica das virtudes.

#### I. Crescimento em sabedoria

Sabedoria, aqui, quer dizer *Sciencia*.

Havia em Jesus uma triplice sciencia: a sciencia *experimental*, adquirida pelos sentidos.

A sciencia *infusa* que Deus derramou na alma de Jesus, desde a encarnação.

A sciencia *beatifica*, propria de Deus, que abrange tudo o que existe e que possa existir.

As sciencias infusa e beatifica ficaram sempre invariaveis em Jesus; pois eram completas desde o primeiro instante; porém, houve um verdadeiro progresso na sciencia *experimental* de Jesus Christo.

Jesus podia crescer na sciencia experimental, porque a experiencia de cada dia lhe mostrava cousas que Elle sabia já como Deus, mas ignorava como homem.

Nós sabemos, por exemplo, pelos jornaes e revistas que no Rio de Janeiro existe um rochedo enorme que se chama «Corcovado», e que sobre este rochedo está collocada a estatua de Christo-Redemptor.

No dia em que formos ao Rio de Janeiro, e vimos o Corcovado e o Christo-Redemptor, conheceremos esta mesma verdade de um modo novo, pela propria experiencia.

E' deste modo que em Jesus, crescia a *sciencia* ou sabedoria. Elle apprendia a conhecer experimentalmente o que já conhecia de modo infuso e beatifico.

Nós tambem devemos crescer em conhecimentos necessarios á vida e á salvação: tal conhecimento chama-se: instrucção religiosa.

Quantas pessôas ha que não crescem mais em sabedoria, não procurando aperfeiçoar os conhecimentos religiosos que possuem, conservando duvidas no espirito, vacillações na vontade e frieza no coração.

As duvidas dissipam-se pelo estudo da religião.

As vacillações cáem deante da vontade divina.

As friezas desaparecem em frente do amor de Deus.

Crescei em graça, diz S. Pedro, e no conhecimento do Senhor. *Crescite vero in gratia et in cognitione Domini.* (2. Pet. III. 18)

## II. Crescimento em graça

A humanidade de Jesus possuía desde o início, a sua perfeição e santidade: *estava repleto de graça*, diz o Evangelho.

As *virtudes* eram perfeitas nelle, porém os *actos* destas virtudes augmentavam continuamente em numero; assim desde o começo Jesus possuía a humildade perfeita; diariamente entretanto augmentava o numero dos actos de humildade.

Ora, a virtude 'constando no habito de fazer, com facilidade, actos desta virtude pela repetição dos actos, a propria virtude de Jesus teria necessariamente augmentado, si ella não fôsse perfeita desde o começo.

Temos tambem em nós, os germens das virtudes, porém taes germens devem ser desenvolvidos.

Podemos ser humildes, mas não o somos perfeitamente.

Para adquirir a humildade perfeita, precisamos fazer *actos* de humildade.

A repetição destes actos dá a facilidade de fazel-os. Tal facilidade fórma o habito.

E o habito de fazer actos de humildade constitue a virtude da humildade.

Podemos, pois, e devemos, a exemplo de Jesus, crescer em virtude, em cada uma das virtudes. E são estas virtudes que nos fazem achar graça deante de Deus, que nos fazem crescer em graça.

Cada acto de virtude é um crescimento.

Cada crescimento é um augmento de graça.

Devemos produzir fructos pelas boas obras e crescer na sciencia de Deus, diz o Apostolo — *et crescentes in scientia Dei*. (Col. I. 10)

### III. Conclusão

Jesus não é simplesmente o Mestre que nos ensina: é o exemplo que devemos reproduzir.

O Evangelista cita varios pormenores da infancia de Jesus, poucos em numero, mas muito em valor.

Dizendo que o *menino crescia, cheio de sabedoria e de graça*, nada mais tinha que ajuntar, tudo está dito. É um crescimento continuo em sciencia experimental e em virtudes.

Assim deve ser tambem a nossa vida, crescer continuamente no conhecimento da religião, pelo estudo, pela audição da palavra de Deus, pela oração. E para que tal sciencia não permaneça ociosa, esteril, deve resolver-se na pratica das virtudes, as quaes devem crescer continuamente pela repetição dos actos de virtude.

É o duplo movimento da vida espiritual, da propria santidade: conhecer e imitar.

### EXEMPLOS

#### 1. Alexandre Magno

Conta-se deste famoso conquistador do mundo, que um dia lhe trouxeram um bandido celebre pelos seus latrocinios.

O Imperador perguntou-lhe pelo nome.

— Chamo-me Alexandre, respondeu o pirata.

— É preciso mudar de nome ou de officio, respondeu o Chefe.

Mudemos o nosso nome de Christão, ou vivamos conforme os ensinamentos de Jesus Christo.

## 2. Estudemos o bello

Plutarcho conta que outróra em Roma havia ricos que, em vez de adquirir bellos quadros e obras de arte, apraziam-se em recolher monstros de crianças, privadas de seus membros, braços torcidos, cabeça de animal, e o seu divertimento era considerar taes anomalias da natureza.

E' bem isso o que fazem aquelles que encham o seu espirito de outras cousas que não sejam pensamentos christãos e o estudo da religião.

O homem não é perfeito, mas é aperfeiçoavel; deve aperfeiçoar-se... procurando conhecer o bem e os bons exemplos e imital-os.

## 3. Guerra aos defeitos

O capitão Marceau, da marinha franceza era um homem excessivamente colerico. Converteu-se e declarou uma guerra sem treguas a este defeito. Dia por dia annotava num livrinho as suas victorias e quédas.

Um dia chegando num porto, a sua equipagem estava em revolta. Marceau calmo e recolhido sabiu do bordo, procurou a igreja mais proxima e ahi passou uma hora de adoração deante do Santissimo Sacramento.

Os marujos a esta vista acalmaram-se... e quando o capitão voltou para o navio, foi recebido com aclamações: a paz estava restabelecida.







# FESTA DA CIRCUMCISÃO

EVANGELHO (Luc. II. 21)

---

*21. Naquelle tempo, depois que se completaram os oito dias para ser circumcidado o Menino, foi-lhe posto o nome de JESUS, como lhe tinha chamado o anjo, antes que fôsse concebido no ventre (materno)*



## COMMENTARIO MORAL

### O anno novo

A festa da Circumcisão representa as primicias da redempção, offerecidas a Deus, ao mesmo tempo que a Elle se offerecem, nesta festa, as primicias do anno.

Nesta cerimonia dolorosa e sangrenta o Menino Jesus offereceu ao seu Pae as primeiras gottas de seu sangue redemptor.

As virtudes que Jesus praticou então, são o modelo das que nós devemos praticar no decurso deste novo anno que se apresenta, as quaes se podem reduzir ás duas seguintes :

- 1° **Obediencia** ao seu Pae.
- 2° **Paciencia** nas provações.

## I. Obediencia a Deus

A grande virtude que deve orientar o christão é a obediencia á vontade de Deus, a qual lhe é manifestada pelos mandamentos, pela consciencia e pelos deveres de estado.

O amor sem obediencia, não póde existir, pois *amar é dar*, e a obediencia é o grande presente do amor.

Jesus vem a este mundo, para salvá-lo, mas como ama infinitamente ao seu Pae, Elle o salvará conforme os designios deste Pae querido.

É por isso que, a cada passo da sua vida e de sua paixão, Elle repete amorosamente: *Meu Pae, seja feita a vossa vontade e não a minha.*

Jesus obedece, nascendo na miseria do presepio; obedece ao derramar as primeiras gottas de seu sangue na circumcisão; obedecerá na officina de Nazareth, no desterro do Egypto, na vida humilde e calumniada de seu apostolado, na morte atroz do patibulo, onde os seus inimigos haverão de suspendel-o — *factus obediens usque ad mortem, mortem autem crucis*, diz o Apostolo. (Philip. XI. 8)

No começo deste novo anno seja o nosso lemma: *obedecer a Deus.*

Deus nos fala pela sua lei divina.

Rezemos de manhã e á noite.

Assistamos á Missa nos domingos e dias santos  
Approximemo-nos da Mesa Sagrada.

Repillamos todas as faltas contra a pureza.

Respeitemos a reputação e o bem alheios.

Cumpramos fielmente os nossos deveres de estado.

Imitaremos, deste modo, a obediencia de Jesus, e seremos participantes da doce paz que

Elle vem trazer ao mundo, e que os anjos annunciaram por cima da gruta de Belém: — «Paz aos homens de bôa vontade».

## II. Paciencia nas provações

Não podemos deixar de admirar a paciencia de Jesus Christo, na pobreza do estabulo, no sofrimento da circumcisão, nos desprezos da sua vida operaria, nas calumnias de seu apostolado, como nas agonias da sua paixão.

Jesus não se queixa, não murmura, não se vinga, porque acceita tudo, não como proveniente da malicia dos homens, mas sim do amor do Pae.

Seja qual fôr a nossa condição ou situação, esse anno novo, por risonho e florido que seja, não póde deixar de trazer-nos o nosso quinhão de provações.

As provações são necessarias em nossa vida para correspondermos aos designios de Deus.

Não se chega á luz, sinão pela cruz: «Per crucem ad lucem».

Não se chega ao triumpho, sinão pela luta.

Não se chega á gloria, sinão pela provação.

«A tentação devia provar-te, porque eras agradavel a Deus», disse o anjo a Tobias: — «Quia acceptus eras Deo, necesse fuit, ut tentatio probaret te». (Tob. XII. 13)

Acceitemos o que Deus nos mandar, repetindo com Elle a grande palavra da resignação christã: «Meu Pae, seja feita a vossa vontade e não a minha». «A paciencia vos é necessaria», diz o Apostolo, (Heb. X. 36) sendo «pela paciencia que devemos possuir a nossa alma». (Luc. XXI. 19) para não perdermos a recompensa das nossas provações: *ut reportetis promissionem*. (Heb. X. 36)

### III. Conclusão

No primeiro dia do anno cada christão deve fazer o *balanço* e o *orçamento* espiritual da sua vida.

O *balanço* deve estabelecer o estado do nosso espirito durante o anno que acaba de passar e indicar claramente o que temos feito para Deus e para a nossa alma, como tambem o que temos negligenciado neste ponto.

O *orçamento* deve prever o futuro: Que queremos fazer para Deus durante este anno novo, talvez o ultimo da nossa existencia?

Qual é o mal a eliminar?

Qual é o bem a realizar?

Si houvesse de morrer hoje, que desejaria ter feito, no anno passado?

Pois bem, o que não fizemos, façamol-o agora!

### EXEMPLOS

#### 1. A utilidade da oração

A oração é necessaria.

Eis um argumento simples para proval-o.

Um incrêu dizia que era inutil rezar, que Deus não existe, ou si existe não escuta ou não attende as orações.

Um joven catholico, espirituoso, respondeu-lhe com simplicidade:

— Diga-me, senhor, si eu fôsse bater á sua porta durante um anno inteiro, e que esta nunca se abrisse, pensa que eu voltaria ainda?

— Só sendo doido, respondeu o incrêu.

— Pois bem, ha 6.000 annos que o mundo bate á porta do bom Deus: si tal porta não se abrisse, pensa o senhor que o mundo rezaria ainda?

Ora, reza-se continuamente, em todas as partes do mundo; é uma prova de que o bom Deus attende as supplicas dos homens.

## 2. A Rainha do mundo

Lacordaire, o celebre conferencista de Notre Dame, descreve em sua magnifica linguagem o poder da oração.

Quando Achilles havia matado a Heitor, o tina feito arrastar sete vezes em redor dos muros da cidade sitiada; uma noite, um ancião desarmado se apresenta deante delle: Era Priamo. Vinha pedir ao vencedor o corpo mutilado de seu filho.

Tendo lhe beijado a mão, disse :

— Julga, ó Principe, a extensão da minha desgraça, pois beijo a mão que matou o meu filho.

Achilles chorou e mandou entregar-lhe o corpo de seu filho.

Qual era o poder que havia amollecido este guerreiro feroz ?

Qual era o encanto que triumphou delle ?

Este poder, este encanto é a oração.

A oração é a Rainha do mundo !

Si um insecto pudesse supplicar, quando estamos por esmagal-o sob os pés, a sua prece nos tocara de uma immensa compaixão.

## 3. Paciencia nas provações

Dom Fulques, Bispo de Mende (França) estava sobre o leito de agonia. O seu Secretario lhe disse :

— Estaes soffrendo muito, Sr. Bispo, mas coragem, todos nós oramos para vós.

— Obrigado, respondeu o santo ancião. Sim ha muito tempo que soffro, mas tenho esta pequena oração, que me faz supportar todas as provações. Eil-a, ella é curta:

Meu Jesus, sou cégo: Assim seja!

Meu Jesus, soffro de nevralgia: Assim seja!

Meu Jesus, sou surdo, Assim seja!

Meu Jesus, não posso nem celebrar, nem recitar o me Breviario: Assim seja!

E depois, alegremente, o santo Prelado ajuntou: Apprenda esta pequena oração: ella ser-te-á muito util.





## Dom. DEPOIS da CIRCUMCISÃO

EVANGELHO (Math. II. 19—23)

---

---

19. *Naquelle tempo, morto Herodes, eis que o anjo do Senhor appareceu em sonhos a José, no Egypto.*

20. *Dizendo: Levanta-te, toma o menino e sua mãe, e vae para a terra de Israel: porque morreram os que procuravam (tirar) a vida do menino.*

21. *E elle, levantando-se, tomou o menino e sua mãe, e foi para a terra de Israel.*

22. *Mas ouvindo (dizer) que Archelau reinava na Judéa em logar de seu pae Herodes, temeu ir para lá: e avisado em sonhos, retirou-se para a Galiléa.*

23. *E indo (para lá) habitou na cidade que se chama Nasareth: para que se cumprisse o que tinha sido predicto pelos prophetas: Será chamado Nazareno.*

### COMMENTARIO MORAL

## A lei divina

O Evangelho de hoje nos descreve a admiravel obediencia de S. José ás ordens de Deus.

E' um exemplo e um ensino de obediencia prompta e sem restricção.

Por ordem de Deus, S. José havia deixado a terra natal, e agora, pela mesma ordem, elle volta ao Egypto, sem um signal de impaciencia ou enfado. José quer sómente o que Deus quer, nada mais.

Para estimular-nos a imitar este bello exemplo de S. José, examinemos como devemos obedecer:

1. **A Deus**, seguindo seus mandamentos.

2. **A' consciencia**, cumprindo os nossos deveres de estado.

## I. Obedecer a Deus

Deus tem duplo modo de manifestar-nos a sua vontade positiva; nos fala pelos *mandamentos* da sua lei e pela *Egreja* que o representa neste mundo.

Os mandamentos da lei de Deus são a expressão clara e positiva de sua vontade; eis porque deante desta lei, o homem deve inclinar a cabeça e obedecer-lhe *total, pontual e alegremente*.

Ha catholicos que pensam que podem escolher na lei divina o que lhes agrada e rejeitar o que não é de seu gosto.

Tal comprehensão é soberanamente offensiva á autoridade de Deus.

Qual é o monarcha ou Chefe de governo que faz uma lei e não exige o seu cumprimento?

Tirando a *obrigação*, a lei desapparece e torna-se um simples conselho.

E' preciso, pois, acceitar a lei divina integralmente, sem suppressão, porque nas obras de Deus nada de inutil pôde existir.



Deus deve ser obedecido pontualmente; é o distinctivo da obediencia filial.

O escravo obedece murmurando, quando a ordem recebida não lhe agrada, e protela o mais possivel, para livrar-se da obediencia.

O filho obedece promptamente, para mostrar o seu amor, e o amor não tolera demora.

Emfim o que valoriza a obediencia á lei divina, e a eleva até ao cume do amor, é a alegria. Deus ama a quem dá alegremente, diz o Apostolo: *Hilarem enim datorem diligit Deus.* (2. Cor. IX. 7)

Devemos tomar a lei de Deus, não como um jugo a carregar, mas como a expressão da vontade de um pae querido, e executar tal vontade é mais um acto de amor do que de penitencia.

## II. Obedecer á consciencia

A consciencia é como a voz de Deus particularizada para cada um.

A lei divina é geral: a consciencia é particular.

Por isso, nunca é permittido agir contra a consciencia, e *tudo o que é contra a consciencia é peccado*, diz o Apostolo. (Rom. XV. 23)

A lei de Deus é invariavel, universal e immutavel; applicada aos homens porém, toma tantas fórmas quantas póde tomar a consciencia.

Antes da acção a consciencia nos esclarece sobre o valor do acto: si é bom, permite e aconselha; si é mau, prohibe.

Durante a acção nos julga, dando testemunho do bem ou do mal que fazemos, estimulando-nos ou detendo-nos no caminho.

E' importantissimo para a bôa orientação

da vida, ter uma consciencia *recta*, de modo a ver claramente a verdade e a distinguil-a do mal.

A consciencia pôde deformar-se: pela ignorancia, pelos preconceitos, pelas paixões e pelos maus exemplos, de modo que é capaz de cahir no laxismo ou no escrupulo, os dois extremos da consciencia *recta*.

A lei positiva dos mandamentos permite obedecer com certez<sup>a</sup> absoluta, emquanto, seguindo os dictames da consciencia, temos muitas vezes apenas uma certeza moral, o que é bastante para segurar-nos em nossos actos.

### III. Conclusão

*O homem obediente alcançará victorias*, diz o Espirito Santo: Vir obediens loquetur victoriam (Prov. XXI. — 28).

De facto, é uma victoria sublime sobre o orgulho e sobre a sensualidade obedecer á lei de Deus sem restricção, com pontualidade e alegria, dando os nossos actos o valor sobrenatural que lhes faz merecer uma recompensa divina.

E' uma outra victoria conservar alguém a consciencia na rectidão, afastada do laxismo que não descobre mais o peccado, e do escrupulo que vê peccado em toda parte.

Deste modo a consciencia nos mostra, praticamente e a cada instante, como é que devemos agir em tal occasião determinada.

A lei de Deus indica *o que* devemos fazer.

A consciencia diz *como* devemos fazel-o.

A primeira é o pharol que indica o porto.

A segunda é a bussola que traça o caminho a seguir.

## EXEMPLOS

**1. A fé sem as obras**

A scena passou-se num trem da Leopoldina na estação de Entre-Rios, em caminho para Carangola.

Um senhor está sentado na posição da marcha do trem, em frente de uma senhora idosa.

Ha um silencio respeitoso de aubas as partes. A senhora, porém, parece inquieta, e olha para a janella. De repente pergunta:

— Com licença, senhor, esta é bem a direcção do Rio, não é?

— Rio? Não, não minha senhora; está lhe virando as costas!

A senhora, com toda simplicidade, levanta-se e muda-se para o banco da frente.

— Mas, minha senhora, diz o viajante, é preciso mudar de trem, e não de logar.

— Não!... eu fico olhando do lado do Rio, e basta!

¶ Assim fazem certos christãos incompletos: acreditam no céu, vêm-no com os olhos da fé, mas não tomam o caminho que para lá conduz, afastando-se d'elle cada dia mais, pela abstenção das obras que devem acompanhar a fé.

☞ Não basta conhecer e estimar a lei de Deus, é preciso pratical-a.

**2. O decalogo de Stanley**

Stanley, o celebre explorador da Africa havia ensinado o Decalogo a um rei idolatra.

— Fique commigo, lhe disse o rei, ensine esta oração a meu povo: quando os meus três mi-

lhões de subditos conhecerem e praticarem esta oração, eu serei o primeiro rei do mundo.

O rei Negro tinha razão: a lei de Deus faz os grandes povos e os grandes reis.

### **3. Uma palavra profunda**

Falaram um dia deante do Bispo de Limoges, Dom Bourg, de certos incredulos que viviam obstinadamente afastados da Igreja.

O santo Prelado respondeu: Não é o *Credo* que os incommoda: é o Decalogo.

Quanta gente neste mundo aíóra que crê na lei divina, mas não a pratica.





# FESTA DA EPIPHANIA

EVANGELHO (Math. II. 1—12)

---

---

1. Tendo pois Jesus nascido em Belém de Judá, reinando o rei Herodes, eis que uns Magos chegaram do Oriente a Jerusalém,

2. dizendo : onde está o rei dos judeus, que é nascido ? porque nós vimos a sua estrella no Oriente, e viemos adoral-o.

3. E, ouvindo isto, o rei Herodes turbou-se e toda (a cidade de) Jerusalém com elle.

4. E convocando todos os principes dos sacerdotes e os Escribas do povo, perguntava-lhes onde havia de nascer o Christo.

5. E elles lhe disseram : Em Belém de Judá : porque assim foi escripto pelo propheta :

6. E tu Belém, terra de Judá, não és a minima entre as principaes (cidades) de Judá : porque de ti sahirá o chefe que ha de commandar Israel, meu povo.

7. Então Herodes, tendo chamado secretamente os Magos, inquiriu delles cuidadosamente em que tempo havia que lhes tinha apparecido a estrella.

8. E enviando-os a Belém, disse : Ide e informae-vos bem acêrca do menino e quando o encontrardes, communicae-m'o, afim de que tambem eu vá adoral-o.

9. *E elles, tendo ouvido as palavras do rei, partiram: e eis que a estrella que tinham visto no Oriente, ia adiante delles, até que chegando sobre (o lugar) onde estava o menino, parou.*

10. *Vendo (novamente) a estrella ficaram possuidos de grandissima alegria.*

11. *E entrando na casa, encontraram o menino com Maria sua Mãe, e prostrando-se o adoraram: e abrindo os seus thesouros, lhe offereceram presentes (de) ouro, incenso e myrrha.*

12. *E tendo recebido aviso em sonhos, para não tornarem a Herodes, voltaram por outro caminho para o seu paiz.*

---

## COMMENTARIO MORAL

### As virtudes theologaes

Adorando o Menino Deus, os Reis Magos lhe offereceram como presente: *ouro, incenso e myrrha.*

Piedosos interpretes vêem, nestes presentes, o symbolo das três virtudes theologaes: fé, esperança e caridade.

Os Magos não tinham em vista tal symbolismo, mas, chamados pelo Céu, para irem adorar o Salvador do mundo, pensaram unicamente offerecer-lhe os presentes mais ricos de sua terra.

Offereceram estes presentes symbolicos, e praticaram, ao mesmo tempo, o que representavam taes presentes:

1°. **A fé** em Deus.

2°. **A esperança** em seu auxilio.

3°. **A caridade** para com o Menino Deus.

## I. A fé em Deus

O incenso é o symbolo da fé. Do mesmo modo que o incenso se eleva ao alto em ondulações perfumadas, assim a fé eleva as almas até ao throno do Altissimo: *incensum istud ascendat ad te, Domine* (Cer. Missæ).

O procedimento dos Magos foi um bello e sublime acto de fé. Creram na palavra das Escripturas, annunciando a apparição e a significação de uma estrella; creram na inspiração interior que os excitou a seguirem essa estrella; creram no nascimento do Salvador. mesmo depois de a estrella ter desaparecido a seus olhos.

Jesus Christo dirá mais tarde a Thomé: Bem-aventurados aquelles que não vêem, mas crêem. Será a canonização dos Magos: Elles creram sem ver.

Chegados em Jerusalém, creram nos chefes dos Judeus, commuicando-lhes o texto que indicava Belém, como sendo a cidade onde devia nascer o Messias.

Tendo encontrado o Menino Jesus, numa casinha pobre e abandonada, creram que esta criança de apparencia e condição tão humildes, era o Salvador annunciado.

Eram, pois, homens de fé; e esta fé, symbolizada pelo incenso que offerecem ao Menino-Deus, lhes mereceu o serem coutados entre os primeiros discipulos, apóstolos e martyres de Jesus Christo.

## II. A esperança no auxillo divino

A myrrha era uma planta aromatica preciosa naquelle tempo, que servia para o embalsamamento dos corpos.

Embalsamavam-se os corpos, na convicção de que taes corpos iam resuscitar um dia. O embalsamamento era, deste modo, um acto de esperança na vida futura, e a myrrha, o symbolo desta esperança.

A esperança consiste em não duvidar das promessas divinas. Elle prometeu o céu á nossa fidelidade: Elle o concederá. Prometteu tambem o auxilio necessario para realizar a felicidade eterna: dal-o á egualmente.

A duvida é impossivel: Deus merece fé, e a sua palavra é sagrada.

A vida é uma longa caminhada, dura, penosa, desalentadora ás vezes; não desanimemos, esperemos em Deus.

Vejam os Magos na longa e interminavel estrada que devia conduzil-os do Oriente a Jerusalém. Nunca desanimaram. Proseguiram na longa jornada, certos de que a estrella milagrosa não os havia enganado, nem podia enganar-os, porque era o signal de Deus.

Em Jerusalém a estrella conductora desaparece; os Magos, porém, esperando sempre em Deus, continuam a enxergal-a pelos olhos da sua fé; e, sem hesitação, penetram na cidade e perguntam ao rei Herodes: onde está o Rei dos Judeus que acaba de nascer?

Nenhuma hesitação: o rei procurado existe, e elles hão de encontrar-o.

Esperam e continuam a sua viagem com a certeza de encontrar o Messias procurado; e, de facto, o encontram em Belém, na pobreza, porém, a sua fé lhe descobre logo a realidade do que a sua esperança procurou tão anciosamente, elles se prostram de joelhos e adoram o Menino-Deus.



### III. Conclusão

A fé e a esperança dos reaes viajantes recebem a sua recompensa: elles têm deante dos olhos o Salvador promettido. Em presença d'elle, prostram-se com a fronte em terra, já amando de todo o coração este Salvador promettido.

Abrindo os seus thesouros, offereceram-lhe o ouro, symbolo da sua caridade.

Era uma esmola generosa á pobre familia do Rei recém-nascido, como era a expressão do amor para com Elle.

Deus nos pede tambem o nosso ouro: o ouro do nosso coração, o que possuímos de mais precioso.

Este ouro é o amor fecundo com que devemos corresponder ao seu amor, entregando-o depois ao proximo, como expressão da nossa caridade para com elle.

A caridade espiritual é a mais importante; porém não é licito excluir a caridade material com que devemos suavisar os soffrimentos alheios.

### EXEMPLOS

#### 1. Fé e razão

Uma comparação emprestada á vida profana, nos faz comprehender o auxilio que a fé presta á razão.

Quando desejamos ter noticias de uma pessoa ausente, recorremos ao *correio*; em se tratando de uma noticia mais importante e mais urgente, lançamos mão do *telegrapho*.

O telegrapho não destroe o correio, vem em seu auxilio. Do mesmo modo, a fé não destroe a razão, mas traz-lhe um auxilio.

## 2. Outra comparação

Deus nos dá olhos para ver. Ha, porém, vistas fracas, myopes, ou cançadas; neste caso usa-se de oculos, que permitem ver melhor e com menos fadiga.

Os ensinamentos da fé são como oculos, postos deante dos olhos da nossa intelligencia, que nos auxiliam a ver mais claramente as verdades religiosas.

## 3. Um epitaphio

O sabio inglez, Davy, é celebre pelas suas innumeradas descobertas. Devemos-lhe a lampada de segurança, que traz o seu nome: a lampada de Davy, que preserva da morte milhões de operarios das minas.

Ora, Davy era um catholico fervoroso, e elle mesmo, antes de morrer, quiz compôr o epitaphio a ser gravado sobre o seu tumulo; eram apenas duas palavras: *Acreditei — espero.*

## 4. Debaixo da metralha

Durante a grande guerra de 1914, um ferido de 19 annos, que tinha um braço esmagado, dizia ao Capellão que lhe fazia o curativo:

— Como é bom em nossa miseria ser tratado pelo senhor!

E como o sacerdote procurasse fazer sentir o que era melhor em seus cuidados, o soldado gemendo de dor, deixou reclinar a cabeça sobre o peito do Padre e murmurou: E' que o senhor nos ama.



## 1º DOM. depois da EPIPHANIA

EVANGELHO (Luc. II. 42—52)

---

42. *Naquelle tempo, quando Jesus chegou á idade de doze annos, subiram seus paes a Jerusalém, segundo o costume, no tempo da festividade.*

43. *E quando, acabados os dias festivos, voltaram para casa, ficou o menino Jesus em Jerusalém, sem que seus paes o soubessem.*

44. *E, pensando que viesse com os da comitiva, andaram caminho de um dia, procurando-o entre os parentes e conhecidos.*

45. *Mas, não o encontrando, voltaram para Jerusalém, á procura delle.*

46. *E aconteceu que, 3 dias depois, o acharam no templo, sentado no meio dos doutores, ouvindo-os e fazendo-lhes perguntas.*

47. *E todos os que o ouviam pasmavam da sua sabedoria e das suas respostas.*

48. *Quando, pois, o viram, admiraram-se. E disse-lhe sua mãe: Filho, por que fizeste assim comnosco? Eis que teu pae e eu te procuravamos cheios de afflicção.*

49. *Respondeu-lhes elle: Por que é que me procuraveis? Não sabieis que devo occupar-me nas cousas de meu Pae?*

50. *Mas elles não comprehenderam o que lhes dizia.*

51. *Então desceu com elles, e veio para Nazareth; e lhes estava sujeito. E sua mãe conservava todas estas cousas no seu coração.*

52. *E Jesus crescia em sabedoria, idade e graça, deante de Deus e dos homens.*



## COMMENTARIO MORAL

### O modelo das familias

O Evangelho deste domingo nos representa a familia ideal: Jesus, Maria e José, para lembrar-nos, na festa da Sagrada Familia, o typó perfeito da familia christã.

O modernismo, que se devia intitular: paganismo, trabalha com todo o furor para desunir e até destruir a familia, santuario sagrado do lar, onde desabrocha a pureza, a obediencia e a actividade, tão divinamente representadas nas três pessoas da Sagrada Familia.

Contemplemos hoje estas três virtudes fundamentaes das familias:

1. A **actividade** de S. José.
2. A **pureza** de Maria Sma.
3. A **submissão** do Menino-Jesus.

#### I. A actividade de São José

São José, apesar de ser descendente de familia real, era pobre, era um simples operario, um carpinteiro.

Era um *homem justo* — Vir justus — diz o Evangelho. Este titulo exprime todas as grandezas de São José.

Era o esposo virginal de Maria: é a sua gloria.

Era o pae de creação de Jesus: é a sua dignidade.

Era um homem justo: é a sua grandeza.

Como homem justo, José levava um vida recolhida, afastado dos prazeres e divertimentos. Era homem de oração, pois sem oração torna-se impossivel conservar-se justo e agradavel a Deus.

Notemol-o bem, entretanto: S. José não era um misanthropo, um ocioso que sabia apenas orar: elle era pobre, e como tal, obrigado a ganhar o pão de cada dia no suor de sua frente.

José trabalhava de dia, e muitas vezes de noite, para sustentar a sua familia; não receava entregar-se aos mais humildes affazeres, a ser como o servo, ou escravo dos outros.

S. José era respeitoso de seu patrão, não conhecia o moderno socialismo, nem communismo, ficando satisfeito e alegre com a pequena parte que a Providencia de Deus lhe reservava.

Trabalhava por necessidade, mas com amor e submissão.

E o tempo, de que podia dispôr, era inteiramente consagrado á sua familia.

Maria, a doce e virginal Esposa, era o seu amor.

Jesus, o seu querido filho adoptivo, era a sua vida. Era para elles que trabalhava e vivia, e só a elles amava de todo o coração neste mundo.

E' o modelo dos esposos!

## **II. A pureza de Maria**

Maria Sma. era o segundo membro desta familia admiravel.

Maria era esposa de um pobre operario; como tal, soube conservar-se na humildade da sua condição.

Era tambem Mãe do Filho de Deus feito homem; como tal, ella exercia todas as funcções da maternidade, vigiando sobre o filho com uma ternura de mãe, afastando os perigos de seu caminho e formando-lhe o espirito, o coração, e até o corpo para a futura missão de Redemptor.

A mãe é a educadora nata de seu filho.

Amorosa de seu santo esposo, vigilante em seu lar, carinhosa para com o seu Jesus, Maria Sma. cultivava, como uma flor predilecta, uma virtude que tantos desprezam hoje em dia, e que fórma entretanto o encanto e a belleza de seu sexo: o santo pudor, a modestia virginal, o recato social.

São três virtudes, ou melhor três elementos de uma mesma virtude: a pureza.

Hoje a mocidade e até a velhice feminina, num surto de triste emancipação, julga elevar-se despojando-se do mais glorioso adorno de seu sexo: o pudor, a modestia e o recato.

A força da mulher é o *pudor*.

A gloria da joven é a *modestia*.

O encanto da criança é o *recato*.

Tirando de cada uma destas condições o que constitue a sua aureola propria:

a mulher torna-se escrava,

a joven vira libertina,

a criança parece uma selvagem.

Oh! olhem todos para a Sagrada Familia, e admirem em Maria Sma., em todas as phases da sua vida, a irradiação desta triplice aureola.

### **III. Conclusão — A submissão de Jesus**

É com a descripção desta submissão que o Evangelho termina com a descripção da Familia

de Nazareth: *Jesus desceu com elles e veiu para Nazareth, e lhes era submisso.*

Ser submisso é todo idéal da criança.

Jesus obedecia a José e a Maria.

Elle, o Deus infinito, submettia se em tudo a José e a Maria, pedindo-lhes licença para o que fazia, e seguindo em tudo a orientação destas duas creaturas suas na ordem natural, mas seus superiores na ordem espiritual.

Oh! paes, olhae para este divino modelo!

Esposos, amae-vos mutuamente, consolae-vos, sustentae-vos, para dardes o bom exemplo a vossos filhos.

Homens, vivei satisfeitos em vossa condição: trabalhae para melhorardes vossa situação, mas nunca vos revolteis nem contra Deus, nem contra a autoridade legitima.

Esposas, vivei para os vossos esposos e vossos filhos, procurando agradar unicamente a elles, e rejeitando as tristes e vergonhosas modas, que hoje perdem á mocidade.

Vestí as vossas filhinhas com recato e modestia, reagindo contra a horrivel moda da nudez que expõe, como pasto á lubricidade, o corpo destes anjinhos, que são as vossas filhas.

Olhae para Nazareth! Imitae a Familia modelo de Jesus, Maria e José.

## EXEMPLOS

### 1. Amar aos paes

Montalembert, o grande orador catholico, passeava uma tarde no pateo de seu castello.

Encontrou uma de suas filhas, de apenas 5 annos de idade, acompanhada da sua ama.

Tomando a criança nos braços, Montalembert

pergunta-lhe seriamente: Minha filhinha, dize-me, por que estás neste mundo?

— Para amar ao papae, respondeu a criança, lançando os bracinhos em redor do pescoço do pae...

Não será o que fazia Jesus nos braços de Maria?!

## 2. Exemplo de Abd-el-Kader

Abd-el-Kader, o grande chefe africano, foi preso na França, hospede de Dom Donnet, Arcebispo de Bordéus.

O chefe foi convidado, um dia a assistir ao theatro.

— V. Excia. me acompanhe, disse ao Prelado.

E como o Arcebispo recusasse, o arabe completou:

— Si V. Excia. não póde assistir, eu tão pouco o posso.

A' pedido de pessôas de sociedade, cedeu: no dia seguinte estava amuado e triste. O Arcebispo perguntou-lhe pela razão da sua tristeza.

— Ai de mim, respondeu, hontem falhei: fui ao theatro, nada comprehendí do que se disse... meus olhos, porém, viram demais.

E Abd-el-Kader impoz-se dois dias de jejum.

## 3. Palavras de São Vicente de Paulo

S. Vicente foi obrigado a recusar certas dignidades a um joven pouco recommendavel. A mãe, furiosa, lança mão de um tamborete e o joga contra a cabeça do santo, que virando-se para seus Padres lhes disse, enxugando o sangue que jorrava da ferida:

— E' curioso, até onde vae o amor de uma mãe!





## 2º DOM. DEPOIS DA EPIPHANIA

EVANGELHO (Jo. II. 1—11)

---

1. *Naquelle tempo, celebraram-se umas bodas em Caná da Galiléa: encontrava-se lá a Mãe de Jesus.*

2. *E foi tambem convidado Jesus com seus discipulos para as bodas.*

3. *E faltando o vinho, a Mãe de Jesus disse-lhe: Não têm vinho.*

4. *E Jesus disse-lhe: Deixe estar, Senhora, cuidarei disto, embora'não tenha chegado ainda a minha hora.*

5. *Disse sua Mãe aos que serviam: Fazei tudo o que elle vos disser.*

6. *Ora, estavam ali seis talhas de pedra, preparadas para a purificação judaica, que levavam cada uma duas ou três medidas.*

7. *Disse-lhes Jesus: Enchei as talhas de agua. E encheram-nas até em cima.*

8. *Então disse-lhes Jesus: Tirae agora, e levee ao architriclino. E elles levaram.*

9. *E o architriclino, logo que provou a agua convertida'em vinho, como não sabia donde lhe viera (este vinho), ainda que o sabiam os serventes, porque tinham tirado a agua, o architriclino chamou o esposo,*

*10. e disse-lhe : Todo homem põe primeiro o bom vinho : e quando já (os convidados) têm bebido bem, então lhes apresenta o inferior : tu ao contrario tiveste o bom vinho guardado até agora.*

*11. Por este modo deu Jesus principio aos (seus) milagres em Caná da Galiléa, e manifestou a sua gloria e os seus discipulos creram nelle.*

## COMMENTARIO MORAL

### Deveres dos filhos

Jesus vae começar a sua vida publica, vae começar esta serie de milagres que devem constituir a grande prova da sua missão divina.

E facto notavel, o primeiro destes milagres é feito a pedido de sua Santa Mãe.

Para bem salientar esta obediencia a Maria, o proprio Jesus diz que, sem este pedido, não teria feito este milagre, porque ainda não havia soado a hora marcada para iniciar os milagres.

Aproveitemos este Evangelho para explanar os deveres dos filhos para com seus paes.

Estes deveres são:

1° **Amar** aos paes.

2° **Obedecer-lhes** respeitosamente.

#### **I. Amar aos paes**

Deus nos obriga a amar ao proximo em geral, porém não a todos de modo igual. O amor tem as suas preferencias e as suas modalidades.

Devemos amar tanto mais ás creaturas quanto mais de perto ellas representam a autoridade ou a providencia de Deus para conosco.

E entre estas creaturas os paes occupam o primeiro lugar. E' delles que Deus serviu para dar nos a vida, a educação e o sustento.

São elles que, os primeiros, se inclinaram sobre o nosso berço, nos accordaram com os seus sorrisos e nos fizeram adormecer sob as suas lagrimas de amor.

Nunca um filho pôde retribuir o amor que recebeu de seus paes e que lhes deve. Por isso, os paes têm direito, não sómente á *ternura* de seus filhos, mas tambem ás *demonstrações* desta ternura.

Além disso, os paes são, perto de seus filhos, os representantes de Deus, e como tal merecem todo o respeito destes; e não sómente um respeito *interior*, mas tambem o respeito *exterior*, que consiste nas palavras, na attitude, no comportamento que exteriorizam o respeito e o manifestem a todos.

Tal é a vontade de Deus que, fazendo os paes participantes de seu amor e da sua providencia sobre seus filhos, exige que este amor e esta providencia sejam correspondidos pelos filhos.

Por isso, Deus fez esta lei positiva:

«Honra a teu pae e a tua mãe:—*Honora patrem tuum et matrem tuam.* (Math. XV. 4)

E Elle ameaça de morte os contraventores desta lei:—*O que amaldiçoar seu pae ou sua mãe, será punido de Deus.* (Ibd.)

Elle chega a prometter uma vida longa e feliz aos filhos que amam a seus paes — *qui honorat patrem, vita vivet longiore.* (Ec. III. 7)

## II. Obedecer aos paes

O Evangelho do domingo passado nos disse que *Jesus era submisso a seus paes*; o de hoje nos mostra Jesus na idade de 30 annos, tendo já escolhido os seus apóstolos, obedecendo, não a uma ordem, mas sim a um simples *desejo* da sua mãe, e este desejo nem está positivamente expresso, mas simplesmente sub-entendido.

A' vista de um tal exemplo, parece inutil insistir sobre a necessidade da obediencia dos filhos aos paes.

Jesus é o grande modelo; os seus exemplos são ensinamentos.

Não nos esqueçamos de que os paes são os representantes de Deus, perto dos filhos, e que tal representação lhes merece, não só o respeito, mas a obediencia, pois as suas ordens são ordens de Deus.

Infelizmente ha alguns que se esquecem desta autoridade divina que representam, dando ordens contrarias á vontade de Deus.

Os casos são raros, é certo, mas existem realmente. Nesta occurrencia os filhos, capazes de raciocinar, devem repetir a palavra do Apóstolo: *E' melhor obedecer a Deus que aos homens*, mesmo sendo estes homens os proprios paes.

Mas, neste caso excepcional de desobediencia aos paes, os filhos não podem deixar de os respeitar, e lhes devem manifestar o desaccordo entre suas ordens e as ordens de Deus, com palavras firmes, mas respeitosas.

## III. Conclusão

O amor aos paes e a obediencias ás suas ordens é o signal distinctivo dos filhos bem formados.

A experiencia mostra que neste ponto os filhos, desde este mundo, recebem a recompensa de sua piedade filial, ou o castigo de sua desobediencia aos paes.

Quem desrespeitar seus' paes será mais tarde desrespeitado pelos filhos ou subditos.

A falta de respeito aos paes e a desobediencia ás suas ordens é um destes crimes que Deus castiga desde este mundo para servir de exemplo aos outros.

Os filhos, além do *amor* e da *obediencia*, devem a seus paes a assistencia espiritual e corporal em caso de necessidade.

Sempre devem rezar por elles e cuidar o quanto possivel que na velhice não lhes falte o necessario á vida.

E' o bello exemplo que Jesus nos deixou: amoroso e obediente durante a sua vida, antes de deixar este mundo, Elle entregou a sua Santissima Mãe a S. João, afim de que a tomasse sob seus cuidados, após a sua morte e ascenção.

## EXEMPLOS

### 1. Adeus de um moribundo

Um joven estudante de medicina estava no Hospital militar de Auch: ia morrer na idade de 18 annos.

A sua mãe havia accorrido e estava velando o seu filho.

Poucos minutos antes de morrer, o doente pegou na mão da sua mãe e fitando-a nos olhos murmurou:

— Mamãe, ficae socegada, eu nunca ameí outra pessoa sinão a vós.

## 2. Meninos desobedientes

Um pae, receiando um terremoto na região que habitava, mandou seus dois filhos para a casa de um amigo, até que passasse a ameaça.

Poucas semanas depois recebeu do amigo o seguinte bilhete :

— Caro amigo, mande buscar os seus filhos, e mande-me antes o terremoto.

## 3. Episodio do rei Leopoldo II

Durante a grande guerra de 1914, os reis da Belgica, Alberto e a familia real sahiram da capital, que os allemães ameaçavam invadir.

Foi uma tristeza geral: muitos soluçavam, outros gritavam: Viva o Rei! Viva a Rainha! Vivam os principes.

O Rei e a Rainha agradeciam commovidos, saudando com a mão.

O joven principe, hoje o Rei Leopoldo da Belgica, levantou-se na ponta dos pés, e antes que pudessem impedil-o, gritou com a sua alta voz de criança :

— Não gritem: «Viva o Rei Alberto!» mas rezem pelo papae!



---

---



---

---

## 3º DOM. DEPOIS DA EPIPHANIA

EVANGELHO (Math. VIII. 1—13)

---

---

1. *Naquelle tempo, tendo Jesus descido do monte, uma grande multidão o seguiu.*

2. *E eis que approximando-se d'elle, um leproso o adorava, dizendo: Senhor, si tu queres, podes curar-me.*

3. *E Jesus, extendendo a mão, tocou-o, dizendo: Quero, sê curado. E logo ficou curado da sua lepra.*

4. *E Jesus disse-lhe: Vê, não o digas a ninguém: Mas vae, mostra-te ao sacerdote, e faz a offerta que Moysés ordenou, para lhes servir de testemunho.*

5. *E entrando em Capharnaum, approximou-se d'elle um centurião, fazendo-lhe uma supplica.*

6. *E dizendo: Senhor, o meu servo jaz em casa paralytico e soffre cruelmente.*

7. *E Jesus lhe disse: Eu irei e o curarei.*

8. *Mas o centurião, respondendo, disse: Senhor, eu não sou digno que entres em minha casa: dize, porém, uma só palavra, e o meu servo será curado.*

9. *Porque tambem eu sou homem sujeito a outro, tendo soldados ás minhas ordens, e digo*

*a um: Vae, e elle vae; e a outro: Vem, e elle vem e ao meu servo: Faze isto, e elle o faz.*

10. *E Jesus, ouvindo (estas palavras) admirou-se, e disse para os que o seguiam: Em verdade, vos digo, não achei fé tão grande em Israel.*

11. *Digo-vos, porém, que virão muitos do Oriente e do Occidente, e que se sentarão com Abrahão e Isaac e Jacob no reino dos céus.*

12. *Mas os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores: ali haverá choro e ranger de dentes.*

13. *Então disse Jesus ao centurião: Vae, e seja-te feito conforme creste. E naquella mesma hora ficou curado o servo.*

---

## COMMENTARIO MORAL

### A fé...

*Em verdade vos digo que não encontrei tão grande fé em Israel,* disse Jesus, exaltando a fé do Centurião, que não era de Israel, mas sim, um pagão romano.

A fé que vemos neste soldado, entretanto, é tão ardente e tão elevada, que Jesus fica na admiração.

O leproso já **h**avia feito um acto de fé admiravel, dizendo ao Senhor: si quereis podeis curar-me.

A fé do centurião é mais ardente. Jesus se offereceu para ir até á sua casa, para curar o seu servo, mas o centurião protesta com estas palavras: *Senhor, eu não sou digno que entreis em minha casa, mas dizei uma só palavra e o meu servo será curado.*



Para excitar em nós tão bellos sentimentos, examinemos hoje :

1. A **natureza** da fé.
2. As **obrigações** da fé.

## I. A natureza da fé

A fé é uma das virtudes theologaes ou *divinas*, tendo Deus como objecto directo e regulando nossas relações para com Elle.

Consiste ella em crer nas verdades reveladas por Deus e propostas pela Igreja.

A palavra «crer» não exprime simplesmente uma opinião como na linguagem popular, quando se diz por exemplo: Creio que elle é um sabio, creio que é homem leal, etc.; mas, em sentido religioso, crer é adherir a uma verdade, com toda a certeza, sem possibilidade de erro. .

*Creio*, é pois dizer: Tenho absoluta certeza que é assim; tanta certeza, como si o proprio Deus viesse revelar-me tal cousa.

E qual é o *objecto* da fé?

Este objecto são todas as verdades que Deus revelou e ensina por intermedio da sua Igreja.

Em outros termos, devemos acceitar como dogmas todos os «artigos de fé» porque como taes são propostos pela Igreja, a quem J. Christo disse: «Ide, ensinae todas as gentes; ensinando-as a observar todas as cousas que vos mandei». (Math. XXVIII. 20)

A *natureza* da fé é pois, ser ella uma certeza fundada sobre a palavra de Deus; seu *character* é a firmeza; seu *objecto* são todos os dogmas de fé; seu *critério* é o ensino da Igreja, dizendo nos o que devemos crer e determinando, deste modo, o objecto da nossa fé. 6

## II. Obrigações da fé

«Sem a fé é impossivel agradar a Deus», diz o Apostolo, (Hebr. XI. 6). J. Christo já havia dito: «Aquelle que crer e fôr babtizado, será salvo; mas aquella que não crer, será condemnado». (Marc. XVI. 16)

O preceito da fé é, ao mesmo tempo, *negativo* e *positivo*.

*Negativo*, não permittindo renegar, nem interior, nem exteriormente, qualquer dogma da Santa Igreja.

*Positivo*, obrigando-nos a fazer, em certas circumstancias, actos positivos de fé, nas verdadeas impostas á nossa crença.

Não basta envolver todas as verdades numa formula e dizer: Creio todas as verdades da religião; é necessario conhecer estas verdades, ou, pelo menos, as mais importantes, de modo a crer nas mesmas de um modo explicito.

Por isso, ha verdades de necessidade de **meio** para a salvação.

Taes verdades são: a existencia de Deus, como Creador de tudo, remunerador do bem e castigador do mal.

O mysterio da SS. Trindade: ou um só Deus em três pessoas, o Padre, o Filho e o Esp. Santo.

A Encarnação do Filho de Deus, em Maria Sma., que é a sua Mãe.

A Redempção ou salvação do mundo, pelos soffrimentos e a morte de Jesus Christo.

O Baptismo que apaga em nós o peccado original.

A Confissão que perdoa os peccados.

A Eucharistia que é o proprio Jesus Christo servindo de alimento ás almas.

Depois, em moral, o essencial são os mandamentos da lei de Deus: adoração a Deus, observação de domingo, honestidade de vida e de pensamentos.

### III. Conclusão

A fé não depende unicamente de nós, e não a temos sómente com o desejal-a.

A fé exige o concurso de três factores: a intelligencia, a vontade e a graça.

A intelligencia esclarecida pelos motivos de crer, como são os milagres, as prophcias, a santidade da Igreja Catholica, admite que Deus falou aos homens, e que a palavra d'elle nos é transmittida pela Igreja. Ha deste modo: os motivos de crer e os motivos da fé. Este ultimo é a *veracidade* divina.

O acto de fé é livre e por isso exige a intervenção da vontade; o homem, de facto, pôde resistir á graça que o convida.

Sendo sobrenatural, a fé exige a cooperação da graça e isso por três razões:

Para nortear o nosso espirito,

Para fortalecer a nossa vontade,

Para elevar-nos ao terreno sobrenatural.

Entre a verdade divina e nosso espirito, não ha relação: são dois mundos separados.

A graça adapta nosso espirito ao objecto do seu conhecimento.

Peçamos a fé: é uma virtude divina; e tendo-a, conservemol-a com cuidado, pois é um thesouro que podemos perder... e perder a fé é perder a alma.

## EXEMPLOS

**1. Um martyr de 7 annos**

O martyr mais joven que figura no calendario dos santos é o menino S. Barulo. Frequentava o catecismo e distinguia-se no meio de seus colleguinbas pelo ardor de sua fé.

Accusado de ser christão, foi citado perante o tribunal do Prefeito de Roma, Asclepiado, que o interrogou sobre a sua fé.

O menino respondeu sem hesitar: Sou christão, creio num Deus unico.

— E' melhor honrar varios deuses do que um só, disse o Prefeito.

— Não ha varios deuses: ha um só, retorquiu o menino, e começou a recitar o «Creio em Deus», que sabia de cór.

— Não sabes tu, menino, disse o Prefeito furioso, que esta religião é prohibida, e si tu não renunciarestes a ella serás castigado de morte?

— Estou prompto a morrer, respondeu Barulo.

Para vencer a constancia da criança, o Prefeito mandou chamar a mãe de Barulo, e, em sua presença mandou açoutal-o cruelmente.

Emquanto espancavam o menino, este repetia continuamente o «Creio em Deus».

Em pouco tempo o seu corpo ficou coberto de chagas e o rosto todo em sangue. Olhando tristemente a sua mãe que o exhortava chorando, o menino disse: Mamãe, estou com muita sêde!

— Paciência, filhinho, disse a mãe, ainda uns instantes e Jesus te dará a agua viva do céu...

Fóra de si de despeito, em ver-se vencido por uma criança, o Prefeito fez cortar a cabeça ao invencivel martyr da fé.

A mãe tomou em suas mãos a cabecinha ensanguentada e beijando-a com amor, disse simplesmente: A morte dos justos é preciosa perante Deus!

## 2. Didymo, o cego

Santo Antonio ao deixar o deserto, foi visitar Didymo, o cego, muito popular no deserto pela sua virtude. Didymo dissera lhe então que sentia bastante ter perdido a vista, o que o impedia de trabalhar muito para a gloria de Deus.

— Ah! meu irmão, respondeu Antonio, admirado da sabedoria do monge cego, por que sentir a perda de olhos que nos são communs com as moscas e as formigas, quando temos uma vista interior, que é especial aos anjos e aos santos?

Esta vista divina é a fé: vista que permite contemplar a Deus, o céu, a alma num esplendor perfeito.

Estas cousas terrenas existiriam, mesmo si o homem não lhes dêsse credito, como as flores e as plantas existem durante a noite, quando são invisíveis. Do mesmo modo que um raio de sol nos faz distinguir claramente os objectos que a noite nos esconde, assim a fé nos deixa perceber as verdades sobrenaturaes que a razão não nos esconde.

## 3. Luiz Veilullot

Este grande escriptor pediu que se gravasse sobre a pedra de seu tumulo estas simples palavras: *Acreditei: Vejo!*



---

---

## 4º DOM. DEPOIS DA EPIPHANIA

EVANGELHIO (Math. VIII. 23—27)

---

---

23. *Naquelle tempo, subiu Jesus a uma barca, acompanhado dos seus discipulos.*

24. *E eis que se levantou no mar tão grande tempestade, de modo que a barca ficou coberta pelas vagas; e, no entanto, Jesus dormia.*

25. *Então, chegaram-se a elle os seus discipulos, e accordaram-no, dizendo: Salvae-nos, Senhor, que perccemos!*

26. *Respondeu-lhes Jesus: Porque temeis, homens de pouca fé? E, erguendo se, mandou uos ventos e ao mar, e seguiu-se logo uma grande bonança.*

27. *Os homens, porém, se admiravam, dizendo: Quem é este, que até o vento e o mar lhe obedecem?*

### COMMENTARIO MORAL

## As tentações

O Evangelho nos faz assistir a uma tempestade no mar, mostrando-nos os perigos que correu a embarcação dos Apostolos, o medo destes, o somno de Jesus e a bonança seguindo á tempestade.

Não é sómente no mar que ha «tempestades», ha igualmente no meio das nações, nas familias e nos individuos. A alma agitada pela tentação parece-se com a barquinha sacudida pela tempestade.

E' desta tempestade que vamos falar hoje, procurando no proprio Evangelho, as indicações dos meios de lutar e de vencer em taes tempestades; estes meios são:

1. A **prudencia** no perigo;
2. A **oração** na luta.

### **I. A prudencia no perigo**

O Evangelho faz notar que a tempestade levantou se em pleno mar da Galiléa, e isto repentinamente, sem que os Apostolos tivessem previsto o acontecimento.

De facto, os pescadores não lançariam as suas barcas no meio de uma tempestade, nem sequer quando podem prever tal tempestade, pelos signaes precursores que geralmente a annunciam.

Contra as tempestades da alma, ou tentações, a mesma prudencia se impõe. Nunca alguém deve lançar-se no perigo, mas deve estar preparado para lutar contra os perigos que podem apresentar-se de improviso.

A tentação não é peccado, mas é um perigo.

Ora, é preciso fugir do perigo, mas encontrando-se nelle de repente, é preciso saber vencer-o.

A prudencia em evitar os perigos é uma das virtudes mais necessarias, porque, como diz o Espirito Santo: —“Quem ama o perigo nelle perecerá”. (Eccli. III. 27)

A prudencia faz desconfiar de si, e quem des-

confia de si, confia em Deus, sendo esta confiança a base da victoria.

Às vezes é necessario resistir *de frente*, outras vezes pela *fuga*. E' uma questão de tactica.

Si Eva não houvesse demorado em palestrar imprudentemente com o demonio, não teria sido vencida.

Ha outras tentações, sobretudo contra a santa pureza, que exigem a fuga. Ali os covardes são os vencedores.

Quem sabe fugir das occasiões perigosas sabe conservar-se casto; quem pretende lutar, de frente, contra este inimigo perigoso, póde estar certo de que será vencido.

## II. A oração na luta

O que salvou os Apostolos nesta tempestade foi a sua prece fervorosa.

Vendo-se cobertos pelas vagas, e vendo Jesus adormecido, elles recorreram a Elle bradando bem alto: "Senhor, salvae-nos, que perecemos.

Logo Jesus levantou-se e mandou aos ventos e ao mar.

E' deste modo que devemos proceder.

Estando no meio da tentação que nos ataca, mau grado nosso, sem que nos tenhamos exposto ao perigo, recorramos a Deus, dizendo com toda a convicção: "Senhor, salvae-me!" ou recorramos a Maria Sma., implorando o seu auxilio.

Nestas occasiões a oração é absolutamente necessaria, tanto para desviar a attenção e a exaltação nervosa, como para alcançar as graças necessarias para triumphar.

Quantas vezes é o bastante a recitação calma e confiante de uma Ave-Maria para dissipar as tentações mais importunas.



No momento não se sente sempre a força da oração, porém, esta força existe, e na occasião mais perigosa Deus suscita qualquer meio favoravel, que desvie o nosso espirito da tentação perigosa e o absorva em outros pensamentos, e isso de um modo todo natural, que parece ser um acaso, mas é uma providencia divina, o auxilio prometido aos que o imploram na hora do perigo.

### III. Conclusão

Precaução e oração, taes são pois, os grandes meios de acalmar as tempestades e de transformar-as em bonança perfeita.

*Precaução* para não expôr-se ao perigo. O demonio é um cão furioso, acorrentado, diz S. Francisco de Salles, que só póde morder a quem se approximar d'elle.

*Oração*, para sahirmos victoriosos das lutas em que estamos envolvidos involuntariamente.

E' por isso que na grande oração, o Padre-Nosso, J. Christo nos faz dizer: «E não nos deixeis cahir em tentação, mas livrae-nos do mal. Amen».

## EXEMPLOS

### 1. Pratica de São Jeronymo

O santo havia se separado das seducções de Roma, e fugido longe do mundo e de seus perigos.

No fundo de seu deserto encontrou-se ainda em face do demonio e da sua propria natureza que o assaltava continuamente com as mais horribes tentações.

Jeronymo, sem desanimar procurava trium-

phar pela abstinencia, o jejum, e as austeridades corporaes.

De facto, como observa S. Francisco de Sales, o demonio vendo que castigamos o corpo, seu alliado, é tomado de medo e foge.

A' penitencia Jeronymo juntava a oração... Às vezes, batendo-se no peito, figurava-se ouvir a trombeta do Juizo final, que fazia ecoar atravez do universo esta palavra tremenda: «Mortos, levanta-e-vos, vinde ao Juizo!»

Outras vezes lançava-se aos pés de seu crucifixo e regava os pés de Jesus, com as suas lagrimas.

Tendo haurido esta força aos pés de Jesus crucificado, Jeronymo aconselhava a Demetriado de reccorrer a este remedio em todas as suas tentações.

«Guarda a tua alma de todas as partes, escrevia elle, e nunca commetterás um peccado mortal. Abafa o germen do mau pensamento, desde que nasce em teu espirito. Arma frequentemente a tua frente com o Signal da Cruz, e estarás ao abrigo das tentações do anjo exterminador!»

Sto. Antonio assevera que todos os furores do demonio expiram deante de um Signal da Cruz.

## **2. Pratica de São Vicente de Paulo**

São Vicente de Paulo, violentamente tentado contra a fé, escreveu um acto de fé e collocou-o sobre seu coração, fazendo a convenção com Nosso Senhor que, cada vez que apertasse a mão sobre o papel seria uma protestação de sua fé e um testemunho da sua resistencia á tentação.

### 3. Pratica de Santo Hilarião

São Jeronymo conta que Santo Hilarião sentindo-se atacado pelos assaltos das tentações impuras, batia com violencia sobre o peito, dizendo: Oh! asno maldito, impedir-te hei que me assaltes com taes suggestões impuras; alimentar-te-hei não com trigo, mas com palha e capim; vencer-te-hei pela fome e pela sêde; acabrunhar-te-hei pelas mais excessivas fadigas; expôr-te-hei ás mais frias geadas do mau tempo e ao calor mais excessivo do sol, para que tu penses em viver e não em respirar o amor da concupiscencia.

Hilarião não se limitou a estas palavras, mas executou o que promettera.

Concedeu a seu corpo apenas o alimento necessario para conservar a vida, de quatro em quatro dias; e ainda após tão longos intervallos, tomava apenas um pouco de succo de hervas.

Fatigava o seu corpo, trabalhando na terra o dia inteiro e expondo-se a todas as inteperies das estações; mas sobretudo recorria á grande arma da oração, recitando psalmos e implorando continuamente o auxilio de Deus.

E' deste modo que os santos triumphavam da carne, quando sentiam os sentidos revoltarem-se contra o espirito.

Apprendamos, pelo menos, a evitar toda vã delicadeza, o commodismo e as occasiões de perdição.





## 5º DOM. DEPOIS DA EPIPHANIA

EVANGELHO (Mat. XIII. 24—30)

---

---

24. *Naquelle tempo, Jesus propoz ao povo a seguinte parabola: O reino do céu é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo.*

25. *E enquanto os homens dormiam veiu o inimigo, e semeou a cizania no meio do trigo, e foi-se.*

26. *E tendo crescido a herva e dado fructo, appareceu tambem então a cizania.*

27. *E chegando os servos do pae de familia, disseram-lhe: Senhor, porventura não semeaste tu boa semente no teu campo? Donde lhe vem pois a cizania?*

28. *E elle disse-lhe: Algum homem inimigo fez isto. E os servos disseram-lhe: Queres que vamos e a arranquemos?*

29. *E respondeu-lhes: Não, para que talvez não succeda que, arrancando a cizania, arranqueis juntamente com ella o trigo.*

30. *Deixae crescer uma e outra cousa até á ceifa e no tempo da ceifa direis aos cegadores: Colhei primeiramente a cizania e atae-a em molhos para queimar: o trigo porém recolhei-o no meu celleiro.*

## COMMENTARIO MORAL

## A prudencia

E' uma bella lição de prudencia que o Evangelho de hoje nos dicta: virtude esta que não é bastante conhecida, ou é mal conhecida e por isso, não é apreciada.

Vejam os Evangelho: N. Senhor nos apresenta um campo cheio de joio; os creados querem arrancal-o. O pae de familia responde que não, porque seria *imprudencia*.

De facto, arrancando o joio arrancaria tambem o trigo, enquanto que, deixando tudo crescer até á colheita, lhes será facil recolher o trigo e juntar o joio para queimal-o.

Este acto de prudencia nos mostra a necessidade de sermos prudentes. Para este fim, meditemos hoje:

1. **O que é a prudencia;**
2. **Como se póde adquiril-a.**

I. **O que é a prudencia**

É uma virtude que nos faz *procurar, julgar e querer* o que convém fazer em cada caso particular.

Vê-se logo a importancia de tal virtude.

E' uma virtude *natural*, mas que o christão deve *sobrenaturalizar*.

É uma virtude cardial, porque é como o eixo, sobre o qual giram as demais virtudes.

A cada instante do dia, temos occasião de praticar a prudencia, pois a cada instante encontramos casos particulares que a prudencia deve resolver, para evitar desvios em nossa vida.

«A prudencia é a sciencia dos santos», diz o Espirito Santo. (Prov. IX. 10)

«A sabedoria repousa no coração do prudente». (Prov. XIV. 33)

Notemos que ha uma dupla prudencia: a da carne e a do espirito.

O Apostolo diz que «a prudencia da carne é a morte» e que «a prudencia do espirito é vida e paz». (Rom. VIII. 6)

A prudencia da carne, de facto, é o medo, a pusilanimidade, a covardia.

A prudencia do espirito é a que examina, antes de tudo, os interesses de Deus e os da salvação; o que chamamos: confiança em Deus.

«Sêde prudentes», diz o Salvador, isto é: confiantes em Deus e reflectidos em tudo que fazeis.

A prudencia exige que nunca percamos de vista o nosso fim que é o céu, e que os meios empregados tendam para esse fim.

A reflexão calma e ponderada termina sempre pelo *juizo* pratico, que determina *o que* devemos fazer e *como* devemos fazel-o.

Tal juizo acaba por uma resolução: Não basta dizer: é preciso fazer; é necessario resolver e dizer: quero fazel-o!

Quantas pessôes param antes de darem este ultimo passo, limitando se, como diz o Apostolo: «Em ver o que é bom, e fazer o que é mau».

## II. Como adquirir a prudencia

A aquisição da prudencia merece um estudo apurado e minucioso, devido á sua importancia na vida. Indiquemos aqui apenas três meios de adquiril-a, que são:

*A reflexão;*

*A desconfiança de si ;  
O justo meio.*

A) **A reflexão** consiste em saber abranger no momento necessario o passado, o presente e o futuro.

*O passado* nos dicta muitas regras de sabedoria.

*O presente* examina bem as circumstancias do momento.

*O futuro* faz-nos ver as consequencias certas e provaveis, até possiveis do nosso acto.

Juntando estes três elementos e examinando-os com reflexão, a resolução tomada terá toda a probabilidade de successo.

B) **A desconfiança de si** tambem é necessaria, para impedir-nos de não tomar uma resolução e lançar-nos na incerteza, mas para não apoiar unicamente sobre nós as medidas a tomar.

A indecisão é signal de fraqueza, e provém muitas vezes do proprio orgulho, ou da falta de confiança em Deus.

A desconfiança de si mesmo leva a tomar conselho com quem sabe, e aproveitar a experiencia dos outros.

E sendo o *Conselho* um dos dons do Espirito Santo, devemos implorar este conselho para orientar a nossa vida.

C) **O justo meio** consiste em fugir do *excesso*, até do excesso da prudencia.

A prudencia da carne nos faz julgar das cousas conforme a utilidade pessoal; emquanto a prudencia do espirito consiste em reflectir, e tomar uma resolução decidida e firme, procurando evitar o dolo, a duplicidade, a fraude e a solitudine immoderada.

### III. Conclusão

Como se vê, a prudencia é uma virtude, é a conductora das virtudes, pois sem ella, as outras virtudes degeneram em extravagancias, em manias. Sejamos pois, conforme a palavra de Nosso Senhor: «Simples como a pomba», com toda a naturalidade e isenção de pretensão; e «prudentes como a serpente», evitando a precipitação.

Uma formula conhecida de um grande estadista dá muitas vezes optimos resultados: «Deixemos estar como está, para ver como fica».

A mocidade, sobretudo, precisa aprender a ser prudente, para evitar muitos dissabores e muitos reveses.

Notemol-o bem, entretanto, prudencia não é irresolução, nem vacillação, nem covardia, nem commodismo, mas sim a norma certa e firme que segue aquelle que reflecte antes de agir, para agir com mais decisão.

### EXEMPLOS

#### 1. Fugir das occasiões

A primeira medida de prudencia a tomar é fugir das occasiões perigosas.

Um santo Bispo, D. Humberto de Tulle, conta o seguinte factó como authenticó:

Um joven, até então, catholico pratico, não faltava á Missa no Domingo.

Um dia foi tentado por dois antigos companheiros de trabalho, que o convidaram a acompanhá-los para a taberna.

Resistiu no começo, porém no fim deixou-se arrastar, dizendo que tomaria apenas um copo de vinho e nada mais.



O primeiro copo foi seguido de um segundo, e pela insistencia por um terceiro e um quarto. Acabou embriagando-se completamente.

Neste estado, excitado pelo alcool, entrou numa casa de familia, com intenções e provocações deshonestas.

O dono da casa, vendo a honra de sua familia ameaçada, lançou mão de uma faca e atravessou o corpo do tentador, que cahiu morto no mesmo instante.

Os seus companheiros ficaram tão impressionados com esta morte horrivel, que ambos entraram num mosteiro para ahi fazer penitencia de seu crime.

## 2. A lembrança de Deus

Outro meio efficaz de adquirir a prudencia é a lembrança da presença de Deus.

Lê-se na vida de Santo Ephrem, que numa viagem foi hospedar-se numa casa de perversão sem o saber.

De noite uma mulher perguntou-lhe pela jannella si qualquer cousa lhe faltava no quarto.

O santo respondeu que nada lhe faltava, tendo um tecto que o abrigava e Deus que velava sobre elle.

A mulher riu-se, e lhe fez propostas deshonestas.

O santo retorquiu com calma: — Vem fazer-me estas propostas amanhã na praça publica.

— Oh! isso (não! Seria vergonhoso demais, replicou a tentadora.

— Como? tu te envergonhas na presença dos homens e não te envergonhas na presença de Deus, que tudo vê e tudo julgará? 7

A peccadora commovida, prostrou-se de joelhos, pediu perdão e prometeu fazer penitencia: o que ella fez poucas semanas depois, perseverando até ao fim em seu santo proposito.

### **3. As duas prudencias**

Ha duas especies de prudencias: a prudencia divina e a prudencia humana.

A primeira desconfia de si e apoia-se sobre Deus: a segunda desconfia de Deus e apoia-se sobre si mesma.

«Sem mim nada podeis fazer», disse o divino Mestre, mas «com Deus tudo é possibile», ajunta S. Paulo.





## 6º DOM. DEPOIS da EPIPHANIA

EVANGELHO (Math. XIII. 31—35)

---

31. *Naquelle tempo, disse Jesus ás turbas esta parabola: O reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda que um homem tomou e semeou no seu campo.*

32. *O qual (grão) é na verdade a menor de todas as sementes, e faz-se arvore, de sorte que as aves do céu vêm repousar sobre seus ramos.*

33. *Disse-lhes outra parabola: O reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher toma e mistura em três medidas de farinha, até que o todo fica fermentado.*

34. *Todas estas cousas disse Jesus ao povo em parabolos: e não lhes falava sem parabolos.*

35. *A fim de que se cumprisse o que estava annunciado pelo propheta, que diz: Abrirei em parabolos a minha bocca, revelarei cousas que têm estado escondidas desde a criação do mundo.*

COMMENTARIO MORAL

### O peccado venial

O Evangelho nos apresenta duas parabolos, tirando de ambas uma mesma conclusão: a importancia das pequenas cousas.

De facto, são duas pequenas cousas que N. S. põe em scena; um grão de *mostarda* e um pouco de *fermento*, porém estas duas pequenas cousas podem produzir grandes effeitos.

As pequenas cousas são de maxima importancia em nossa vida, na ordem do bem como na ordem do mal. No bem, as pequenas virtudes são a base do heroismo; no mal, as pequenas faltas são o começo das quedas. Taes pequenas faltas chamam se: *peccados veniaes*; é de taes peccados que vamos entreter-nos hoje, examinando:

1.º **O que é** o peccado venial;

2.º Quaes são as suas **consequencias**.

## I. O que é

Costuma se chamar o peccado venial pelo nome suavizante de pequeno peccado em opposição ao peccado mortal; que é o peccado grande. A palavra: venial, provém de *venia*, perdoavel, digno de venia ou perdão, porque pôde facilmente ser perdoado na terra e é perdoado na outra vida pelo fogo do purgatorio, emquanto o peccado mortal não tem mais perdão na outra vida.

Ha dois modos de considerar estes *pequenos peccados* como se destaca uma das duas palavras que o qualificam: As almas tibias dizem: é *pequeno*; logo, pôde-se desculpal-o e commettel-o: E' o raciocinio da tibieza.

As almas fervorosas dizem: «é um peccado», embora pequeno; ora, como peccado, offende a Magestade divina, é uma ingratição, uma desobediencia, uma revolta; logo, é preciso evital-o cuidadosamente, como fazendo parte do maior mal do mundo, que é o peccado. E' o raciocinio das almas fervorosas.

Este raciocinio é o unico sensato e racional.

É certo que o peccado venial não faz perder a graça, a amizade de Deus, porém, enfraquece, diminue esta amizade; nos prepara ás quedas mortaes e nos faz parar no caminho da perfeição.

Não offende a Deus gravemente, mas o offende.

Não mata, mas fere.

Não apaga a caridade, mas diminue-a.

Não nos afasta do caminho do céu, mas nos atraza.

Tal é o effeito do peccado venial. Commette-se tal peccado, cada vez que se desobedece a lei de Deus, em materia leve, ou em materia grave sem pleno conhecimento e consentimento, porque todo acto ou omissão, para ser peccado mortal deve reunir estes três requisitos: materia, conhecimento e consentimento.

No peccado mortal estes três requisitos versam sobre uma materia grave; enquanto no peccado venial, pelo menos una destas condições deve ser leve ou imperfeita.

O peccado venial é pois um verdadeiro peccado, juntando numa mistura singular, a fidelidade e a infidelidade, o amor e a tibieza, a generosidade e a covardia.

## II. As consequencias

As consequencias são desastrosas; assigna-lemos apenas as três seguintes:

O peccado venial:

- a) Priva-nos de muitas graças;
- b) Leva-nos ao purgatorio;
- c) Prepara ao peccado mortal.

1. As graças que Deus nos dá correspondem necessariamente ás disposições de nossa alma. Mais dilatada é a nossa alma pelo amor e a cor-

respondencia ás graças precedentes, maiores são as graças que ella póde receber e que recebe de Deus.

Ora, o peccado venial é um afrouxamento no amor e na delicadeza para com Deus, é um estreitamento da nossa alma, de modo que ella se torna menos apta e menos bem disposta para receber novas graças.

2. Leva-nos ao purgatorio. Sendo uma desobediencia a Deus, o peccado venial implica uma saucção, um castigo, e não sendo expiado neste mundo, ha de sel-o na outra vida, no purgatorio.

Ora, todos os soffrimentos desta vida nada são em comparação das penas do purgatorio, onde as almas dos justos pagam até o ultimo ceutil, as suas dividas para com a justiça divina.

Falando dos que commettem o peccado venial, S. Paulo diz : «*Salvus erit, sic tamen, quasi per ignem*». (1 Cor. III. 15) Serão salvos, porém, de tal modo como que passando pelo fogo.

3. Prepara ao peccado mortal. E' a consequencia mais terrivel. O peccado venial não leva directamente ao inferno, mas conduz ao peccado mortal, e este peccado merece o inferno.

Sabemol-o pela experiencia, um peccado mortal não se commette de repente, mas prepara-se de longe, pouco a pouco, tirando-nos a energia da reacção, até cahirmos em faltas graves.

Não é a accumulacção de peccados veniaes que fórma o peccado mortal; não, pois todos os peccados veniaes, fôsem elles milhares, são da mesma natureza e não passam de peccados veniaes; porém, esta accumulacção vae cauterizando a consciencia, que no fim não sabe mais distinguir entre o que é leve e grave; enfraquece a vontade, desvia o coração de Deus, arraiga ha-

bitos perigosos, pela repetição dos actos, inclina ao mal e diminue a força de resistencia, de modo que, lançada sobre o declive do mal, a alma acaba, cahindo no abysmo. E' a razão porque N. Senhor insiste tanto sobre a fidelidade nas pequenas cousas: «Qui in modico iniquus est, et in majori iniquus est». (Luc. XVI. 10) Quem é iniquo nas pequenas cousas, sel-o-á nas grandes.

### III. Conclusão

Desejando ser fiel a Deus nas grandes cousas, sejamol-o nas pequenas.

A vida é grande, mas é composta de milhares de pequeninas cousas.

A perfeição consiste, pois, na fidelidade a estas pequenas cousas.

«Principiis obsta», diziam os philosophos antigos. Um peccado venial é um pequeno peccado, porém é um peccado, e como tal é uma ferida.

Ora, toda ferida está sujeita a arruinar-se, e si a primeira ferida era sem perigo, (tal ferida arruinada pôde causar a morte.

O mal é o habito do peccado venial; e este habito contrae-se pela repetição dos peccados veniaes. Fugamos pois do peccado venial isolado, para não contrahirmos o costume e não sermos arrastados pelo peso deste costume, que precipita no abysmo do peccado mortal, e da perdição.

### EXEMPLOS

#### 1. Desgraça e accidente

Um roceiro acabava de perder a colheita, inteiramente anniquilada por uma tempestade.

Um amigo testemunhou-lhe a sua compaixão por uma tal desgraça.

— Oh, não é uma desgraça, respondeu o roceiro, é apenas um accidente: só o peccado é uma desgraça.

## 2. Os que não peccam

Num carro de estrada de ferro havia conversação animada; e como havia num canto um Padre Sacramentino de Nossa Senhora, lendo o seu Breviario, a conversa foi logo para a religião e em particular sobre a confissão.

— Eu, disse um caixeiro-viajante, não me confesso, porque não commetto peccado. Não é assim, senhor padre? quem não tem peccado não precisa de confissão.

O Padre fechou o Breviario, depois de ter posto uma imagem no lugar interrompido, e fitando bem de frente o viajante com um olhar prescrutador, respondeu de chefe:

— É possível que o sr. não tenha peccado e como consequencia é natural que a confissão não lhe sirva, pois ha duas categorias de pessoas incapazes de peccar: são os que não têm ainda a razão e os que a perderam.

Houve gargalhada da parte dos viajantes... mas amarellão da parte do caixeiro, que achou ainda menor graça na resposta do que na sua innocencia.

## 3. Uma mancha

Carmen Sylva, rainha da Roumania, passeava numa barca no canal de Veneza.

Uma das damas de honra querendo offerecer-lhe uns fructos deixou cahir um pecego sobre o



colarinho de uma capinha que a rainha usava sempre.

A rainha não pode deixar de manifestar a sua contrariedade, e como a dama lhe fez notar que a mancha não appareceria, porque estava escondida pela mantilha de cima, a rainha respondeu :

— Que importa não apparecer, si eu sei que existe ?

Ah! si para as cousas da alma nós tivéssemos horror ás minimas manchas, não porque appareçam, mas porque são manchas!



---

---



---

---

# DOMINGO DA SEPTUAGESIMA

EVANGELHO (Math. XX. 1—16)

---

---

1. *Naquelle tempo, disse Jesus esta parabolá aos seus discipulos: O reino dos céus é semelhante a um pae de familia que, ao romper do dia, sahio a contractar trabalhadores para a sua vinha.*

2. *E feito com elle o ajuste de um dinheiro por dia, mandou-os para a sua vinha.*

3. *E sahindo á hora terceira, viu outros, que estavam na praça ociosos.*

4. *E disse-lhes: Ide vós tambem para a minha vinha, e vos darei o que fôr justo.*

5. *E elles foram. Sahiu novamente perto da sexta e da nona hora, e fez o mesmo.*

6. *E quasi á undecima hora sahio ainda, e achou outros mais que lá estavam, e lhes disse: Por que estaes vós aqui todo o dia sem fazer nada?*

7. *Responderam-lhe: É que ninguem nos assalariou. Disse-lhes elle: Ide vós tambem para a minha vinha.*

8. *No fim da tarde, porém, disse o senhor da vinha ao seu feitor: Vae chamar os operarios e paga-lhes o salario a começar dos ultimos até aos primeiros.*

9. *Approximando-se, pois, os que tinham vindo quasi á undecima hora, recebeu cada qual um dinheiro.*

10. *E, chegando os que haviam sido os primeiros, calculavam que haviam de receber mais; mas não receberam sinão um dinheiro cada qual.*

11. *E, recebendo-o, murmuravam contra o pae de familia, dizendo :*

12. *Estes ultimos não trabalharam sinão uma hora, e os igualaste a nós que supportamos o peso do dia e o calor.*

13. *Elle, porém, dirigindo-se a um da turma, disse : Amigo, não te faço injustiça algma : porventura não concordaste commigo em um dinheiro ?*

14. *Toma, pois, o que te pertence e vae-te ; que eu por minha parte quero dar tambem a este ultimo tanto quanto a ti.*

15. *Ou não me é licito fazer o que é da minha vontade ? Acaso o teu olhar é mau, por que eu sou bom ?*

16. *Assim é que os ultimos serão os primeiros, e os primeiros serão os ultimos; porque muitos são os chamados e poucos os escolhidos.*



## COMMENTARIO MORAL

### A inveja

Uma lição de immenso valor destaca-se da parábola de hoje. Vemos um grande numero de pessoas trabalharem, uns o dia inteiro, outros, uma parte do dia. Estão todos satisfeitos, pois encontraram serviço que lhes permitta sustentar a vida e educar a sua familia.

Notemos como de noite, na hora em que a

satisfação devia ser mais intensa, pois era hora de receberem o salario, tudo se perturbou, a alegria dissipou se, nasceu até odio entre os operarios e houve desharmonia entre todos.

A causa desta perturbação é producto de um vicio miseravel, baixo, um vicio capital, a inveja.

Examinemos este perturbador da paz e da ordem, meditando:

1. A **natureza** da inveja;
2. Os **effeitos** deste vicio.

### **I. A natureza da inveja**

Pela lei christã, todos os homens são obrigados a amar ao proximo como a si mesmos, isto é, desejar e procurar para elle, enquanto estiver ao seu alcance, os mesmos bens que para si ambicionam.

Sendo assim, quando vemos o proximo feliz, a caridade nos obriga a alegrar-nos com elle; como devemos ficar tristes quando elle se acha na tristeza.

Ora, a inveja é um vicio que produz em nós sentimentos radicalmente oppostos. Consistem na satisfação pela desgraça que succede ao proximo e na tristeza pelo bem que lhe acontece.

Logo, a inveja tem duas physionomias: expandida e risonha perante o mal dos outros... constrangida e tristonha perante a prosperidade alheia.

Compreende-se logo a gravidade de tal vicio. Estando radicalmente opposto á virtude da caridade, elle pôde tornar-se grave quando o objecto é grave e voluntario.

Devem-se separa da inveja uns sentimentos naturaes que não faltam á caridade, e que por isso não pertencem áquelle vicio, embora á pri-

meira vista tenham delle qualquer cousa no exterior; são, por exemplo:

*O zelo mal entendido*, que consiste em entristecer-se deante da felicidade ou prosperidade de gente perversa, que não é digna de tal sorte.

*O temor legitimo*, de quem fica triste com a promoção d'um homem que póde prejudicar-nos.

*A emulação*, de quem se entristece porque o logar ambicionado por elle foi concedido a outrem.

*O ciume* é uma face de inveja, e penetra facilmente no coração das crianças e das jovens.

O ciume consiste, não em alegrar-se com os revezes dos outros, mas em reccar exacerbadamente perder o bem que possui e em cubiçar violentamente o bem dos outros.

## II. Os effeitos deste vicio

A inveja é um peccado capital, e como tal, é a fonte de muitos outros peccados, produzindo faltas e peccados, como um capital produz juros.

A inveja é filha do orgulho, peccado do demonio.

«E' pela inveja do demonio que a morte entrou no mundo». (Sap. II. 24)

Foi por inveja da felicidade eterna reservada aos nossos primeiros paes, que o demonio os fez cahir, como é ainda por inveja que nos tenta, não supportando que occupemos um dia, o throno que elle foi obrigado a abandonar.

Foi por inveja ainda que Caim matou a Abel.

Deste modo, as duas mortes, a morte á vida da graça e á vida do corpo, foram impostas neste mundo, pela inveja.

De mais a mais, a inveja dá origem a peccados sem conta: suspeitas, injustiças, calumnias,

murmurações, discordias, 'odio e até homicídio. A historia de Caim repete-se diariamente neste mundo afóra.

Qual a traça para a roupa, diz São Ligorio, o verme para a madeira, a ferrugem para o ferro, assim é a inveja para o coração do homem; ella o roe e o devora. E' ainda o verme que corroe o vestido de honra da virtude, a ferrugem que mancha o brilho da reputação.

Lembremo-nos da historia de José, vendido pelos seus proprios irmãos: é a historia da inveja. (Gen. 37)

### III. Conclusão

É tanto mais necessario combater a inveja, desde que sintamos em nosso sangue o germen deste mal, o qual se desenvolve rapidamente e torna-se uma verdadeira paixão.

Para excitar-nos a esta luta precisamos:

1. Convencer-nos das consequencias nefandas deste vicio.
2. Recordar que todos os homens têm igual origem e destino,
3. Lembrar-nos que a inveja é propria do demonio.
4. Pensar que a inveja nos é inutil.

Em certos peccados sacrifica-se a felicidade eterna por uma felicidade passageira; é perverso, sem duvida, porém pelo menos apresenta-se um certo proveito do peccado.

No caso da inveja, ao contrario, não só o invejoso augmenta as suas responsabilidades, mas a si mesmo causa tormentos e remorsos.

A inveja nada tira, nada augmenta, mas torna infeliz aquelle que se deixa governar por ella.

## EXEMPLOS

**1. Methodo pratico**

A historia conta que os estudantes universitarios foram um dia a Henrique IV, para se queixar da forte concurrencia que os Jesuitas faziam á Universidade.

Por toda resposta o rei lhes respondeu:

— E' muito simples, senhores, façam melhor do que elles!

Bom conselho a dar aos invejosos!

Segundo este methodo, pratica-se a *emulação*, que é uma cousa excellente e evita-se a inveja que é uma cousa perversa.

**2. Na sobremesa**

Rosa fica privada da sobremesa por ter baido em sua irmãsinha Lucia.

Chega o momento de distribuir a sobremesa. Rosa nada recebendo começa a chorar.

— Oh! como é feio, Rosa, disse-lhe a mãe, chorar porque não tens sobremesa!

— Não é por isso que choro, disse a menina, pouco me importa que não tenha, mas choro porque Lucia a tem.

**3. Alma de criança**

Uma criança um tanto desprezada pela mãe, recitava um dia na escola a historia de Abel, assassinado por Caím, seu irmão.

— E tu? perguntou-lhe o mestre, si teu pae e tua mãe quizessem mais a teu irmão do que a ti, o que farias?

— Oh! eu, respondeu a menina, o amaria tanto que elles: e deste modo nós seriamos três a amal-o mais do que eu.



## DOMINGO DA SEXAGESIMA

EVANGELHO (Luc. VIII. 4—15)

---

---

4. *Naquelle tempo tendo se juntado uma grande multidão de povo, e tendo ido ter com elle de diversas cidades, disse (Jesus) esta parábola :*

5. *Sahiu o sementeiro a semear a sua semente : e ao semeal-a, uma parte cahiu ao longo do caminho, e foi calcada, e as aves do céu comeram-na.*

6. *E outra cahiu sobre pedregulho, e quando nasceu seccou : porque não tinha humidade.*

7. *E outra parte cahiu entre os espinhos, e logo os espinhos, que nasceram com ella, a sufocaram.*

8. *E outra parte cahiu em boa terra : e depois de nascer, deu fructo, cento por um. Dito isto, exclamou : Quem tem ouvido de ouvir, ouça.*

9. *E os seus discipulos perguntaram-lhe o que significava esta parábola.*

10. *Elle respondeu-lhes : A vós é concedido conhecer o mysterio do reino de Deus, mas aos outros (elle é annuciado) por parabolas : para que vendo não vejam, e ouvindo não entendam.*

11. *É pois este o sentido da parábola : A semente é a palavra de Deus.*



12. *Os que estão ao longo do caminho, são aquelles que a ouvem: mas depois vem o demonio, e tira a palavra do seu coração para que não se salvem, crendo.*

13. *Aquelles (em que se semeia) sobre pedregulho, são os que recebem com gosto a palavra, quando a ouviram: mas não têm raizes: até certo tempo crêm, e no tempo da tentação voltam atrás.*

14. *E a que cahiu entre espinhos, representa aquelles que ouviram (a palavra), porém indo por diante, ficam suffocados pelos cuidados, e pelas riquezas e deleites desta vida e não dão fructos.*

15. *Mas a que cahiu em boa terra, representa aquelles que, ouvindo a palavra com o coração bom e perfeito, a retêm, e dão fructo pela paciencia.*

---

## COMMENTARIO MORAL

### A paciencia

Nosso Senhor termina a sua parábola, dizendo que palavra de Deus, sendo recebida num coração bom e perfeito, dará fructo pela paciencia.

Tal conclusão é mais importante do que se julga á primeira vista.

A paciencia é a *arte de soffrer*.

Este mundo é essencialmente um lugar de soffrimento, de modo que a verdadeira vida christã, deve ser essencialmente um acto de paciencia ou de resignação no soffrimento. S

Para desenvolver este espirito de resignação, examinemos hoje :

1°. A **necessidade** do soffrimento em nossa vida.

2°. O modo de **santificar** o soffrimento.

## I. A necessidade do soffrimento

Podemos assignalar razões para provar a necessidade do soffrimento, são :

- a) O peccado original.
- b) Os peccados pessoaes.
- c) A luta contra o demonio.

1) Deus creou o homem para a felicidade, porém, este não soube corresponder ao alto designio de Deus, e revoltou-se contra Elle na pessoa do primeiro homem.

Em castigo deste peccado, Deus amaldiçoou a terra e pronunciou sobre o homem esta tremenda sentença: *Todos os dias da tua vida tu comerás o teu pão no suor de teu rosto.* (G. III 19)

Desde este dia a humanidade avança, arrastando no exilio a longa corrente de seus soffrimentos e levando sobre a fronte o ferrete do anathema e da decadencia.

A vida é um grande hospital, diz S. Francisco de Sales, onde Deus nos colloca para sermos curados; é pelo soffrimento que se opera a cura.

O Espirito Santo resume em duas palavras a vida do homem na terra: *labor et dolor* e dá a razão: *castigo e expiação.*

2.) Além do peccado original, temos peccados pessoaes a expiar... e, diz o apóstolo: *O peccado é a raiz de todos os males.* (I. Tim. VI. 10)

A concupiscencia, diz Santo Agostinho, é a fonte de todas as miserias.

Pela contrição de suas faltas, e pela obsolescência o homem readquire a innocencia, porém não fica isento da dor. D'ahi o dogma da expiação na outra vida, e o soffrimento reparador neste mundo.

3.) Nossos sentidos, nossas inclinações e o demonio são inimigos por demais ferozes para não se *irritarem* da nossa luta, e não *resistirem* aos nossos esforços; e esta resistencia é uma causa de soffrimento para nós.

## II. Modo de santificar o soffrimento

Si uão podemos evitar o soffrimento devemos procurar santificar-o: o que se faz pela *paciencia*.

*A paciencia vos é necessaria*, diz o Apostolo, *para que fazendo a vontade de Deus alcanceis a recompensa*. (Hebr. X. 36)

Para adquirir esta paciencia, é preciso alimentar certos pensamentos de fé e de confiança em Deus, como são os seguintes:

### 1. *A provação vem de Deus.*

E' Elle que a permite, e nem sequer dispensa os seus melhores amigos. Maria Sma. foi a mais pura das creaturas, e a Rainha dos martyres.

2. *Não seremos provados acima das nossas forças*. Quando Deus permite a provação, Elle dá a graça sufficiente para supportal-a com paciencia. O Psalmista nos mostra Deus, distribuindo a neve e a lã.. Mais neve e frio Elle permite, mais lã Elle concede.

### 3. *Jesus não abandona aquelle que soffre...*

Elle mesmo carregou a sua cruz com paciencia; porém emquanto a carregava, Elle permittiu que Simão Cyrineu lhe ajudasse, que Veronica

lhe enxugasse o rosto, e que as mulheres de Jerusalém chorassem sobre Elle.

Nós também podemos ser um Simão: ajudando Jesus a carregar a Cruz, ou uma Veronica, enxugando-lhe o rosto. Nós o podemos ser para Elle... Elle o será para nós.

4. *Maria Sma. não abandona os seus filhos na tristeza.* Vejam o que faz a mãe quando o filhinho soffre: fica perto d'elle, consola-o, enxuga-lhe as lagrimas, prepara e administra o remedio que o allivia e cura.

Maria Sma. faz tudo isso para quem soffre... E sob o seu olhar, perto de seu coração, o soffrimento perde o seu agulhão e a sua amargura. «Onde se ama não se soffre, diz Sto. Agostinho, e si houver soffrimento, é um soffrimento amado».

*Ubi amatur non laboratur, et si laboratur, labor amatur.*

### III. Conclusão

Oh! saibamos aproveitar dos soffrimentos que Deus nos manda ou permite...

E' o segredo da santidade. Este soffrimento, como diz o Evangelho de hoje: *produz o seu fructo pela paciencia.*

O soffrimento exerce um duplo apostolado neste mundo: *repara e prepara.*

Repara o passado, no que tem de defeituoso; prepara o futuro no que tem de mais glorioso.

Imitemos os apóstolos que se alegraram por haverem tido a honra de soffrer pelo nome de Jesus.

Dirão talvez: Nós não somos os apóstolos. E' certo: porém somos os discipulos.

Ora, o discipulo não está acima do mestre: e em vista de o nosso divino Mestre ter soffrido tanto por nós, sofframos pelo menos qualquer cousa por amor delle.

## EXEMPLOS

### 1. Exemplo de um pagão

Epicteto era escravo de Epaphrodito, capitão das guardas de Nero. O escravo era conhecido pela sua calma e paciencia.

Um dia o capitão tomou prazer em torcer a perna do pobre escravo.

Epicteto vendo que o seu senhor recomeçava com mais força, disse-lhe sorrindo: Si continuardes assim, me quebrareis infallivelmente a perna.

Epaphrodito continuou, e de facto a perna quebrou-se.

O escravo disse então com a maior calma: Não o disse que havia de quebrar-se?

Celso, o philosopho, oppoz aos christãos de seu tempo este exemplo de paciencia, dizendo: O vosso Christo fez cousa mais sublime do que isso?

— Sim, respondeu Santo Agostinho: — Jesus ficou calado!

### 2. Santo André Bobola

Era Jesuita polonez, e foi alvo de todos os ataques e das calumnias dos schismaticos que procurava evangelizar.

Estes para desgostar o santo e obrigar-o a retirar-se da Polonia, juntavam grupos de crianças e libertinos que o esperavam á porta do collegio, onde habitava, e o acompanhavam pelas

ruas, insultando-o, e lançando-lhe tudo o que lhes cahia nas mãos.

Este barulhento prestito o seguia até á porta dos pobres, dos doentes, nas egrejas e o reconduzia, na volta até ao collegio, lançando-lhe sempre os mesmos insultos e improperios. E isto durou varios annos.

O homem de Deus não recuava, não omittia nenhuma das suas visitas de caridade e de zelo, para evitar este abominavel concerto; pareceu-lhe, ao contrario, que isso era uma oração para elle; e sorrindo, avançava de frente serena no meio deste tumulto, olhando os seus pequenos perseguidores com bondade e carinho.

Mais de uma vez procurára falar-lhes, porém os meninos eram pagos para fazer tal serviço e tinham recebido ordem de logo se taparem os ouvidos, chamando-o de feiticeiro.

Os santos supportam tudo e perdoam as offensas; os vindicativos exaltam-se e o seu odio lhes attráe a colera de Deus e dos homens.

### 3. A estatua

Um joven foi ter um dia com um dos monges do deserto, e pediu-lhe que o recebesse como discipulo.

O santo ancião quiz ensinar-lhe logo com que disposição devia começar a vida religiosa, e lhe ordenou que dêsse umas pancadas numa estatua lá perto da sua cella.

O joven obedeceu. O monje lhe perguntou então si a estatua havia se queixado ou offerecido qualquer resistencia. Respondeu que não.

— Recomeça, disse o monge, e ás pancadas ajunta as injurias.

Depois de lhe ter feito repetir três vezes a mesma acção, perguntou-lhe de novo si a estatua havia dado signal de impaciencia ou de rancor.

O joven respondeu que não havia manifestado nada por ser apenas uma estatua.

Então o homem de Deus deu a lição que queria tirar do facto, e disse:

— Meu filho, si és capaz de soffrer sem murmurar, sem resistir, quando mesmo eu tratar-te como trataste a estatua, podes ficar commigo; porém si não sentires tanta coragem, volta para a tua casa, pois não serves para o nosso genero de vida.





# DOMINGO da QUINQUAGESIMA

EVANGELHO (Luc. XVIII. 31—43)

---

---

31. *Naquelle tempo tomando Jesus á parte os doze, disse-lhes : Eis que vamos para Jerusalém, e será cumprido tudo o que está escripto pelos prophetas relativo ao filho do homem.*

32. *Porque elle será entregue aos Gentios, e será escarnecido, e açoutado e cuspidado :*

33. *E depois de o açoutarem, o matarão e resuscitará ao terceiro dia.*

34. *E elles nada disso comprehenderam, e este discurso era para elles obscuro, e não penetravam coisa alguma do que lhes dizia.*

35. *E succedeu que, approximando-se elle de Jerichó, estava sentado á borda da estrada um cego pedindo esmola.*

36. *E ouvindo a turba que passava perguntou que era aquillo.*

37. *E disseram-lhe que era Jesus Nazareno que passava.*

38. *Então elle clamou, dizendo : Jesus, filho de David, tem piedade de mim.*

39. *E os que iam adeante reprehendiam no para que se calasse. Porém elle cada vez gritava mais : Filho de David, tem piedade de mim.*

40. *E Jesus parando, mandou que lh'o trouxessem. E quando elle chegou, interrogou-o, dizendo : Que queres que eu te faça ?*



41. *E elle respondeu: Senhor que eu veja.*

42. *E Jesus disse-lhe: Pois fica vendo, a tua fé te salvou.*

43. *E immediatamente viu, e o foi seguindo, glorificando a Deus. E todo o povo, vendo isto deu louvores a Deus.*



## COMMENTARIO MORAL

### A confiança

Pagina admiravel, esta do Evangelho de hoje. Em primeiro lugar Jesus prediz a sua paixão, e depois cura um cego, sentado á beira da estrada.

O cego clama, pedindo a Nosso Senhor que lhe restitua a vista; mas com um clamor tão confiante que Jesus não resiste e lhe responde logo: *Vê, a tua fé te salvou.*

O que mereceu a cura a este cego, foi a confiança que elle tinha em Nosso Senhor.

E' o que nos falta muitas vezes. Pedimos, mas não pedimos com *confiança*.

Para excitar em nós esta confiança, examinemos hoje:

1. **Em que consiste** esta confiança.
2. **Como devemos pratical-a.**

#### I. **Em que consiste**

A espiritualidade de Santa Therezinha está hoje espalhada no mundo inteiro, e produziu uma especie de revolução na vida espiritual.

O que caracteriza esta espiritualidade é a *confiança* cega na bondade de Deus.

Esta confiança consiste em formar em si a convicção profunda de que Deus é *Pae*, Pae de bondade, de misericórdia, que nos ama e quer ser amado por nós.

Ora, o amor confia naquelle que ama, e de quem se sente amado.

Jesus insiste muito sobre esta confiança, e além do Evangelho de hoje, que nol-a mostra em pratica, ha muitos logares onde Elle nos incita a depôr nelle todos os nossos cuidados.

«Em verdade, eu vos digo: nenhum cabello cahirá da vossa cabeça, sem a permissão de meu Pae...

«Pedí e recebereis!

«Qual é o pae en're vós, que dá uma pedra ao filho que lhe pede pão? Com maior razão vosso Pae do céu dará um bom espirito áquelles que lh'o pedem».

«Si alguém é pequenino, que venha a mim».  
(Prov. IX. 4)

«Como uma mãe que acaricia seu filho, assim eu vos consolarei, levarei ao collo e balançarei sobre meus joelhos». (Isai. LXVI. 13)

Quantas vezes no Evangelho N. S. repete o seu: *Confidite* — tenham confiança em mim!

*Confidite, ego sum, nolite timere.* (Mc. VI. 50)

*Confidite, ego vici mundum.* (Joan. XVI. 33)

*Confide, fili, remittuntur tibi peccata.* (Mat.

IX. 2)

*Confide, filia, fides tua te salvam fecit.* (Ib.

IX. 22.)

Temos pois todas as razões de depositar em Deus uma confiança plena, cega, sem limites, entregando-nos em suas mãos, com o mesmo abandono com que uma criança se entrega nas mãos de seus paes.

## II. Como practical-a

A pratica da *confiança* em Deus se compõe de três elementos:

- a) desconfiar de si;
- b) confiar em Deus;
- c) recorrer a Elle.

O orgulhoso confia em si; o humilde desconfia de si. De nós mesmos somos tão fracos, tão inclinados ao mal, que a queda é a consequencia necessaria deste orgulho.

Nosso Senhor Jesus Christo repete diversas vezes que: «aquelle que não receber o reino de Deus, como uma criança, não entrará nelle».

A criança é fraca, e desconfia de si, por isso os paes, conhecendo esta fraqueza e correspondendo a esta desconfiança, fazem tudo para os seus filhinhos. Assim faz Deus commosco, quando nos fazemos pequenos, humildes e desconfiamos de nós.

Confiar em Deus, é saber ver a mão e o coração d'elle, em todas as cousas.

Deus é *Creador*, nós, pois, dependemos d'elle: É preciso reconhecer esta dependencia.

Deus é *Governador*, dirigindo tudo pela sua divina Providencia: E' preciso sujeitar-se a este governo.

Deus é *Redemptor*, arrancando-nos das garras de nossos inimigos. E' preciso agradecer esta salvação.

Deus é um *Pae amoroso*, que nos segue passo por passo, e vela sobre nós como um Pae vela sobre o seu filho: E' preciso corresponder a este amor, pelo amor e pela confiança.

O cumprimento destes deveres é a pratica da confiança em Deus: *Reconhecer* a autoridade

de Deus, *submitter-se* a Elle, *agradecer-lhe* os beneficios e *amalo* com amor filial: é o resumo da vida christã e até da santidade perfeita.

### III. Conclusão

A confiança em Deus tem por resultado immediato a paz da consciencia, a firmeza do character e a coragem nos combates da vida.

Saber que Deus vela sobre nós... sentir a sua mão paternal a sustentar-nos, é ter animo na luta e certeza na victoria.

Convictos desta verdade, recorramos a Deus em toda difficuldade; e recorrer a Deus é ser attendido, conforme a promessa divina:—«Petite et dabitur vobis». (Luc. XI. 9)

Deus é tão bom, e deseja tanto communicar-nos os seus beneficios, que não se comprehende, como o homem, sujeito a tantas necessidades, não recorra constantemente a Elle.

O seu desejo de ajudar-nos, dizem os santos, é maior do que o nosso desejo de ser ajudados.

Vejamos o cego do Evangelho, com que confiança elle grita: — «Jesus, filho de David, tem compaixão de mim!»

Logo Jesus lhe pergunta o que deseja, e apenas expresso este desejo, Elle restitue a vista, não só do corpo, mas tambem da alma.

## EXEMPLOS

### 1. Santo Thomaz e o Tabernaculo

Numa tempestade horrivel que parecia ser o fim do mundo e que lançava o espanto nos corações de todos os seus religiosos, Santo Thomaz foi para a igreja, e apoiando a cabeça contra o

Tabernáculo, permaneceu ali até ao fim da tempestade, dizendo simplesmente: Si Deus é por nós, quem será contra nós?!

## 2. São Camillo de Lellis

A Ordem que este santo havia fundado estava sempre na miseria e tinha até dividas enormes.

Os irmãos viviam na inquietação.

— Meus irmãos, dizia o santo fundador, nunca se deve desconfiar da Providencia divina. Lembrem-se do que disse o Salvador a Santa Catharina de Senna: Catharina, pensa em mim, e eu pensarei em ti!

Pensem pois em Deus, para que Elle pense em nós e em nossos pobres. Ser-lhe-ia difficil, por acaso, dar-nos um pouco destes bens que Elle concede aos judeus e aos turcos?

Os seus credores lhe diziam: Pae, quando é que nos pagará?

— Não se inquietem, respondia o santo, Deus é bastante rico e poderoso, para mandar-nos até amanhã saccos de dinheiro.

A confiança do santo não foi frustrada, pois poucos dias depois morreu o Cardial Mondovi, que na hora da morte tomou em suas mãos as mãos de Camillo e lhe disse: Pae, amei-vos na vida e na morte; e deixou para a Ordem um testamento de perto de 100 contos.

Num tempo de carestia, o santo fez distribuir todos os mantimentos aos pobres, e seus religiosos receando que nada ficasse para elles, o santo lhes disse que deviam alimentar os pobres e que Deus os alimentaria a elles.

De facto, no mesmo dia um rico padeiro, trouxe o pão necessario, promettendo que dali em

deante nunca lhes faltaria, emquanto durasse a escassez de alimento.

*Procuraremos em primeiro lugar, o reino de Deus e a sua justiça, e o resto nos será dado por acrescimo.*

### **3. São Gaetano de Thiena**

São Gaetano, a pedido do Conde de Oppida, ia fundar uma casa da sua Ordem em Napoles.

O Conde tinha a peito fornecer tudo aos religiosos e assegurar-lhes o futuro; para isso quiz doar-lhes varias propriedades, cujos rendimentos eram o bastante para que nada faltasse ao Convento.

O santo recusou, dizendo que apenas accitava a casa, mas não queria provisões para o futuro.

O Conde insistiu, querendo demonstrar ao santo que isso era impossivel; que isto podia fazer-se em Veneza, onde havia grandes fortunas, mas não em Napoles.

— Creio, respondeu o santo, que o Deus de Napoles é o mesmo que o de Veneza.

O Conde insistindo sempre e mostrando-se irreductivel, São Gaetano sahi com seus companheiros, tomou as chaves da casa, e as fez remetter ao Conde com este recado: «Desde que não podemos viver aqui, entregues aos cuidados da Providencia, não podemos ficar».

O Conde ao receber este recado, correu ao encalço do santo e cedendo a seus desejos, o trouxe com os seus companheiros para a nova fundação.





# 1º DOMINGO DA QUARESMA

EVANGELHO (Math. IV. 1—11)

---

1. *Naquelle tempo, Jesus foi conduzido pelo Espirito ao deserto, para ser tentado pelo demonio.*

2. *E tendo jejuado quarenta dias e quarenta noites, depois teve fome.*

3. *E approximando-se (delle) o tentador disse-lhe: Si és Filho de Deus, dize que estas pedras se convertam em pães.*

4. *Elle porém respondendo-lhe, disse: Está escripto: Não só de pão vive o homem, mas, de toda a palavra que sae da bocca de Deus.*

5. *Então o demonio o transportou á cidade santa, e o pôz sobre o pinaculo do templo, e lhe disse:*

6. *Si és Filho de Deus, lança-te daqui abaixo, porque está escripto: Confiou aos seus anjos o cuidado de ti, e elles te tomarão nas mãos, para que não tropeces com o pé na pedra.*

7. *Jesus disse-lhe: Tambem está escripto: Não tentarás o Senhor teu Deus.*

8. *De novo o demonio o transportou a um monte muito alto: e lhe mostrou todos os reinos do mundo e a sua magnificencia e lhe disse:*

9. *Tudo isto te darei, si, prostrado, me adorares.*

10. *Então Jesus disse lhe: Vae-te, Satandás, porque está escripto: O Senhor teu Deus adorarás, e a elle só servirás.*

11. *Então o demonio deixou-o: e eis que os anjos se approximaram e o serviam.*



## COMMENTARIO MORAL

# Jejum e abstinencia

No dia das cinzas entramos numa epoca de penitencia. E' por isso que o Evangelho de hoje nos lembra o jejum de Jesus Christo, de 40 dias, no deserto, antes de principiar a sua vida publica.

Convém, pois, para corresponder os desejos de Nosso Senhor e da Igreja, examinar como poderemos santificar estes dias, e quaes as penitencias que poderemos fazer.

Tal penitencia já está indicada: é o jejum e a abstinencia prescriptos. Examinemos:

- 1° O **fundamento** do jejum e da abstinencia.
- 2° A **pratica** do jejum e da abstinencia.

### I. O fundamento do jejum e da abstinencia

O jejum e a abstinencia são leis da Igreja, e não de Jesus Christo. O Salvador contentou-se em assignalar a *necessidade* da penitencia, e deixou á sua Igreja o poder de prescrever, como devia realizar-se tal penitencia.

A Igreja não faz novos mandamentos, mas sim mandamentos que nos auxiliam a cumprir melhor os mandamentos de Deus.

Jesus disse: «Si não fizerdes penitencia, ha-



veis de perecer todos» (Luc. XIII. 3) e a Igreja completa, dizendo que uma das penitencias exigidas é: *Jejuar e abster-se de carne nos dias marcados.*

Si a Igreja não determinasse como devemos fazer penitencia, os catholicos se dividiriam em duas partes: os *rigoristas* que exigiriam penitencias rigorosas, e os *tibios* que fariam o menos possivel.

Para evitar taes vacillações, a Igreja, adaptando-se, com bondade materna, á epoca, aos paizes, ás pessoas, prescreve uma penitencia, que não pecca nem pelo rigor, nem pelo laxismo. Entre varias outras penitencias ella instituiu a quaresma, em lembrança e imitação do jejum do Salvador, pedindo que todos os que podem, façam uns dias de jejum e abstenham-se de carne, durante uns dias da semana.

A Igreja prescreve taes penitencias, como medida de reparação, de expiação, e tambem de meio de gozar mais saúde.

E' factó averiguado que estas privações favorecem singularmente a saúde, em vez de prejudicar, preconizando habitos de temperança.

A experiencia mostra que a vida dos Religiosos austeros, intransigentes neste ponto, não sómente não se abrevia, mas se prolonga extraordinariamente pelo jejum e a abstinencia.

## II. A pratica do jejum e da abstinencia

O jejum regula a *quantidade* da alimentação e a abstinencia determina a *qualidade*.

O jejum consiste em fazer durante o dia uma só refeição completa, podendo-se juntar-lhe duas pequenas refeições: o café de manhã e a coisada de noite.

Nestas duas pequenas refeições deve-se ficar abaixo da *metade* do que se toma em tempo ordinario, em que não se jejua.

O jejum estricto include a abstinencia, salvo nas quarta-feiras da quaresma, na qual é permitido comer carne na refeição principal; quanto á *consouda*, de noite, deve ser sem carne. Porém, nas quarta-feiras, os que não jejuam, por falta de idade ou por legitima dispensa, podem comer carne em ambas as refeições.

Sendo as sexta-feiras da quaresma, dias de jejum com abstinencia, não se póde fazer uso de carne em nenhuma refeição.

A abstinencia consiste em privar-se de carne e em geral, de qual quer alimento gorduroso, como o sangue, a banha, os extractos, ou caldos de carne.

E' facultativo, entretanto, o uso da banha para o preparo da comida.

Nos dias de abstinencia é permittido o *peixe*.

Para se distinguir o peixe da carne póde-se adoptar a regra geral, dada por Santo Thomaz: «Os animaes que vivem geralmente fóra dagua são carne, e não peixe», ou ainda: Os animaes de sangue frio são peixe, não carne.

A lei da abstinencia obriga todos os que têm 7 annos de idade até ao fim da vida, emquanto o jejum se torna obrigatorio de 21 a 60 annos.

### III. Conclusão

Lembremo-nos da *necessidade* da penitencia; e como geralmente os homens não têm a coragem de impôr penitencias a si mesmos, acceitemos generosamente as que a Igreja prescreve.

Quantas pessoas guardam abstinencia, para precaver-se contra certas molestias, e quantas

outras jejuam por motivos de saúde, de vaidade ou de prescrição medica.

Saibamos fazer para Deus e para a nossa alma, o que se faz sem reclamar, para o corpo ou por vaidade.

O homem se mata pela bocca, dizem os physiologistas; e, póde-se ajuntar: robustece-se, evita quantidade de molestias e prolonga a sua vida pela temperança.

Não procuremos mitigações, na pequena penitencia que a Igreja nos prescreve; ao contrario, ultrapassemos estas prescrições para reparar as nossas faltas passadas e preparar-nos á Communhão paschoal.

## EXEMPLOS

### 1. Santa Izabel de Hungria

Santa Isabel ia juntar-se a seu marido na diéta do Imperio. No caminho não encontrou outro alimento magro, a não ser um pedaço de pão preto, tão duro, que para poder comel-o, era preciso amollecel-o na agua quente; como era dia de jejum, ella se contentou com isto, e continuou o seu camiuhô, percorrendo nesse dia, com essa unica refeição, mais de 16 leguas a cavallo.

### 2. Generosa observancia

Na idade de 90 annos, a mãe de Sto. Affonso observava ainda, com um rigor escrupuloso, as leis do jejum e da abstinencia, e attribuia a sua longevidade á pratica do jejum que nunca violára.

### 3. O rei Luiz XVI

Luiz XVI havia organizado uma caça geral para a côrte, durante os dias da quaresma.

Na occasião da sahida, o mordomo veio pe-

dir-lhe as suas ordens para o jantar, depois da volta da caça.

— Como? perguntou o rei; o jantar? mas então já terminou a quaresma?

O mordomo observou que ao voltar da caça o rei estaria com fome, e que seria preciso jantar.

— A caça não é de preceito, respondeu o rei, mas o é o jejum—logo, quem não pôde guardar o jejum prescripto não deve ir á caça.

#### **4. Thomaz Morus, estudante**

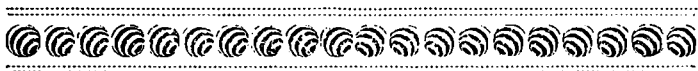
Thomaz Morus, depois de ter deixado a Universidade de Oxford, veio a Londres para terminar os seus estudos de direito, no meio das seducções da grande Capital ingleza.

O santo homem sentia a necessidade de redobrar a sua vigilancia, e como elle mesmo disse, fez todos os esforços para que a serva. a sensualidade, não se tornasse demasiado insolente para com a dona da casa, a razão.

Impôz-se privações sobre privações. Numerosas tentações o assaltaram de toda parte, e tornaram o combate longo e penoso. Recorreu aos jejuns e ás vigílias, não se concedendo nunca mais do que quatro horas de somno.

Um banco ou a terra lhe serviam de cama, com uma hacha de lenha como travesseiro. Usava da disciplina todas as sexta-feiras e todos os dias de jejum, julgando ser a melhor alimentação que pudesse dar a seu corpo rebelde. Mais tarde usou o cilicio de crina, que nunca mais deixou, mesmo sendo Chanceller da Inglaterra.

Este homem admiravel comprehendia a palavra de Nosso Senhor: «Quem odiar a sua vida neste mundo, a conservará para a vida eterna». Em nosso seculo de commodismo, precisamos meditar ás vezes, taes exemplos de coragem christã.



## 2º DOMINGO DA QUARESMA

EVANGELHO (Math XVII. 1—9)

---

---

1. *Naquelle tempo tomou Jesus comsigo Pedro e Thiago e João seu irmão, e levou os á parte a um alto monte :*

2. *E transfigurou-se deante delles. E o seu rosto ficou refulgente como o sol : e as suas vestiduras tornaram-se brancas como a neve.*

3. *E eis que lhes appareceram Moysés e Elias falando com elle.*

4. *E Pedro tomando a palavra, disse a Jesus : Senhor, bom é nós estarmos aqui : si queres, façamos aqui três tabernaculos, um para ti, um para Moysés, e um para Elias.*

5. *Estando elle ainda a falar, eis que uma nuvem resplandecente os envolveu. E eis que (sahiu) da nuvem uma voz que dizia : Este é o meu Filho dilecto em quem puz toda a minha complacencia : ouvi-o.*

6. *E ouvindo isto, os discipulos cahiram de bruços, e tiveram grande medo.*

7. *Porém Jesus approximou se delles, e tocou-os, e disse-lhes : Levantae-vos e não temaes.*

8. *Elles então, levantando os olhos, não viram ninguem, excepto só Jesus.*

9. *E quando desciam do monte, Jesus ordenou-lhes, dizendo : Não digaes a ninguem o que vistes, até que o Filho do homem resuscite dos mortos.*

## COMMENTARIO MORAL

## A conversão

O tempo da Quaresma, deve ser, no espirito da Igreja, um tempo de conversão das almas.

Ora, a conversão é a *transfiguração* da alma. E' a razão porque a Igreja colloca neste tempo o Evangelho da transfiguração de Jesus Christo, no Thabor.

A alma convertida torna-se aos olhos de Deus tal qual appareceu Jesus aos olhos maravilhados dos Apostolos: «brilhante como o sol», e as suas obras: «brancas como a neve».

Para correspondermos ao convite do Evangelho, estudemos pois:

1. **Em que consiste** tal conversão.
2. **Como** devemos converter-nos.

### I. Em que consiste a conversão

Converter-se é, etymologicamente: transformar-se, mudar de opinião.

Converter-se é pois para a alma apegada ao mundo: separar-se do mundo e apegar-se a Deus. «Aversio a creatura, et conversio ad Deum, dizem os theologos.

A nossa alma apegá-se facilmente ás creaturas, pondo nellas o seu *fim* e a sua felicidade. Compreender que taes creaturas não podem satisfazel-a, e que a felicidade que lbe apresentam, é ephemera e falsa, é mudar de opinião e de rumo, é resolver-se a separar-se destas creaturas e procurar a sua felicidade em Deus. E' converter-se.

Para que a conversão seja duradoura é pre-

ciso que as novas ideas e o novo rumo escolhidos sejam firmes, permanentes.

Ora, o homem é composto de corpo e alma; para que tudo seja bem ordenado é preciso pois que: — 1º *o corpo obedeça á alma*; 2º *a alma obedeça a Deus*.

Como o corpo obedece á alma?

Em toda reunião deve haver um chefe, e este chefe deve ser o mais digno.

Ora, a nossa alma é mais digna do que o nosso corpo.

Logo, é ella, e ella só que deve mandar.

Si o corpo dominar a alma, o homem vira animal irracional.

Quando a alma domina o corpo, o homem se aproxima de Deus.

Notemos que, depois do peccado original, o nosso corpo é um revoltoso, é um verdadeiro communista.

Para sujeital-o é preciso combatel-o, domal-o, sugiral-o; o que se faz pela penitencia corporal. Foi para ensinar-nos esta penitencia que a Igreja nos propoz, no domingo passado, o exemplo de Jesus Christo jejuando e fazendo penitencia no deserto, e nos convida a imital-o pelo jejum, pela abstinencia e por outras mortificações ao nosso alcance.

Depois de ter a alma ficado libertada do dominio do corpo, ella deve obedecer a Deus.

Os espiritos revoltosos de que falou o Evangelho de domingo passado, e de que tratará ainda o de domingo proximo, não foram arrastados para as desordens, pelas exigencias do corpo, pois são puros espiritos; mas nelles foi o espirito que se tornou culpado não querendo obedecer a Deus.

Mortificando o corpo, submettemol-o á nossa alma; e mortificando a alma, submettemol-a a

Deus. Assim submissa a Deus, a alma fica *transfigurada* pela graça. E vendo uma alma assim transfigurada, Deus presta o mesmo testemunho que prestou a seu Filho na transfiguração do Thabor: — «Este é o meu filho muito amado, em quem puz as minhas complacencias».

## II. Como devemos converter-nos

O Evangelho nos suggere varios meios; recolhemos os 3 principaes: a vigilancia, a oração e a palavra de Deus.

Notemos a ligação que ha entre estes três meios:

*A vigilancia é a acção do homem.*

*A oração é o encontro do homem e de Deus.*

*A palavra de Deus é a acção de Deus.*

Nosso Senhor não cessa de repetir: «Vigiae e orae... Vigilate et orate». (Marc. XIV. 38)

Elle mesmo deu o exemplo. No jardim de Gethsemani Elle vigiava, enquanto os seus Apostolos dormiam.

Nós tambem devemos **vigiar**: Vigiar sobre nossos olhos, sobre nossos ouvidos, nossas palavras, nossas leituras, sobre as occasiões, que podem de improviso tentar-nos, seduzir-nos.

Estejamos de atalaia para não sermos sorprendidos por aquelle «que anda em derredor de nós como um leão a rugir procurando a quem devorar». (1. Pet. II, 5—8). E' assim que S. Pedro designa o demonio.

Devemos **orar**. A nossa transfiguração não pôde effectuar-se pelas nossas unicas forças. E' uma obra divino-humana. Precisamos do auxilio de Deus, e este auxilio é dado a quem o pede.

O tempo da quaresma, além de um tempo de penitencia, é pcr isso um tempo de oração.



**A palavra de Deus** é o alimento do espirito. E' para mostral-o, que no Thabor Jesus conversa com Moysés e Elias, representando o Antigo Testamento; fazendo assistirem á transfiguração Pedro, Thiago e João, Apostolos do Novo Testamento.

Todos estes, como Jesus, que é a propria Palavra divina, são representantes desta palavra, que deve ser o alimento do nosso espirito.

### III. Conclusão

Durante a quaresma, costuma haver prégações especiaes, expondo as grandes verdades da Religião. Procuremos assistir a estas prégações, para fortificar a nossa fé e excitar em nós o desejo de santificar-nos.

Devemos converter-nos. O peccador deve re-adquirir a graça de Deus; o justo deve justificar-se mais, e o santo deve santificar-se mais ainda — «Qui justus est, justificetur adhuc». (Apoc. XXII. 11)

Para isso empreguemos os três meios que o Evangelho indica: Vigilancia para mortificar-nos, oração para fazer descer a graça de Deus, leituras santas ou audição da palavra de Deus para fortalecer a nossa fé e a nossa convicção.

## EXEMPLOS

### 1. Conversão de São Pacomio

Pacomio era um soldado pagão dos exercitos romanos.

Chegado em Theber, após marchas forçadas, viu numerosos christãos appressarem-se em redor delles para lhes offerecerem refrescos, vi-

veres, recusando qualquer recompensa de seus serviços.

Pacomio ficou surprehendido, e, informando-se do que eram estes homens, disseram-lhe que elles praticavam uma religião que os obrigava a fazer a caridade para com todos.

— Uma tal religião é necessariamente divina, disse Pacomio; e procurou logo fazer-se iustruir. Tornou-se em seguida, um religioso fervoroso e um santo muito celebre entre os santos monges do deserto.

## 2. Conversão de São Cypriano

Cypriano, nascido no paganismo, era estudante de uma familia illustre, seu pae era Senador.

Uma educação digna da sua familia e um estudo apaixonado das bellas letras e da philosophia, fizeram brilhar o genio de que era dotado.

Como os demais pagãos, Cypriano levava uma vida sensual e toda material.

Teve a felicidade de encontrar-se com Cecilio, que ha pouco se convertera ao Catholicismo, tornaram-se logo amigos, e Cecilio tomou a peito a conversão de seu novo amigo.

Cypriano, convencido, admirava as relações que unem a fé e a razão, mas o seu coração tremia ao pensamento de desapegar-se de tudo o que o seduzia.

Educado no luxo e nas honras, acostumado aos divertimentos da alta sociedade e ás homenagens dos aduladores, elle tremia de horror, pensando na vida sobria, retrahida, humilde e penitente, que distinguia os christãos deste tempo.

No meio destas vacillações, a consciencia lhe bradava entretanto: Coragem, Cypriano, custe o que custar, vamos para Deus!

Cypriano obedece, e pisando com os pés o seu proprio coração, elle se prepara para o Baptismo.

«Desde este momento, diz elle, operou-se em minha alma uma transformação completa, e o que era ainda obscuro, tornou-se luminoso; o que era impossivel, tornou-se facil.

Tomou desgosto pelo luxo do mundo, o orgulho da vida, e sentiu um attractivo admiravel para a humildade do Evangelho.

A conversão de Cypriano não foi uma conversão commum. Logo elle vendeu as suas vastas possessões, entre as quaes havia os magnificos jardins sob os muros de Carthago, e distribuiu tudo aos pobres.

Apenas havia passado um anno, e o illustre neophyto, por uma excepção que a sua sciencia e o ardor da sua fé justificam, foi elevado ao Sacerdocio.

No anno 248 a assembléa dos fieis de Carthago o proclamou Bispo, tornando-se um dos esteios fortes da Igreja nas perseguições do Imperador Decio, coroando uma vida heroica pelo heroismo do martyrio, sendo decapitado em 258.

Eis como os homens de character se convertem e se entregam a Deus.





## 3º DOMINGO DA QUARESMA

EVANGELHIO (Luc. XI. 14—28)

---

14. *Naquelle tempo, expulsou Jesus um demonio, que era mudo. E depois que lançou fóra o demonio, o mudo falou: e o povo admirou se.*

15. *Mas alguns delles disseram: Elle expelle os demonios por virtude de Beelzebuth, principe dos demonios.*

16. *Outros p'diram-lhe algum prodigio do céu para o tentar.*

17. *Jesus, porém, conhecendo-lhe os pensamentos, disse: Todo reino dividido contra si mesmo, será destruido e cahirá casa sobre casa.*

18. *Si pois Satanás está dividido contra si mesmo, como póde subsistir o seu reino? Visto que vós dizeis que é por Beelzebuth que eu expulso os demonios.*

19. *Ora, si é pela virtude de Beelzebuth que eu lanço fóra os demonios, por quem é que expellem vossos filhos? Por isso elles mesmos serão os vossos juizes.*

20. *Mos, si é pelo dedo de Deus que eu expulso os demonios, então chegou na verdade para vós o reino de Deus.*

21. *Quando o forte, armado, guardar a sua propriedade, está em segurança tudo quanto possue.*

22. *Mas si sobrevindo outro mais forte do que elle o vencer, tirar-lhe-á todas as armas, nas quaes confiava, e repartirá os seus despojos.*

23. *Quem não está commigo, está contra mim; e quem não recolhe commigo, dispersa.*

24. *Quando o espirito immundo sahir do homem, anda por logares desertos procurando descanso; e, não o achando, diz: Voltarei para minha casa, donde sahi.*

25. *E quando chega, encontra-a varrida e adornada.*

26. *Então vae e toma consigo outros sete espiritos, peiores do que elle e entrando na casa fazem nella habitação. E vem o ultimo estado desse homem a ser peor do que o primeiro.*

27. *E aconteceu que, dizendo elle estas palavras, uma mulher levantou a voz do meio do povo e exclamou: Bemaventurado o seio que te trouxe e os peitos que te amamentaram.*

28. *Mas elle respondeu: Antes bemaventurados aquelles que ouvem a palavra de Deus e a praticam.*



## COMMENTARIO MORAL

### A impureza

Nosso Senhor chama o demonio : *espirito impuro*.

Todo peccado é uma especie de impureza para a alma, entretanto, designa-se especialmente por este nome o vicio opposto á castidade, o peccado prohibido pelo sexto e nono mandamen-

tos, e que figura na lista dos peccados capitaes pelo nome de *luxuria*.

Examinemos hoje, de perto, para excitar em nós o horror a este peccado:

1. **A natureza** da impureza.
2. **Os effeitos** que produz nas almas.

## I. A natureza da impureza

O homem é composto de um corpo e de uma alma. Em sua boudade, Deus concedeu ao corpo e á alma o direito de procurar certas satisfações que são licitas.

Por exemplo, é uma satisfação para a alma: a instrucção, a sciencia, a amizade, as relações; como é uma satisfação para o corpo: o dormir, o comer, o repousar-se, e outras que estão nos planos de Deus.

Taes satisfações foram delimitadas por Deus, de modo que, ultrapassando taes limites, o homem pôde desobedecer a Deus e commetter o peccado.

Na alimentação ha uma satisfação legitima, porém, aquella que procurasse antes de tudo tal satisfação, e que em vez de comer para viver, vivesse para comer, como costumamos dizer, cahiria num excesso, e em vez de manter a saúde, a alteraria pelo vicio da *gula*.

O excesso do repouso chama-se: *preguiça*.

O excesso na applicação das leis que governam a perpetuidade da raça humana, chama-se *impureza*.

Neste particular, ha leis rigorosas estabelecidas por Deus. No acto licito do matrimonio o individuo pôde gozar a satisfação deste acto, como no acto licito de comer pôde gozar a satisfação do paladar. Procurar a satisfação fóra do acto licito, constitue o *peccado de impureza*.

Ha impureza nos *pensamentos*, deleitando-se em imaginações desonestas.

Ha impureza nos *desejos*, projectando fazer um acto mau.

Ha impureza nos *olhares*, fitando objectos, quadros, estatuas, decotes, vestes donde foram banidas as regras da modestia christã.

Ha impureza nas *palavras*, entretendo-se de assumptos reprovados pela conveniencia e o respeito que devemos uns aos outros.

Ha impureza nas *acções*, permittindo-se o que só o matrimonio pôde legitimizar e mesmo o que elle nunca legitima.

## II. Effeitos da impureza

Estes effeitos são tristissimos. Não ha vicio que mais abata e estrague o corpo e a alma do que a impureza.

A alma deve dominar o corpo: a impureza interverte o plano divino, e faz da alma a escrava do corpo.

O corpo sendo o mestre, chegando a dominar, pretende conservar este dominio, e dahi nasce a luta tremenda entre o espirito e a carne, entre a graça e a tyrambia do demonio, que tão facilmente leva ás mais vergonhosas quedas. A impureza introduzindo-se na alma, faz nascer o desgosto e o desprezo das praticas religiosas, o afastamento do confessorario, a fuga da Mesa de Communhão, e emfim, a perda da fé.

Oh! procuraes a razão porque certas pessoas, outróra piedosas, amantes dos sacramentos, afastam-se de repente, tornam-se indifferentes e ás vezes hostis á religião que praticaram; sempre encontrareis no fundo os traços da impureza.

Si Deus supprimisse o sexto e o nono man-

damentos, o numero de catholicos praticantes se duplicaria immediatamente.

São estes 2 mandamentos, bem observados, que approximam o homem de Deus, de um modo particular; mas são tambem elles que, não observados, afastam o homem de Deus, e o lançam no abysmo da incredulidade e da impiedade.

### III. Conclusão

Terminemos, indicando os remedios contra este vicio terrivel. Ha sobretudo quatro remedios, de particular efficacia, que são :

- a) A fuga das occasiões;
- b) A frequentação dos Sacramentos;
- c) A devoção a Maria Sma.;
- d) A oração.

A **fuga das occasiões**. Póde-se atacar um inimigo quando se tem a esperanza de vencel-o. Quando alguém é fraco, foge. Somos fracos em frente desta teutação: o meio seguro de vencer, é pois fugir. *Quem ama o perigo, nelle perecerá.*

**Sacramentos.** A recepção da penitencia e da Eucharistia, são duas armas, que vencem necessariamente, porque são de uma efficacia divina. Nada podemos de nós, porém, *tudo podemos naquelle que nos fortifica* com a sua graça.

**Maria.** Maria Sma esmagou uma primeira vez a cabeça da serpente, e ella continúa, em cada alma, a esmagar o demonio da impureza desde que ella é implorada.

A Igreja diz de Maria que ella é mais terrivel do que um exercito em linha de combate. Recorramos sempre a ella nas tentações.

**Oração.** E' o grande meio de victoria, estabelecido pelo Salvador: *Pedí e alcançareis,*



diz Elle. Na hora da tentação invoquemos a Maria, recorramos ao Coração de Jesus, ao nosso anjo da guarda... lembrando a Jesus a promessa feita á oração. Quem reza, salva-se, diz Sto Affonso; quem não reza, perde-se.

## EXEMPLOS

### 1. Henrique VIII

Henrique VIII, rei da Inglaterra, havia mostrado muito zelo em defender a religião contra a heresia. Leão X conferiu-lhe o titulo de: «Defensor da fé».

Mais tarde repudiou a sua esposa, Catharina de Aragão, para viver criminosamente com Anna de Bolena.

Como a Igreja condemnasse o seu crime, Henrique VIII tornou-se schismatico, separando-se da Igreja e dando origem á seita heretica anglicana.

Em seu furor fez massacrar 20 Bispos, 500 Sacerdotes e 360 nobres que recusaram approvar as suas torpitudes.

Sejamos puros, si quizermos conservar a fé cujos inimigos são os libertinos.

### 2. Efeito da libertinagem

Em 1387, Carlos II, rei de Navarra, esgotado pela libertinagem, consultou os medicos a respeito de um tratamento restaurador.

Estes aconselharam-lhe que para reaver as forças de que precisava para os seus infames prazeres, fizesse envolver o corpo inteiro num lençol, empregado de alcool. **10**

O servo que o envolvia neste lençol teve a imprudencia, uma noite, de examinar o seu serviço com uma vela na mão.

O lençol pegou fogo. O rei lançou urros horribéis; accorrem os empregados, mas era tarde, o rei estava sendo queimado vivo.

Deus tem um fogo mais ardente do que aquelle do alcool, para castigar aos voluptuosos.

### **3. As toilettes**

O valoroso, mas infeliz Krüger, presidente da republica de Boers (Africa) foi convidado um dia a uma soirée.

Homem pontual, o presidente, na hora marcada no programma chegou na entrada magnificamente illuminada, onde se devia realizar a festa.

Introduziram-no; o homem se descobriu, olhou, e viu umas damas ali reunidas, bastante decotadas.

Oh! desculpem-me... disse Krüger, ignorava que estas senhoras não haviam terminado a sua toilette!

E apesar das explicações, o presidente retirou-se.

A soirée foi bastante penosa nessa noite.





## 4º DOMINGO DA QUARESMA

EVANGELHO (Jo. VI. 1—15)

---

---

1. *Naquelle tempo, passou Jesus a outra banda do mar da Galiléa, que é o lago de Tiberiades.*

2. *E seguia-o uma grande multidão de povo, porque via os milagres que fazia aos enfermos.*

3. *Subiu então Jesus a um monte e sentou-se ali com os seus discipulos.*

4. *Ora, estava proxima a Paschoa, dia festivo dos judeus.*

5. *Levantando, pois, os olhos e vendo que uma grande multidão havia affluido para elle, disse Jesus a Philippe: Onde compraremos pão para dar de comer a essa gente?*

6. *Mas isto dizia elle para o experimentar, porque bem sabia o que havia de fazer.*

7. *Respondeu-lhe Philippe: Duzentos dinheiros de pão não serão sufficientes para que cada um receba um bocadinho.*

8. *Um de seus discipulos, chamado André, irmão de Simão Pedro, disse-lhe:*

9. *Está aqui um menino que tem cinco pães de cevada e dois peixes; mas que é isto para tanta gente?*

10. *Então disse Jesus: Mandae sentar o povo. Ora, havia muita relva naquelle sitio. E*

*sentaram-se os homens, em numero de uns cinco mil.*

*11. Tomou então Jesus os pães, e, tendo dado graças, distribuiu-o aos que estavam sentados; e igualmente os peixes, quanto queriam.*

*12. E tanto que se fartaram, disse Jesus aos seus discipulos: Recolhei as sobras, para que não se percam.*

*13. E elles ajuntaram-nas e encheram doze cestos dos boccados, que haviam restado dos cinco pães de cevada, depois que todos comeram.*

*14. E todo o povo, vendo o milagre que fizera, dizia: Este é verdadeiramente o propheta que deve vir ao mundo.*

*15. Jesus, porém, sabendo que o queriam levar comsigo, para o fazerem rei, fugiu novamente para o monte, sózinho.*



## COMMENTARIO MORAL

### A Paschoa

Estamos nos approximando do tempo da Paschoa, sendo todos os Catholicos obrigados a cumprir os dois mandamentos da Igreja:

1. Confessar-se ao menos uma vez cada anno.

2. Commungar ao menos pela Paschoa da Resurreição.

Estes dois mandamentos são annuaes, sendo o segundo determinado pelo tempo da Paschoa.

Fazer a sua Paschoa é confessar-se e commungar.

O Evangelho de hoje nos mostra a multidão de povo, nutrida pelo pão maravilhoso distribui-

do por Jesus Christo. E' a imagem da Paschoa. Afim de preparar-nos para a [Communhão paschoa], meditemos hoje como esta obrigação é ao mesmo tempo:

1. Um preceito **divino**;
2. Um preceito **ecclesiastico**.

### I. Preceito divino

A Igreja recebeu o poder de fazer mandamentos; não arbitrarios, mas, para facilitar a observancia dos mandamentos da lei de Deus.

O terceiro e o quarto mandamentos seguem esta mesma norma. Não são mandamentos isolados ou puramente ecclesiasticos, mas explicações, determinações da lei divina. De facto, a confissão e a communhão são instituições divinas, e como taes, obrigam os christãos, pois Deus nada faz de inutil, sobretudo tratando-se da salvação das almas.

**A confissão** é de instituição divina. Só Deus póde perdoar peccados; é certo e logico, pois é o offendido que deve perdoar a offensa; e Deus é o offendido.

Elle communicou este poder a seus Sacerdotes; é igualmente certo.

Elle o disse em termos claros e positivos: *Assim como o meu Pae me enviou eu vos envio a vós... Reccebi o Espirito Santo. A'quelles a quem perdoardes os peccados, ser-lhes-ão perdoados, e áquelles a quem retiverdes, ser-lhes-ão retidos* (João XXI. 23).

Esta passagem mostra claramente que os Sacerdotes podem perdoar ou não perdoar peccados; devem, pois, julgar para saber si o caso é de *perdoar* ou *reter*.

Ora, todo julgamento supõe o conhecimento do crime.

Devendo o Sacerdote conhecer os peccados, como poderá elle conhecê-los, sinão pela confissão do proprio peccador?

O peccador é obrigado a confessar-se.

E existindo tal obrigação deve-se concluir que a confissão é de instituição e de obrigação divinas.

**A communhão** é igualmente de obrigação divina. A palavra de N. S. não carece de commentario: *Si não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o seu sangue não tereis a vida em vós* (João VI. 54). Em outros termos: quem não commungar não terá a vida em si. isto é: a «vida eterna», ou a graça, que é absolutamente necessaria para entrar no céu.

## II. Preceito ecclesiastico

Nos primeiros tempos da Igreja, os fieis commungavam cada vez que assistiam ao santo Sacrificio; e esta communhão frequente era o segredo da sua fé viva, da innocencia da sua vida, da sua coragem nas perseguições e de seu heroismo deante da morte.

Infelizmente, no decurso dos tempos, este primeiro fervor foi se afrouxando, as communhões tornaram-se mais espaçadas, como consequencia do peccado mais frequente.

São os dois pratos de uma balança: a communhão e o peccado: quando um sobe, o outro desce.

Deante desta vacillação ou afastamento da Mesa Sagrada, a Igreja devia intervir para man-

ter o uso e evitar maior afrouxamento. E ella o fez, obrigando os catholicos a se approximarem dos Sacramentos, pelo menos uma vez no anno.

Convém notar que a Igreja não regulamentou nem a confissão, nem a communhão; marcou um minimo. Não quer pois, dizer que esta «uma vez cada anno» seja sufficiente; mas indica que não se póde ultrapassar este minimo sem commetter um peccado mortal

Para a confissão não ha época rigorosamente indicada. Quanto á communhão, esta deve ser feita na occasião da Paschoa, para melhor festejar a grande festa da resurreição do Salvador, e de modo espirital, participar a esta resurreição; pela resurreição do peccado para a graça de Deus.

### III. Conclusão

Estamos, pois, deante de um dever rigoroso da lei de Deus e da Igreja.

O catholico que deixa passar o tempo da Paschoa sem fazer a sua communhão, deixa de ser catholico pratico; é catholico de nome; separado virtualmente da religião que pretende professar; vive em peccado mortal e, si tiver a infelicidade de morrer neste estado, perder-se-á miseravelmente para a eternidade.

Lembremo-nos que com Deus não se brinca; e que as suas ordens devem ser respeitadas e cumpridas. Estamos aqui deante de uma destas ordens positivas.

Preparemo-nos, pois, para a nossa communhão da Paschoa, tanto para obedecer á lei, como para dar a Deus uma prova da nossa fé e da nossa sinceridade.

## EXEMPLOS

**1. A peccadora Adelaide**

S. Ligorio conta a historia de uma peccadora chamada Adelaide, resolvida a mudar de vida, e para isso, fôra confessar-se.

O demonio lhe appareceu em caminho:

—Para onde vaes com tauta pressa, perguntou-lhe o demonio.

— Besta perversa, respondeu a peccadora arrependida, vou humilhar-me e a ti tambem!

O demonio fugiu horrorizado, soltando altos gritos.

Façamos como esta mulher, e fiquemos convencidos que confessar os seus peccados, é um acto tanto mais nobre, quanto maiores são as faltas commettidas.

**2. A alegria do Capitão**

Um capitão de cavallaria, movido pela curiosidade, entrou um dia numa egreja, onde pré-gava o celebre Padre Bridaine. Era no momento em que o missionario exhortava os fieis a fazerem uma confissão geral.

O capitão ficou commovido pela exhortação e resolveu fazer tambem a sua confissão nesta mesma hora.

Sahiu do confessionario, derramando lagrimas de alegria, chorando e riudo ao mesmo tempo.

Quando o P. Bridaine foi para a sacristia o official o seguiu, e apertando-lhe as mãos, exclamou, em presença dos demais Padres:

— Padre Bridaine, o rei Luiz XV, que sirvo ha 25 annos, não é tão feliz em seu palacio, como eu o sou hoje, depois da minha confissão.



De facto, ha maior satisfacção em confessar os seus peccados do que em commettel-os.

### 3. O general Lamoriciere

Lamoriciere após a sua conversão, conversando um dia com o Vigario, em preseuça da sua filha piedosa, de communhão diaria, dizia:

— Sr. Vigario, a minha filha communga todos os dias, creio que é demais; parece-me bastante fazer a Communhão da Paschoa, pois somos indignos de receber tantas vezes o bom Deus!

— Sim, respondeu o Vigario, somos indignos; mas temos precisão da Communhão; a Communhão não é a recompensa da virtude, mas o meio de pratical-a.

O general reflectiu um instante e respondeu:

— Sr. Vigario, outros me tinham dado mil razões ruins *contra* a Communhão frequente; V. Rvma. me dá uma bôa, uma só, mas basta desta; vou commungar frequentemente!

E quasi diariamente via-se o velho general, ao lado da sua filha, ajoelhado na mesa de Communhão... chorando de commoção, elle que os maiores perigos dos campos de batalha haviam deixado indifferente.





## DOMINGO DA PAIXÃO

EVANGELHO VIII, 46—59)

46. *Naquelle tempo, disse Jesus aos judeus : Qual de vós me arguirá de peccado? Si eu vos digo a verdade, porque me não crêdes?*

47. *O que é de Deus, ouve as palavras de Deus. Por isso vós não as ouvís, porque não sois de Deus.*

48. *Responderam então os judeus, e disseram-lhe : Não dizemos nós com razão que tu és um Samaritano, e que tens demonio?*

49. *Jesus respondeu : Eu não tenho demonio, mas honro o meu Pae, e vós a mim des-honrastes-me.*

50. *E eu não busco a minha gloria : ha quem tome cuidado della, e quem fará justiça.*

51. *Em verdade, em verdade vos digo : quem guardar a minha palavra não verá a morte eternamente.*

52. *Disseram-lhe pois os judeus : Agora reconhecemos que estás possesso do demonio. Abrahão morreu e os prophetas, e tu dizes : Quem guardar a minha palavra não provará a morte eternamente.*

53. *Porventura és maior do que nosso pae Abrahão, que morreu? E os prophetas que tam-bem morreram. Quem pretendes tu ser?*

54. *Jesus respondeu: Si eu me glorifico a mim mesmo, não é nada a minha gloria: meu Pae é que me glorifica, aquelle que vós dizeis que é vosso Deus.*

55. *Mas vós não o conhecestes: eu sim conheço-o: e si disser que não o conheço, serei mentiroso como vós. Mas conheço-o, e guardo a sua palavra.*

56. *Abrahão, vosso pae, suspirou por ver o meu dia: viu-o (por meio da revelação), e ficou cheio de gozo.*

57. *Disseram-lhe por isso os judeus: Tu ainda não tens cincoenta annos, e viste Abrahão?*

58. *Disse-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que antes que Abrahão fosse feito, eu sou.*

59. *Então pegaram em pedras para lhe atirarem: mas Jesus encobriu-se, e sahio do templo.*

---

---

## COMMENTARIO MORAL

### A architectura da confissão

O domingo da paixão é uma especie de anticipação da dolorosa paixão que deve realizar-se durante a Semana Santa.

E' tambem a aproximação do grande dever da confissão. Para preparar-nos melhor a esta confissão, meditemos o primeiro versiculo do Evangelho de hoje: *Qual de vós me arguirá de peccado?* perguntou Jesus aos judeus.

E nenhum d'elles teve a coragem de responder uma palavra, ou de assignalar uma falta na vida do Salvador.

Quem de nós teria a coragem de fazer esta mesma pergunta: Quem me arguirá de peccado?

Quantos accusadores se apresentariam: O Anjo da guarda, o demonio, a consciencia e os homens.

Precisamos, pois, da confissão para nos alcançar o perdão destes peccados.

Examinemos hoje, de perto, a divina architectura da confissão, para vermos:

1. Como é **adaptada** ás nossas necessidades.

2. Quantas **doçuras** nos proporciona.

## I. A sua adaptação

A confissão é uma instituição divina, e como tal corresponde divinamente ás nossas necessidades.

E' o remedio para curar o mal que está em nós. Ora, o mal contém três elementos: o orgulho, a concupiscencia e a revolta.

*Orgulho*: O peccador, como os anjos, rebelde no céu, exclama: *non serviam!*

E por que não quer elle servir?

Porque sente em si uma miseravel *concupiscencia*; elle se deixa illudir e arrastar por esta concupiscencia.

Encontrando um obstaculo, que é a lei de Deus, elle se revolta contra esta lei e se lança no peccado.

A confissão, como antidoto deste mal, se compõe dos três elementos oppostos:

A humildade, o sacrificio, a obediencia.

A confissão, de facto, é um acto de *humildade*.

E' preciso ajoelhar-se aos pés de um homem.

E' um *sacrificio*: é preciso declarar a este

homem, representante de Deus, todos os seus peccados, todas as suas fraquezas.

Este homem, em nome de Deus, impõe uma penitencia; é preciso cumprir tal penitencia. E' pois um acto de *obediencia*.

Eis como a confissão arranca até a raiz do mal, impondo um acto de humildade ao peccador orgulhoso; exigindo um sacrificio áquelle que se deixa dominar pela concupiscencia, impondo um acto de obediencia áquelle que se revoltou contra Deus.

O remedio é radical... é um antido'to... Só Deus pôde instituir taes remedios radicaes, cuja efficacia é garantida.

## II. As doçuras

Ha mais do que um remedio.

Todo remedio é amargo, Deus o sabe, e eis porque, como bom Pae que é, Elle adoça a amargura deste remedio, passando um pouco de mel, na beira do calice que nos apresenta.

Na confissão encontramos os elementos da felicidade.

De que precisamos nós para sermos felizes?

De três cousas: de *consolação*, de *luz* e de *perdão*.

*Consolação*: Ha horas tristes' na vida, horas de soffrimento e de agonia. Os amigos nos abandonam, mas ainda nos fica um amigo fiel, desinteressado: o confessor.

*Luz*: A confissão nos mostra as fraquezas humanas.

Jesus Christo nos trouxe um duplo luzeiro: um para o espirito, outro para o coração.

A prégação é o luzeiro da intelligencia.

A confissão é o luzeiro do coração.

A primeira é geral.

A segunda é particular.

A prêgação nos mostra o caminho.

A confissão nos mostra as pedras do caminho.

A primeira faz nos olhar para o céu.

A segunda nos faz olhar dentro de nós.

A primeira mostra-nos o ideal.

A segunda nos indica o modo de reproduzilo.

*Perdão*—Oh! precisamos tanto de perdão!

A sociedade castiga: não perdoa.

A sociedade avilta; e cumprida a penitencia, não rehabilita, deixa a victima entregue á sua miseria.

O assassino pôde chegar a todas as honras: no fundo é sempre um assassino... e os seus filhos por bons que sejam, não passam de filhos de assassino.

Ser perdoado por Deus... sabel-o, ter a certeza: isso é divino. E' a obra prima da confissão.

A confissão fere, mas consola.

Ella humilha, mas levanta.

Como tudo isso é divinamente combinado!

### III. Conclusão

Um sabio dizia: Póde-se discutir sobre muitas cousas mas não se pôde discutir que a confissão não seja uma verdadeira fabrica de santidade.

E' ella que levanta o peccador e faz d'elle um heroe.

E' ella que toma a natureza fragil e faz della virgem, sem mancha.

E' ella que arranca o homem ao prazer dos sentidos e faz d'elle um sacerdote.

E' ella que implanta na alma já pura e desapegada o heroismo da santidade.

Confessemos-nos... e confessando-nos bem, ex.

perimentaremos a suavidade deste sacramento, instituído por Jesus, para levar-nos ao céu.

## EXEMPLOS

### 1. Actos do penitente

Os actos que constituem o Sacramento da confissão são, da parte do penitente: a contrição, a confissão e a satisfação; da parte do confessor, é a absolvição.

Um sacerdote, encarregado de exorcizar um possesso, perguntou-lhe:

— Qual é o teu nome?

O demonio respondeu: —Tenho três nomes; chamo-me: tapa-coração, tapa-bocca e tapa-bolsa.

— Que quer dizer isto?

— E' muito simples: Tapo o coração aos que querem arrepender-se de seus peccados; tapo a bocca aos que querem confessar-se; e tapo a bolsa aos que querem restituir o bem alheio...

Que lição proveitosa para aquelles que não gostam da confissão!

### 2. Para todo peccado ha perdão

Todos os peccados, por graves que sejam, podem ser remittidos pelo Sacramento da Confissão.

Haverá crime maior do que o de Judas, vendendo o seu divino Mestre? E entretanto, si Judas foi reprovado, foi menos por ter trahido Jesus Christo, do que por ter desesperado da sua salvação.

E' o que fez comprehender um dia, num sermão, o Padre Melleriot, celebre missionario Jesuita, em sua linguagem original e popular.

— Meus senhores, disse elle, façamos uma supposição. Si este imbecil de Judas, em vez de desesperar-se e de enforçar-se como um idiota, fôsse ter com S. Pedro, e lhe dissesse :

— Pedro, queres ouvir a minha confissão?

— Ajoelha-te, aqui, e começa.

— Oh! sou um miseravel, Pedro, trahí e vendí o meu Mestre!

— E' só isto? teria respondido São Pedro... olha, eu sou mais culpado do que tu: eu o reneguei três vezes! Vamos lá... um bom acto de contrição e não caias mais nesta, não é?... Vou dar-te a absolvição.

E Judas, em vez de ser um reprobado, seria talvez um grande santo!

### 3. O bom proposito

Um santo, cujo nome não me occorre, escreve José de Maistre, teve uma visão, na qual viu Satanaz, em pé, deante do throno de Deus, e ouviu o espirito maligno, dizendo a Deus:

— Porque me condemnaste, a mim que apenas te offendí uma só vez, enquanto tu salvas milhares de peccadores, que te offenderam tantas vezes?

E Deus lhe respondeu: — Já me pediste tu perdão uma unica vez?

Oh! não sejamos demonios. Feçamos perdão enquanto é tempo.





## OUTRO COMMENTARIO MORAL

## A mentira

Neste Evangelho Nosso Senhor estabelece um contraste entre Elle e os seus inimigos: *Eu conheço a meu Pae, e si dissesse que não o conheço, seria um mentiroso como vós.*

Eis Jesus, como representante da *verdade* que vem communicar aos homens; e os judeus, representantes da *mentira*, com que procuram rebaixar a missão do Salvador.

Jesus pôde lançar aos seus inimigos o sublime repto: *Quem de vós me arguirá de peccado?*

Jesus trata-os de mentirosos, nenhum delles porém pôde retorquir á accusação.

Tratemos hoje da mentira para conhecer bem este mal, que se cobre ás vezes com apparencias de sociabilidade ou de interesse, mas que é sempre um mal. Examinemos:

1. O que é a **mentira**.
2. Qual é a sua **malicia**.

## I. O que é a mentira

Mentir é transmittir voluntariamente aos outros um pensamento que julgamos falso.

Tal transmissão pôde fazer-se por escripto, por palavra ou por signal, pouco importa, como não importa seja devéras falso em si mesmo tal pensamento, desde que o julgamos falso e o apresentemos como verdadeiro.

Todas as mentiras não têm a mesma gravidade, dahi as diversas *especies* que se podem resumir em três:

1. A mentira **jocosa**, que muitas vezes não differe da pilheria. Tal mentira tem por fim divertir os outros. E' culpada, sem duvida, pois por ser contraria á verdade, nenhuma mentira pôde ser cousa boa, porém, não passa de falta venial.

2. A mentira **officiosa**, que se diz com o proposito de auxiliar o proximo, ou em proveito proprio.

Nesta categoria entram certas desculpas ou formulas usadas na sociedade, por exemplo: o alumno que inventa desculpas para não frequentar a escola ou para não dar uma lição.

Entram tambem nesta categoria as mentiras **sociaes**, por exemplo: não se querendo receber uma visita, manda-se dizer que não está em casa; dizendo a alguem que pede dinheiro emprestado, que não o tem em casa; dizendo a um importuno que tem negocios urgentes a tratar, etc., etc.

Esta especie de mentira, sendo contraria á verdade, é sempre um mal, entretanto, hoje em dia, ninguem é illudido por taes formulas, que adquiriram, pelo uso, uma significação determinada e recebida por todos.

Não estar em casa para receber visitas.

Não ter dinheiro para emprestar a outros.

Ter occupações urgentes, para não perder tempo.

Neste seutido, taes phrases deixam de ser uma mentira, não passando de um modo mais delicado de recusar qualquer cousa.

3. Ha enfim a mentira **perniciosa**, que se diz propositalmente para enganar ou prejudicar ao proximo.

Tal mentira é sempre um peccado, pelo menos leve, e pôde até tornar-se grave, pela intenção

do mentiroso, ou pelo prejuizo que causa ao proximo.

Relacionam-se com a mentira:

1) A *calumnia*, accusando o proximo de faltas de que é innocente.

2) A *hypocrisia*, que é uma mentira traduzida em actos, como o libertino que finge de piedoso, o ladrão, que se finge de honesto.

3) A *adulação*, que exalta<sup>n</sup>os outros uma virtude que sabe não possuirem, e chega, ás vezes, a mudar vicios em virtudes.

## II. A malicia da mentira

A mentira é intrinsecamente um mal; logo é um peccado, e como tal deve ser evitado.

Ha muitas discussões a respeito da legitimidade dos *equivocos*, e das *restricções mentaes*, sendo difficil dirimir taes discussões, porque a malicia depende mais da intenção daquelle que fala contra a verdade, do que da propria falta á verdade.

Os theologos, para darem uma definição que inclua todos os casos, definem a mentira do seguinte modo: Mentir é falar contrariamente ao proprio pensamento, no intuito de induzir a um erro, alguém que *tem direito de conhecer a verdade*.

Tal definição geral abrange tudo, porém deve ser applicada conscienciosamente, sinão haveria muitas excepções, talvez tantas quantos casos ha de applicar a regra.

O mais seguro e certo é seguir a recommendação do divino Mestre: *Seja a vossa palavra: sim, sim! não, não!* (Math. V. 37) a menos que a verdade possa ser nociva ao proximo, ou que te

nha recebido um segredo que deva ser guardado ; neste caso, a obrigação de dizer a verdade está em conflicto com outra obrigação de ordem superior.

Ao agressor injusto, por exemplo, não lhe devemos a verdade, absolutamente. E si houver perigo de vida sendo este o unico meio de salva-la, temos direito de enganar-o.

O Sacerdote, interrogado sobre uma cousa que conhece sómente pela confissão, póde e deve affirmar o contrario da verdade, quando percebe que o seu silencio será interpretado como acquiescencia.

O mesmo se dá com todos os que têm sigillo profissional.

\* \* \*

Donde provém a malicia da mentira ?

Provém do contraste que ha entre Deus, a Summa verdade, e o demonio o pae da mentira.

Quem mente afasta-se de Deus, que é a *verdade*, e se approxima do demonio que é o pae da *mentira*.

A primeira mentira foi proferida pelo demonio no paraiso terrestre, para enganar nossos primeiros paes: *De nenhum modo morrereis*, comendo do fructo da arvore prohibida, sussurrou Satanaz aos ouvidos de Eva.

### III. Conclusão

A mentira é um vicio, e como tal provém da repetição dos actos que chegam a constituir um habito.

Tal habito estraga completamente o caracter do homem.

A palavra deve ser a expressão do pensa-

mento, e não deve servir para esconder tal pensamento.

A este respeito a mentira é contraria á lei da natureza.

E' importantissimo, na educação dos filhos, obrigar-os a confessar as faltas que commettem; e si os paes devem castigar as faltas commettidas, devem tambem mostrar-se bons quando taes faltas são sinceramente confessadas.

E' necessario cultivar no espirito o amor á veracidade.

O homem sincero e leal é sempre estimado; o homem mentiroso, falso, é odiado por todos.

## EXEMPLOS

### 1. Lição de um santo

Santo Thomaz estava entregue a seu trabalho, quando um joven collega veio dizer-lhe sorrindo:

— Olhe, Frei Thomaz, passa ali um boi voando pelo ar.

O santo foi até á janella e olhou, enquanto o collega deu uma gargalhada.

— Mas, Frei Thomaz, como é que o seuhor pôde acreditar em tal historia?

O santo respondeu: Parece-me mais natural admittir que um boi possa voar, do que suppôr que um religioso possa mentir.

### 2. Como engrossa a mentira

O medico do hospital de Carpentras acaba de fazer a sua visita diaria.

— Como passou a noite o doente n.º 7? perguntou elle ao enfermeiro.

— Mal, Sr. Doutor. O homem vomitou três corvos.

— Três corvos?

— Sim, três?

— Vivos?

— Sim, pois apenas sahidos do estomago do homem, voaram e se foram embora.

— Quem vol-o disse?

— Casimiro, o outro enfermeiro.

— Chame Casimiro.

— Casimiro, o senhor disse que o doente do nº. 7 vomitou três corvos?

— Não: eu disse dois... Já é bastante.

— Viu taes corvos?

— Não, é Augusto que m'o disse.

— Chame Augusto.

— Augusto, o senhor disse a Casimiro que o doente do num. 7 havia vomitado dois corvos?

— Não, senhor Doutor, eu disse um corvo.

— Viu tal corvo?

— Não! E' a Irmã Escolastica que m'o disse.

— Peça a Irmã de vir um instante até aqui.

— Como é, Irmã, a senhora disse que o doente do numero 7 havia vomitado um corvo?

— Deus me livre, Doutor, eu disse a Augusto que o doente do numero 7 havia tido um vomito preto como um corvo.

E' a historia de muitas historias!

### 3. Três e um

Numa reunião varias senhoras falaram da mentira.

— Em minha vida, disse uma, eu apenas menti três vezes.

— Três e um fazem quatro: são quatro mentiras, respondeu uma senhora de bom senso.



# DOMINGO DE RAMOS

EVANGELHO (Math. XXI. 1-9)

---

1. Naquelle tempo, approximando-se de Jerusalém e chegando a Bethphagé ao monte das Oliveiras, então enviou Jesus dois de seus discipulos, dizendo-lhes :

2. Ide á aldeia que está defronte de vós, e logo encontrareis presa uma jumenta e um jumentinho com ella : desprendei-a e trazei-m'a :

3. E si alguém vos disser alguma cousa, dizei que o Senhor precisa delles : e logo os deixará trazer.

4. Ora, tudo isto aconteceu, para que se cumprisse o que tinha sido annunciado pelo propheta que disse :

5. Dizei á filha de Sião : Eis que teu rei vem a ti, manso, montado sobre uma jumenta, e sobre um jumentinho, filho da que levava o jugo.

6. E indo os discipulos, fizeram como Jesus lhes ordenára.

7. E trouxeram a jumenta e o jumentinho : e puzeram sobre elles os seus vestidos, e fizeram-no montar em cima do jumentinho.

8. E o povo em grande numero entendia no caminho os seus vestidos : e outros cortavam ramos de arvores e juncavam com elles a estrada :

9. E as multidões que o precediam, e as que iam atraz, gritavam dizendo : Hosanna ao Filho de David : bemdito o que vem em nome do Senhor : Hosanna no mais alto dos céus.

## COMMENTARIO MORAL

## Os applausos do mundo

O Domingo de Ramos nos lembra a entrada solemne de Jesus em Jerusalém.

Este triumpho é lembrado pela procissão que se faz antes da Missa, levando cada qual um ramo verde, como para acompanhar o Salvador.

O ensino moral deste Evangelho é frisante. Trata-se de assignalar a inconstancia dos homens.

Para apprender a desconfiar das honras do mundo e pôr a nossa confiança em Deus meditemos hoje esta dupla scena que o Evangelho nos apresenta:

1. As **acclamações** do povo.
2. Os **gritos de morte** que seguem.

## I. As acclamações

Jesus merecia ser acclamado, pois nunca maior bemfeitor da humanidade havia apparecido neste mundo.

Elle fez o bem a todos: a seus inimigos tão bem como a seus amigos; nunca fez mal a ninguem.

E' pois natural, que tomado de admiração, o povo acclame este thaumaturgo admiravel e o acompanhe com enthusiasmo, exaltando os seus beneficios.

Si fizermos o bem, é provavel que o mundo nos acclame; sobretudo quando é um bem publico, um bem social que apparece.

Infeliz, porém, daquelle que fizer este bem unicamente para apparecer ou ser applaudido pelo mundo. Elle passaria por serios desgostos.

Devemos praticar a virtude, fazer o bem, pa-



ra agradar a Deus, para exaltá-lo e santificar-nos, sem nos encommodar com o resultado.

O que Deus recompensa é menos o resultado do que a intenção e o esforço.

É o que verificamos de modo admirável na vida dos santos.

Elles agem com uma calma e uma perseverança que derrota as idéas humanas, sem nunca desanimar, vendo nos acontecimentos adversos uma provação divina antes que a malícia dos homens.

Perseguidos num lugar, vão para outro, e quando no fim não alcançam o resultado almejado, agradecem a Deus, como si tudo houvesse corrido conforme os seus desejos.

O soldado que morre no campo de batalha com as armas nas mãos, mesmo sendo vencido, é tão heroe como o vencedor.

Jesus conhece a fraqueza do coração humano, eis o porque, no meio desta entrada triumphal não manifesta nenhuma alegria... entra humilde, calmo, ouve as aclamações que no dia seguinte se mudarão em gritos de morte sem dar nenhum signal de enthusiasmo, sem dizer uma palavra de contentamento.

## II. Os gritos de morte

*Hosanna ao filho de David! Bemdito o que vem em nome do Senhor!* — Ciama a multidão enthusiasmada e como empurrada por certa mão invisivel.

Poucos dias depois, esta mesma multidão gritará de novo, mas seus gritos serão palavras de odio de morte. — *Tirae-o daqui! Crucifiae-o!*

Como explicar uma vira-volta tão instantanea e tão completa?

A causa profunda de tal mudança encontra-se num sentimento todo humano que céga os homens : a exclusiva procura dos bens e das grandezas deste mundo.

Os judeus esperavam um Messias terrestre, um grande rei, que trouxesse á nação gloria e riquezas.

Ora, Jesus apparece pobre e humilde, pré-gando a abnegação, o perdão e o amor do proximo.

Deste contraste nasceu na alma dos chefes um verdadeiro odio a Jesus Christo.

O povo deixa-se levar pela voz dos potentados. Hoje elle acclama Jesus, mas amanhã ouvindo as calumnias dos judeus que tratam o Messias de impostor, elle acreditará na calumnia, com a mesma facilidade com que acreditára nos milagres, e eis que, este mesmo povo, sempre a procura de seus interesses, começa a lançar gritos de morte contra o mesmo Jesus, que muitos haviam acclamado e queriam proclamar rei.

E' a pobre inconstancia humana, entregue a si, sem vistas de fé que lhe causem a firmeza em seus sentimentos.

Conta a historia de Cramer, que este ao fazer a sua entrada solemne em Londres, disse a quem lhe fazia observar a affluencia do povo que, de todas as partes corria, com enthusiasmo e em ovações estrepitosas, para o contemplar :

«Outro tanto aconteceria, si me vissem conduzido ao cadafalso!»

### III. Conclusão

Infeliz do homem que mendiga os applausos do mundo.

Infeliz de quem se dobra aos inconstantes caprichos publicos !

Porque envaidecer-nos com os elogios do mundo? E porque desconcertar-nos com as suas moças e vaías? Tratemos, antes de tudo, de grangear e merecer a amizade de Deus, mediante uma vida verdadeiramente christã, e digam os mundanos o que quizerem.

Si algum dia chegar para nós um *domingo de ramos*, lembremo-nos que em breve poderá amanhecer a «sexta-feira da paixão»

E si Deus permittir que atravessemos esta sexta-feira das dores, lembremo-nos que pouco depois raiará o «domingo da Ressurreição».

## EXEMPLOS

### 1. A rainha Santa Bathilde

Santo Elbi, vendo um dia a rainha Bathilde, esposa de Clovis II, adornada com exaggerado luxo, lhe fez uma reprehensão.

— Meu pae, respondeu a rainha, não é para agradar ao mundo ou merecer os seus applausos; parece-me que, como rainha, não estou demais enfeitada.

— Não, senhora, respondeu o santo, mas está demais enfeitada como christã.

Bathilde aproveitou a lição e tornou-se uma santa.

### 2. Godofredo de Bouillon

Na frente de 600.000 cruzados, este heroe entrou victoriosamente em Jerusalém, e foi aclamado rei da Cidade Santa.

Quando quizeram pôr-lhe na cabeça uma corôa de ouro: Ai de mim, disse elle, si levar uma

corôa de ouro, no logar onde o rei dos reis levou uma corôa de espinhos!

Quantas pessoas pensam mais nas honras humanas do que na gloria de Deus, procurando os applausos do mundo e esquecendo-se da approvação de Deus.

### **3. A penitente Alexandra**

Era uma escrava christã dos primeiros seculos, de uma formosura perfeita, que excitava a admiração de todos.

Podia a joven Alexandra ambicionar as honras e as adulações do mundo, porém, comprehendeu o perigo que havia nestas honras para a sua virtude, fugiu e foi sepultar-se viva num sepulcro vazio, onde permaneceu durante dez annos, na mais rigorosa penitencia, até murcharem as flores da sua belleza.

Ella comprehendeu que não se póde servir ao mesmo tempo, a dois mestres, e que agradar ao mundo é desagradar a Deus.





# DOMINGO DA PASCHOA

EVANGELHIO (Marcos XVI, 1—7)

1. *Naquelle tempo, Maria Magdalena e Maria, mãe de Thiago, e Muria Salomé, compraram aromas para embalsamarem o corpo de Jesus.*

2. *E no primeiro dia da semana, partindo muito cedo, chegaram ao sepulcro ao nascer do sol.*

3. *E diziam entre si: Quem nos tirará a pedra da bocca do sepulcro?*

4. *Mas, quando olharam, acharam revolvida a pedra, que era muito grande.*

5. *E, entrando no sepulcro, viram um joven sentado ao lado direito, vestido de uma tunica branca; e tiveram medo.*

6. *Este, porém, lhes disse: Não temaes; procuraes a Jesus de Nazareth, que foi crucificado; resuscitou; não está aqui, eis o logar onde o haviam posto.*

7. *Mas ide, annunciae aos seus discipulos e a Pedro, que elle irá adeante de vós para a Galiléa; lá o vereis, assim como elle mesmo vos disse.*

COMMENTARIO MORAL

## A coragem christã

O Evangelho da resurreição, além do grande ensino dogmatico da nossa propria resurrei-

ção, nos cita um exemplo que merece ser meditado: é a coragem, a dedicação, a ausencia de todo respeito humano, na pessoa das santas mulheres, de que fala o Evangelho.

Ha ahí uma coragem não sómente admiravel, mas até *imitavel*.

O respeito humano avilta, escraviza a dignidade humana, enquanto a convicção e a coragem de a manifestar, eleva e enobrece o homem.

Meditemos um instante este assumpto pratico do respeito humano, examinando:

1. O **comportamento** das santas mulheres.
2. A **culpabilidade** do respeito humano.

## **I. Comportamento das santas mulheres**

Vejamos como agem estas santas mulheres, de que fala o Evangelho. Ellas fazem tudo para Jesus, sem se preocuparem do que os outros dirão.

Jesus era um condemnado á morte, zombavam dello, insultavam-no, maltratavam no, levavam-no ao supplicio; e apesar disso estas mulheres não receiam dar demonstrações publicas de veneração e amor a este condemnado á morte.

Ellas seguem a Jesus no caminho do Calvario, e depois de elle ter morrido crucificado num patibulo e mesmo depois de ter sido sepultado, ellas continuam as suas demonstrações de affecto: querem embalsamar-o.

E não pretendem fazel-o occultamente, mas, sim, em publico, procurando até um homem que possa remover a pedra do sepulcro.

Estas mulheres estão acima de todo *respeito humano*.

Cousa curiosa! Prêga-se continuamente o

respeito : respeito a Deus, respeito aos paes, respeito aos superiores, respeito aos sacerdotes. . . e eis um *respeito* que não se préga, nem se recommenda, mas que é observado escrupulosamente pela maioria dos homens : é o *respeito humano*.

Oh ! sem duvida, devemos respeitar os homens ; mas acima de tudo devemos respeitar a Deus.

Geralmente estes dois *respeitos* combinam entre si ; entretanto, pôde acontecer que, respeitando exaggeradamente os homens, chegue-se a desrespeitar a Deus.

Por exemplo, ha gente que ridiculariza aquelles que vão á Missa aos domingos, que se confessam, commungam, etc. O catholico, por respeito a taes homens não pôde deixar de cumprir o seu dever religioso ; elle deve respeitar a Deus acima de tudo e nunca deixar o dever por respeito humano que, nestes casos, é uma verdadeira covardia.

## II. A culpabilidade

O respeito humano é sempre uma falta, e pôde tornar se uma falta grave si nos impedir de cumprir um dever grave, como seria : deixando de assistir á Missa, nos domingos.

O respeito humano é, deste modo :

- a) um covardia,
- b) uma deploravel cegueira.

Somos catholicos : temos a convicção de pertencer á unica religião verdadeira ; sabemos que Deus tem o direito de nos impôr leis, que temos a obrigação de obedecer-lhe e, apesar disso, deixamos de cumprir o dever, com medo de que outros nos ridicularizem, ou simplesmente nos julguem conforme as suas opiniões erroneas.

Que dirieis si um de vossos creados, vos tratasse deste modo deante de estranhos?

Que dirieis de um filho que se envergonha de seus paes?

Um rico póde envergonhar-se da sua origem pobre; um filho, dos crimes de seus paes; mas como um catholico poderá envergonhar-se de Jesus Christo: seu Pae e seu Mestre?

Facto curioso: o creado de um rico ufana-se de seu officio— o soldado ufana-se da sua farda; e nós catholicos teriamos pejo de nosso Deus, da sua lei e de seu serviço?

Jesus Christo não se envergonhou de nascer num estabulo, de ser um pobre operario, de ganhar a vida no suor da sua frente, de ser tratado como um malfetor, e de morrer como um criminoso, pregado num patibulo; e teriamos pejo de amar e de servir a este Deus, tão bom e tão generoso para comnosco?...

Não póde ser: seria uma deploravel cegueira.

Todos respeitam um homem de character.

Ora, ter character é ter principios e a coragem de segui-los; a contradicção entre estes dois pontos, constitue a covardia.

Um dia o general de Lamoriciere foi convidado para uma entrevista com o Presidente da Republica franceza, um atheu; a entrevista devia realizar-se ás 7 horas.

O heroico soldado respondeu logo: Ás 7 horas, é impossivel, é hora de assistir á Missa, mas irei ás 8 horas.

### III. Conclusão

Sejamos homens, obedecendo, antes de tudo a Deus, pois é a primeira autoridade.

Deus condemna a covardia do respeito hu-



mano, dizendo que si alguém se envergonhar d'Elle perante os homens, Elle se envergonhará desta pessoa perante o seu Pae.

Reconheçamos pois os direitos de Deus, e nada seja capaz de afastar-nos do cumprimento de nossos deveres.

“Ser bom, ser honesto, ser cumpridor de seu dever é sempre uma honra; enquanto o sarcasmo, a zombaria, não passam de vícios: e nunca o vicio póde dominar a virtude.

Sejamos bons filhos para com Deus, para que Elle seja bom pae para conosco.

## EXEMPLOS

### 1. Um enterro

No decurso de um Jubileu, um grande grupo de catholicos juntavam-se diariamente para fazer processionalmente as visitas ás egrejas, no intuito de ganhar as indulgencias. Iam, cabeça descoberta, recitando o terço.

Um viajante surpreso desta pratica, perguntou a um homem da procissão, qual a razão deste ajuntamento.

— E um cortejo funebre, respondeu-lhe este.

— Como? funebre? mas não ha defuncto!

— Ha, respondeu o homem, e o senhor conhece perfeitamente o defuncto.

— Onde? Não vejo nada!

— O defuncto está ali... é o respeito humano.

### 2. Um apologo

Satan, tendo um dia convocado o seu Conselho supremo, os ministros do inferno, prestes a occuparem o seu logar, discutiam sobre o logar de precedencia entre elles.

— O mais digno se colloca á minha direita, bradou Satanaz.

A *lúxuria* defendeu os seus direitos;

A *mentira* citou os seus titulos;

O *orgulho* exaltou os seus meritos.

Satanaz escutou, indeciso.

O *respeito humano* fez ouvir uma chacota.

— Pae Satanaz, disse elle, ninguem é mais digno do que eu. O mal que estes fazem é pouca cousa em comparação do que eu faço.

A gente se corrige dos males que elles suscitam, mas ninguem se liberta de mim.

Elles perdem os individuos; eu perco as nações inteiras.

Elles estimulam ao vicio; eu desanimo a propria virtude.

Para mim o entusiasmo expira... a justiça desfallece... a verdade tem medo... o dever se envergonha...

— Vem cá, respeito humano, exclamou Satanaz, senta-te á minha direita!

### 3. Garcia Moreno

Um dia, em plena Cathedral de Quito, um prégador pediu que uns homens de boa vontade carregassem uma cruz que iam collocar na entrada da cidade.

O Presidente Garcia Moreno desceu immediatamente da sua tribuna, seguido de seus ministros e reclamou para si a honra de carregar a cruz. Recebeu-a e carregou-a atravez das ruas da cidade.

A procissão foi solemne, e ninguem teve a ousadia de criticar o Chefe do Estado; todos ao contrario, o admiraram.



# 1º DOM. DEPOIS da PASCHOA

EVANGELHO (Jo. XX. 19—31)

---

---

19. *Naquelle tempo, pela tarde do primeiro dia da semana, estando fechadas as portas do lugar onde os discipulos se achavam reunidos por medo dos judeus, veio Jesus, appareceu no meio delles, e lhes disse : A paz seja comvosco !*

20. *Dito isto, mostrou-lhes as mãos e o lado. E os discipulos tiveram grande alegria ao ver o Senhor.*

21. *E disse-lhes pela segunda vez : A paz seja comvosco ! assim como meu Pae me enviou, assim eu vos envio.*

22. *A estas palavras, soprou sobre elles, dizendo : Recebei o Espirito Santo :*

23. *A quem vós perdoardes os peccados, ser-lhes-ão perdoados ; e a quem vós os retiverdes, ser-lhes-ão retidos.*

24. *Ora, Thomé, um dos doze, chamado Dydimó, não estava com elles quando veio Jesus.*

25. *Disseram-lhe pois os outros discipulos : Nós vimos o Senhor. Elle, porém, respondeu : Si eu não vir o signal dos cravos, e não metter o dedo no lugar dos cravos, e não lhe introduzir a mão no lado não acreditarei.*

26. *Oito dias depois achavam-se os discipulos outra vez dentro, e Thomé com elles. E entrou Jesus, estando fechadas as portas, e collo-*

*cando-se no meio delles disse : A paz seja com-vosco !*

27. *Depois disse a Thomé : Introduze teu dedo aqui, e vê as minhas mãos ; vem com tua mão, e mette a no meu lado ; e não sejas descrente, mas crente.*

28. *Exclamou Thomé : Meu Senhor e meu Deus !*

29. *Disse-lhe Jesus : Tu creste, Thomé, porque viste ; bemaventurados os que não viram e creram.*

30. *Muitos outros milagres ainda fez Jesus em presença dos seus discipulos, que não estão escriptos neste livro.*

31. *Estes, porém, foram escriptos, afim de que vós creiaes que Jesus Christo é o Filho de Deus e para que, crendo, tenhaes a vida eterna em seu nome.*

---

## COMMENTARIO MORAL

### A incredulidade

Thomé, ao ouvir a noticia da resurreição e da apparição aos Apostolos, exclamou com incredulidade : *Si eu não vir o signal dos cravos, e não metter o dedo no logar dos cravos, e não lhe introduzir a mão no lado, não acreditarei.*

Thomé era incredulo. Era elle gravemente culpado do peccado de incredulidade ?

E' o que não se póde dizer com certeza, pois Thomé não diz que não acredita, nem quer acreditar, mas quer provas antes de acreditar.

Os Apostolos eram um tanto incredulos, ou melhor, como diz o Evangelho, elles não comprehendiam; dahi a tardança em acreditar. Jesus Christo o permittiu para robustecer a nossa fé, dando occasião a Elle mesmo de dar provas irrefutaveis das verdades que annunciava.

A *incredulidade* e o *respeito humano* são 2 peccados contrarios á virtude theolocial da fé.

A incredulidade é mais um peccado interior, e o respeito humano um peccado exterior contra a fé.

Aproveitemos o exemplo de Thomé, para examinar hoje:

1. A **natureza** da incredulidade.
2. Os diversos **aspectos** deste peccado.

## I. Natureza da incredulidade

Duvidar da palavra de um homem hourado, é uma especie de injuria feita a este homem. Entretanto, por sincero que seja um homem, elle póde enganar-se, e como consequencia póde, mesmo involuntariamente, enganar aos outros.

Si tivessesmos a certeza que este homem é absolutamente incapaz de ser enganado e de enganar-nos, sendo deste modo infallivel, seriamos bem culpados em não acreditar nas suas palavras, ou em duvidar daquillo que elle nos diz.

Ora, o que não é dado aos homens. como taes, Deus o possui por essencia. Por natureza Deus não póde nem enganar-se nem enganar aos homens.

Elle é a santidade, a veracidade personificadas.

Enganar-se é signal de ignorancia, e Deus é omisciente.

Enganar aos outros é signal de maldade; e Deus é a santidade infinita.

Quando Elle fala, deve, pois, ser acreditado; e aquelle que duvida da palavra de Deus, pelo facto, duvida da sua omnisciencia e da sua santidade, e trata Deus como um ignorante e maldoso.

E' pois uma injuria, é um insulto atirado á face de Deus.

É o peccado da incredulidade.

E' triste dizer que ha homens que duvidam da palavra de Deus, quando estes mesmos homens acreditam na palavra de outros homens.

A Igreja transmitta ao mundo os ensinamentos divinos, depois de ter provado a legitimidade e a autoridade de sua missão, e entretanto ha homens que recusam aceitar estes ensinamentos.

E' um peccado gravissimo, por ser logicamente a negação da *veracidade* de Deus, attribuindo a Deus ignorancia e maldade.

## II. Aspectos da incredulidade

Este peccado pôde ser commettido de diversos modos. Pôde *extender-se* a um maior ou menor numero de verdades reveladas, como pôde variar em *intensidade*, tratando-se de uma simples **duvida**, ou de uma **negação** formal.

A duvida é menos imperiosa do que a negação, embora tal duvida voluntaria seja sempre peccado, porque se trata da palavra divina.

Seria uma injuria dizer a Deus: «Podeis enganar-me», mas seria uma injuria maior dizer: «Vós me enganastes».

Convém notar entretanto, para afastar toda perturbação de espirito, que as duvidas que atravessam a nossa imaginação ou nosso espirito não

constituem um *peccado*, emquanto não alcançam a adhesão da nossa vontade.

O peccado não está no **sentir**, mas no **con-sentir**.

O *sentir* póde ser a occasião do peccado, por isso deve ser rejeitado, para não se expôr ao perigo.

As tentações contra a fé são *occasiões*, são duvidas involuntarias que o demonio suscita no espirito para impressionar a imaginação e tentar o assalto da nossa vontade.

Quanto á extensão da incredulidade, pódem-se distinguir os *herejes* e os incredulos propriamente ditos, que são muitas vezes *impios*.

Os herejes escolhem umas verdades que se adaptam aos seus gostos e rejeitam o que não lhes agrada. Estes acreditam pois, em certas verdades, não por serem reveladas por Deus, mas por serem de seus gostos. Antepõem a sua vontade á vontade de Deus; a sua intelligencia á omnisciencia divina. E' um crime: o crime da heresia.

Nesta categoria entram os protestantes, espiritas, maçons, ezotericos, theosophistas, etc.

Outros ha que não escolhem: rejeitam tudo, querendo viver como animaes, não querem ter religião como não a têm os animaes... são chamados «sem Deus» ou communistas, atheus, livres-pensadores, que são sobretudo livres-fazedores.

Entre estes ha uma categoria duplamente culpada, são os que, depois de terem tido religião, venderam a sua alma por interesse ou por vicio; os componentes de tal categoria se chamam apostatas. Estes são trahidores... são da raça de Judas.

name



### III. Conclusão

É a fé um dom de Deus, e como tal deve ser apreciada e cuidadosamente conservada.

Devemos pois fazer tudo, para não perdemos este dom precioso, mas augmental-o cada dia.

Para isso se impõem os seguintes deveres:

1. Agradecer a Deus por nos ter concedido este dom.

2. Não ler livros ou jornaes que atacam ou deturpam a nossa fé, como fazem sobretudo os livros protestantes.

3. Robustecer esta fé pelo estudo e pela leitura de livros religiosos, como pela assistencia á prégação da doutrina.

4. Manifestar a nossa fé pela pratica das boas obras e pela confissão publica desta fé, não temendo mostrar deante dos homens as nossas convicções religiosas.

### EXEMPLOS

#### 1. Resposta de um africano

Contam que um destacamento depois de ter vencido os indigenas africanos, pouco ligava a pratica da religião, o que lhe mereceu, um dia, uma bella resposta da parte de um chefe negro:

— Soldados, vós sois valentes soldados, sabeis conquistar a terra, mas não rezaes e não conquistareis o céu!

#### 2. Pretensos incredulos

Os proprios impios não acreditam em sua incredulidade.

Um impio do seculo passado, Volney, nave-

gava do Havre para New-York, escandalizando os passageiros pelas impiedades que contava.

Eis que de repente, o tempo muda; as ondas se levantam, e um naufrágio ameaça a leve embarcação.

Que faz Volney?

Refugia-se ao fundo do navio; e tremendo de medo, pede a um religioso que encontrou, de emprestar-lhe o seu rosario, que começa a recitar em alta voz.

Tendo-se dissipado o perigo, os soldados procuraram Volney e zombaram da sua incredulidade.

Este lhes respondeu: — Olhem lá, amigos, a gente pôde ser incredulo, no sofá de seu quarto, porém a incredulidade não serve quando o trovão ribomba.

### 3. Frederico II da França

Era philosopho atheu, dizendo que não acreditava em nada, porém, comparando a sorte de seus subditos crentes, á sua propria sorte elle chorava um dia, vendo os catholicos sahirem da sua egreja.

— Como são felizes aquelles, elles crêem!

Voltaire, que era o seu mestre de incredulidade, lhe escreveu na velhice: «O que é certo é que a gente sem fé passa horas bem amargas na vida... eu, com os meus 80 annos navego num mar de duvida e de desespero».



---

---

## 2º DOM. DEPOIS da PASCHOA

EVANGELHO (João, X. 11—16)

---

---

11. *Naquelle tempo, disse Jesus aos phariseus : Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a propria vida pelas suas ovelhas.*

12. *O mercenario, porém, e o que não é pastor e a quem não pertencem as ovelhas, vê chegar o lobo e foge ; e o lobo rouba e dispersa as ovelhas.*

13. *Ora, o mercenario foge, porque é mercenario e não lhe importam as ovelhas.*

14. *Mas eu sou o bom pastor ; conheço as minhas ovelhas, e minhas ovelhas me conhecem.*

15. *Assim como meu Pae me conhece, e como eu conheço a meu Pae ; dou a vida pelas minhas ovelhas.*

16. *Tenho ainda outras ovelhas que não são deste aprisco ; é necessario que as conduza tambem ; e escutarão a minha voz, e haverá um só aprisco e um só pastor.*

---

COMMENTARIO MORAL

### Os deveres de estado

Jesus Christo condemna o comportamento dos pastores mercenarios, que fogem ao verem

chegar o lobo, sob pretexto de não serem os donos do rebanho, mas simplesmente mercenários, e como taes não têm a obrigação de exporem as suas vidas ao perigo.

São tristes mercenários que cuidam apenas em ganhar o dinheiro de cada dia, sem tomarem interesse pelos negocios do dono do rebanho.

Felizmente ha tambem bons mercenários que zelam pelos bens do amo, como si fôsem delles proprios. Tal zelo é um dever, a que se chama : *dever de estado*.

Vamos examinar hoje, com cuidado, duas cousas importantes a este respeito.

1º. **Existencia** dos deveres de estado.

2º. Varios **deveres** de estado.

## **I. A existencia dos deveres de estado**

É certo que cada homem, ao lado dos deveres que tem para com Deus e para com os homens, tem deveres de estado pessoaes, derivados da posição que occupa na sociedade.

Tal posição é particular a cada um, é pessoal, pertence a seu *estado*.

De facto, nós vivemos em sociedade; e uma sociedade é uma especie de grande machina organizada, da qual cada homem constitue uma peça ou uma rodagem.

Ora, numa machina a funcção de uma roda é distincta de outra roda.

Num relógio, por exemplo: ha a mola, ha o receptor da força da mola, ha o regulador, a pendula, os ponteiros, etc.

Que se diria de um relógio, no qual a mola servisse de ponteiro, o ponteiro de regulador e o regulador de roda?

Daria para rir uma tal balburdia, porque o

papel de cada uma destas peças é proprio e não pôde ser substituído por outro.

O ponteiro não serve de mola, nem a mola, de ponteiro; a pendula não serve de roda, nem o regulador, de pendula; cada uma destas peças é necessaria em seu logar; fóra deste logar não serve mais para nada.

Este logar proprio, este officio proprio, é o que se chama para os homens: *dever de estado*.

O logar que nós occupamos na sociedade, o orgam que somos, tem uma funcção propria, que nos é imposta pela vontade de Deus, interpretada pelas circumstancias, ou pelas ordens de quem nos dirige.

Sendo seres intelligentes e livres, cumprimos esta funcção, não mechanicamente como a peça de um relógio, mas por um effeito da nossa vontade, submissa á lei: o nosso papel torna-se um *dever*, e a nossa funcção uma obrigação.

E' o dever de **estado**, do qual havemos de prestar contas a Deus, tão bem, como de outros nossos deveres.

E' o que se resume na formula simples e clara: O dever de estado é um **dever**.

## II. Varios deveres de estado

Os deveres de estado, como acabamos de ver, são sobretudo deveres **sociaes**; e estes podem reduzir-se a três categorias.

O homem pertence, ao mesmo tempo, a três sociedades differentes.

Nossos deveres resultam da *posição* que occupamos em cada uma destas sociedades: a sociedade **domestica**, a sociedade **civil** e a sociedade **religiosa**.

Na sociedade *domestica*, uns são os deveres

dos esposos, outros do pae de familia, outros da mãe, outros dos filhos.

São differentes os deveres de uma dona de casa, e de uma empregada.

Sobre cada um destes officios, o catecismo traz indicações precisas.

A empregada deve obedecer aos senhores da casa; e estes devem tratar os inferiores com justiça e caridade.

Em toda parte os deveres de estado exigem entre superiores e inferiores: bondade e caridade da parte de cima, fidelidade da parte de baixo; justiça de ambos os lados.

Na sociedade *civil*, uns são os deveres dos chefes que mandam evitando a anarchia e a tyrannia, e outros os deveres dos cidadãos que devem obedecer, e exercer tambem a sua soberania intermittente pelo **voto**: este voto é um direito, mas é tambem um *dever*.

Na sociedade *religiosa*, emfim, uns são os deveres dos vigarios e curas de almas, outros os deveres dos fieis, que lhes devem obediencia, o respeito, o auxilio.

O Evangelho de hoje menciona entre os deveres dos pastores de almas, o dever de conhecê-las, e de dar até, si necessario fôr, a sua vida para salvá-las.

### III. Conclusão

Os deveres de estado são muitas vezes menosprezados.

Nós obedecemos ainda facilmente a uma lei positiva imposta por uma autoridade superior, mas nos esquecemos facilmente das leis, tambem positivas, impostas pelo nosso estado.

Estas segundas leis são tão sagradas como

as primeiras ; e a violação destes deveres de estado, introduzem em cada uma das três sociedades, um mal estar, uma desharmonia, um desastre, que é a causa radical das perturbações das famílias, da sociedade e da propria Igreja.

Façamos sobre este assumpto um serio exame de consciencia, e encontraremos cousas que nem siquer suspeitavamos antes.

Talvez acharemos verdadeiras desordens que nos inspirarão uma resolução efficaz e necessaria.

## EXEMPLOS

### 1. Santidade de um operario

Dois solitarios pediam com fervor a Deus que lhes fizesse conhecer o meio de servir-o o mais perfeitamente possível.

Um dia ouviram uma voz do céu que lhes disse que fôssem para Alexandria, procurar um homem chamado Eucharisto, que lhes indicaria o que pediam.

Os dois monges puzeram-se a caminho, chegando na cidade indicada, ali perguntaram pelo tal Eucharisto.

Ninguem soube dar-lhes informações.

Passando em frente de uma pequena choupana, onde trabalhava uma pobre mulher, perguntaram-lhe si não conhecia um tal Eucharisto.

— Conheço-o, respondeu a mulher, é o meu marido... entrem; elle não está em casa, mas deve voltar em breve.

Ao cair da noite Eucharisto voltou, conduzindo o seu pequeno rebanho de carneiros.

Os monges abraçaram-no, pedindo-lhe que lhes communicasse o seu modo de servir a Deus.

— Como sirvo a Deus? respondeu o pastor; eu sou apenas um pobre operario; cabe a vós, meus irmãos, ensinar-me como devo servir a Deus! Quanto a mim, não faço nada de extraordinario, mas procuro cumprir todos os meus deveres de estado, por amor a Nosso Senhor. Procuro ser bom esposo, pois sou casado, bom cidadão, bom christão, bom operario. Procuro fazer tudo bem, acceitando das mãos de Deus as contrariedades, os soffrimentos como as alegrias, offereço tudo a elle, faço tudo por amor delle... nada mais.

Os solitarios comprehenderam, e abraçando o humilde Eucharisto, voltaram para o seu deserto, convencidos de que toda a santidade consiste em fazer bem o que se deve fazer.

## 2. Contando os passos

Um religioso de um convento sito no alto de uma montanha, havia recebido como officio, ir buscar diariamente agua numa fonte do valle, ao pé da montanha.

Já curvado sob o peso dos annos, o religioso havia cumprido fielmente a sua missão, porém, sentindo a tadiga apoderar-se delle, queixou-se um dia a Deus, durante a longa caminhada, que parecia perder o seu tempo num labor tão banal.

Logo ouviu atraz de si uma voz que contava: um, dois, três, quatro, etc.

Virou a cabeça e viu um anjo, que sorridente lhe disse: «Conto os teus passos, pois sendo cada um feito no cumprimento de um dever, nenhum ficará sem recompensa».

Não é o que fazemos que agrada a Deus, mas o modo com que o fazemos.



### 3. São Luiz de Gonzaga

Lê-se na vida do santo que um dia havia entre um grupo de estudantes no meio dos brincueiros, uma discussão para saber o que fariam si soubessem que depois de uma hora haviam de morrer.

Um disse: Ah, si soubesse que havia de morrer, iria logo fazer uma confissão geral para estar bem com Deus.

— Eu, retorquiu outro, eu iria deante do Smo. Sacramento implorar a misericordia de Jesus.

— Eu iria recommendar-me a Maria Santissima, opinou um terceiro.

— Eu, completou um quarto, ia logo pedir os ultimos Sacramentos.

— E tu, Luiz, perguntou um delles ao santo, que farias tu?

— Eu, respondeu o angelico joven, eu continuaria a brincar até ao fim.

— Como é isso? exclamaram todos.

— Sim, respondeu São Luiz, pois que melhor preparação para a morte póde haver do que fazer a vontade de Deus e cumprir os seus deveres de estado, até á ultima hora?

Todos acharam a resposta exacta e ficaram profundamente edificados pelos sentimentos sobrenaturaes de seu santo companheiro.



---

---



---

---

### 3º DOM. DEPOIS da PASCHOA

EVANGELHO (João, XVI, 16—22)

---

---

16. *Naquelle tempo disse Jesus aos seus discipulos : Ainda um pouco de tempo, e não me vereis mais ; e mais um pouco, e tornareis a ver-me ; porque eu volto para junto de meu Pae.*

17. *Disseram então alguns dos seus discipulos uns para os outros : Que quer isso dizer : Ainda um pouco de tempo e não me vereis mais ; e mais um pouco, e tornareis a ver-me, porque eu volto para junto de meu Pae ?*

18. *Diziam pois : Que significam estas palavras : Ainda um pouco de tempo ? Não sabemos o que elle quer dizer.*

19. *Ora, sabendo Jesus que o queriam interrogar, disse-lhes : Vós perguntaes uns aos outros o que eu quiz dizer com estas palavras : Ainda um pouco de tempo, e não me vereis mais e mais um pouco, e tornareis a ver-me.*

20. *Em verdade, em verdade vos digo que vós haveis de chorar e de gemer, e o mundo estará alegre ; haveis de estar tristes, mas a vossa tristeza se converterá em alegria.*

21. *Quando a mulher dá a luz, está em afflicção, porque é chegada a sua hora ; mas, depois de haver dado á luz um filho, já não se lembra das angustias, pela alegria que sente de ter nascido ao mundo um homem.*

22. *Assim tambem vós estaes tristes agora ; mas eu vos tornarei a ver, e o vosso coração se ha de alegrar, e ninguém vos roubará a vossa alegria.*

---

## COMMENTARIO MORAL

### Juramento e voto

*Em verdade, em verdade vos digo*, diz muitas vezes Jesus Christo, expondo os seus ensinamentos divinos. Tal formula é um verdadeiro juramento, e pôde-se traduzil-o, dizendo: *Eu juro que o que eu digo é a verdade.*

Meditemos um instante a parte moral destes termos, que se referem á veracidade de Deus e á gloria de seu santo nome. Tal juramento é duplo:

1. O **juramento** que se refere aos homens,
2. O **voto** que se refere a Deus.

#### I. O juramento

O juramento é uma affirmação ou uma promessa, confirmada pelo testemunho do proprio Deus.

Jurar é dizer de modo equivalente: Si Deus, que é a propria verdade, falasse neste momento, Elle affirmaria o que eu affirmo. Deus é fiel ás suas promessas: Elle attestaria, si falasse em meu logar, que estou resolvido a cumprir o compromisso que tomo neste momento.

Si Deus nos falasse, acreditaríamos em sua palavra; fazendo um juramento, o nosso interlocutor nos convida a acreditar tambem nelle.

Desta noção, vê-se que o juramento, de sua

natureza, é um acto de respeito e de homenagem ao santo nome de Deus.

Invoca-se a Deus, de facto, para garantir o testemunho, fazendo e mandando fazer um acto de fé na *veracidade* divina.

Invocando deste modo o santo nome para confirmar o que dizemos, ha uma obrigação grave de dizer a verdade e de cumprir o que se promette. A mentira ou a infidelidade seria um ultraje ao santo nome de Deus, pois tomaria Deus em testemunho da mentira.

E' como si o mentiroso dissesse: Si Deus vos falasse Elle diria o que estou dizendo, isto é: mentira.

Pelo juramento falso, o mentiroso serve-se de Deus para apoiar a sua mentira, e si o pudesse fazer, tornaria Deus o cúmplice da sua mentira.

Deve-se dizer o mesmo de quem *promette uma cousa* por juramento, com intenção de não cumprir a sua promessa, ou como tambem quem se compromette a fazer um acto prohibido, ou quem, depois de ter promettido de boa fé, recusa cumprir a promessa feita com juramento.

Todos estes faltam de respeito ao santo nome de Deus, e ultrajam a Deus commettendo o grave peccado de **perjurio**.

Sendo o juramento um acto tão serio, nunca se deve recorrer a este acto para affirmar a verdade, fortalecer uma promessa, tratando-se de cousas pequenas, frivolas, que se pôde asseverar de outro modo, sem recorrer ao sagrado nome de Deus.

## II. O voto

O juramento pôde ser uma affirmação ou uma promessa. O voto é sempre uma **promes-**

**sa** de um bem possível e melhor do que o acto contrario.

O juramento é um compromisso para com os homens.

O voto é um *compromisso* para com Deus.

Notemos que o **voto** não é uma simples resolução, ou uma promessa passageira, mas é um **compromisso** que se refere ao futuro, e que impõe obrigações para o futuro.

Pelo voto, alienamos a nossa liberdade, contractando uma obrigação nova, ao ponto que a não execução do voto, nos torna culpados, e si a materia o comporta, somos gravemente culpados, porque o voto obriga sob pena de peccado, seja venial, seja mortal conforme a intenção de quem pronuncia o voto.

Nada nos obriga a fazer votos; porém, tudo nos obriga a executar o voto feito. Estes dois principios devem inspirar a nossa attitude.

Fazer voto é uma cousa santa, sagrada; pois é uma homenagem prestada a Deus; mas de outro lado, é preciso ser prudente em fazer votos, por causa das obrigações que acarretam.

Nunca se deve fazer um voto levianamente. É preciso antes examinar o compromisso que se assume, a honra que resultaria delle para o nome de Deus, e as difficuldades que se podem encontrar na sua execução, tratando-se de actos repetidos, durante muito tempo, e talvez para a vida inteira.

### III. Conclusão

O voto é a promessa de um bem *melhor*, e não simplesmente de fazer um acto moralmente bom; este acto deve ser melhor do que o acto opposto.

Por exemplo, de nada vale o voto de *casar*, porque o acto opposto que é: conservar a virgindade, é superior ao casamento.

Póde-se fazer o voto de guardar a castidade, de entrar na vida religiosa, de dedicar-se ás obras de caridade ou de misericórdia, de evitar tal vicio, de praticar tal virtude, etc., porque taes actos são superiores ao acto opposto.

O objecto do voto deve ser um bem *possivel*.

Não tem valor o voto de evitar toda imperfeição, mas sim, de evitar tal ou tal peccado, ou tal imperfeição.

Ninguém póde fazer voto em nome de outrem.

Um acto já ordenado pela lei de Deus ou da Igreja póde ser materia de voto. Assim quem fizer voto de jejuar durante a Quaresma, fica obrigado duplamente: pelo preceito e pelo voto, e merece uma dupla recompensa, a da fidelidade á lei e a da virtude de religião, praticada pelo voto.

## EXEMPLOS

### 1. Juramento de uma professora

No tempo da perseguição religiosa, o governo havia feito retirar os crucifixos das salas de Jury.

Foi convocada uma Professora, conhecida pela sua piedade sincera para fazer juramento de dizer a verdade no seu depoimento.

O Juiz disse-lhe que devia levantar a mão e affirmar que diria a verdade, toda a verdade, e só a verdade.

A Professora calma e compenetrada, retorquiu: «Jurar e levantar a mão, Sr. Juiz, deante de quem? deante do Sr.? Para taes cousas de

consciencia, o Sr. não tem autoridade... é igual a mim».

E tirando da bolsinha o seu terço com o crucifixo, a Professora levantou-o deante de todos e ajuntou:

— Eis, Sr. Juiz, Aquelle deante de quem se deve jurar; e é com a mão levantada deante d'elle, que juro de dizer a verdade, toda a verdade, só a verdade.

Deante desta altiva profissão de fé, a assistencia, enthusiasmada irrompeu em palmas e applausos.

## 2. O voto de São Luiz

São Luiz, Rei de França estava nos extremos; recobrando porém os sentidos, pediu o crucifixo e collocou-o sobre o seu peito, em signal do voto que fazia de tomar parte nas cruzadas, si readquirisse a saúde.

Foi curado, de facto, e continuou a trazer sobre si a cruz, esperando uma occasião favoravel de embarcar para a Palestina.

A Rainha Branca, a sua mãe e os Principes do reino lhe expuzeram que a França correria serios perigos da parte da Inglaterra, si elle se afastasse, e que o seu voto feito no meio de uma maestia grave, não era valido; e que podia pedir commutação.

A todos estes raciocinios o Rei respondeu: Ninguém pôde suppôr que hoje eu tenha a cabeça perturbada! pois bem: retomo a cruz e renovo o meu voto.

Todos se calaram, admirando a fidelidade em cumprir uma promessa feita a Deus.

### 3. O juramento do caboclo

Um velho caboclo, bom de coração, mas igno-  
rante, atravessava um braço do Amazonas numa  
canôa, em companhia de um seu netinho.

No meio do rio nma tempestade se levanta  
e ameaça a fragil embarcação.

Vendo o perigo serio, o velho prostrou-se de  
joelhos, e fez o juramento de offerecer a São  
José de Macapá, cidade fronteira, uma vela do  
tamanho do mastro da sua canôa (uns 5 metros  
de altura sobre 0m20 de grossura) si escapasse  
do perigo.

O netinho escutou, espantado do tamanho de  
uma tal vela, e não poude deixar de fazer a  
observação ao velho avô.

— Mas, vovô, onde o sr. encontrará dinheiro  
para comprar uma tal vela?

A resposta estava prompta:

— Cale a bocca, menino, o que eu quero é  
o milagre, depois nós veremos!

Tal juramento é um perjurio, pois julga obter  
de Deus a realização do pedido, resolvido a não  
cumprir a promessa.





---

---

## 4º DOM. DEPOIS da PASCHOA

EVANGELHO (Jo. XVI. 5—14)

---

---

5. *Naquelle tempo disse Jesus aos seus discipulos: Eu vou para Aquelle que me enviou, e nenhum de vós me pergunta: Para onde vaes?*

6. *E porque vos falei deste modo, a tristeza vos encheu o coração.*

7. *Comtudo, eu vos digo a verdade: é conveniente para vós que eu vá; porque, si não fôr, não virá a vós o Consolador; mas si eu fôr, vol-o enviarei.*

8. *E quando elle vier, arguirá o mundo do peccado, da justiça e do juizo.*

9. *Do peccado, porque não creram em mim.*

10. *Da justiça, porque vou para junto de meu Pae, e já não me vereis.*

11. *Do juizo, porque o principe deste mundo já está julgado.*

12. *Ainda tenho muitas cousas que dizer-vos: mas não o podeis supportar agora.*

13. *Quando, porém vier aquelle Espirito da verdade, ha de ensinar-vos toda a verdade; porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo que tiver ouvido, e vos annunciará as cousas que hão de vir.*

14. *Elle me glorificará, porque tomará do que é meu, e vol-o annunciará.*

## COMMENTARIO MORAL

## O peccado

Destaquemos do Evangelho de hoje, esta phrase significativa:

*Quando o Espirito Santo vier, elle arguirá o mundo do peccado, da justiça e do juizo.*

Meditemos a primeira parte desta arguição: a do peccado.

O peccado é o grande dominador deste mundo.

*Mundus totus in maligno positus est*, diz S. (João I. 19).

E' o grande, e o unico mal verdadeiro deste mundo. Para conhecermos bem este mal, causa de todas as miserias, examinemos:

1. **O que é** o peccado.
2. **As causas** do peccado.

**I. O que é o peccado**

O peccado é uma desobediencia á lei de Deus.

Para que haja peccado, duas condições são exigidas.

Haver *desobediencia*, e tal desobediencia ser *voluntaria*.

Para que haja desobediencia, deve haver preceito da parte de Deus, quer *directamente* pela lei naral, ou pela lei positiva, quer indirectamente, pelas leis humanas.

Tal desobediencia deve ser voluntaria, o que exige o conhecimento do mal e o poder de evital-o; em outros termos: advertencia e liberdade.

Quem não perceber a malicia de um acto, e

sómente o perceber depois, não é culpado; por exemplo: comer carne por esquecimento num dia de abstinencia.

Sómente o acto livre envolve responsabilidade, de modo que um acto é tanto mais culpado, quanto é feito com mais liberdade, e tanto menos culpado, quanto menos livre é o acto.

As especies de peccado grupam-se em 4 categorias.

1. Quanto ao **princípio**, que causou o peccado, este é: *original*; é o que herdamos de nossos primeiros paes; *actual*, é o que commetemos por nós mesmos.

2. Quanto á **maneira** de commetter o, o peccado actual é um acto *positivo*, como: pensamentos, desejos, palavras, obras; ou uma *omissão*, não cumprindo uma obra prescripta, como seria: não assistir á Missa no domingo.

3. Quanto á **natureza**; podendo dividir os peccados, como se classificam as virtudes e os mandamentos.

4. Quanto á **gravidade**, o peccado é *mortal*, quando priva a alma de toda a graça divina; e é *venial* quando diminue esta graça.

## II. Causas do peccado

A fonte do peccado é a *vontade livre* do homem. As causas são pois as influencias que levam uma pessoa a proceder mal, e que chamamos: motivos ou causas.

Taes causas são de duas especies: *intrinsecas* e *extrinsecas*, conforme vêm do interior ou do exterior.

As causas *intrinsecas*, são as paixões ou a concupiscencia.

Tal concupiscencia é proveniente do pecca-

do original, o qual destruiu o equilibrio normal entre as tendencias que levam para os gozos sensiveis, e as inclinações que impellem para os deleites espirituaes.

Esta concupiscencia, segundo o ensino de S. João é triplice :

a) concupiscencia *da carne*: intemperança e luxuria.

b) concupiscencia *dos olhos*: curiosidade, cubiça das riquezas.

c) o orgulho *da vida*; procura excessiva das honras.

As causas **extrinsecas** são :

a) o *mundo*, que é um agente de perversão, pelas suas maximas, seducções e costumes.

b) o *demonio* que nos persegue com um odio incansavel, aticando as nossas paixões, enchendo a nossa imaginação com pensamentos perversos, influenciando todos os nossos sentidos.

### III. Conclusão

Estes três inimigos: a carne, por dentro, o mundo e o demonio por fóra nos atacam continuamente, Estes ataques chamam-se **tentação**.

A tentação é uma sollicitação ao mal, provocada por estas causas.

Como conclusão vejamos como é que devemos resistir a estas sollicitações ou tentações.

Ha duas cousas essenciaes a distinguir na tentação: *sentir e consentir*.

**Sentir** a tentação é experimentar a suggestão ruim: pensamentos, imaginações seguidas de certa *deleitação*, oriunda desta suggestão. Até ahi não ha peccado, pois *sentir* não é peccado.

Vem depois a segunda phase: é quando a

vontade consente positivamente na suggestão e na deleitação más.

É o consentimento, e este é peccado.

Notem pois que a tentação não é peccado ; ao contrario é um meio de aperfeiçoar a nossa virtude, e augmentar nossos merecimentos.

Expôr-se ao perigo, sem motivo, é sempre imperfeição ; sendo o perigo maior, será um peccado venial ; e si fôsse um perigo proximo seria até um peccado mortal.

Saibamos evitar o perigo e recommendar-nos a Deus, e a victoria será certa.

## EXEMPLOS

### 1. São Luiz e Joinville

Um dia em que o rei S. Luiz estava conversando com o conde de Joinville, perguntou-lhe o que prefereria: ou ser leproso, ou ter cometido um peccado mortal.

Joinville respondeu com simplicidade e sem reflectir, que prefereria commetter trinta peccados do que ser leproso.

—Falas como um estouvado, retorquiu vivamente o rei ; não ha lepra que seja tão horriavel como o peccado mortal, pois a alma neste estado se parece com um demonio!

Quando o leproso morre, elle fica curado da lepra do corpo, mas quando morre o peccador, elle fica coberto da lepra espiritual que durará tanto quanto Deus fôr Deus ; isto é: sempre.

### 2. O que se vê num espelho

A Bemaventurada Villana de Florença havia se esquecido do fervor da sua infancia.

Perdia ella um tempo consideravel em pintar e enfeitar-se para agradar aos homens.

Um dia examinando-se num espelho ella se viu semelhante a um demonio.

Espantada com esta visão que lhe fez conhecer o estado da sua alma, ella deixou immediatamente seus adornos e correu para o convento dos Dcminicanos, derramando lagrimas abundantes e pedindo para se confessar.

Mirae-vos no espelho, ó mocidade leviana, achae-vos bellas... mas sabeí que si a vossa alma estiver em peccado mortal, ella é horrivel como um demonio.

### 3. Na escola de uma chineza

Uma joven mãe chineza, christã fervorosa, recentemente convertida do budhismo, levou um dia a sua filhinha deante de um pequeno oratorio; e ali deante da imagem de Jesus crucificado, lhe dizia com um accento de ternura e uma profunda convicção:

Oh! minha filhinha, Deus sabe quanto te amo; entretanto, si soubesse que um dia tu houveras de perder a innocencia de teu baptismo, eu pediria a N. S. retirar-te quanto antes deste mundo!

Sim, meu Deus repetia esta mulher forte, fitando o crucifixo, si tal desgraça houver de acontecer á minha filha, podeis retirá-la, ella é vossa: e longe de choral-a eu vos exaltarei e louvarei de ter-lhe feito a ella e a mim, um favor tão grande.

Oh! bellas almas!... corações cheios de Deus!...

---

---

## 5º DOM. DEPOIS da PASCHOA

EVANGELHO (João, XVI. 23—30)

---

---

23. *Naquelle tempo disse Jesus aos seus discipulos: É naquelle dia não me interrogareis sobre nada. Em verdade, em verdade vos digo: Si vós pedirdes a meu Pae alguma cousa em meu nome, Elle vol-a dará.*

24. *Até agora não pedistes nada em meu nome: Pedi e recebereis para que o vosso gozo seja completo.*

25. *Eu vos disse estas cousas em parabolos. Mas virá o tempo em que eu não vos falarei já por parabola, mas abertamente vos lalarei do Pae.*

26. *Nesse dia pedireis em meu nome: e não vos digo que hei de rogar ao Pae por vós:*

27. *Porque o mesmo Pae vos ama, porque vós me amastes e creste que sahi do Pae.*

28. *Eu sahi do Pae, e vim ao mundo: outra vez deixo o mundo, e vou para o Pae.*

29. *Disseram-lhe seus discipulos: Eis que agora falas claramente, e não usas de nenhuma parabola;*

30. *Agora conhecemos que tu sabes tudo, e que não é necessario que alguém te interrogue: por isso cremos que sahiste de Deus.*

## COMMENTARIO MORAL

## A oração Toda poderosa

O Evangelho que acabo de ler contém um ensinamento de summa importancia, que convém salientar bem.

A cada passo Nosso Senhor recommenda a oração: — *Oportet semper orare* (Luc. X.VIII. 1) Mas hoje, elle nos ensina uma condição essencial, para a nossa oração ser toda poderosa. Note-mos bem esta expressão: «Em verdade em verdade vos digo: Si pedirdes a meu Pae alguma cousa em meu nome Elle vol-a dará.»

E para accentuar mais esta condição **em meu nome**, Elle reprehende aos apóstolos, dizendo: «Até agora nada tendes pedido em meu nome.»

Vê se que N. S. faz questão que todo pedido seja feito «em seu nome.»

Vejamos:

1. Em que **consiste**: orar em nome de Jesus Christo.

2. Quaes são as **condições** exigidas.

### 1. Em nome de Jesus Christo

Orar em nome de Jesus Christo é apoiar-se sobre as suas «promessas» e seus «meritos.»

Promessas feitas por Elle; meritos adquiridos por Elle são pois a base necessaria de uma oração fecunda.

A Igreja, inspirada pelo Espirito Santo comprehende muito bem esta necessidade, por isso ella termina todas as suas orações por esta for-



mula: «Por Nosso Senhor Jesus Christo», isto é: em nome de Jesus Christo.

A efficacia da oração está garantida pelo proprio Jesus Christo, que chegou a jurar que a oração bem feita seria attendida.

«Em verdade, em verdade eu juro», diz Elle «amen, amen, dico vobis».

E' preciso notar entretanto que da parte daquelle que ora, é exigida a «confiança» e esta confiança está incluída na fórmula ensinada por Nosso Senhor.

«Por Jesus Christo Nosso Senhor».

E' como si dissessemos: Eu peço, não porque mereço ser attendido, mas sim apoiado sobre a promessa divina. E Jesus Christo, não podendo enganar-nos, tenho absoluta certeza de ser attendido.

Bastaria da promessa divina, mas temos ainda os meritos de Jesus Christo, meritos infinitos, como pagamento das graças que solicitamos.

Nós somos os mendigos de Deus; mas o proprio mendigo precisa de uma recommendação e esta recommendação são os meritos do proprio Jesus Christo.

Deus é justo, e como tal exige uma especie de compensação pelo que pedimos.

Somos peccadores; nada temos sinão os nossos peccados.

Ora, o peccado afasta a Deus em vez de atrahil-o. E' preciso pois qualquer recommendação que nos rehabilite a seus olhos, e nos dê um certo direito de nos approximarmos d'Elle.

Tal recommendação são os meritos infinitos do Salvador.

Pelos seus meritos, Elle é nosso *advogado* todopoderoso, como pela sua promessa é o nosso *intercessor* obrigado.

## II. Condições exigidas

E' o proprio Jesus Christo que nos ensinou como é que devemos orar.

A oração admiravel, completa, mas que não é bastante apreciada porque o seu conteúdo não é bastante comprehendido, é o *Padre Nosso*, ensinado pelo proprio Salvador.

E' a exposição clara e ordenada em sete pedidos, de todas as necessidades e todos os nossos deveres:

A introducção: *Padre [nosso que estaes no céu,* é um brado de confiança em Deus.

1) *Santificado seja o vosso nome.* O primeiro dever do homem é procurar a gloria de Deus.

2) *Venha a nós o vosso reino.* Este reino são os bens que Deus nos communica pela sua graça: a salvação e a santificação das almas. Reino de paz, de união, de felicidade.

3) *Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu.* A vontade de Deus é a fidelidade aos seus mandamentos, é a pratica da religião, é a fidelidade aos deveres de estado.

No céu, Deus é obedecido de modo absoluto pelos anjos e pelos santos; queremos que Elle o seja do mesmo modo na terra.

4) *O Pão nosso de cada dia, nos dae hoje.* O pão da nossa alma é a divina Eucharistia, na qual Jesus Christo nos dá o seu proprio corpo como pão espiritual. Este pão é tambem o pão material para o sustento do nosso corpo.

5) *Perdoae-nos as nossas dividas, assim como nós perdoamos os nossos devedores.* As nossas dividas para com Deus são os nossos peccapos e infidelidades á sua graça. **14**

Pedimos que Deus nos perdoe estas dividas, na medida que nós perdoamos aos que nos offenderam.

6) *E não nos deixeis cahir em tentação.* Um triplice inimigo nos persegue e nos tenta: o mundo, o demonio e a carne. Pedimos que Deus nos dê a victoria contra estes inimigos.

7) *Mas livrae-nos do mal. Amen.* O mal, o unico mal verdadeiro é offender a Deus e perder a nossa alma. Tal é a bella, a incomparavel oração dirigida a Deus em nome de Jesus Christo.

### III. Conclusão

Façamos do *Padre Nosso* e da *Ave Maria* que explicaremos em outra occasião a nossa grande prece.

Deste modo rezaremos *em nome* de J. Christo, e *pelas palavras* de Jesus Christo.

Orar deste modo é fazer Jesus Christo orar connosco, é fazer passar por Elle a nossa prece, é pômos, de certo modo, as nossas palavras sobre seus labios para pronuncial-as juntos.

E uma tal prece, desde que tende á gloria de Deus e ao bem das almas, será necessariamente attendida.

Rezemos, e rezemos sempre; pois a oração tem as promessas da vida eterna, tem a garantia dos merecimentos de Jesus Christo, e tem a força das proprias palavras divinas.

#### EXEMPLOS — 1. Orar é governar

O Cardial Ximenès respondeu um dia aos que o procuravam com urgencia para um negocio, emquanto estava rezando: Não fiquem impacientes, estava rezando ao pé do crucifixo, e rezar é ainda governar.

## 2. Exemplo de O'connell

O grande libertador da Irlanda fazia o seu retiro preparatorio á Communhão paschoal.

No meio deste exercicio vieram dizer-lhe: Si o Sr. faltar hoje na tribuna estarão perdidos os nossos vinte annos de luta. Os nossos adversarios ganharão a votação, que para sempre acabará com as nossas esperanças.

— Fiquem socegados, respondeu O'connell, rezando e confessando-me das faltas, advogo a nossa causa perante Deus; a emancipação irlandeza nada perderá com isso. Deixem o parlamento berrar as suas ameaças; de joelhos para confessar-me, eu sou mais poderoso do que em pé e os braços estendidos para combater. Fico com J. Christo para melhor ficar com a minha Patria!

## 3. O valor da Oração

Um pobre operario analphabeto conversando um dia com o Bemaventurado Jordano de Saxe, lhe disse: — Meu Pae, seria que a recitação do Padre Nosso pelos nossos labios de ignorantes, vale tanto como sobre os labios dos Padres, que comprehendem as bellezas destas palavras?

— Meu filho, respondeu o Santo, seria que um diamante não tem sempre o mesmo valor, estando nas mãos de um ignorante ou de um letrado?

## 4. A caixa de auxilios

Um operario impio disse um dia á sua piedosa mulher: Pergunto o que valem estas orações? para que serve isto?

— E' um tostão que colloco cada dia na caixa dos auxilios, para a outra vida... Talvez chegará o dia em que eu posso emprestar-te o meu uinheiro...

---

---



---

---

## 6º DOM. DEPOIS da PASCHOA

EVANGELHO (João, XV. 26—27; XVI. 1—4)

---

---

26. *Naquelle tempo, disse Jesus a seus discipulos: Quando vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pae, o Espirito da Verdade que procede do Pae — esse dará testemunho de mim.*

27. *E tambem vós dareis testemunho de mim, porque estaes commigo desde o principio.*

1. *Tenho vos dito estas cousas, para que não vos escandalizeis.*

2. *Expulsur-vos ão das synagogas; e virá a hora em que todo aquelle que vos matar julgará prestar um serviço a Deus.*

3. *Desta fórma vos hão de tratar, porque não conhecem nem a meu Pae nem a mim.*

4. *Ora, disse-vos estas cousas, para que, quando chegar essa hora, vos lembreis de que eu vos disse.*

### COMMENTARIO MORAL

## O respeito humano

Uma lição importantissima destaca-se do Evangelho de hoje.

Jesus Christo diz que o Espirito Santo dará

testemunho d'elle, e diz aos Apostolos que elles tambem devem *dar testemunho d'Elle*.

Dar testemunho de Jesus Christo é professar publicamente a sua doutrina, e pratical-a sem respeito humano.

O respeito humano é a negação deste testemunho da fé, por isso é o grande inimigo social da religião e da dignidade humana. Já falámos deste mal no dia da Paschoa, mas não será superfluo insistirmos ainda sobre este ponto, analysando hoje, em seus pormenores :

1. A **natureza** do respeito humano.

2. A **gravidade** desta covardia.

## I. Natureza do respeito humano

A palavra : respeito humano, devia ter a significação de : brio, dignidade, lealdade ; ao passo que significa : covardia, hypocrisia, falsidade.

Deve-se respeitar a Deus, respeitar aos paes, respeitar á Igreja, respeitar ás cousas santas, respeitar á autoridade, e até respeitar á humanidade...

Infelizmente este respeito á dignidade humana, torna-se aqui uma miseravel covardia... em vez de ser o respeito do bem, é o respeito do mal... e o mal não deve ser respeitado, mas sim, odiado.

É a inversão da ordem estabelecida por Deus.

Em primeiro logar e acima de tudo devemos respeitar a Deus, á sua palavra e á sua vontade.

Mas ha christãos que, para não desagradar aos homens, desagradam aberta e francamente a Deus.

Conhecendo a lei divina, deveriam cumpril-a ;

mas não o fazem por respeito humano... isto é, por medo dos maus.

Por exemplo: é domingo, Deus nos ordena de ir assistir á Santa Missa. Por respeito a Deus, devia-se obedecer... mas occorre a visita de um amigo, ha pessôas que os observam... são capazes de zombar delles... e eis o pobre homem preso pelo respeito humano, a faltar a um dever grave para com Deus.

E' triste... é falta de convicção, falta de caracter... é escravidão. Ufanam-se de serem homens livres, e são escravos da opinião publica.

## II. Gravidade do respeito humano

Para comprehender a gravidade deste peccado, basta dizer que é um peccado contra a fé; e os peccados contra a fé são os mais graves, porque são contrarios á veracidade de Deus.

Rejeitar no fundo do coração, uma verdade revelada por Deus, é uma falta grave; a falta, porém, não é menor quando, tendo a fé no coração, alguém introduz uma contradicção exterior entre a sua fé e seu proceder.

A falta de fé ataca a *veracidade* de Deus, a covardia de não cumprir os dictames desta fé, ataca a *santidade* de Deus.

Um homem deve envergonhar-se de fazer o mal; nunca de fazer o bem. A covardia é um vicio execravel; a sinceridade, o brio, são virtudes por todos estimadas.

Eis um homem que reza todas as noite em casa, vae á missa aos domingos, diz-se e proclama-se catholico; e eis que não se confessa, com medo de certos companheiros livres que o chamariam de carola, beato, espirito fraco.

Elle sente a necessidade de praticar a lei de

Deus integralmente, mas receia a zombaria dos maus; e por respeito a estes maus, elle se torna mau catholico.

Não é isto uma covardia degradante?

Cousa extranha; proclamamos a nossa liberdade, fazendo della uma especie de dogma particular, e não supportamos que alguém contrarie esta liberdade; e entretanto nos fazemos escravos da opinião publica.

Negamos a qualquer um o direito de prohibir-nos a entrada de um cinema, de um lar, de uma casa de divertimento, e reconhecemos ao primeiro, viado o direito de interdizer-nos a igreja e o uso dos sacramentos.

E' o cumulo!

### III. Conclusão

Lembremos-nos da sentença pronunciada por Jesus Christo, contra os escravos do respeito humano:

*Quem me negar deante dos homens, tambem eu o negarei deante de meu Pae que está nos céus (Math. X. 43.) e ainda: Quem se envergonhar de mim e das minhas palavras, tambem o Filho do homem se envergonhará d'elle, quando vier na gloria de seu Pae, com os santos e anjos. (Marcos VIII. 38)*

Em outras palavras: Deus nos tratará na outra vida, do mesmo modo que nós o tratamos neste mundo.

De quem se envergonhar d'elle... Elle se envergonhará.

A quem o renegar... Elle o renegará.

Uma tal ameaça é o bastante para fazer-nos comprehender a gravidade do respeito humano.

Demos pois, testemunho de Deus e da reli-



gião perante os homens, para que na hora da morte, Elle nos reconheça como seus filhos e nos dê a recompensa prometida.

## EXEMPLOS

### 1. O General Bedeau

O General Bedeau, em 1846, de volta de uma das suas gloriosas expedições na Africa, encontrou uns missionarios, em seu caminho.

Mandou ás suas tropas que fizessem alto, e em presença dos soldados, foi ter com o Sacerdote, pôz-se de joelhos a seus pés para fazer-lhe a confissão.

Tendo terminado, depois de ter feito um grande signal da Cruz, levantou-se e disse aos soldados: Meus amigos, aquelles que precisam fazer a confissão, aproveitem a occasião, saiam das fileiras e façam como eu.

Que boa licção para aquelles que receiam ser vistos quando querem fazer o bem!

### 2. Epitaphio de Luiz Veiullot

Luiz Veiullot, o escriptor mais notavel do seculo passado, depois de ter defendido a religião com o seu genio e o seu enthusiasmo, durante longos annos, quiz que se gravasse em cima de seu tumulo:

J'espère en Jesus sur la terre  
Je n'ai pas rougi de ma foi,  
Au dernier jour devant son Père,  
Il ne rougira pas de moi!

Espero em Jesus, na terra  
E não me envergonhei da minha fé:  
No ultimo dia perante seu Pae,  
Elle não se envergonhará de mim.

### 3. Constancio Chloro

Este Imperador pagão, pae do grande Constantino, tinha grande numero de christãos em seu palacio.

Tendo recebido ordens de perseguir os christãos, que esumava, quiz conhecer os que o eram de convicção, e os que o eram por interesse.

Um dia reuniu-os todos na sala de honra de seu palacio, e depois de lhes ter lido o decreto do Imperador romano, deu ordens que os christãos se puzessem á sua esquerda e os pagãos á sua direita, querendo castigar os primeiros, como o exigiam os editos imperiaes.

Os pagãos foram logo collocar-se em longa fila á direita do Imperador. Bom numero de christãos, sem hesitação, puzeram se á esquerda.

Outros ficaram vacillantes, e amedrontados pela expressão de rigor do Imperador apostataram covardemente, indo collocar-se no meio dos pagãos.

Chloro presenciou tudo sem nada dizer; mas de repente, dirigindo-se a estes últimos, disse-lhes com voz indignada:

— Retirem-se os apostatas; não os quero em meu serviço, pois quem renega hoje a Deus para agradar ao Imperador, renegará amanhã o Imperador para agradar a qualquer trahidor.

Quem é escravo do respeito humano. sel-o-á em toda parte.





# DOMINGO DE PENTECOSTES

EVANGELHO (João, XVI. 23—31)

---

---

23. *Naquelle tempo, disse Jesus aos seus discipulos: Si alguém me ama, guardará a minha palavra, e o meu Pae o amará, e viremos a elle, e faremos nelle a nossa habitação.*

24. *Aquelle que não me ama não guarda as minhas palavras. Ora, a palavra que tendes ouvido, não é minha, mas do Pae que me enviou.*

25. *Disse-vos tudo isso, enquanto estava comvosco.*

26. *Mas o Consolador, o Espirito Santo, que o Pae ha de enviar em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar tudo quanto eu vos tenho dito.*

27. *Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz; não vol-a dou assim como o mundo a dá. Não se pertube o vosso coração, nem se atemorize.*

28. *Ouvistes que eu vos disse: Vou e torno a vós. Si me amasseis, certamente folgarieis de que eu vá para junto do Pae, porque o Pae é maior do que eu.*

29. *E eu vol-o disse agora, antes que succeda, para que, quando succeder, o creais.*

30. *Já não falarei muito comvosco, porque vem o príncipe deste mundo, porém não tem poder algum sobre mim.*

31. *Mas isto acontece para que o mundo conheça que eu amo o Pae, e faço o que o Pae me ordenou.*

## COMMENTARIO MORAL

# Fidelidade á palavra de Deus

O Evangelho de hoje é um verdadeiro código de perfeição que devemos meditar com atenção e tomar como norma de nossa vida.

Nosso Senhor diz: *Si alguém me ama, guardará a minha palavra...*

Eis o que nós devemos fazer!

Eis agora o que Deus fará: *O meu Pae o amará e viremos a elle, e faremos nelle a nossa habitação.*

Meditemos estas duas cousas admiráveis:

1. **A fidelidade** á palavra de Deus.
2. **A habitação** de Deus na alma.

## I. Fidelidade á palavra de Deus

Esta fidelidade é a pedra de toque do verdadeiro amor de Deus. Não consiste em palavras, mas na fiel observancia dos mandamentos.

Amar é dar!

Illudem a si mesmos aquelles que se dizem catholicos, filhos de Deus, e não guardam integralmente os mandamentos da lei divina.

Este dever incluye uma dupla obrigação, como se pôde concluir da palavra de Nosso Senhor. Elle não diz: si alguém me ama, observará os mandamentos; Elle diz melhor e diz mais: *guardará a minha palavra.*

A palavra de Jesus Christo nos indica o que

devemos **crêr**, o que devemos **fazer** e o que devemos **evitar**. Temos, deste modo:

o *dogma*, catholico que devemos *crêr*;

a *moral*, que devemos *praticar*;

o *peccado* que devemos *evitar*.

O christão perfeito, integral, é aquelle cuja religião reúne estes três elementos.

*Crêr* na palavra de Deus escripta, que está contida no Evangelho; em sua palavra *explicada* que nos é communicada pela autoridade suprema e infallivel da Igreja.;

*Quem vos escuta, escuta a mim* (Luc. X. 16).

A moral nos é igualmente ensinada pela Sagrada Escriptura, explicada e applicada pelo ensino official da Igreja.

Quanto aos *peccados*, são desobediencias á lei de Deus, e os vicios capitaes: soberba, avareza, luxuria, ira, gula, inveja e preguiça.

Estes três elementos constituem a palavra de Deus, que devemos guardar.

Examinemos-nos a respeito, para ver si a nossa religião é integral, completa, pela reunião destes três elementos essenciaes.

## II. A habitação de Deus na alma

Sublime recompensa dada a esta fidelidade: *O Pae o amarâ, diz Jesus Christo, e viremos a elle e faremos nelle morada.*

Deus tem uma triplíce morada: o céu, o Tabernaculo e a alma.

Como Deus, Jesus Christo é o Rei Eterno do céu; como Homem-Deus, entrou no céu no dia da Ascensão, que acabámos de celebrar. Ali elle se manifesta aos eleitos e constitue a felicidade suprema daquelles que o contemplam, adoram

e amam. E' ali que esperamos encontrar-o um dia.

Subindo ao céu, no dia da Ascensão, Jesus Christo *não quiz deixar nos como orphãos* — *Non relinquam vos orphanos* (Jo. XIV. 18). *partiu...* mas ficou: instituindo a Sagrada Eucharistia.

Elle reside no Tabernaculo, onde nos espera, para communicar nos os fructos de sua paixão e morte.

Pensamos nós nisto ?

Visitamol-o algumas vezes ?

Recebemol-o, de vez em quanto ?

A terceira morada de Jesus é a *alma* do justo, a alma de quem está em estado de graça.

Deus está mysticamente presente na alma em graça, Elle habita nesta alma como num templo. — *Templum Dei estis*, diz o Apostolo (1. Cor. III. 16).

*Vossos membros são o templo do Espirito Santo* (1. Cor. VI. 19).

*Sois o templo do Deus vivo* (2. Cor. VI. 16).

Esta união admiravel não é bastante comprehendida. Lembremo nos que a graça é *uma participação á natureza divina* (2. Pet. I. 4) e, sendo a natureza o principio da acção de um ser, o homem por esta participação torna-se capaz de fazer actos divinos, que são: conhecer e amar á Deus como Elle é, agora na *sombra* da fé; mais tarde, na *gloria* do céu.

Jesus Christo vem em nós *pessoal* e substancialmente pela Sagrada Communhão. E' Elle mesmo, em corpo, alma e divindade, velado sob as especies ou apparencias da Hostia. E com Elle, recebemos a divindade inteira, pois a divindade sendo *uma só*, onde está uma das três Pessôas divinas, estão tambem as duas outras, de modo

que recebemos as três Pessôas da SS. Trindade em nossos corações!

Que graudeza! Que consolação!

### III. Conclusão

Como Deus é bom para os que o amam!

Guardando a sua palavra, pela fé e pelas obras, Deus habita em nós *mysticamente* pela sua graça, e vem a nós  *pessoalmente* pela Sagrada Communhão.

O homem entregue a si, é pequenino; o homem unido a Deus é sublime!

Procuremos nunca perder esta graça divina que nos diviniza; e para augmental-a, recebamos o mais vezes possível Jesus Christo na Sagrada Communhão, preparando-nos cuidadosamente, e agradecendo-lhe os beneficios de tão sublime dádiva.

Consideremos o nosso corpo como templo de Deus; devendo este templo ser reservado ao serviço de Deus, e não consintamos no que é indiguo a seu glorioso destino.

### EXEMPLOS

#### 1. Moinho sem agua

O Bemaventurado Notker é o autor do admiravel *Victimae paschali*, que a Igreja canta na occasião da Paschoa.

Uma noite, ia passando no dormitorio do convento, onde reinava um silencio completo, ouvindo se apenas o movimento monotono do tic-tac do moinho proximo, agitado pela corrente do rio.

O santo começou a reflectir, e comparou este

tic-tac á vida do homem sem a graça divina.

Sem a graça, ou habitação de Deus na alma, o homem é um moinho sem trigo; vae neste tic-tac monotono, saccudido pela correnteza do mundo, porém nada produz para a eternidade; faltalhe o trigo divino da fé, que deve produzir a farinha das boas obras, as unicas que têm valor para o céu.

## 2. Os dois eremitas

Um dia dois eremitas carregavam terra para nivelar o jardim do convento.

O mais novo cansado pelo calor e as mordeduras dos mosquitos murmurava.

—Meu irmão, disse o mais velho, peói a Deus a graça da paciencia.

—Já pedí, respondeu o outro, porém a graça não me serviu de nada.

O velho eremita continuou a encher o sacco com terra, e depois disse ao companheiro:

—Faça o favor de ajudar-me a pôr o sacco sobre os hombros.

O companheiro ajudou-o; porém, enquanto o mais joven procurava levantar o peso, o outro segurou o sacco por baixo, retendo-o com todas as suas forças, de modo que o sacco recahia cada vez no chão.

—Que é isso? exclamou o novato. Para que serve o meu auxilio, si o senhor o torna inutil?

— Assim acontece com a graça de Deus, respondeu seriamente o velho eremita; ella está sempre prompta a ajudar-nos, mas si não coopearmos com esta graça, ella não nos serve de nada!



### 3. Falta o vapor

A Eucharistia é a presença corporal de Jesus Christo em nossa alma... e depois da Comunhão continúa a sua presença espiritual pela graça.

Um pastor protestante foi ter um dia com o Padre Etienne, superior das Filhas de Caridade, para pedir lhes umas informações a respeito da organização de um Asylo para a velhice desamparada, no molde dos que o santo ancião dirigia.

O Padre Etienne levou-o em varias das suas casas, dando-lhe todas as explicações precisas.

Despedindo-o, o P. Etienne disse ao visitante:

— Sinto muito em dizer lhe, mas o projecto do senhor não dará resultado.

— Por que? perguntou o pastor, admirado.

— Ah! podeis bem imitar o *mechanismo* das obras catholicas, respondeu o Sacerdote, porém falta-vos o *vapor*.

O P. Etienne tinha razão. O vapor é o motor divino: E' Jesus Christo em nós, pela Eucharistia e pela sua morada habitual que é a graça.

### 4. Joanna d'Arc

Para pegar Joanna d'Arc em qualquer falta, os seus juizes perguntaram-lhe um dia:

— Sabeis si estaes na graça de Deus.

Si dissesse: *sim*, diriam que era uma orgulhosa; dizendo: *não*, a condemnariam como hereje.

A santa respondeu: Si estiver na graça, peço a Deus conservar-me nella; si não estiver, peço a Deus collocar-me nella!

Que bella resposta, cheia de fé, de firmeza e de humildade.



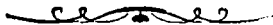
## DOMINGO DA SS. TRINDADE

EVANGELHO (Math. XVIII. 18—20)

18. *Naquelle tempo disse Jesus aos seus discipulos: Foi-me dado todo poder no céu e na terra.*

19. *Idei, pois, instruí todos os povos, baptizando-os em nome do Padre, e do Filho e do Espirito Santo.*

20. *Ensinando-os a observar todas as cousas que eu vos tenho mandado. E eis que eu estou comvosco todos os dias até a consummação dos seculos.*



COMMENTARIO MORAL

### Deveres no Baptismo

O Evangelho deste dia, além de nos indicar a SS. Trindade: o Padre, o Filho, e o Espirito Santo, nos lega a fórmula sagrada do baptismo e a ordem divina de baptizar a todos os povos — *Ide, pois, instruí todos os povos, baptizando-os.*

Meditemos pois, este grande Sacramento de salvação, absolutamente necessario para poder entrar no céu, examinando dois pontos importantes que se referem directamente ao lado moral do Sacramento.

1º. Os deveres dos **paes da criança.**

2º. Os deveres dos **padrinhos.**

### I. Deveres dos paes

O baptismo de agua é necessario de *necessidade de meio*, pelo menos relativo, para as crianças, como para os adultos. E' um artigo de fé definido pelo Concilio de Trento, (sessão VII. 5) tendo o seu fundamento na Sagrada Escritura e na Tradição. Nosso Senhor disse: *Ninguém, que não renascer da agua e do Espirito Santo, poderá entrar no reino de Deus.* (Jo. III. 5)

Sempre foi uso na Igreja baptizar tanto as crianças como os adultos.

Os protestantes pretendem geralmente que o baptismo é apenas necessario de *necessidade de preceito*, visto que, na opinião delles, basta a fé só para salvar-se.

Tal interpretação é radicalmente contraria ás palavras de Nosso Senhor quando afirma que *Ninguém, que não renascer da agua e do Espirito Santo, póde entrar no céu.*

Dahi os deveres rigorosos dos paes, de fazerem conferir o baptismo ás crianças, quanto antes.

Os paes que esperam, sem motivo grave, mezes e mezes, expondo a criança ao perigo de morrer pagã, commettem um grave peccado.

Havendo perigo de morte, não se tolera praso nenhum; é preciso fazer baptizar a criança immediatamente, levando-a á igreja ou chamando o sacerdote; e em caso urgente, fazendo baptizar a criança em casa, por uma pessoa bastante instruida a respeito.

Os paes devem escolher para seus filhos

*nomes* de santos, para dar-lhes no céu, um santo protector que lhes sirva de anjo da guarda.

Devem evitar dar-lhes nomes de herejes, de impios, de pagãos ou outros nomes indigenas, e até de cidades, de instrumentos, de animaes.

Por singular aberração tem-se visto dar ás crianças, nomes de cidade ou titulos como; Kronsprins, Washington, Duque, Olinda, Bella, Senhorinha, etc.

E' reprehensivel, dar ás crianças o nome de *Jesus*, que só convém ao proprio *Jesus Christo*.

## II. Deveres dos padrinhos

E' um costume antiquissimo na Igreja, sancionado pelo Direito Canonico dar um padrinho ou uma madrinha, ou ambos, a cada baptizando. (canon 764).

Não é permittido ter mais de um padrinho e de uma madrinha, porque taes padrinhos contraem parentesco espiritual com o baptizando. (can. 768)

Ha certas condições exigidas da parte da Igreja, para poder servir de padrinhos, que são:

1) Ter sido baptizado, gozar do uso da razão e fazer tenção de cumprir este papel.

2) Não ser hereje, (como os protestantes), nem excommungado (como os maçons), conhecidos como taes.

3) Não ser pae, nem, mãe, nem esposo do baptizando.

4) Segurar a criança, ou tocar nella, por si ou por um procurador, no instante em que o sacerdote pronuncia a fórmula do baptismo. (can. 765)

Estas quatro condições são exigidas para a *validade* não do baptismo, mas do titulo de padrinho.

Para a *liceidade* são quatro as condições exigidas:

1. Idade de 14 annos para cima, ou dispensa.
2. Honorabilidade, não sendo de vida escandalosa.
3. Conhecimento das noções da fé.
4. Licença do Ordinario ou do Superior, si a pessoa for de estado ecclesiastico ou membro de congregação religiosa. (can. 766).

A escolha de padrinhos é de summa importancia, pois na ausencia dos paes elles têm obrigação de educar os afilhados.

Para evitar a perversão de seus filhos, os paes devem, pois, cuidar em escolher padrinhos catholicos, de boa vida, que sejam capazes de substituil-os um dia, caso Deus os chamasse a si, antes de terem acabado a educação dos filhos.

Nunca um catholico deve acceitar como padrinhos pessoas sem fé, sem moral e sem dignidade, e menos ainda herejes, protestantes, espiritas ou maçons, que estão excluidos do seio da Igreja pelos seus erros ou pela excommunhão.

### III. Conclusão

O baptismo apaga todos os peccados: peccado original para as *crianças*, peccado original e peccados actuaes nos adultos.

Com os peccados o baptismo perdôa tambem todas as penas devidas aos peccados; mas não destróe a concupiscencia, nem tão pouco isenta das miserias desta vida.

A quem o recebe dignamente, o baptismo confere a *graça santificante* com as virtudes infusas e os dons do Espirito Santo; assim como a *graça sacramental*, que dá o direito de obter

todas as graças actuaes precisas para cumprir as obrigações de catholicos.

Além disso imprime na alma um *character indelevel*; é por isso que se administra uma só vez.

Todos estes *effeitos* do baptismo mostram como são culpados os paes que não mandam, quanto antes, baptizar os seus filhinhos.

## EXEMPLOS

### 1. Mudar de nome

Conta-se de Alexandre Magno, famoso conquistador, que a elle trouxeram certo dia um pirata, celebre por seus crimes.

O Imperador perguntou lhe pelo seu nome.

— Chamo-me Alexandre, respondeu o pirata.

— E' preciso mudar de nome ou de vida, respondeu o Principe.

Nós tambem, baptizados, mudemos o nosso nome de christão, discipulo de Jesus Christo, ou vivamos conforme os compromissos assumidos no baptismo.

### 2 Belleza da alma baptizada

No seculo XIII, um principe, Mongol Usun-Cassan, pagão, desposou a filha do rei da Armenia, que era christã fervorosa.

Quando a princeza estava na hora de tornar-se mãe, o pae prohibiu baptizar a criança.

A piedosa princeza orava com lagrimas, pedindo a Deus que mudasse o coração de seu marido.

Deus recompensou a sua fé com um milagre.

A criança nasceu, trazendo sobre o rosto a

imagem do peccado original: nunca se tinha visto criança mais horrivel e repellente.

Usun parecia desesperado.

A mãe lhe disse que só o baptismo podia fazer desaparecer esta feiura.

Usun deixou-se convencer; e uma vez a criança baptizada, tornou-se bella como um anjinho.

O pae, commovido pelo milagre, abraçou a fé christã.

A belleza do rosto desta criança baptizada era a imagem da belleza da sua alma.

### **3. Resurreição de uma criança**

Santo Agostinho conta que uma mulher tendo visto morrer o filhinho, antes de receber o baptismo, ficára inconsolavel.

Correu para o oratorio de Santo Estevam e fez a seguinte oração:

Santo Martyr, vêdes que perdi toda a minha consolação. Restituí-me o meu filho, para que um dia possa encontral-o de novo, aos pés daquelle que vos deu a coroa do triumpho.

Ella orou até a criança resuscitar. Foi baptizada, e logo em seguida, morreu. A propria mãe, consolada e exultante de satisfação, levou a criança regenerada para o tumulo, beijando-a na fronte e exclamando: Agora, sim, adeus meu filhinho, até nos encontrarmos no céu.

E' uma felicidade para uma criança, morrer depois do baptismo: é um anjo protector para os paes; mas seria uma desgraça sem remedio, deixar morrer um filho sem receber o baptismo, pois é fechar-lhe as portas do céu.



---

---

## 2º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Lucas, XIV. 16—24)

---

---

16. *Naquelle tempo propoz Jesus aos phariseus a seguinte parabola : Um homem preparou uma grande ceia, para a qual convidou muita gente.*

17. *E á hora da refeição mandou um dos seus servos dizer aos convidados que viessem, porque tudo estava prompto.*

18. *Mas todos a uma começaram a excusar-se. Disse o primeiro : Comprei uma casa de campo, e preciso ir vel-a ; rogo-te que me dês por excusado.*

19. *Outro disse : Comprei cinco juntas de bois, e vou experimental-os ; rogo-te me dês por excusado.*

20. *Um terceiro disse : Casei-me, e por isso não posso ir.*

21. *Voltou pois o servo e referiu tudo ao seu senhor. Então o pae de família, indignado, disse ao servo : Sae depressa pelas ruas e becos da cidade, e conduze-me aqui os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos.*

22. *Respondeu-lhe o servo : senhor, está o que mandaste e ainda ha lugar.*

23. *Disse então o senhor ao servo : Sae pelos caminhos e ao longo dos cercados e obriga*



*a gente a entrar, para que se encha a minha casa.*

24. *Porque eu vos declaro que nenhum daquelles que foram convidados provará a minha ceia.*



## COMMENTARIO MORAL

### O banquete eucharistico

O Evangelho trata de um festim, ao qual foram convidados os pobres, porque os ricos, entregues a seus affazeres não acceitaram o convite.

Diariamente a mesma scena se renova no mundo.

Jesus convida sempre ao seu banquete eucharistico, e quantos ha que se desculpam de não ter tempo, porque vivem envolvidos em negocios temporaes que os absorvem e impedem de se recolher um pouco, e ir á igreja participar do banquete celeste.

O Evangelho cita três categorias de homens que recusam o banquete; são: os *orgulhosos*, os *avarentos* e os *gozadores*.

Examinemos o que se passa hoje, e veremos que são os mesmos motivos que afastam do banquete eucharistico.

1. Os orgulhosos, por **respeito humano**.
2. Os avarentos, por **falta de tempo**.
3. Os gozadores, por **sensualidade**.

#### I. Os orgulhosos

Jesus Christo nos convida a seu banquete, e ameaça de perdição eterna aquelles que não participam delle.

*Eu sou o pão vivo... o pão vivo que desceu do céu.* (Jo. VI, 5)

*Si não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós.* (Jo. VI. 53) E' uma ordem de participar do banquete divino que é a mesa da comunhão; os orgulhosos, porém, exclusivamente preocupados com as honras, a estima e os bens do mundo, se julgariam humilhados, ajoelhando-se no banquete divino... pois neste banquete é de joelhos que se recebe e se toma o pão dos anjos.

Estes homens têm medo de uma zombaria, de um meneio de cabeça de qualquer vizinho sem fé, porém não se incommodam do desprezo dos bons.

No fundo da consciencia elles ouvem uma voz que lhes brada: o homem nunca deve envergonhar-se de ser honesto, leal, grato; e tu te envergonhas de pertencer a Deus que é, entretanto, teu Mestre e o teu Juiz. Elles ouvem esta voz, porém, procuram encobri-la pelo orgulho, que lhes sussurra: tu és independente, livre, e um homem livre não se deixa escravizar pela religião!

Pobre homem! Não quer ser escravo de Deus como filho; pois bem, será escravo do demonio, como reprobado.

*Não podreis servir a dois senhores,* disse o divino Mestre.

## II. Os avarentos

É outra categoria que não quer participar do banquete.

Comprou bois, diz o Evangelho, e quer ir experimental-os.

Quantos negociantes e traficantes entram nes-

ta categoria! Não querem fechar as portas de seus negocios nos domingos, receando perder um freguez, ou qualquer negocio, e em vez de irem assistir á Missa, de fazer a sua communhão, ficam o dia inteiro atraz de seu balcão de commercio, occupados em negocios e transacções.

Pobre gente! Não tem tempo para viver bem; entretanto será preciso tomar o tempo de morrer. A morte não lhes pedirá licença, mas, com a sua foice fatal abaterá tantos negocios, tantos calculos e planos. — *Ignorat tempus quod velut umbra præterit.* (Eccl. VII. 1)

Pobre avaro, que só pensa em accumular bens para os outros, e que nada reserva para si.

Os bens materiaes passarão para os herdeiros: sómente os bens espirituaes nos acompanharão perante o tribunal de Deus.

*Quid prodest homini!* diz o Espirito Santo: *que serve ao homem ganhar o universo inteiro, si elle tem a desgraça de perder a sua alma?*

### III. Conclusão

A terceira categoria são os gozadores da vida.

Estes, diz o Evangelho, só pensam em casamento, prazer, viagens, e não lhes sobra tempo para pensar em suas almas.

Veza por outra, em occasião de uma festa, elles admiram a religião e as virtudes que ella faz florescer nas almas que a praticam; mas si a virtude é bella, ella exige esforços para ser adquirida, e os sensuaes têm medo do esforço.

Pobres creaturas dominadas pela carne, tornaram se indolentes, sem ideal e sem força deante dos attractivos do mundo, em frente dos ataques do demonio, e sob o peso das inclinações perversas.

A sensualidade é o peor dos tyrannos; não sómente ella escraviza os seus subditos, mas os envenena e tortura pelo proprio prazer que proseguem.

Estes não sentem attractivo para o banquete dos anjos... pois *que união póde haver, disse o divino Mestre, entre Christo e Belial?— Quæ autem conventio Christi ad Belial?* (2 Cor. VI. 15)

O Christo é o alimento da Mesa Sagrada: o demonio é o alimento da sensualidade.

Um exclue o outro!...

Oh! examinemo-nos e vejamos qual é a razão que nos afasta da Mesa da Communhão.

Será o respeito humano? serão os negocios terrenos? será a sensualidade?...

Tomemos a resolução de vencer este triplíce inimigo e pôr acima de todo o interesse e satisfacção: a santificação da nossa alma, pela Sagrada Communhão, muitas vezes repetida.

## EXEMPLOS

### 1. A communhão do hussardo

Era na primeira trincheira, durante a grande guerra de 1914.

No dia, depois de Natal, o exercito francez foi obrigado a abandonar a villa de Blemeroy, na fronteira de Lorena.

A igreja havia sido devastada pelos obuzes allemães. O proprio Tabernaculo estava quebrado, e atravez da fenda via-se uma pequena Hostia sagrada num pequeno Ciborio descoberto.

Os hussardos francezes, com o seu tenente haviam-se refugiado nestas ruinas. O tenente era catholico fervoroso e havia commungado na vespera nesta mesma igreja. Approximou-se do Ta-

bernaculo quebrado e percebeu a Hostia. O que fazer? Hesitou um instante, mas ouvindo os obuzes roncár em cima, resolveu salvar a Hostia de qualquer profanação.

Prostrou-se, em adoração; depois firmando-se militarmente deante do Tabernaculo fez uma saudação militar prolongada, e tomando em suas mãos tremulas a Hostia Santa, commungou-se a si mesmo.

Prostrou-se de novo de joelhos, fazendo uns instantes de acção de graças. Nem se lembrava de que estava cercado de seus hussardos, tão commovido estava.

Ao levantar-se, verificou que todos os soldados presentes estavam em posição militar, apresentando armas e saudando a Hostia Santa, que o tenente acabava de tomar.

E no meio de obuzes que se cruzavam sobre a velha igreja ouviu se um longo soluço de commoção, sahido do peito destes bravos filhos da França, enquanto lagrimas brilharam em seus olhos.

## 2. O general Charette

O velho general Charette perguntou um dia a um Padre Jesuita como podia fazer uma boa acção de graças.

— Como fazeis de costume? perguntou o religioso?

— Oh, é muito simples! Digo ao bom Deus: Meu Deus, estaes em minha casa; fazei como em vossa casa!

O Sacerdote não poude indicar methodo melhor, nem melhor formula.

Entretanto o velho general sabia rezar lon-

gamente, e nas horas de lazer, foi visto muitas vezes, por longos momentos prostrados de ante do Tabernaculo.

### **3. Carta de um soldado**

Poucos dias antes de cair no campo de honra, o tenente Cochois, escreveu á sua afillhada, na occasião da sua primeira Communhão :

Neste dia memoravel do teu primeiro encontro com o Coração de Jesus, eu estarei contigo, minha querida afillhada, e me associarei á tua felicidade, daqui do fundo das trincheiras, onde dou a minha vida em defesa da minha patria... mas enquanto eu luto, oh, vós, os pequeninos, rezae enquanto sois os omnipotentes, pela vossa innocencia !



---

---

## 3º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Luc. XV. 1—10)

---

---

1. *Naquelle tempo approximavam-se de Jesus os publicanos e os peccadores para o ouvirem.*

2. *Os phariseus, porém, e os doutores da lei murmuravam, dizendo: Este homem acolhe os peccadores e come com elles.*

3. *Então Jesus propoz lhes a seguinte parábola:*

4. *Quem é de vós que, possuindo cem ovelhas, e tendo perdido uma dellas, não deixa as noventa e nove no deserto e vae atraz daquella que se perdeu, até encontral-a?*

5. *E havendo-a encontrado, põe-na aos hombros cheio de alegria.*

6. *E, de volta á casa, reúne os amigos e vizinhos, dizendo: Alegrae-vos commigo, porque achei a minha ovelha, que andava perdida.*

7. *Digo-vos que semelhantemente maior jubilo haverá no céu por um peccador que fizer penitencia do que por noventa e nove justos que não precisam de fazer penitencia.*

8. *Ou qual a mulher que, possuindo dez drachmas, e tendo perdido uma, não accende a candeia, e varre a casa, e a procura com muito afan, até encontral-a?*

9. *E, tendo-a achado, reúne as suas amigas e vizinhas e lhes diz: Alegrae-vos commigo, porque achei a drachma que havia perdido.*

10. *Assim, eu vos declaro que tal será o jubilo entre os anjos de Deus por causa de um peccador que fizer penitencia.*

---

## COMMENTARIO MORAL

### A acção social catholica

O Evangelho de hoje é a expressão de uma phase da acção social catholica (A. S. C.) tão recommendada pelo Santo Padre.

Os phariseus murmuravam porque Jesus acolhia os peccadores.

A resposta a esta murmuração é a bella parabolá do pastor que, perdendo uma ovelha, deixa as 99 outras e vae a procura desta até encontrá-la.

A acção catholica consiste em fazer de cada catholico um bom pastor, um apóstolo que vá a procura das ovelhas perdidas no deserto da impiedade ou nos espinheiros do vicio.

Examinemos hoje:

1. **A necessidade** desta acção.
2. **O modo** de exercel-a praticamente.

#### I. Necessidade da acção catholica

Os commodistas têm medo desta acção, e acham quo o catholicismo, sendo uma religião toda de amor, deve contentar-se em amar a Deus, cumprir os mandamentos da lei de Deus e fazer o bem aos que soffrem.



Bella theoria! O mais curioso é que taes apóstolos do commodismo nem amam a Deus, nem cumprem os seus mandamentos, nem fazem bem a ninguém.

Então a mãe, por ser mãe toda de bondade e de amor, deverá contentar-se em dizer umas dez vezes por dia:

Oh filhinhos, eu vos amo de todo o meu coração, tudo farei para vós; e depois abandona os filhos no meio da rua, onde são maltratados e expostos a todos os perigos e não recebem nem educação, nem instrução, e isto para não encommodal-os nem contrariar-os?

Que mãe seria esta?

Quem ama a Deus estende o seu amor sobre os outros filhos de Deus!

Quem ama a Deus cumpre a sua lei divina e zela para que os outros a cumpram também.

Quem ama a Deus procura fazer o bem aos outros, não sómente ao corpo, mas ás suas almas.

Hoje só ha dois partidos neste mundo: A Igreja Catholica e o communismo — Roma ou Moscou — Deus ou o demonio — a luta honrosa ou a queda covarde — a virtude ou o vicio.

Mais do que nunca Nosso Senhor póde dizer: *Qui non est mecum contra me est* (Math. XII, 30) Quem não está commigo, está contra mim.

A *neutralidade* é impossivel.

A *indifferença* é inadmissivel.

Em outros tempos o somno era a imagem da morte.

Hoje o somno religioso é a morte.

A razão é simples: estamos num campo de batalha. Ora, para o soldado no meio da luta, o dormir é entregar-se; não combater é ser vencido.

## II. Modo de exercer esta acção

Ha sobretudo três modos de exercer o apostolado da acção social catholica.

1. **Praticar** desassombradamente a religião.
2. **Defender** a religião quando fôr atacada.
3. **Diffundir** a religião integral em toda parte.

Triplíce acção: praticar—defender—diffundir.

Sem a pratica sincera, integral, desassombrada, nada se consegue: «Verba movent, exempla trahunt», diz o poeta.

O primeiro triumpho a alcançar é sobre o *respeito humano*, que se deveria chamar: *desrespeito humano*, pois deixar de cumprir o seu dever por medo de uma zombaria, é mostrar-se *covarde*; e a covardia não é respeito humano, mas sim, summo desrespeito á humanidade que devia ser de brio e de dignidade.

O segundo dever é defender a religião; cousa curiosa: um menino qualquer não tolera que alguém lhe insulte ou censure os paes; elle se revolta porque sente que o insulto recáe sobre elle mesmo.

Como é que nós catholicos permittimos que ataquem, insultem e blasphemem o nosso Pae do céu? Póde o homem sincero ter menos brio em defender o nome de Deus, do que em defender o nome de seus progenitores?

Resposta pois, simples, clara e categorica aos que se rebaixam em atacar a nossa fé sagrada.

O terceiro dever é procurar *diffundir* a nossa santa religião. Vivemos cercados de indifferentes, de protestantes, de espiritas que fazem uma propaganda fanatica de seus erros, e nós catholicos, que temos a felicidade de possuir a verdade, nada faremos para a diffusão da verdade de Deus?

Não pôde ser!

Cada catholico deve ser um *apostolo* activo.

O laicato de qualquer idade e situação, de ambos os sexos, devem entrar resolutamente no apostolado hierarchico para a diffusão e actuação dos principios catholicos na vida individual, familiar e social.

O Papa Pio XI já o disse: -- todo catholico deve trabalhar para dilatar e consolidar o reino de Jesus Christo.

E' um dever da hora presente ajudar o sacerdote de modo activo, na dilatação da doutrina, das ideias e da pratica do catholicismo.

### III. Conclusão

Mãos á obra, pois, e de um modo pratico.

Na guerra, como na guerra, diziam os antigos guerreiros.

Estamos no tempo de guerra religiosa.

O communismo ameaça o mundo civilizado, querendo destruir o que o homem tem de mais sagrado: a familia, a patria, Deus.

A acção catholica tem por fim santificar a familia, enaltecer a patria, glorificar a Deus.

Não sejamos da liga dos «braços cruzados»; mas unidos aos sacerdotes, que se unem aos bispos, e estes ao Papa que está unido a Deus, trabalhemos pelo triumpho da religião.

*Na familia*, pela luta contra as modas e o cinema immoral.

*Na patria*, pela votação em homens catholicos.

*Na religião*, pela pratica desassombrada de nossos deveres religiosos.

Eis a base da acção social de que se fala hoje em toda parte.

## EXEMPLOS

**Um discurso de Brücker**

Brücker é conhecido pelos repentinos cheios de bom senso e de fé, com que sabia refutar os inimigos da religião. Era um antigo operario convertido, que consagrou a sua vida a catechizar os seus collegas, exercendo um verdadeiro apostolado social no meio delles.

O modo de exercer esta acção social catholica era de uma perspicacia e oportunidade inimitaveis.

Após as revoltas de 1848, os operarios organizaram uma reunião publica socialista, para reclamar o melhoramento da sorte dos operarios.

Houve discursos violentos, revolucionarios, contra os patrões, e exaltação em favor do operario. Brücker escutou, e no fim, tomando a palavra, fez um discurso palpitante, que mudou a revolta em submissão.

— Ouço, exclama elle, que todos estão queixosos, e todos concordes de que o operario não é bastante apreciado! Sim, meus amigos, estou de accordo que o verdadeiro operario não é tratado como o merece! Não se lhe faz justiça, desprezam-no; entretanto é este grande operario que é o autor de tudo que goza a opulenta inercia dos ricos.

Que ha neste mundo que não saia das mãos deste operario que tem todo o trabalho e que fica entretanto, esquecido e desprezado?

A estas palavras, echoa formidavel salva de applausos.

Brücker continúa:—Não applaudaes tão depressa, deixae-me terminar.

Ha sómente um verdadeiro operario.

E' aquella que fez todos os demais. É Deus. Nós, apenas copiamos as suas obras. E' aquella que creou a terra, o sol que nos illumina, o corpo humano, esta bella estatua que vive e que pensa. E' elle que fez as arvores e as plantas.

E' elle que fez o ar que respiramos e a fadista de fogo que nos illumina.

E vós pretendeis ser os grandes operarios e os verdadeiros trabalhadores, porque cultivaes a terra, lancaes nella o grão e depois vos retiraes!

Não! O verdadeiro trabalhador é aquella que durante 365 dias faz brilhar o sol ou derrama a chuva. E' aquella que com uma das mãos espargue o orvalho matinal, e com a outra o calor do meio dia.

E' elle que faz desabrochar as flores e amadurecer a espiga que vos alimenta.

Eis o verdadeiro e unico operario.

Vós todos, que vos queixaes, dizendo que os homens são injustos para convosco, tributaes-lhe o que elle reclama?

Como salario elle reclama cada dia uma pequena oração e o vosso repouso do Domingo... Concedeis-lhe isto?

Vós vos queixaes, e tendes razão! Mas então, que deve dizer elle?

Este operario incansavel trabalha para vós, dia e noite!

E' elle que vos fornece o pão, o vestido, as forças, a vida!

Eis um operario que trabalha mais e melhor do que qualquer um de vós. Entretanto quando chega o seu Domingo, e que elle vos pede uma oração para si e um pouco de repouso para vós, vós o rejeiaes, vós recusaes paga-lhe o salario, e bradaes Vae' não te conheço! Tu não receberás nada, sinão insultos e blasphemias!

E vós vos queixaes de que os patrões vos exploram! Ah, quem já vos tratou como vós trataes a Deus?

Vejam os seus direitos não valem os vossos?

Não é elle, pelo menos, tão respeitavel que qualquer um de vós?

Sim, o vosso salario é um direito sagrado, e sois dignos de toda consideração; porém, comece a tratar a Deus, o primeiro dos operarios, como quereis ser tratados vós mesmos: então, sim, podereis levantar a voz com toda justiça, e Deus apoiará as vossas reclamações!

A immensa assemblea explodiu em acclamações freneticas, e cercado o valente orador, carregaram-no em triumpho, atravez das ruas de Paris.

Eis como se faz acção social catholica! O povo é bom, mas muitas vezes não sabe reflectir: é preciso lembrar-lhe a verdade e a justiça e estimulal-o na pratica do bem!

## 2. Palavras de zelo

*La Roche-Jacquelein*, em 1793: Si recuo, matae-me; si morro, vingae-me; si avanço, segui-me!


*Luiz XII* na batalha d'Agnadel, em 1509: — Aquelles que têm medo abriguem-se atraz de mim.

*Championnet*, em Napoles, em 1728: Nós não temos canhões: os inimigos têm um: Basta tomal-o.

*Murat*, em Austerlitz, em 1809: Avante, ataco: quem me ama, siga-me!

*Catinat*, em Marselha, em 1693: — Soldados, avante! A morte está deante de nós... a deshonra atraz de nós!

*Mgr. Gibier*: Uma bandeira que se põe no bolso, deixa de ser bandeira, é um lenço.



## 4º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Lucas, V. 1—11)

---

1. *Naquelle tempo, estava Jesus no lago de Genesareth, e a multidão do povo se atropellava para ouvir a palavra de Deus.*

2. *E viu duas barcas que estacionavam á borda do lago: e os pescadores tinham sahido, e lavavam as redes.*

3. *E entrando numa destas barcas, que era a de Simão, rogou-lhe que se afastasse um pouco da terra. E estando sentado, ensinava o povo, da barca.*

4. *E quando acabou de falar, disse a Simão: Faze-te "mais ao largo, e lança as vossa redes para pescar.*

5. *E respondendo Simão, disse-lhe: Mestre, tendo trabalhado toda a noite, não apanhamos nada, porém sobre a tua palavra lançarei a rede.*

6. *E tendo feito isto, apanharam grande quantidade de peixes, e a sua rede rompia-se.*

7. *E fizeram signal aos companheiros que estavam na outra barca, para que os viessem ajudar. E vieram e encheram tanto ambas as barcas, que quasi se afundavam.*

8. *E Simão Pedro vendo isto, lançou-se aos pés de Jesus, dizendo: Retira-te de mim, Senhor, pois eu sou um homem peccador.*

9. *Porque tanto elle como todos que se encontravam com elle ficaram possuidos de espanto por causa da pesca de peixes que tinham feito :*

10. *E o mesmo tinha acontecido a Thiago e a João, filhos de Zebedeu, que eram companheiros de Simão. E Jesus disse a Simão: Não tenhas mêdo: dessa hora em diante serás pescador de homens.]*

11. *E trazidas as barcas para a terra, deixando tudo, seguiram-no.*



## COMMENTARIO MORAL

### O peccado mortal

São Pedro nos dá uma lição admiravel.

Elle acaba de lançar a rede e retira-a, pejada de um numero incalculavel de peixes.

O Apostolo não attribue á sua pericia de pescador a pesca abundante, pois, tendo trabalhado a noite inteira sem nada apanhar, foi por obediencia á voz do divino Mestre que fez este ultimo esforço. Pedro reconhece o milagre e a sua acção de graças é um brado de humildade: *Retirae-vos de mim, Senhor, exclama elle, porque sou um homem peccador!*

Todos nós somos peccadores, mas não basta sel- $\gamma$ , é preciso reconhecêl- $\gamma$ . Para isso examinemos hoje :

1. A **malicia** do peccado mortal.
2. Os seus **effeitos**.



## I. Malicia do peccado mortal

Já explicámos (no 4.º domingo depois da Paschoa) a *natureza* e as *causas* do peccado em geral; convém, hoje examinar de perto a sua malicia.

O peccado mortal é uma desobediencia *grave* á lei de Deus. Três condições são requeridas para que haja peccado mortal.

1. *Materia grave*, ou considerada como grave;
2. *Advertencia*. da malicia do acto;
3. *Consentimento* perfeito da vontade.

Faltando um destes requisitos, o peccado deixa de ser mortal.

A malicia do peccado mortal incluye tambem um triplice elemento,

1. E' uma **desobediencia** ao soberano legislador, uma injuria a sua dignidade e a seu poder.

Deus é o Rei supremo; o peccador, tomando uma balança, pesa a Deus e um infame prazer; e acha que Deus é leve demais: *Et inventus est minus habens*.

De um lado, no prato da balança: a Paixão, o Sangue e a Morte de Jesus Christo, e do outro lado: um prazer; e este prazer pesa mais que o proprio Deus!

2. E' uma **injustiça**. pois o peccador lesa os direitos do Creador sobre a creatura.

Deus é nosso Creador; tem, pois, direitos de *dominio* sobre nós.

Elle é nosso Salvador — novos direitos de *conquista*.

Elle é nosso Pae — novos direitos de *vida*.

A injustiça é total, pois ella se mede pelos direitos de Deus e os deveres dos homens.

3. E' uma **ingratidão**. Deus é o grande bemfeitor de nossas almas. *Quid habes quod non accepisti?* Alma, corpo, intelligencia, coração, saúde, prosperidade, tudo vem de Deus.

Conta S. Bernardo que havia um fidalgo criminoso que foi condemnado a ser queimado vivo. Um principe seu amigo, offerece-se para substituil-o no supplicio. O juiz acceita; mas ninguem quer accender a fogueira. O fidalgo, monstro de ingratidão, o faz elle mesmo.

## II. Effeitos do peccado

A primeira consequencia do peccado mortal é a *separação* de Deus. O homem perde a vida sobrenatural que lhe fôra communicada pela graça.

E' esta privação da graça que se chama a mancha do peccado, da qual *Christo nos lavou no seu sangue* (I. Cor. VI. 11).

O peccador pratica um verdadeiro suicidio espiritual, para com sua propria alma. Elle escolhe a *escravidão* do demonio, e rejeita a *liberdade* dos filhos de Deus.

A segunda consequencia é *incorrer num castigo*. Cada um recebe o que merece. Deus dá o premio á virtude, e o castigo ao peccado.

Os castigos que o peccado mortal merece são de duas especies.

Ha o *remorso* que afflige o peccador, lembrando-lhe, continuamente a culpa. O criminoso pertinaz pôde abafar esta voz salutar e escapar deste modo a este castigo.

A segunda especie é o castigo tremendo infligido directamente pelo proprio Deus; e deste o peccador não pôde escapar.

Deus, como legislador sapientissimo, devia

necessariamente ligar ás suas leis uma sancção adequada ao delicto; esta sancção é a pena do *inferno*, caso o peccador morra em seu peccado.

O inferno, supplicio eterno, é o castigo adequado a uma revolta infinita da parte de seu objecto, que é Deus; e é eterno porque na outra vida não ha mais perdão, nem misericordia.

### III. Conclusão

Ha só um mal neste mundo: o peccado mortal, como só ha um bem verdadeiro: Deus.

O peccado atacando este bem supremo, torna-se, pelo facto, o mal supremo.

Soffrimentos, guerras, ruinas, mortes, calamidades são males *relativos* e podem até transformar-se em beneficios incalculaveis.

O peccado mortal porém, é um mal *absoluto*, porque desfigura a alma, tira-lhe a vida sobrenatural, e a prepara para o abysmo eterno.

E' pouco todo empenho para evitar tão horrivel mal!

Excitemos em nossas almas o horror do peccado e afastemos cuidadosamente tudo o que possa ser occasião de o commetter.

*Fili, cave, ne aliquando peccato, consentias,* dizia o velho Tobias a seu filho.

### EXEMPLOS

#### 1. Veneravel Padre Anchieta

O Veneravel Anchieta, o grande Apostolo do Brasil, no seculo dezeseis, viu um dia um homem sahindo da cidade a passos precipitados: ia matar um inimigo.

— Para onde ides, meu filho? interrogou o santo.

— Sr. Padre, respondeu o homem perturbado, vou dar um passeio.

— Não, meu amigo, replicou Anchieta, ides precipitar-vos no inferno, como testemunha o punhal escondido sob as vossas vestes.

A quantas pessoas poderíamos dizer: — Ides lançar-vos no inferno, pois muitos são aquelles que vivem no caminho do peccado.

## **2. Infortunio de Sedecias**

Sedecias, rei de Judá, foi vencido por Nabuchodonosor, rei dos assyrios.

O vencedor fel-o trazer em sua presença, despojou-o da purpura real e do diadema, ordenou que sob os olhos do pae, estrangulassem os seus dois filhos; e depois mandou que lhe arrancassem os olhos, e o arrastassem carregado de cadeias, para as prisões de Babilonia.

E' bem o que faz o demonio com aquelles que se deixam vencer por elle, e tornam-se seus escravos, pelo peccado.

## **3. Espada de Damocles**

A expressão de: "ter a espada de Damocles" é conhecida; o facto o é menos.

Dionysio, rei de Syracusa, havia-se tornado odioso a seu povo, pelas suas tyrannias e injustiças.

Cada dia estava ameaçado pelo punhal dos conjurados, de modo que levava uma vida triste e agoniada no meio de seu luxo e de seus prazeres.

Um dos seus cortezãos, Damocles, appellidava-o: o mais feliz dos mortaes.

Dionysio propoz a elle de tomar logar no seu throno, por um dia, e ordenou a toda a sua côrte lhe prestasse honras reaes, e preparasse um sumptuoso festim.

Damocles sentou-se sorrindo, gozando da sua pretensa felicidade; porém, de repente empallideceu, quando estava sentado no throno real, pois percebeu sobre a sua cabeça um machado suspenso por um leve fio.

Quiz deixar o throno. Dionysio tranquillizou-o, mas em vão, o infeliz tremia em todos os seus membros á vista do perigo em que estava.

Tal é a paz, o gozo, a alegria do peccador. Elle sente o gladio da justiça divina suspenso sobre a sua cabeça... Quer fugir... mas para onde? Deus está em toda parte, e em toda parte alcança o peccador.



---

---

# 5º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Math.V. 20—24)

---

---

*Naquelle tempo, disse Jesus aos seus discipulos :*

*20. Si a vossa justiça não exceder a dos escribas e a dos phariseus, não entrareis no reino dos céus.*

*21. Ouvistes o que foi dito aos antigos: — Não matarás, e quem matar será condemnado em juizo.*

*22. Pois eu digo-vos que todo aquelle que se irar contra seu irmão, será condemnado no conselho. E o que lhe disser: louco, será condemnado ao fogo da gehenna.*

*23. Portanto, si estás para fazer a tua offerta deante do altar, e te lembrares ahí que teu irmão tem alguma cousa contra ti,*

*24. deixa lá a tua offerta deante do altar, e vae reconciliar-te primeiro com teu irmão e depois vem fazer a tua offerta.*

COMMENTARIO MORAL

## O homicidio

No Evangelho de hoje o divino Mestre nos lembra o texto do V. mandamento: «Não matarás» Embora saibamos que um catholico pratico

não se entrega a tão horrendo crime, convém entretanto conhecer de perto este mandamento, as obrigações que nos impõe e as proibições que nos faz.

Para isso vamos examinar este crime, perpetrado contra os outros ou contra si mesmo, vendo deste modo :

1.º O crime de **homicidio**.

2.º O crime de **suicidio**.

## I. O homicidio

O homicidio consiste em dar voluntariamente a morte ao proximo.

Salvo o caso de legitima defesa, o homicidio é um crime e um dos maiores que se pódem commetter.

O homicidio é *directo*, quando alguém dá a morte ao proximo injustamente; *indirecto*, quando alguém coopera para isso.

Tanto o homicidio directo como o indirecto é condemnado por três razões :

1. *E' um crime contra Deus*. A Deus só compete a distribuição suprema da vida e da morte. O assassino usurpa essa prerogativa divina, attentando contra a existencia do proximo.

De todas as leis naturaes gravadas na alma humana pelo Creador a respeito da vida humana, é a mais profunda, de modo que entre todos os povos, selvagens como civilizados, o assassinio passa por um miseravel, que geralmente desde esse mundo recebe o seu castigo em si ou em seus filhos.

A ultima palavra de repulsa que se póde dirigir a um homem é: tu és um assassino, como o supremo desprezo que se póde dirigir a um homem é: tu és filho de um assassino.

2. *E' um crime contra o proximo.* Não temos o direito nem de tirar a nossa propria existencia, e menos ainda, a existencia dos outros. E' um principio elementar de *justiça*, além de ser um preceito de *caridade*, o qual nos ordena de não fazermos aos outros o que não queremos que nos façam.

Pela mesma razão, é prohibido, até para os medicos, matar doentes, velhos, loucos, no intuito de supprimir seus soffrimentos.

3. *É um crime contra a sociedade*, para a qual a victima era um cidadão que podia contribuir a defendel-a, como é um crime contra a familia da victima, pela dôr e o prejuizo que se lhe causa.

## II. O suicidio

É o crime dos que se dão voluntariamente a morte.

E' um crime, pois só Deus tem direito de fixar o termo da nossa vida.

Não sómente o suicidio é um crime, mas é a mais horrenda das imprudencias.

Ninguem, de facto, pôde ir ao céu, morrendo em estado de peccado mortal.

Ora, dar-se a morte é commetter um peccado mortal, no acto mesmo da morte; é transformar o acto de morrer num crime merecedor do inferno; é pois lançar-se de cabeça para baixo no profundo do inferno.

Para mais accentuar o horror deste crime, «a Igreja nega sepultura ecclesiastica ao suicida de proposito deliberado». (Can. 1240 - 3)

Sem duvida ha excepções a esta lei porque bastantes vezes pôde-se desculpar o suicida, attribuindo o crime a um acto de loucura, sob a



impressão de uma febre furiosa, que o priva momentaneamente do uso da razão.

São os medicos que devem julgar o caso; quanto á Igreja, como Mãe indulgente, pôde aceitar o testemunho medical, a menos que seja claramente interessado ou partidario.

A Igreja deixa a Deus o cuidado de julgar a alma, pois só Elle vê as almas, enquanto ella procura, quando tem fundamento, desculpar o acto.

Fóra o suicidio directo, o quinto mandamento prohibe tambem as mutilações voluntarias e os excessos na comida e na bebida, que é uma especie de suicidio *indirecto*.

### III. Conclusão

Deus sendo o autor da vida, cabe exclusivamente a Elle dispor desta vida, e retical-a, quando Elle quizer.

O suicidio, como tal, nunca é permittido, por razão nenhuma; quanto ao homicidio, só é permittido por razão de «legitima defesa».

Legitima defesa para um *particular*, que se vê atacado injustamente, e está em perigo de ser assassinado; este pôde matar o seu aggressor, para salvar a sua propria vida.

Legitima defesa para uma *sociedade* que faz matar um criminoso, tanto para impedil-o de commetter outros crimes, como para dar uma lição efficaz aos que seriam tentados de imital-o.

Legitima defesa para uma *nação* que se defende contra outra nação, numa guerra que tenha direito de fazer.

Neste caso, os soldados matam, não sómente para não serem mortos elles mesmos, mas ainda para proteger a sua patria, o seu territorio, os

seus lares, as suas familias, contra uma injusta aggressão, effectuada ou ameaçada.

Fóra destes casos nunca é permittido *matar*.

E entre estes homicidios, um dos mais horrorosos, e que mais brada vingança ao céu, é o *infanticidio*, é matar a criancinha antes de nascer; ou impedir por meios deshonestos, que exista, quando segundo as leis da natureza deveria existir.

Quantas mães, hoje em dias, são verdadeiras homicidas!

## EXEMPLOS

### 1. Remorso de um assassino

Theodorico, rei dos godos, havia feito matar injustamente o senador Symaco.

O remorso deste crime o perseguia de dia e de noite.

Um dia, trouxeram-lhe na mesa a cabeça de um peixe grande, reputado o prato mais succulento dos romanos.

A imaginação de Theodorico, numa exaltação nervosa, julgou ver, na cabeça do peixe, a cabeça de Symaco, recentemente cortada, mordendo o beijo e olhando para elle com um olhar furioso.

O rei ficou tão impressionado que, tomado de tremores, foi carregado para o leito, onde ficou chorando o seu crime, e morreu 3 dias depois, no meio de atrozes allucinações e dores horriveis.

### 2. Morte de Jesabel

Achab, rei de Israel, cubiçava a vinha de um pobre operario, Naboth, para estender os jardins de seu palacio.

Naboth não quiz vender a herança de seus paes, mas transmittil-a aos filhos como a havia recebido.

A esposa do rei, Jesabel, fez matar o operario, para poder apossar-se do terreno.

Eis que o propheta Elias vae ter com Achab, e lhe diz da parte de Deus: — No mesmo logar onde os cães lamberam o sangue de Naboth, desalterar-se-ão elles com o teu sangue! Jesabel será devorada pelos cães.

Esta sentença horrivel foi executada ao pé da letra.

Quem com a espada fere, pela espada pe-rece, disse o divino Mestre; e esta prophecia se realiza diariamente para os assassinos.

### **3. Remorso de um fraticida**

O Imperador Constancio II fez assassinar seu proprio irmão, Theodoro. Horriveis remorsos atormentavam o seu espirito.

A imagem de Theodoro o seguia por toda parte. Viu-o como a um phantasma sangrento tendo na mão um copo cheio de sangue, e dizendolhe: Bebe, irmão barbaro, bebe o sangue de teu irmão!

Em vão o imperador procurava fugir do phantasma; a horrenda imagem estava sempre a seu lado, no throno, na mesa ou no leito, não lhe deixando treguas.

Este supplicio durou até o dia em que foi encontrado morto no banheiro, de craneo esmigalhado por um vaso de bronze, em 668.

---

---

## 6º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Marcos VIII. 1—9)

---

---

1. *Naquelles dias, havendo novamente grande multidão e não tendo que comer, chamou Jesus os seus discipulos e lhes disse :*

2. *Tenho compaixão deste povo, porque ha três dias que não se afasta de mim, e não tem que comer.*

3. *E si o despedir em jejum para suas casas, desfallecerão em caminho; porque alguns delles vieram de longe.*

4. *E os discipulos responderam-lhe : como poderá alguém sacial-os de pão aqui no deserto?*

5. *E Jesus perguntou-lhes : Quantos pães tendes? Responderam-lhe : sete.*

6. *Ordenou ao povo que se recostasse sobre a terra. E tomando os sete pães, dando graças, partiu-os e deu a seus discipulos, para que os distribuissent; e elles os distribuiram pelo povo.*

7. *Tinham tambem um pouco de peizinhos: e elle os abençoou e mandou que fossem distribuidos.*

8. *Comeram e ficaram saciados, e dos pedaços que sobejaram, levantaram sete cestos.*

9. *Ora, os que comeram era cerca de quatro mil: e Jesus os despediu.*

---

## COMMENTARIO MORAL

## A questão social

O Evangelho de hoje nos apresenta uma questão de palpitante actualidade; a questão social, a sorte desta *grande multidão* a quem falta, muitas vezes, o pão de cada dia, e que inculpando os ricos desta falta de pão, revolta-se e torna-se communista.

A Igreja, como Jesus Christo, diz tambem: «Tenho compaixão deste povo,» e faz tudo para mitigar-lhe a sorte e o soffrimento.

Examinemos hoje esta magna questão social.

1° Em sua **natureza**.

2° Em sua **solução**.

## I. Em sua natureza

A questão social resume-se no seguinte facto:

Ha homens que vivem na fortuna e outros que vivem no trabalho. E' justa uma tal differença de condição?

Haverá geito de restabelecer a igualdade entre estas duas classes, dividindo o capital entre todos e impondo a todos o trabalho?

Tal é o objecto da questão social que hoje atormenta o mundo.

Antes de dar a solução, a unica possivel, estudemos bem a natureza dos factos.

Um principio serve de base a tudo, e este principio é de Jesus Christo, que disse: «sempre pauperes habetis». (Mat. XXVI, 11) Sempre tereis pobres entre vós.

Porque isso?

Porque os homens nunca serão iguaes em

intelligencia, em iniciativa, em capacidade de trabalho, em resistencia, etc.; e como a fortuna é sobretudo o resultado da iniciativa e do trabalho intelligente, necessariamente uns tomarão a frente, enquanto outros ficam atraz.

Para fazer uma casa precisamos de engenheiro, de pedreiro e de servente.

Quem mais trabalha e quem menos ganha é o servente.

Porque isso?

Porque de um para outro dia o servente entra em serviço, sem preparação, e o seu serviço é antes de tudo, um serviço braçal.

O pedreiro precisa de uns annos de pratica, de certa habilidade que não se póde improvisar de um dia para outro. No começo era talvez um servente, porém, aperfeiçãoou se pelo trabalho e pela iniciativa.

O engenheiro não emprega grande esforço; estuda o terreno onde quer construir, calcula a resistencia do material, o peso do edificio e faz a planta. Trabalha pouco e ganha mais.

E é justo, pois antes de formar-se em engenharia, estudou annos e annos, dispendeu uma fortuna sem nada ganhar; é justo, pois, que recupere pelo seu trabalho o que gastou em estudos e experiencias.

Logo, a igualdade de sorte é impossivel!

A questão social não póde resolver-se de modo «equalitario» pela partilha dos bens.

Seria injustiça aliás, pois o bem de cada um representa o seu trabalho ou o trabalho de seus paes.

Seria contra o bom senso, pois, hoje, suppressa de sigualdade pela força dos homens, ella tem que reaparecer amanhã pela força das cousas.

## II. A sua solução

Qual é pois a solução da questão social?

Encontra o seu fundamento na *justiça* e o seu exercicio na *caridade*.

Estas duas virtudes são o apanagio de todos os homens e de todos os litigios.

E' um dever de *justiça* para o patrão dar a seu empregado um salario que seja a justa remuneração de seu trabalho.

O patrão emprega o seu capital, paga os operarios e conhece o lucro que lhe deixa a empresa.

Este lucro é em parte os juros do capital empregado e do serviço dos operarios.

Seria conveniente que o patrão, depois de retirar os juros razoaveis de seu capital, fizesse do restante duas partes: uma para si e outra para o operario.

De seu lado é preciso que o operario comprehenda, que si o seu braço foi o factor positivo neste lucro, o capital do patrão foi outro factor: dominante e o mais importante.

O operario deve ganhar a subsistencia para uma vida honesta e modesta, conforme a sua condição, porém si é apenas um braço motor sem iniciativa pessoal para melhorar as condições, não tem um direito rigoroso a um pagamento superior ao preço combinado.

Si o serviço prosperar pela sua iniciativa, elle tem um direito a uma parte dos lucros.

Este edificio de *justiça* deve ser construido pela *caridade*.

Patrões, amae os vossos operarios!

Operarios, amae os vossos patrões!

Em vez de vos considerardes como inimigos,

como perpetuos competidores, fazei alliança de amizade, e ambos lucrareis.

Deus vos ama a ambos, e determinou a cada um a sua sorte neste mundo.

A sorte de um depende da sorte do outro: é uma collaboração *necessaria*, e tal collaboração será *tanto mais productiva*, quanto mais *amante* fôr.

Pertenceis a um mesmo corpo social: uns representam a *cabeça* e outros os *braços*. Uma mesma vida deve animar-vos, e um mesmo coração deve inspirar-vos o amor mutuo.

### III. Conclusão

Eis o problema social que ora tanto preoccupa o mundo.

Os *políticos* fazem depender a sua solução de tal partido político.

Os *negociantes* fazem dependel-o da actividade do commercio.

Os *lavradores* julgam que a solução pratica está na producção mais abundante e mais remunerada.

Os *ricos* fazem-na consistir na obediencia cega dos pobres.

E os *pobres* esperam a sua solução no augmento do salario.

Todos estão no erro!

A unica e exclusiva solução é a ideia de *justiça* que deve dirigir patrões e operarios, e é o acto de *caridade* que deve animar os dois partidos.

*Justiça e caridade*, tal é a solução dada pela Igreja de Jesus Christo; todas as outras soluções são falhas, ephemeras e sem resultados seguros.



## EXEMPLOS

**1. O organista e o folheiro**

Numa cidade nortista a igreja local possuía um bello orgão, tocado admiravelmente por um organista artista.

Lepidos como dedos de fada, os dedos do organista passava por sobre o teclado de marfim, enchendo a igreja de uma suave melodia.

O orgão tinha um foles pesado, que se punha em movimento por uma possante manivela, manobrada pelo braço musculoso do velho Pedro.

Pedro suava e suava na dura labuta de fornecer o sopro necessario para o orgão, e enquanto gemia e suava, observava o mestre organista que lá estava sentado, quieto, fazendo apenas deslizar as mãos sobre o teclado.

Pedro tinha ouvido falar dos direitos do operario, da desigualdade da sorte, e havia até dado uns vivas ao extremismo da igualdade social, sem comprehender de que se tratava.

Uma ideia surgiu em seu espirito, e foi ter-se com o Sr. Vigario.

— Sr. Vigario, ha uma grande injustiça lá no côro da igreja!

— E qual é, meu velho Pedro?

— O Sr. sabe, eu e o organista trabalhamos sempre juntos.

— Sei perfeitamente.

— Pois bem, o organista, sentado, quieto, passando apenas os dedos sobre o teclado, e eu, rodando a manivela, suando, suando até não poder mais.

— E' isso mesmo.

— Pois bem, Sr. Vigario, aqui está a injustiça: o organista ganha 400\$ por mez, e eu apenas 100\$; não acha V. Rvma. que os papeis estão

intervertidos, e que o meu trabalho, sendo mais pesado deve ser mais remunerado? Os 400\$ deviam ser para o foleiro, e os 100\$ para o organista.

O Vigario deu uma gargalhada que quasi escandalizou o pobre Pedro. E custou a fazer entrar na cabeça do pobre homem que o organista havia gastado contos e contos de réis, annos e annos de exercicios, para apprender a tocar o orgão; enquanto que o foleiro, de roçador de hontem, havia virado foleiro da noite para o dia.

Quantos foleiros por este mundo afóra, os quaes, por falta de reflexão, condemnam a fortuna dos ricos e amaldiçoam a propria pobreza, mas sem fazer nada para melhorar a sorte!

A igualdade é uma utopiã, pois haverá sempre homens intelligentes e tolos; uns activos e outros indolentes.

A fortuna não vem do estado em que se vive, vem antes da actividade e da iniciativa do individuo.

## **2. Exemplo de São Frederico**

São Frederico, conde de Verdum, deixou o mundo e retirou-se ao mosteiro de São Vannes, onde folgava de ser empregado nos mais humildes officios da casa.

Um dia, seu irmão Godofredo veio fazer-lhe uma visita, encontrando-o na copa, a lavar a louça.

— Que occupação para um conde! observou desdenhosamente o irmão.

— Tens razão, meu irmão, respondeu o humilde religioso. Esta occupação está muito acima de meus merecimentos, pois quem sou eu, para merecer prestar serviços a São Pedro, padroeiro deste convento?

### 3. Conversa comunista

Dois amigos encontram-se após longa separação. Um é catholico pratico, mas pobre; o outro não é nada, mas se diz comunista.

— Você deve entrar no communismo.

— Em que consiste tal communismo?

— Consiste em dividir com os outros o que a gente possui.

— Que cousa bôa!

— Pois, é... entre nós não ha mais pobres, nem ricos; todos são remedidos.

— Optimo!

E vendo que o collega não ficou indifferente a suas ideias, o comunista convidou o a beber uma cerveja no Bar proximo.

Sentaram-se... beberam o refresco... O comunista pagou, mostrando a seu velho amigo, um pacotinho redondo de notas de 10\$000.

— Então, o Sr. pratica mesmo o tal communismo, partilhando os seus bens com os outros?

— Si pratico! perfeitamente!

— Si o Sr tivesse duas casas, me daria uma?

— Immediatamente.

— E si tivesse duas vaccas, me daria uma?

— Perfeitamente!

— E tendo 100\$ no bolso, daria 50\$ a mim, que não tenho nada?

— Oh, isso, não!

— E porque?

— Porque os tenho!

— Então o communismo consiste só em receber a metade dos bens dos outros, e em conservar tudo o que tem?

— E' isto mesmo: cada um por si.. e o bem dos outros para todos!

---

---

7º DOM. dep. de PENTECOSTES  
EVANGELHO (Math. VII. 15—21)

---

---

Naquelle tempo disse Jesus aos seus discipulos :

15. *Guardae-vos dos falsos prophetas que veem a vós com vestidos de ovelhas, e por dentro são lobos rapaces.*

16. *Pelos seus fructos os conhecereis. Porventura colhem-se uvas dos espinhos, ou figos dos abrolhos?*

17. *Assim toda arvore boa dá bons fructos: e a arvore má dá maus fructos.*

18. *Não póde uma arvore bôa dar maus fructos: nem a arvore má dar bons fructos.*

19. *Toda arvore, que não dá bom fructo, será cortada e lançada ao fogo.*

20. *Vós os conhecereis pois pelos seus fructos.*

21. *Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus: mas o que faz a vontade de meu Pae, que está no céu: esse entrará no reino do céu.*

COMMENTARIO MORAL

Os falsos doutores

No Evãgelho de hoje N. Senhor nos aponta os «falsos doutores e prophetas, cobertos de pel-es de ovelhas».

Taes doutores abundam hoje mais dô que nunca; é preciso precave-mos contra elles; conhecer as suas manhas para oppor-lhes a firmeza do nosso character e a sinceridade da nossa fé.

«Tres lobos roubadores», no dizer do Salvador, são sobretudo os communistas, protestantes e esoiritas. Trindade monstro, que procura dominar o mundo e as almas.

Examinemos a este respeito.

1º A **feiçãõ propria** de cada seita.

2º. As **precauções** a tomar para vencel-a.

## I. A feiçãõ propria

O primeiro lobo é a **maçonaria**, primeiro, pelo tempo, pela perversidade e pela astucia.

A maçonaria rasceu em 24 de Junho de 1717, festa de S. João Baptista, em Londres, tendo por fundadores dois pastores protestantes e um atheu.

A sua base religiosa é o *Deismo*, que consiste em cultuar um Supremo Architecto do universo, negando porém, qualquer intervenção divina no governo do mundo e rejeitando os dogmas revelados.

Com tal principio, a maçonaria não é athéa, mas anti-christã.

A maçonaria é a grande inimiga da Igreja Catholica, sob qualquer mascara que se esconda, com esta particularidade que age sempre ás escuras, sem manifestar o seu fim e a sua acção. E' a seita da hypocrisia.

E não digam que a maçonaria brasileira seja melhor que a dos outros paizes.

O Congresso Maçonico Rio-grandense diz abertamente: «A Maçonaria tratará de combater

o clericalismo no estado, negando aos padre recursos de qualquer natureza».

O PROTESTANTISMO é o protesto de um apostata contra o Papa e contra a autoridade de Roma.

Luthero era um mau Padre, entregue á bebedeira e á libertinagem, de um orgulho desmedido, pretendendo reformar a Egreja Catholica, abater o Papado, para pôr-se no lugar do Papa.

Luthero nasceu na Allemanha, em 1483. Ame-drontado pela morte de um amigo fulminado por um raio, fez promessa de entrar no convento, onde viveu uns annos numa calma relativa, sem entretanto chegar a ser um bom religioso, nem bom Padre.

Cedo cahiu nas miserias de uma vida licenciosa, entregando-se plenamente ás suas inclinações de orgulho e de revolta.

A sua seita não tem principios religiosos fixos: tudo depende da livre interpretação da Biblia.

O protestantismo só acceta a Biblia, sendo licito interpretal a ao sabor de cada um.

Existe actualmente 888 seitas principaes do protestantismo. O que distingue a seita de Luthero é a teimosia nas ideias, o odio ao Papa, á Sma. Virgem Maria e aos sacramentos.

O ESPIRITISMO é filho legitimo do protestantismo. Nasceu em 1847, nos Estados Uunidos, tendo por protogonista um pastor protestante Methodist, Fox e suas duas filhas: Maggie e Katie Fox.

O espiritismo não passa de uma grande palhaçada; porém, o demonio vendo o proveito que pôde tirar desta palhaçada, aproveita-o para fazer embrutecer áquelles que já têm a cabeça fraca.

Alto ou baixo espiritismo, ou ainda: espi-

tismo scientifico ou cangerê, é tudo a mesma palhaçada grotesca, aviltante e anti-religiosa.

## II. As precauções a tomar

Cada uma destas três manifestações do demonio exige uma precaução particular.

A maçonaria é a *perseguição* occulta.

O protestantismo é a *revolta* contra a Igreja.

O espiritismo é o *aviltamento* do bom senso.

Triplice encarnação do demonio, triplice precaução a tomar, além das precauções communs, que são o afastamento destas seitas perversas e a luta contra ellas.

A maçonaria é condemnada pela Igreja.

O código de direito canonico diz: «Aquelles que se filiarem á seita maçonica, ou á outra do mesmo genero, que tramam contra a Igreja e os poderes legitimos, contraem, ipso facto, a excommunhão reservada simplesmente á Santa Sé Apostolica». (can. 2 235)

Vê-se logo que um homem não pôde ser catholico e maçom ao mesmo tempo. Ou catholico ou maçom!

!! Os catholicos devem pois afastar-se rigorosamente da maçonaria e até combatel-a, como perversa e perversiva.

Não se deve assistir as suas festas, não se pôde auxiliar a suas instituições, nem participar a suas manifestações.

Quanto ao *protestantismo*, o perigo é maior ainda. O protestantismo não é religião, é uma negação de tudo o que a Igreja ensina. O protestante é incapaz de dizer o que acredita, a sua fé consiste em uma duzia de objecções contra a Igreja.

Para uma pessoa instruída ha pouco perigo nestas objecções; para os ignorantes, taes objecções são uma fonte de duvidas, de vacillações, que arruinam completamente a fé.

O *espiritismo* é uma escola de loucura.

Os espiritas pretendem estar em contacto com os mortos, receber delles ensinamentos, receitas e mensagens.

Como doutrina, o espiritismo não acredita sinão nos mortos; como pratica, consiste numa encenação grotesca; como resultado, age de modo violento sobre os nervos dos nevrepthas, que conduz rapidamente ao desequilibrio mental.

E' preciso fugir delle; desmascaral o e combate!-o publicamente.

### III. Conclusão

A maçonaria faz perder ao homem a sua dignidade.

O protestantismo faz perder a fé.

O espiritismo faz perder a cabeça.

São os três fructos destas três seitas: perda da dignidade, perdida fé, perda da intelligencia.

E em logar destas três prerogativas:

A maçonaria incute a hypocrisia;

O protestantismo ensina o odio;

O espiritismo propaga a loucura.

Sejamos precavidos, e nunca deixemos entrar em nossos lares esta triplice chaga:

a hypocrisia maçonica;

o odio protestante;

a loucura espirita.

São três encarnações do demonio: ás quaes devemos oppôr: a lealdade, a submissão, a simplicidade.



Sejamos leaes para com Deus e para com os homens!

Sejamos submissos ao ensino da Igreja  
Sejamos confiantes em Deus e na Igreja.

Longe de nós e para sempre: a maçonaria, o protestantismo, o espiritismo!

## EXEMPLOS

### 1. Numa loja maçónica

Fazia as conferencias quaresmaes de Notre Dame o conhecido orador P. Monsabré. Um dia, ao sahir da igreja, apresentou-se-lhe um conhecido mancebo, que o saudou respeitosamente e lhe disse: Sr. Padre, assistí hoje á sua prédica, e fiquei com ella grandemente impressionado. Falando V. Rvma. sobre o poder do signal da cruz, disse que á sua vista foge o demonio espavorido. Eu quizera que V. R. realizasse este facto em minha presença.

— Como? contraveiu Monsabré, si elle é espirito, e neste mundo não estamos em condições de ver os espiritos! Nem a nossa alma podemos vel-a aqui.

— Sr. Padre, tornou o mancebo, eu sou maçõn, e na loja que frequento elle apparece em algumas sessões solemnes. Digo-lhe isto reservadamente. Si V. Rvma. lá fôr, e o fizer fugir com o signal da cruz, far-me-á grande favor.

— Isso é de todo impossivel, concluiu Monsabré; os maçõns não permitem *profanos* em suas sessões, e muito menos a mim que, além de *profano*, sou sacerdote, e além de sacerdote, frade.

— Eu me encarrego de levar V. Rvma. até

Iá, insistiu o joven, e dou-lhe a certeza de não correr perigo algum.

— Como já disse, concluiu o prégador, sou religioso, tenho no convento um superior, sem cuja licença nada posso prometter. O senhor venha ao convento qualquer dia buscar a resposta.

Com effeito, algum tempo depois appareceu no convento o tal moço, ao qual Monsabré communicou que o superior lhe permittia ir com elle á loja, mediante certas condições. O moço retirou-se contente, promettendo reaparecer no dia da sessão solemne.

No dia marcado, satisfeitas as condições, sahiram ambos juntos, e o rapaz que conhecia perfeitamente o casarão com todos os seus esconderijos, levou o padre disfarçado para um canto donde avistavam a sala das sessões, e por ninguém eram vistos.

Em se approximando a hora da sessão, iam chegando os membros da loja, e tomaram assento nas cadeiras collocadas em ordem. No meio da sala via-se um sofá que, na hora propria, depois de algumas cerimoniaes maçonicas, foi occupado pelo «chefe infernal». Ao vel-o, Monsabré tomou o seu crucifixo, e com elle fez uma cruz para o lado da reunião. Não cabe em descripção o barulho, a confusão, a desordem, que houve, desapparecendo o demonio sem presidir a sessão.

O moço abraçou-se com Monsabré, dizendo-lhe: Vamos, Sr. Padre, vamos por aqui. E sahiram sem serem presentidos.

Tratou logo o maçõn de abjurar a seita, e entrou para um convento de religiosos.

## **2. Stolberg e o protestantismo**

Esse famoso protestante, convertido ao Catholicismo, dizia:

— Sempre vi que o peor catholico se fazia facilmente um excellente protestante e até um pastor ; mas observei tambem com frequencia que um bom protestante, qual era eu, tem de esforçar-se muito para chegar a ser um catholico mesmo mediano.

O mesmo Stolberg, falando certa vez com Guilherme II, foi recebido pelo kaiser com esta observação de desprezo :

— Não gosto de gente que muda de religião.

Ao que o fervoroso convertido replicou prontamente !

-- Nem eu. E é por isso que nunca gostei de Lutherô.

### 3. A Mulla «Mãe»

Foi no Paraná, na grande e gloriosa cidade de Palmeira. Um amigo dedicado, Cel. Quinzito, cujo genro era grande apreciador do espiritismo, me contou a seguinte anecdotã :

Cassio e Neca, dois cablocos "illustrados", tinham assistido a umas sessões espiritas no interior. Nada tinham entendido das explicações scientificas, mas uma ideia tinha ficado na dura cachola: a da «reencarnação». A alma peccadora tem, depois da morte, de reencarnar-se para se purificar e santificar. Conforme os delictos será reencarnada em outro homem, ou em animaes, etc. «E' assim mesmo, compadre», disse Cassio. «E' assim», disse Neca. — «A minha mãe morreu no mez passado. Onde ella andarã agora? Pobre de minha mãe!»

Cassio tinha uma mulla velha que não servia mais para nada. Não a podia vender nem por 50\$000.

Aqui está o bom do negocio !

Chega lá um dia o Cassio, bem cêdo á porta do Neca.

— «Compadre, o negocio é sério! O espirito da sua fallecida mãe encarnou-se na minha mulla, ella não quer mais ficar na estrebaria, mas parece que quer ficar comsigo. Naturalmente a entrego, si você me paga o que ella vale. Eu a concedo por 500\$000.

O Sr. Neca pensa e repensa; 500\$000 é muito, mas minha mãe vale mais. Eu fico com ella.

E a mulla passa para a estrebaria do Neca. A estrebaria está bem preparada, toda lavada e o coxo cheio de milho e feno cheiroso. Tambem agua não falta, e a mulla «Mãe» sente-se bem.

No dia seguinte e em todos os dias, o Sr. Neca, de manhã, vem visitar a mullinha, cumprimenta-a, dizendo: «Bençam, mamãe!»

E assim a «Mulla Mãe» passou uma vida boa até que um dia falleceu! «desencarnou»!



---

---

## 8º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Luc. XVI. 1—9)

---

---

Naquelle tempo, disse Jesus aos seus discipulos :

1. *Havia um homem rico que tinha um feitor: e este foi accusado deante delle de ter dissipado os seus bens.*

2. *E elle chamou-o, e disse-lhe: Que é isto que ouço dizer de ti? Dá conta da tua administração: porque não mais poderás ser (meu) feitor.*

3. *Então o feitor disse consigo: Que farei, visto que o meu senhor me tira a administração? Cavar não posso, de mendigar tenho vergonha.*

4. *Sei o que hei de fazer, para que quando fôr removido da administração, haja quem me receba em sua casa.*

5. *Tendo chamado pois cada um dos devedores do seu senhor, disse ao primeiro: Quanto deves ao meu senhor?*

6. *E elle respondeu: Cem cados de azeite: Então disse-lhe: Toma a tua obrigação, senta-te depressa e escreve cincoenta.*

7. *Depois disse a outro: E tu quanto deves? E elle respondeu: Cem alqueires de trigo. E disse-lhe (o feitor): Toma as tuas letras, e escreve oitenta.*

8. *E o senhor louvou o feitor iniquo por*

*ter procedido prudentemente: porque os filhos deste seculo são mais habéis na sua geração que os filhos da luz.*

*9. Portanto eu vos digo: Grangeae amigos com as riquezas da iniquidade: para que quando vierdes a precisar, vos recebam nos tabernaculos eternos.*



## COMMENTARIO MORAL

### A propriedade e o roubo

Sobre qualquer pretexto com que o feitor infiel procure desculpar-se, elle não passa de um ladrão.

Roubou os bens de seu mestre, delapidando-os; e roubou, reduzindo as dividas que outros deviam a seu amo, para conquistar-lhes a gratidão.

Duas grandes verdades destacam-se destas verdades; referindo-se uma ao Senhor destes bens, e outra ao feitor dos mesmos bens. São:

1. O direito de **propriedade**.
2. A injustiça do **roubo**.

#### I. O direito de propriedade

A propriedade é um direito real; tendo cada homem o direito de possuir o fructo de seu trabalho e de gozar deste fructo.

Dois mandamentos divinos asseguram este direito: O setimo proscreeve o roubo; e pelo facto, reconhece o direito de propriedade.

O decimo prohiibe desejar o bem do proximo, e pelo facto, prohiibe apoderar-se delle.

Ora, si este bem alheio não fôsse realmente

um bem que cabe de direito ao proximo, não seria prohibido apoderar se d'elle, e não sendo prohibido, não existiria, no caso, o crime de roubo.

O roubo não existiria mais, pois sendo um bem commum, um bem que pertence a todos, tal roubo seria uma simples mudança de propriedade, uma restituição, ou ainda uma "retomada", como dizem os anarchistas.

Estes, porém, se esquecem de dizer que, retomando tal propriedade, elles constituem uma nova propriedade em seu proprio favor; e que qualquer outro, tendo o mesmo direito do novo possuidor, pôde, por sua vez, retomar o que este já tomou, para nova possessão.

Admittindo mesmo que Deus não promulgára o direito de propriedade, este direito não deixaria de formar a base da Constituição humana.

Tal direito está inscripto no amago de nossa alma, como sendo a base essencial da sociedade humana.

De facto: o homem foi condemnado ao trabalho, em castigo do peccado original.

Deus disse a Adão: «Tirarás da terra o teu sustento com trabalhos penosos, todos os dias da tua vida». (Gen. III. 17)

Ora, o estímulo do trabalho é o lucro: e este lucro é a recompensa legitima do trabalho.

Tirando a *propriedade*, o homem perde o interesse pelo trabalho, pois perde o lucro.

Dizem os socialistas e communistas que não pretendem «destruir» a propriedade, mas transformá-la, de individual que era, em «collectiva».

Sim, mas o que pertence a todos, não pertence a ninguem.

O homem procura necessariamente um lucro individual e não se importa com o lucro collectivo.

A privação da propriedade *individual* é uma impossibilidade, como a saúde *collectiva* é uma impossibilidade, sem a saúde individual.

A propriedade é uma instituição divina, e ninguém pôde alterar esta instituição. Todos os ensaios e todas as aspirações são condemnadas ao insuccesso.

## II. A Injustiça do roubo

Toda usurpação voluntaria e injus'a da propriedade alheia é um **roubo**, qualquer que seja o nome, com que o appellidem.

Distingue-se quatro especies de roubo:

1. O **furto**, que consiste em tirar uma coisa ás occultas, á revelia do dono, por exemplo: os meninos que roubam da familia, os empregados que burlam os senhores.

2. A **rapina**, quando a ladroeira se realiza aberta e descaradamente, e com violencia; é o caso dos bandidos ou salteadores que, de dia ou de noite, atacam os viandantes ou penetrãem nas casas, para arrebatam o que encontrarem.

3. O **sacrilegio** é furto ou rapina que tem como objecto os bens sagrados, como os ladrões que penetram nas egrejas e arrebatam objectos do culto sagrado, ou esmolam destinadas ao culto.

4. A **fraude**, quando alguém engana os outros nos negocios, illaqueando-lhes a ingenuidade ou a boa fé, como por exemplo, o lojista que illude o freguez, quer na quantidade, quer na qualidade da mercadoria que vende.

O feitor infiel começa *furtando* a seu amo, subtrahindo-lhe dinheiro de seus cofres, para esbanjal-o.

Despedido, continúa a furtar com a cumpli-



cidade dos devedores de seu mestre, fabricando-lhes falsas letras.

O modo de roubar muda, porém, é sempre *roubo*.

E não objectem que são pequenos roubos, de pouco valor!

O roubo pequeno tem sempre consequências graves a respeito do ladrão, porque os pequenos furtos preparam os grandes.

Dahi o axioma: «Quem rouba uma agulha, roubará uma gallicha!»

Do pouco ao muito o declive é perigoso.

### III. Conclusão

A gravidade do roubo póde ser excusada pelo que se chama: «materia leve», isto é, pelo pouco valor do objecto.

O roubo não é excusado por isso, pois é sempre uma injustiça contra o setimo e o decimo mandamentos.

Como tal, o roubo é um peccado grave em si, tornando-se leve pela falta de materia sufficiente para constituir um peccado grave.

A gravidade do roubo depende da extensão do prejuizo causado e da disposição de animo do dono.

Um roubo leve feito a um pobre, é mais grave do que feito a um rico, porque o prejuizo é maior.

O roubo feito a pessoas alheias é igualmente mais grave do que si fôsse feito pelos filhos aos paes.

Respeitemos sempre a propriedade alheia, e não ambicionemos o que não é nosso.

A justiça é a virtude fundamental da sociedade. E' sobre ella que repousa a segurança, a tranquillidade e a paz.

## EXEMPLOS

**1. Horror ao roubo**

O velho Tobias, cego, ouvindo um dia uma ovelha balar, disse a sua esposa: «Tome cuidado não seja este um animal roubado! Restitue-o ao dono, pois, não é permittido comer o que foi roubado». Felizes os que possuem tal delicadeza de consciencia!

**2. A campainha importuna**

Surio, na vida de São Medardo, conta o seguinte facto:

Um homem da roça roubou do santo uma vacca, que tinha uma campainha suspensa ao pescoço.

Fez o animal entrar em um estabulo e fechou a porta, para que ninguem pudesse ali penetrar.

A campainha começou a tinir, sem parar, embora o animal estivesse em repouso.

Recéando ser descoberto, o ladrão retirou a campainha do pescoço da vacca, e o pôz num canto do estabulo; o tinir, porém, continuou como dantes.

O ladrão, espantado, encheu de feno o fundo da campainha; inutil: continuou esta a fazer ouvir o seu tinir revelador.

O ladrão pegou a e a fechou num caixão, encobrindo-o de feno; esforço inutil: a campainha continúa a tinir sempre.

Comprehendendo o milagre, o ladrão sente-se horrorisado, e, amarrando de novo a campainha ao pescoço do animal, leva depressa a vacca para São Medardo.

Cessou logo o tinir da campainha desde que avistou o dono do animal.

O mesmo acontece aos que roubam o bem alheio. A justiça, tal uma campainha importuna, resôa continuamente no fundo da sua consciencia, fazendo ouvir estas palavras de um preceito formal: «Não cubiçarás as cousas alheias».

### 3. O sacco de terra

O Califa Hakkâm, que reinava na Hespanha no fim do decimo seculo, 'desejava estender o jardim de seu palacio, e para esse fim quiz comprar o terreno proximo, de uma pobre viuva.

Esta não quiz vendel-o por ser uma herança de família.

O Intendente do Califa, ante a opposição, apoderou se do terreno injustamente pela força, e mandou construir no logar o pavilhão real.

A pobre mulher, despojada de seu unico haver, foi para Cordova, queixou-se ao Cadi Bechir ministro religioso.

O negocio era delicado, pois Hakkam, como Califa, era o Chefe supremo da nação.

Não hesitou, entretanto, o Cadi; poucos mezes depois, chega, montado num burrinho com um sacco vazio nas mãos, pedindo para falar ao Califa Hakkam; este recebeu-o no novo pavilhão, que havia sido construido no terreno roubado.

O Califa, admirado, perguntou o que desejava.

— Principe dos fieis, respondeu Bechir, venho pedir-lhe licença de encher este sacco com a terra que está pisando neste momento.

Hakkam consente.

O Cadi enche o sacco de terra; quando está repleto, deixa-o em pé, e approximando-se do

Califa, supplica de levar ao auge a sua bondade, ajudando-o a collocar o sacco nas costas do burro.

Hakkam, divertido pela curiosa proposta, acceita, e experimenta levantar o sacco; mas, mal a mal póde movel-o do logor, e deixa o calir, queixando-se do peso enorme.

— Principe dos crentes, diz então Bechir, com um tom de imponente gravidade — este sacco que acha tão pesado, contém apenas uma parcella diminuta do terreno usurpado a uma de suas subditas... Como V. Excia. susterá o peso do terreno inteiro da pobre viuva, quando comparecer perante o tribunal do juizo supremo, carregado desta iniquidade?

Hakkam, impressionado por tal linguagem, abraça o Cadi, agradece-lhe a licção, reconhece a sua falta e manda immediatamente restituir o terreno á pobre viuva, com o rico pavilhão ali já construido.



---

---



---

---

## 9º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Luc. XIX. 41—47)

---

---

41. *Naquelle tempo, tendo Jesus chegado perto da cidade, chorou sobre ella, dizendo :*

42. *Si ao menos neste dia, que te é dado, tu conhecesses ainda o que te póde trazer a paz! Mas agora isto está encoberto aos teus olhos.*

43. *Porque virão para ti os dias em que teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão, e te apertarão por todos os lados:*

44. *E derribarão por terra a ti e aós teus filhos, que estão dentro de ti, e não deixarão em ti pedra sobre pedra: porque não conheceste o tempo da tua visita.*

45. *E entrando no templo, começou a expulsar os que vendiam e compravam nelle, dizendo lhes :*

46. *Está escripto: A minha casa é casa de oração: e vós fizestes della um covil de ladrões.*

47. *E todos os dias ensinava no templo.*

### COMMENTARIO MORAL

## As lagrimas de Jesus

O Evangelho nos menciona três circumstancias em que Jesus chorou.

1) Sobre Jerusalém, como vemos no Evange-

lho de hoje: «Et videns civitatem flevit super illam».

2) Sobre o tumulo de Lazaro: «Et lacrimatus est Jesus» (Joan. XI. 35).

3) Durante a sua agonia no Horto das Oliveiras: «Et factus est sudor ejus, sicut guttæ sanguinis» (Luc. XXII. 44).

Approximemos estas três scenas que occasionaram as lagrimas de Jesus, para bem comprehender o que nós devemos chorar; e veremos que são:

1. Os nossos peccados.

2. Os peccados do mundo.

## I. Os nossos peccados

O peccado é o grande mal, o unico mal que realmente merece as nossas lagrimas; é este mal e as consequencias ou castigos deste mal que Jesus chora.

Jesus chora sobre Jerusalém porque essa cidade se tornou infiel a Deus; peccou, e em breve, commetterá o mais horrendo dos crimes.

Pobre cidade, tendo sido destinada a ser para o futuro a rainha de todas as cidades, ella começou os seus crimes, recusando receber Jesus Christo como seu Salvador.

Pela sua resistencia á graça, ella cahiu no endurecimento, numa cegueira que não lhe permite mais distinguir o bem do mal e se entrega definitivamente nas mãos de seus inimigos.

E' o peccado; e Jesus chora este peccado.

Deante do tumulo de Lazaro, não é a morte de seu amigo que Jesus chora, pois Elle sabe que vae resuscital-o, mas sim o estado lamentavel a que a morte havia reduzido Lazaro: e este estado era a imagem viva do peccado.

Somos peccadores, temos offendido a Deus tão bom e tão misericordioso, em vez de amal-o; é uma ingratidão que devia ser chorada com lagrimas de sangue.

Os santos lembravam-se de seus peccados, soluçavam, passavam dias e noites banhados em lagrimas, para expiar as suas faltas e agradecer a bondade de Deus, que lhes perdoára estas falas.

Maria Magdalena chorou a sua vida dissoluta, lavou os pés de seu divino Mestre com as suas lagrimas e os enxugou com seus cabellos; e pelo seu arrependimento tão vivo como sincero, mereceu ouvir estas consoladoras palavras: «Muitos peccados lhe são remittidos, porque muito amou—remittuntur tibi peccata». (Luc. VII 48)

## II. Os peccados do mundo

O mundo inteiro está na perversidade, diz S. João:—«Mundus totus in maligno positus est» (1 Joan. V) pois tudo que é do mundo é concupiscencia da carne, concupiscencia dos olhos e orgulho da vida. (Joan. II. 15)

Si o Espirito Santo estigmatizou com tanta violencia as maximas e os costumes do mundo, no tempo de Jesus Christo, que diria Elle de nosso tempo?

Hoje tudo leva ao peccado:

Os *CINEMAS immoraes* são uma constante provocação á libertinagem, ao assassinato, á ladroeira.

Não bastam os instinctos da nossa natureza; o cinema ensina, pela vista e pela palavra os crimes mais hediondos e mais infames, e taes ensinamentos são chamados hoje:— “um passatempo necessario”.

As *Modas indecentes* completam este ensi-

no, attrahindo o olhar e provocando a imaginação de imagens lascivas.

As criancinhas perdem, pela imposição das mães, o que têm de mais sagrado em seu sexo: o pudor, a reserva, esta modestia suave que faz da criancinha um anjinho; tudo isto é sacrificado á voracidade insaciavel do que se chama: a moda.

*REVISTAS* e *JORNAES* cheios de scenas amorosas, de exaltações nevropathicas mostram todos os segredos dos lares, como as devassidões de reuniões nocturnas.

Tudo é revelado, embellezado, profanado.

O mundo não conhece mais os nobres enthusiasmos do bem, da virtude, do heroismo; só conhece o prazer dos sentidos, a volupia da carne, a degradação do espirito e do coração.

O mundo está todo no mal, e este mal progride, dia por dia.

E Jesus, sentado á beira da estrada, por onde passa esta humanidade desvairada, chora, como Elle chorava sobre Jerusalém, sobre o tumulo de Lazaro, e na gruta da agonia.

Elle chora a innocencia perdida;

Elle chora a revolta dos pobres;

Elle chora as provocações dos cinemas e das modas.

E Jesus chora, para mostrar-nos que, além de chorarmos os nossos proprios peccados, devemos ainda chorar os peccados do mundo...

### III. Conclusão

Oh, sim, choremos com Jesus os peccados que diariamente se commettem em tão grande numero. Mas sejam nossas lagrimas sinceras e



seguidas da resolução de evitar os peccados, que são a causa destas lagrimas.

Afastemo-nos do cinema immoral.

Combatamos as modas indecentes.

Lancemos fóra as revistas e os jornaes corruptores.

As mães sobretudo, que têm amor verdadeiro ás almas de suas filhinhas, não consintam por mais tempo nos trajes de desnudação das suas filhinhas.

Vistam-nas, lembrando-se de que si ellas são innocentes, ha, ao lado dellas muitas pessôas que não o são, e peccam continuamente pela imaginação, pelos desejos, deixando-se arrastar pela concupiscencia dos olhos.

Não basta evitar o mal por si mesmo, é preciso ainda fazel-o evitar pelos outros.

Lembrem-se das lagrimas de Jesus... Talvez seja sobre as vossas filhinhas que Elle chora.

## EXEMPLOS

### 1. Palavra de um inglez

Carlos III, com o auxilio de Deus e a virtude da gloriosa Joanna d'Arc, acabava de libertar a França do jugo dos inglezes que a opprimiam.

Um official inglez embarcou-se para voltar para a Inglaterra. Um outro official, francez, num tom um tanto sarcastico, perguntou-lhe: Quando voltará á França?

O inglez, respondeu, com fleugma:

—Quando os vossos peccados forem maiores do que os nossos!

Tinha razão: as desordens de uma nação lhe preparam a ruina.

## 2. Agrippina a Nero

Nero havia perdido uma quantia consideravel no jogo.

Para fazer-lhe sentir a perda, Agrippina, sua mãe, fez espalhar em cima de uma grande mesa outra somma igual.

O Imperador, ao ver tal montão de ouro e prata, perguntou que dinheiro era aquelle.

— Meu filho, é a somma que acabas de perder.

Ah, si o peccador pudesse ver o que perdeu, offendendo a seu Deus!

## 3. Juramento de Annibal

Amicar, pae de Annibal mandou chamar seu filho, que tinha apenas 8 annos de idade e, levando-o ante o altar dos deuses, explicou-lhe os tormentos que os romanos haviam infligido a Carthago e fez-lhe jurar um odio sem fim a este povo.

A' vista dos estragos, muito mais deploraveis que o peccado faz ás almas, juremos deante do altar, um odio eterno ao miseravel peccado.

## 4. Juramento de Regulus

Regulus era um general romano, feito prisioneiro em Carthago.

Os carthaginenses mandaram-no a Roma em companhia de embaixadores, afim de pedir a paz aos romanos, mas sob juramento de voltar, si a paz não fôsse concedida.

Chegado em Roma, Regulus cumpriu a missão de sua consciencia, sustentando a oportunidade da guerra para os interesses da sua patria.

Prevaleceu o seu sentimento e a guerra ia continuar.

Aconselharam-no a que não voltasse para Carthago, mas Regulus preferiu antes a morte do que deshonrar a sua dignidade com um perjurio.

Recusou encontrar-se com sua esposa e os seus filhos, para não ser abalado pelas suas lagrimas.

De volta a Carthago, o heroe foi immediatamente condemnado e assassinado, como aliás elle já o havia presentido.

Seremos nós mais covardes deante de Deus, do que este romano ante os seus dominadores?!

### **5. Perjurio punido**

Godwin, conde de Kent havia feito assassinar o principe Alfredo de Inglaterra e persuadido aos Inglezes de darem a corôa ao irmão de Alfredo.

Um dia, em que num festim, Eduardo III fazia allusão á morte do irmão, e della o culpava, Godwin, para negar, levou á bocca um pedaço de pão, dizendo:

— Si sou culpado da morte de Alfredo, seja este pedaço de pão o ultimo que tomo!

Apenas havia pronunciado estas palavras, enguliu o pedaço de pão, o qual agarrando-se-lhe na garganta, o suffocou no mesmo momento.

Justo castigo do perjurio!



---

---



---

---

## 10º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Luc. XIX. 9—14)

9. *Naquelle tempo propôz Jesus esta parábola a uns que confiavam em si mesmos, como (si fôsem) justos e desprezavam os outros :*

10. *Subiram dois homens ao templo a fazer oração : um phariseu e outro publicano.*

11. *O phariseu, de pé, orava no seu interior desta fórma : Graças te dou, ó Deus, porque não sou como os outros homens : ladrões, injustos, adulteros, nem como este publicano.*

12. *Jejuo duas vezes na semana : pago o dizimo de tudo o que possuo.*

13. *O publicano, porém, conservando-se á distancia, não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu : mas batia no peito, dizendo : Meu Deus, tem piedade de mim peccador.*

14. *Digo-vos que este voltou justificado para sua casa, e não o outro : porque quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado.*

COMMENTARIO MORAL

### O orgulho

O phariseu de que trata o Evangelho é o orgulho personificado, e Jesus o põe em scena para mostrar-nos claramente o quanto este vicio é odioso.

O orgulho é um peccado *capital*, isto é: a fonte de muitos outros peccados.

Para conhecê-lo bem, e precaver-nos contra a sua tyrania, examinemos:

1. **A natureza** do orgulho.
2. **Os vícios** que faz nascer na alma.

## I. A natureza do orgulho

O orgulho tem uma dupla feição que é bom distinguir.

E' «a estima excessiva de si mesmo e o desejo excessivo da estima dos outros».

A estima de si é a «exaggeração viciosa» do sentimento da **nossa dignidade** pessoal; enquanto o desejo da estima dos outros é o exaggero vicioso da **sociabilidade**, procurando occupar no espirito dos outros, um logar que não nos é devido.

No fundo é o mesmo orgulho, porque é antes de tudo a *exaltação do eu*, não querendo ver o mal que ha em nós, mas só o bem.

E' o procedimento do phariseu do Evangelho.

Elle tem os seus defeitos, é certo, como todos os homens os têm, porém, parece ignorá-los, passando unicamente em revista, o bem que encontra, o que exaggera: «Não sou como o resto dos homens, que são ladrões, injustos, adulteros, jejuo duas vezes na semana, pago o dizimo, etc».

Que bello panegyrico! porém, o panegyrista e o exaltado é o proprio e mesmo phariseu!

Eis a primeira parte do orgulho: a estima excessiva de si mesmo.

Não póde faltar a segunda parte: o querer a estima excessiva dos outros. Para obtê-la o phariseu compara-se ao pobre e humilde operario que se acha ali, na entrada, batendo no pei-

to e dizendo: «Meu Deus, tem piedade de mim, peccador».

Eu não sou como este publicano, fala o phariseu; elle se diz peccador, pois eu não o sou... elle é um criminoso, eu sou um justo; elle merece o desprezo, eu tenho direito á estima, elle está nas trevas, eu estou na luz!

E' bem o caso dos nossos modernos protestantes, que se proclamam justos, emquanto os romanos são reprobos; que se dizem crentes em Jesus, emquanto os romanos não têm fé... que estão na luz do Evangelho, emquanto os romanos estão mergulhados nas trevas da idolatria... que são inspirados pelo Espirito Sauto, emquanto os romanos são inspirados pelo Papa.

E' o phariseu, dando graças a Deus de não ser como o resto dos homens.

E' o orgulho feroz, tão odiado por Deus: — «Arrogantiam et superbiam... detestor». — (Prov. VIII. 13)

## II. Os vicios que faz nascer na alma;

Do mesmo modo que um *capital* em dinheiro produz *juros*, assim um peccado capital produz tambem outros peccados. Enumeremos apenas os seguintes:

1. *A ambição*, que quer chegar a seu fim, custe o que custar, apesar e contra tudo, não olhando para a honestidade dos meios, mas unicamente para o fim a alcançar.

Foi esta ambição que ditou o rifão dos perversos: Todos os meios são bons — e ainda: o fim justifica os meios.

2. *A desobediencia*, que não quer submeter-se a ninguém, julgando-se bastante sabio e experiente para seguir as proprias ideias.

E' o orgulho que aconselha ao filho a desobedecer a seus paes, ao alumno a seu mestre, ao inferior a seu superior.

Esta palavra «inferior» sôa mal aos ouvidos. Não se quer ser inferior, e para mostral-o, recusa-se obedecer.

3. *A obstinação*, que não quer deixar vencer-se por outrem. Julga-se ter uma intelligencia acima da dos outros, mais perspicaz, mais penetrante que a dos outros, e apesar de todas as provas e todos os raciocinios, o orgulhoso, de proposito, rejeitã o juizo dos outros.

4. *A presumpção* é o estado de quem põe toda a confiança em si mesmo, em suas proprias forças; o presumpçoso de nada duvida, e sobretudo não duvida de si mesmo. Chega ao ponto que julga impossivel Deus rejeital-o... ELLE... tão grande e tão santo. Que seria o céu sem elle?

E apoiado sobre esta esperança exaggerada, viola a lei de Deus, despreza os meios de salvação instituidos e prescriptos por Deus, julgando que Deus ha de salvá-o, fazendo milagres em seu favor, si necessario fôr.

5. *O respeito humano*... que é a covardia de um homem sem character, mas cheio de orgulho.

Que dirão de mim, si eu me confessar? Si commungar? si ficar devoto?

Que pensarão os perversos si eu não assistir a tal reunião, a tal divertimento?

E o pobre «valentão» não nota que nem siquer se governa a si mesmo... que nem é senhor de si... mas que é um vulgar escravo da opinião dos outros.

6. *A apostasia*. A soberba enchendo uma cabeça ôca, esta se julga um scientista, um theologo, uma capacidade mundial, cita o proprio

Deus á barra de seu julgamento, e chega a agir, sem dizer, talvez, o que dizia Luthero de si mesmo: «Desde que o mundo existe, jamais alguém falou e ensinou como eu, Martinho Luthero. Não me importo com textos biblicos, a minha doutrina não precisa de argumentos: faz lei a minha vontade».

Tal é a linguagem do grande apostata, do grande hereje, cujo orgulho sem medida, serviu de base á seita por elle fundada: o protestantismo.

Eis seis brotos desta arvore que se chama: o orgulho. Vicio *capital*, produzindo outros vicios, como o capital financeiro produz juros de dinheiro.

### III. Conclusão

Guerra de morte ao infame orgulho, pois de todos os vicios é o mais execravel e o mais odiado por Deus.

O orgulho é uma das três chagas da humanidade, conforme São João: Tudo o que ha no mundo é concupiscencia da carne (sensualidade), concupiscencia dos olhos (curiosidade) e orgulho da vida. (1. Joan. II. 16)

«Deo odibilis superbus», diz o Apostolo (Rom. I. 30). Deus exalta os humildes e humilha os orgulhosos.

Procuremos pois adquirir esta grande e sublime virtude que é a humildade.

Pelo orgulho, os anjos rebeldes tornaram-se demonios; pela humildade a Virgem Santissima foi elevada á dignidade de Mãe de Deus.

Sejamos humildes para com Deus e para com os homens. Para com Deus para que nos proteja; para com os homens para ganhar-os a Deus.

A humildade é a verdade, disse Santa The-



reza. E' permittido ver o «bem» que ha em nós, porém, não deixemos de notar tambem o *mal*.

O bem é de Deus; o mal é nosso. Logo, a humildade é a nossa condição, e o orgulho é um roubo feito a Deus, attribuindo-nos o que é só d'elle.

## EXEMPLOS

### 1. Herodes Agrippa

Este rei quiz receber com toda pompa os embaixadores de Tyro e de Sidon. Compareceu perante a multidão revestido de um manto real de prata que faziam resplandescer os raios do sol.

Terminada a arenga ao povo, todos exclamaram: «E' um deus quem fala e não um homem!»

Na mesma hora um anjo do Senhor lhe infligiu horrenda molestia, e roído de vermes, expirou. Justo castigo do orgulho!

### 2. Dois orgulhosos

Perguntaram a Michelet: — Conheces Victor Hugo?

— Não; respondeu elle. Os leões vivem isolados, mas os nossos pensamentos, sendo aguias, saúdam-se nos ares!

Quanto a Victor, tambem elle tinha lá a convicção de seu genio.

Leconte, sendo candidato á Academia franceza, foi visital-o. Encontrou o em seu pequeno jardim, absorto numa reflexão profunda.

— Que está pensando? perguntou-lhe.

— Na morte! respondeu Victor Hugo... Na morte... e no que direi a Deus, quando o vir face a face.

— É muito simples, respondeu Leconte. Dir-lhe-ás: «meu caro compadre!»

### 3. Nobreza excessiva

O sonho de certos fidalgos orgulhosos é descrever sua linhagem ancestral a perder-se nas brumas dos tempos.

Conta-se que um descendente do príncipe Golard mereceu o premio nesta materia.

O livro regio da familia, contendo o tronco ancestral, estava assim composto:

Golard I foi pae de Golard II, que gerou Golard III, que gerou Golard IV. Aqui, Deus creou o mundo; depois da criação, Golard IV gerou Golard V, etc., etc.

Quantos simplorios, para se darem valor exaggeram tudo que se lhe diz respeito, cahindo deste modo no incrível, que revela todo o seu orgulho.





## 11º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Mar. VII. 31—37)

31. *Naquelle tempo deixou Jesus os confins de Tyro, e veio por Sidon ao mar de Galiléa, atravessando o territorio da Decápole.*

32. *E trouxeram lhe um surdo-mudo, e supplicavam-lhe que lhe impuzesse a mão.*

33. *Então Jesus, tomando-o á parte dentre a multidão, metteu lhe os dedos nos ouvidos: e cuspindo, com a saliva tocou a sua lingua:*

34. *E levantando os olhos ao céu, deu um suspiro, e disse lhe: Ephpheta, quer dizer, abre-te.*

35. *E Immediatamente se lhe abrim os ouvidos e se lhe soltou a prisão da lingua, e falava claramente.*

36. *E ordenou-lhes que a ningum o dissessem. Porém, quanto mais lh'o prohibia, tanto mais o publicavam:*

37. *E tanto mais se admiravam, dizendo: Tudo tem feito bem: fez que ouçam os surdos, e falem os mudos.*

COMMENTARIO MORAL

### Os surdos-mudos

O Evangelho nos apresenta hoje uma figura typica de uma das grandes molestias que perturbam a nossa epoca: Um surdo-mudo.

O surdo-mudo não ouve, nem fala. Quantos homens hoje “têm ouvidos”, no dizer do Prophe-ta-Rei, “mas não ouvem; têm bocca, mas não falam”. E’ delles que vamos falar hoje, estudan-do estas duas molestias quasi sempre unidas no mesmo individuo, tanto no moral como no phy-sico.

1. A **surdez** do vicio;
2. A **mudez** da cobardia.

### I. A surdez do vicio

Para o corpo, a surdez é uma molestia, pa-ra a alma é um vicio. Muitas pessoas querem apenas ouvir o que diz respeito a seus interes-ses, mas são surdos quando se trata de sua alma:

Disse alguém com muito acerto, que para um estrangeiro conhecer o officio de cada um numa cidade, basta estar no correio, na hera da che-gada dos jornaes.

Vinte pessoas recebem o mesmo jornal, po-rém cada qual procura uma secção differente neste jornal.

O capitalista procura a sessão do cambio;

O negociante examinará o preço das merca-dorias;

O viajante indaga do horario dos trens;

O politico devora os mexericos governamen-taes;

O lavrador quer saber da alta ou baixa de seus cereaes;

O criador interessa-se pelo gado;

O advogado quer ver as soluções dos casos de justiça;

O medico só lê noticias de accidentes e ope-rações;

O sentimentalista lê logo as scenas amorosas;

O gozador só conhece os films a [exibir proximamente.

O bom catholico examina as noticias religiosas, a exposição de certos pontos de doutrina.

Diga me o que tu lês, e eu direi o que tu és.

Cada um procura os seus interesses, ouve o que lhe diz respeito, e fecha os ouvidos para o resto.

E' a origem do mal; embora tal disposição seja apenas o indicio do vicio que deve nascer deste mal.

Os homens deixam se absorver pelas suas tendencias naturaes... e não se interessam mais pelas cousas da vida futura e santificação actual.

Quantas pessoas vão á igreja, escutam com os ouvidos do corpo, a instrucção ou sermão do Vigario, porém, a alma fica *surda* á voz de Deus. Enquanto o prégador expõe as verdades e traça as normas a seguir, elles estão preocupados com outros negocios; são surdos.

Nada mais lhes impressiona, nem commove, a alma não vibra mais nem pela belleza, nem pela sublimidade da doutrina divina... Continuam elles a sua vida tal qual ella sempre foi: calma, pacifica, commodista.

O canhão do communista pôde troar ao longe e té de perto, os gritos de odio podem semear o terror; as ameaças de perseguições podem sibillar por cima de suas cabeças: elles nada ouvem, são surdos a tudo! — *Aures eorum surdæ sunt.* (Mich. VII. 17).

E' o endurecimento espiritual... é a indifferença monstruosa... é o vicio da tibieza.

## II. A mudez da cobardia

A surdez é um vicio... a mudez é uma cobardia.

Estamos numa época de decadência do **caracter**.

A palavra é de prata, diziam os antigos, e o silencio é de ouro! E' uma grande verdade, porém, convém notar que a virtude está no meio, igualmente distante dos dois extremos.

Falar demais é signal de loquacidade e de **leviandade**.

Não falar, é mudez e signal de **cabardia**.

E' por isso que o Espirito Santo diz que ha tempo para falar e tempo para calar-se: *Tempus loquendi et tempus tacendi*. (Eccl. III. 7)

Ha occasiões que o silencio vale ouro, mas ha outras em que a palavra sensata, firme e christã é uma virtude, e a virtude vale mais que **ouro**.

Hoje em dia a sociedade abalada em seus alicerces, debate-se em luta angustiosa, contra o erro, contra a hypocrisia e contra o crime.

O erro invade as intelligencias pela propaganda desenfreiada do **protestantismo** e do **espiritismo**.

O protestantismo pela sua interpretação individual falsifica as intelligencias. enquanto o espiritismo, pelos seus phantasmas do outro mundo, arranca esta intelligencia e faz do homem um bruto irracional, um louco.

A hypocrisia bafejada pela **maçonaria** e pela politicagem egoista e sem ideal, falsifica a *vontade* e não lhe permite dizer mais o que sente e o que pensa, mas quer que sinta e pense como sentem e pensam os chefes prepotentes do partidarismo e do sectarismo.

O crime glorificado pelo infame **communismo**, perverte os corações que só desejam o gozo grosseiro, a luta do partidarismo, a destruição do lar e a animalização das crianças.

E deante desta hydra sanguinaria que perverte, que escraviza e que mata, o commodismo cruza os braços, sem articular uma palavra, sem lançar um brado, ou sem tomar uma attitude de homem livre e consciente.

E' a mudez, a cobardia!

*Canes muti non valentes latrare*, lhes brada Isaias. (56. 10)

Não; o silencio não é permittido em frente do erro, da hypocrisia e do crime!

E' preciso refutar o erro, \_desmascarar a hypocrisia, repellir o crime.

A mudez é uma *cobardia!* É a grande cobardia da nossa epoca.

### III. Conclusão

Contra este vicio e esta cobardia o divino Mestre nos indica o remedio.

Jesus, tirando o surdo-mudo do meio do povo, pôz lhe os dedos nos ouvidos, e tocou-lhe com saliva á lingua.

Tocar com os dedos ou metter mãos á obra: é a imagem da actividade.

A saliva é o signal do desprezo, como quando Deus diz que tem tanto horror ao tibio, que o vomitará da sua bocca: *incipiam te evomere ex ore meo* (Apoc. III. 16)

*Desprezo e acção*: é todo o programma da acção social catholica, tão recommendada pelo Santo Padre o Papa.

**Desprezar** o protestantismo, o espiritismo, a maçonaria, o communismo, não escutando as suas insinuações e doutrinas; mas, ao mesmo tempo **refutar** os seus erros, hypocrisias e crimes, pelo jornal, no pulpito, nas conversas, nas familias, para rectificar as ideas de povo, orien-

tar a sua fé e repellir os inimigos de Deus e da sociedade.

Proclamemos bem alto a sua perversidade, para que os catholicos adquiram a noção exacta e verdadeira destas encarnações do espirito do mal.

Lancemo-lhes a saliva do nosso desprezo! ...

Mettamos mãos á obra para combatel-os, dizendo como o Mestre: *Ephpheta!* que quer dizer: **abre-te**. Mostra-te... deixa ver o que és.. Deste modo *faremos ouvir os surdos e falar os mudos*.

Um meio efficaz de fazer este apostolado de refutação e exposição da verdade, é propagar o «**O Lutador**», (1) cujo fim é desmascarar o erro e a hypocrisia das seitas anti-catholicas.

## EXEMPLOS

### 1. Não discutir... mas agir

Não se discute com o demonio: basta despedil-o.

Não se discute com companheiros perversos: basta fugil-os.

Não se discute com um mau livro: basta queimal-os.

Não se discute com o dever: basta cumpril-o.

Não se discute com o Evangelho: basta practical-o.

Não se discute com Deus: basta amal-o e servil-o.

---

1) «O LUTADOR», semanario catholico, editado pelos Padres Sacramentinos de Nossa Senhora. Jornal polemico, apologetico, que tem por fim: desmascarar o erro e a hypocrisia dos inimigos da religião, e defender a verdade catholica. Tem actualmente 15.000 assignantes — Administração: Manhumirim—Minas (E. F. L.) Assignatura annual: 10\$000.



## 2. Catholicos honorificos

Um deputado, almoçára um dia com um alto funcionario, em companhia de varios advogados:

A conversação versou sobre religião.

Um dos advogados, grande orador, mas pequeno christão, tomou logo a palavra e fez a sua profissão de fé:

«Quanto a mim — disse — sou tão catholico que qualquer outro. Creio em Deus e honro o autor de meu sêr.

Creio em Jesus Christo: a moral de seu Evangelho é sublime, a sua santidade me fala ao coração. O culto da Santissima Virgem me agrada, não conheço nada de mais suave e mais poetico. Approvo a confissão: é uma instituição das mais bemfazejas...»

— Mas não fazeis uso della, não é? respondeu o deputado, batendo-lhe no hombro; sim, meu amigo, comprehendo: o sr. é um catholico honorifico.

Quantos catholicos honorificos ha, quer por vicio quer por cobardia!

## 3. homens de caracter

Um fiscal da estrada de ferro está fiscalizando os bilhetes.

Chegando ao carro dos passageiros, tirando o bonet, diz com delicadeza:

— Os bilhetes, meus senhores, façam o favor...

Um dos viajantes que parecia não gostar muito de fiscaes, pestanejando para o visinho, indica, com a ponta do pé, um objecto no chão.

— Sr. fiscal, isso não é do sr.?

Era um modesto terço.

O fiscal comprehendeu a maldade da pergunta.

Enfiando a mão no bolso tira um terço e mostrando-o, diz:

— Não, sr., eis aqui o meu!

E tendo cumprido a sua missão de fiscalizar, comprimontou-o e sahiu, enquanto um dos presentes disse em alta voz:

Digam o que quizerem, mas o fiscal é um homem de character!

#### **4. Sentenças**

— A opinião publica é tal uma balança, que ultrapassando certo peso, torna-se louca e se quebra.

— O medo dos bobos não deve impedir-nos de tratar gravemente o que é grave. (Renan)

— Duas especies de homens desprezam a opinião: os scelerados e os santos.

— A opinião geral não passa muitas vezes da opinião de uns, acceita por todos.

— O perverso, que se envergonha de fazer mal, está mais perto de Deus do que o homem que se envergonha de fazer o bem.

— Três ou quatro vezes na vida temos occasião de ser valentes, mas todos os dias temos occasião de ser covardes! (Bazin)

— Quem tem a honra de ser catholico, não se deve fazer perdoar, mas fazer se respeitar. **20**



## 12º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Luc. X. 23—37)

---

---

23. *Naquelle tempo, disse Jesus aos seus discipulos : Ditosos os olhos que vêem o que vós vêdes.*

24. *Porque eu vos affirmo que muitos prophetas e reis desejaram ver o que vós vêdes e não o viram: e ouvir o que vós ouvís, e não o ouviram.*

25. *E eis que se levantou um certo doutor da lei, e lhe disse para o tentar: Me-tre, que devo eu fazer para possuir a vida eterna?*

26. *Jesus disse-lhe: O que é que está escripto na lei? Como lês tu?*

27. *Elle respondendo, disse: Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, e com todas as tuas forças, e com todo o teu entendimento, e o teu proximo como a ti mesmo.*

28. *E Jesus lhe disse: Respondeste bem: faz isso, e viverás (eternamente).*

29. *Mas elle querendo justificar-se a si mesmo, disse a Jesus: E quem é o meu proximo?*

30. *E Jesus retomando a palavra, disse: Um homem descia de Jerusalém para Jerichó, e cahiu nas mãos dos ladrões, que o despojaram (do que levava): e tendo-lhe feito feridas, retiram-se, deixando-o meio morto.*

31. *Ora, aconteceu que passava pelo mesmo caminho um sacerdote, o qual, quando o viu, passou de largo.*

32. *Igualmente um levita, chegando perto daquelle logar, e vendo-o, passou adeante.*

33. *Mas um Samaritano, que íia a seu caminho, chegou perto delle: e quando o viu, moveu-se de compaixão.*

34. *E approximando se, ligou-lhe as feridas, lançando nellas azeite e vinho: e pondo-o sobre o seu jumento, levou-o a uma estalagem, e teve cuidado delle.*

35. *E no dia seguinte tirou dois dinheiros e deu-os ao estalajadeiro, e disse-lhe: Tem cuidado delle: e quanto gastares a mais eu t'o satisfarei quando voltar.*

36. *Qual destes três te parece que foi o proximo daquelle que cahiu nas mãos dos ladrões?*

37. *E elle respondeu: O que usou com elle de misericordia. Então Jesus disse-lhe: Vae e faze tu o mesmo.*



## COMMENTARIO MORAL

### A virtude da caridade

O Evangelho nos apresenta o grande mandamento da lei de Deus, que resume todos os outros mandamentos: *Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração... e a teu proximo como a ti mesmo.*

Jesus apresenta a lei e a applicação pratica desta lei no exemplo tocante do Samaritano.

Meditemos bem este grande mandamento que

se compõe de duas partes inseparaveis, ou dois objectos.

1. O amor a **Deus**.
2. O amor ao **proximo**.

## I. O amor a Deus

O amor ou caridade, é a terceira virtude theological, superior ás outras duas, porque não deve ter fim (1 Cor. XII. 8), emquanto a fé e a esperança acabam com a vida terrestre.

No céu não existe mais a fé, pois é substituida pela visão, nem a esperança que é substituida pela posse.

Este amor consiste na *virtude sobrenatural*, que nos faz amar a **Deus** acima de todas as cousas e ao **proximo** como a nós mesmos por amor de Deus.

A *natureza* da caridade é uma só, abrangendo Deus e o proximo, embora o seu *objecto* seja duplo: Deus e o proximo.

A differença existe sobretudo nos *motivos*.

Devemos amar a Deus, porque é infinitamente perfeito e infinitamente bom.

Sendo Deus a perfeição infinita, Elle é infinitamente bom e digno de ser amado em si mesmo.

E sendo Elle bom para conosco, como autor de todos os beneficios, Deus tem direito a nossa gratidão e ao nosso amor.

O primeiro destes motivos, que consiste em amar a Deus porque é *bom* em si mesmo, chama-se a caridade *perfeita*; emquanto o segundo motivo que consiste em amal-o, porque é bom para conosco, chama-se a caridade *imperfeita*.

Este amor consta de dois sentimentos: benevolencia e amizade.

O amor de *benevolencia* não considera as vantagens que lhe podem advir, mas quer unicamente o bem da pessoa amada. Olvida a si mesmo, e ambiciona unicamente a satisfação da pessoa a quem ama.

E' o unico amor verdadeiro, desinteressado, que se eleva acima deste amor falso, sensível, que os theologos chamam: amor de concupiscencia, e que não passa de amor sensual ou paixão carnal. Tal amor não procura o bem da pessoa amada, mas o bem proprio, a satisfação, o deleite pessoal.

O amor de *amizade* é um amor reciproco, mutuo. Nosso Senhor diz: *Si alguém me amar, o meu Pae o amará, viremos a elle, e faremos nelle morada* (Joan. XIV. 23).

Nós recebemos tudo de Deus por amor, devemos dar tudo a Elle por amor. Amor com amor se paga.

E' deste amor de amizade que nasce o zelo, o apostolado.

Queremos corresponder ao amor de Deus para conosco, trabalhando para a extensão da sua gloria extrinseca.

O amor não supporta os braços cruzados; elle quer agir, expandir se, fazer amar aquelle a quem ama.

## II. O amor ao proximo

O segundo objecto da caridade é o *proximo*, porém, o motivo é o mesmo: devemos amar a Deus por amor de Deus, e amar ao proximo, ainda por *amor de Deus*.

Mudando o motivo do amor do proximo, este

amor desaparece, e temos simplesmente: a *sympathia*, o amor natural, sinão carnal.

Devemos amar a *Deus* explicitamente e ás suas obras implicitamente. Estas obras são sobretudo **os homens**. Logo, devemos amar a nós e aos outros.

*E quem é este proximo?* perguntou o doutor da lei ao Salvador, no Evangelho de hoje.

O proprio Sa'lvador dá a resposta na tocante parábola do Samaritano misericordioso, mostrando-nos que todos os homens são o nosso proximo.

Devemos amar a nós mesmos, isto é, á nossa alma creada á imagem de Deus, dando-lhe a primazia sobre o corpo; o nosso *corpo*, porque é o instrumento da alma, conservando-o sempre submisso á lei de Deus.

No proximo devemos igualmente amar a alma e o corpo.

A alma, não a escandalizando nem afastando-a do caminho do bem. O corpo, não lhe fazendo nenhum mal physico. E' o lado negativo do amor do proximo: Não lhe fazer o que não queremos que nos façam.

O lado *positivo* vae além e nos excita ao perdão das injurias e ao desejo de reconciliação.

Perdoar não basta; é preciso fazer as pazes.

E tudo isso deve fazer-se: por amor de Deus. Tal motivo é essencial á *virtude* de caridade ao proximo, para esta não degenerar em simples *sympathia* ou amizade natural.

### III. Conclusão

Voltemos ao exemplo do bom Samaritano, escolhido pelo divino Mestre, para servir de modelo no modo de cumprir o grande mandamento

da lei de Deus: amar a Deus de todo o coração, e ao proximo por amor de Deus.

O Samaritano encontra um pobre ferido na estrada. Sem indagar quem é, si patricio ou estrangeiro, si é homem de bem ou bandido, elle fica commovido pelo seu estado, liga-lhe as feridas e faz montar sobre o seu animal, leva-o para uma hospedagem e paga toda a despesa, recommenda-o ao hospedeiro.

Em tudo isto se nota que o Samaritano não age por interesse ou sympathy, mas por um sentimento de caridade.

E' um homem temente a Deus; vê o seu proximo na necessidade, e este proximo como elle, é filho de Deus; é o bastante para soccorrel-o e trata-o como elle desejaria ser tratado em semelhante occorrença.

Tal é a pratica nobre que Jesus Christo quer ensinar-nos pela caridade, incluindo numa mesma virtude: Deus e o homem.

## EXEMPLOS

### 1. Conversão de um soldado

Pacomio era soldado pagão dos exercitos romanos. Chegado a Thebes, muito cansado, viu acercarem-se d'elle numerosos christãos a lhe offerecerem, bem como a seus companheiros, descanso e alimento, sem exigirem neuhuma remuneração.

Ficou admirado, e informando-se quem eram estes homens, foi-lhe respondido que eram christãos, que praticavam uma religião, cuja principal obrigação era a pratica da caridade.

— Uma tal religião, pensou Pacomio, deve



ser divina. Fez se instruir, converteu-se e tornou-se monge, e veio a ser o grande São Pacômio.

*Reconhecerão que sois meus discipulos, disse o divino Mestre, si vos amardes uns aos outros.*

## 2. Sto. Hilarião e Sto. Epiphanio

Santo Epiphanio, Bispo de Salamanca, recebeu um dia á sua mesa, o illustre Hilarião, seu amigo.

Dizendo-lhe este que desde a recepção do habito religioso, nada comera que tivesse vida, Epiphanio lhe respondeu:

— Quanto a mim, desde que tomei o habito de religioso, jamais alguém adormeceu tendo contra mim qualquer rancor no coração, e nunca adormeci tendo algum resentimento contra o meu proximo!

Hilarião confessou que a pratica de Epiphanio era melhor do que a sua.

## 3. S. Christovam

Christovam era um velho soldado convertido por um solitario.

Este procurou ensinar ao seu discipulo o que devia fazer para servir a Jesus Christo.

— E' preciso jejuar, lhe disse o monge.

— Oh! isso não sou capaz de fazer, respondeu Christovam.

— E' preciso rezar...

— Ah! não sei o que é isso, mas quero apprendel-o.

— E' preciso fazer obras de caridade...

— Como posso fazer isso, meu santo? perguntou Christovam.

— Tenho aqui uma obra de caridade optima, disse o monge; mas exige muita coragem.

— Oh! então, é commigo! retorquiu Christovam, enthusiasmado.

— Olhe, continuou o santo, aqui perto ha um rio de grande correnteza, que os viajantes demdem atravessar, e muitos delles são tragados pelas aguas; seria uma obra de caridade transportar os pobres transeuntes sobre os hombros.

Christovão acceitou, e durante varios annos exerceu este officio de caridade. Em recompensa, mereceu, um dia, conforme diz certa lenda, transportar o proprio Menino Jesus, e, mais tarde, soffrer o martyrio por Elle.

Aquelles que não podem fazer nem grandes penitencias, nem longas orações, exerçam pelo menos a caridade para com o proximo.





## 13º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELIHO (Luc. VII. 11—19)

---

---

11. *Naquelle tempo, indo Jesus para Jerusalém, passou pelo meio da Samaria e da Galiléa.*

12. *E ao entrar numa aldeia, sahiram lhe ao encontro dez homens leprosos, que puraram ao longe :*

13. *E levantaram a voz, dizendo : Jesus, Mestre, tem compaixão de nós.*

14. *Tendo-os elle visto, disse-lhes : Ide, mostrae-vos aos sacerdotes. E aconteceu que, enquanto iam, ficaram limpos.*


15. *E um delles, quando viu que tinha ficado limpo, voltou atraz, glorificando a Deus em alta voz :*

16. *prostrou-se por terra a seus pés, dando lhe graças : e este era Samaritano.*

17. *E Jesus disse : Não são dez os que foram curados? e onde estão os outros nove ?*

18. *Não se encontrou quem voltasse, e dese gloria a Deus, sinão este estrangeiro ?*

19. *E disse para elle : Levanta-te: a tua fé te salvou.*



## COMMENTARIO MORAL

## Bemfeitores e beneficiados

O Evangelho dos dez leprosos nos apresenta uma grande lição para os bemfeitores e para os beneficiados.

A ingratidão é um vicio tão profundo que fermenta no fundo de muitas almas, e manifesta-se ás vezes em consequencias tão tristes!

Vejamos o exemplo do Evangelho: Como foi grande o beneficio de saúde concedido pelo divino Mestre a estes dez leprosos!

A lepra é uma molestia tão horrorosa que os curados por Nosso Senhor tinham muitos motivos de mostrar-lhe a sua gratidão.

Entretanto, apenas um sobre dez veio agradecer ao seu bemfeitor.

Dupla lição desprende-se deste facto, referindo-se:

1. Aos **bemfeitores**, o que devem esperar.
2. Aos **beneficiados**, o que devem fazer.

## I. Os bemfeitores

Os bemfeitores teriam direito a verem apreciados os seus beneficios, porém, a natureza humana é tão egoista, que muitas vezes a ingratidão é o pagamento dos beneficios.

Será razão de não exercer mais a beneficencia?

Absolutamente não, como a ingratidão dos nove leprosos não impediu a Nosso Senhor de continuar a fazer o bem a todos que se apresentavam.

Três regras devem orientar e sustentar a acção dos bemfeitores :

1. *Não admirar-se* da ingratitude dos homens. Formar a sua vontade, de modo a fazer o bem *pelo bem*, e não pelas pessoas : fazel-o por amor de Deus e não por amor dos homens.

Si estes ultimos se mostrarem reconhecidos, tanto melhor ; será um estímulo. Si mostrarem-se esquecidos, ou ingratos, olhar por cima das pessoas para Jesus Christo e dizer-lhe que é por amor d'Elle que foi feito.

Um santo tinha o costume de dizer aos seus beneficiados que o agradeciam : Não quero outro agradecimento sinão o de não me querer mal. Eis uma philosophia sobrenatural.

2. *Não zangar-se* contra os ingratos. A ingratitude é um vicio desprezível perante os homens ; desprezemos a ingratitude e perdoemos aos ingratos.

Continuar a fazer o bem a um indigno, é mostrar-se grande, é collocar-se acima da ingratitude ; lembrar seus beneficios por causa da ingratitude, é mostrar-se pequeno, é collocar-se abaixo do ingrato.

3. *Considerar a ingratitude* dirigida a Deus, e não a si mesmo — é a grande e sublime receita dos santos.

Fazer o bem por amor de Deus, é esperar d'Elle a recompensa — e Deus não será ingrato. Embora o beneficiado seja ingrato para com Deus, este não o será para com o bemfeitor, desde que se faça o beneficio, movido pelo seu amor.

Observando estas três regras, os bemfeitores não desanimarão deante da ingratitude dos homens, ao contrario encontrarão nella um estímulo para esperar unicamente de Deus a recompensa.

## II. Os beneficiados

Os bemfeitores devem ter vistas e aspirações de fé no exercício da caridade; os beneficiados devem ter sentimentos *humanos*.

De facto, é a fé que inspira e sustenta a caridade para com o próximo. E' por isso que o divino Mestre diz que é mais perfeito dar do que receber — *Beatius est dare quam accipere*.

Para receber não precisa nem de fé, nem de caridade, basta a necessidade; em consequencia exige-se pelo menos o sentimento humano, natural, de gratidão.

Este sentimento deve manifestar-se de três modos, que correspondem aos três sentimentos que a fé prescreve ao bemfeitor:

1. *Saber manifestar a sua gratidão exteriormente*: é uma necessidade da vida social.

A simples boa educação exige que se use destas pequenas fórmulas de urbanidade em uso: Agradecido... Deus lhe pague... faça o favor... Queira desculpar-me... etc.

O contrario é uma grosseiria. Eis porque Jesus Christo pergunta ao leproso que vem agradecer-lhe a cura: «Porventura não foram dez os curados? onde estão, pois, os outros nove?»

2. A' palavra gratidão, o beneficiado deve ajuntar o «gesto de humildade».

A palavra é muitas vezes de bocca afóra; o coração deve agradecer também, pelo sorriso, pelo gesto, pela bondade sincera que procura agradar ao bemfeitor, offerecendo os seus pres-timos, etc.

«Quem é maior? perguntou um dia o Salvador, aquelle que está sentado á mesa ou aquelle que serve?»

E os Apostolos responderam: aquelle que está sentado á mesa?

Quem é maior, o bemfeitor ou o beneficiado?

É o bemfeitor. Logo, o beneficiado deve mostrar a sua humildade e exaltar a superioridade do bemfeitor.

3. *Receber os beneficios* como si fôsem dados por Deus pelas mãos dos bemfeitores.

É um motivo de fé: que sobrenaturaliza o dom e excita na alma a gratidão para com Deus e para com os homens.

Como é bello o gesto do pobre recebendo a esmola e agradecendo a Deus, considerando o bemfeitor como instrumento nas mãos de Deus!

Um pobre, recolhido com ternura por S. Vicente de Paulo, exclamou um dia: — Meu Deus, como vós deveis ser, bem, si vosso servo Vicente é já tão bom!

### III. Conclusão

Appliquemos estas regras de vida ao estado em que Deus nos collocou. Si somos bemfeitores:

1. Não nos admiremos da ingratidão dos outros.
2. Não nos zanguemos contra os ingratos.
3. Esperemos a recompensa sómente de Deus.

Si, ao contrario, somos os beneficiados:

1. Saibamos manifestar a nossa gratidão.
2. Exaltemos a bondade dos nossos bemfeitores.
3. Consideremos os bemfeitores como os mensageiros de Deus.

Deste modo a bella e sympathica virtude da gratidão será uma flor do céu, filha da caridade divina e da boa educação dos homens.

**EXEMPLOS — 1. O leão de S. Gerasimo**

O santo abba de Gerasimo, andando um dia á beira do Jordão, viu um leão approximar-se. O animal parecia soffrer muito; chegado aos pés do santo, deitou-se e apresentou uma, das patas, horriavelmente inchada.

Gerasimo ajoelhou-se ao lado do animal, examinou-lhe a pata, e encontrou nella um abcesso, formado por um estrepe de madeira.

Abriu o abcesso, desinfectou a ferida e amarrou-lhe um panno para evitar o contacto com a terra.

O leão sentiu-se logo alliviado, e para exprimir a sua gratidão, seguia o seu bemfeitor por toda parte.

Quando morreu o santo, o leão rugia continuamente ao pé do leito, e depois do enterro foi deitar-se sobre o tumulo, onde expirou dias após.

O' homem! interroga os animaes, que elles te ensinarão a gratidão!...

Os animaes se esquecem facilmente dos acontecimentos; entretanto, o cão se lembra do pedaço de pão ou do osso que alguém lhe lança... E tu... tu te esqueces dos numerosos beneficios de Deus!...

**2. Historia de outro leão**

Um facto quasi identico é narrado na Historia das cruzadas.

Um dia, um cruzado, Gouffier de Latrou, ouviu nas proximidades de Antiochia, rugidos dolorosos de um leão. Uma serpente enorme o enroscara em suas dobras e procurava devoral-o.

Gouffier puxou da espada e fez a serpente em pedaços.

O leão, libertado, afeiçoou-se de tal modo



a seu salvador, que o seguiu até em meio dos combates contra os sarracenos.

Terminada a cruzada, Gouffier devia embarcar-se. Os marinheiros, porém, recusaram levar a bordo o pobre animal, que ficou na praia a olhar para o navio.

Apenas haviam levantado a ancora e se afastados do porto, lança-se o leão ás ondas segue o navio, até lhe faltarem as forças, e morre, saudando com oultimo olhar o bemfeitor a quem devia a vida e a quem havia seguido tão fielmente.

E nós, que fazemos nós para servir a Deus, que nos libertou da morte e do inferno? Somos mais ingratos que as proprias feras!

### **3. Gratidão de um Argelino**

Luiz XIV havia dado ordem de bombardear a cidade de Argel (Africa).

Os corsarios turcos desesperados por não poderem afastar a tropa franceza que os dizimava, quizeram vingar-se, amarrando á bocca dos canhões, escravos francezes, cujos restos sanguinolentos eram deste modo lançados por cima dos navios de bombardeio.

Um soldado argelino, vendo preso um seu bemfeitor, official francez, a quem devia muitos beneficios, solicitou que poupassem aquella vida; mas foi em vão.

No momento em que iam tocar fogo ao canhão, na bocca do qual tinham amarrado o official, o argelino lançou-se sobre o corpo deste, abraçou-o estreitamente e disse ao atirador: «Toque fogo! Não podendo salvar o meu bemfeitor, terei pelo menos a consolação de morrer com elle!» O Dey, que estava presente a esta scena tocante, ficou tão impressionado, que concedeu a graça ao official.



## 14º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Math. VI. 24—34)

---

---

24. *Naquelle tempo, disse Jesus aos seus discipulos : Ninguem póde servir a dois senhores: porque ou odiará um e amará o outro : ou ha de afeiçoar-se a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e á riqueza.*

25. *Portanto vos digo : não andeis (demasiadamente) inquietos nem com o que (vos é preciso) para vestir o vosso corpo. Porventura não vale mais a vida do que o alimento, e o corpo mais que o vestido?*

26. *Olhae para as aves do céu, que não se meiam nem ceifam, nem fazem provisões nos celeiros : e comtudo vosso Pae celeste as sustenta. Porventura não sois vós muito mais do que ellas?*

27. *E qual de vós por muito que pense póde acrescentar um côvado á sua estatura?*

28. *E porque vos inquietaes com o vestido? Consideraee como crescem os lyrios do campo : elles não trabalham nem fiam.*

29. *E digo-vos todavia que nem Salomão em toda a sua gloria se vestiu jamais como um destes.*

30. *Si pois Deus veste assim a herva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao forno : quanto mais a vós homens de pouca fé? 21*

31. *Não vos afflijaes pois, dizendo : Que comeremos, ou que beberemos ou com que nos vestiremos?*

32. *Porque os gentios é que procuram (com excessivo cuidado) todas essas coisas. Vosso Pae sabe que tendes necessidade de todas ellas.*

33. *Buscae pois em primeiro logar o reino de Deus e a sua justiça : e todas estas cousas vos serão dadas por accrescimo.*

34. *Não queiraes pois andar (demasiadamente) inquietos pelo dia de amanhã. Porque o dia de amanhã cuidará de si : a cada dia basta o seu cuidado.*

---

## COMMENTARIO MORAL

### A avareza e a cupidez

O Evangelho nos exhorta a pôr em Deus toda a nossa confiança, a entregar-nos nas mãos da divina Providencia, e não esperar a felicidade dos bens passageiros da terra.

*Não podeis servir a Deus e ás riquezas, diz o divino Mestre, pois são dois antagonistas, e quem agrada a um aborrece ao outro, e Elle conclue : Procurae, pois, em primeiro logar o reino de Deus e a sua justiça.*

De um lado, Jesus Christo aconselha a confiança em Deus, e de outro lado, Elle exproba o vicio da avareza.

E' esta avareza que vamos examinar hoje, de perto,

- 1° Em sua **natureza ;**
- 2° Em suas **consequencias.**

## I. A natureza da avareza

A avareza é o amor desordenado ás riquezas. Digo *desordenado*, porque ha um amor *ordenado* destes bens; pois, desejar a riqueza e trabalhar para adquiril-a, emquanto é um meio de fornecer-nos os meios de vida, satisfazer ás necessidades materiaes da familia, tudo isso é legitimo e até obrigatorio em certas circumstan-  
cias.

Aquelle que procura adquirir ou conservar os bens da terra de um modo legitimo não é, nem avaro, nem cupido, mas prudente.

Para tudo, neste mundo, ha uma regra e um limite; ha tambem uma regra na procura dos bens da terra, e esta regra foi indicada por N. Senhor. Notemos bem a expressão do divino Mestre: *Não podeis servir a Deus e ás riquezas.*

Servir a alguem é tomal-o por mestre, é ser governado por elle.

Logo, o que Jesus Christo exproba é a *servidão*, a *escravidão* ao dinheiro.

O dinheiro deve servir a nós, e nós não devemos servir a elle. Elle deve ser o nosso servo, o nosso auxiliar, nós devemos *servir-nos del-  
le*, como um mestre se serve de seu criado.

Vejamos como o Mestre divino condemna admiravelmente a avareza e o desmazelo. Não diz que se deve desprezar o dinheiro, mas que não é permittido ser dominado por elle: ser o seu escravo.

Examinemo-nos si a riqueza é nossa serva, ou si somos os seus escravos! Empregamol-a para fazer o bem, ou é ella uma causa de peccado?

O uso póde ser santo; o abuso é um vicio, e um vicio capital.

## II. Consequencias da avareza;

Basta dizer que avareza é um peccado *capital*, para comprehender que produz *juros*, como o capital financeiro produz juros; e estes juros são outros vicios e peccados.

Da avareza nasce a **injustiça** para com o proximo: fraudes, trapanças, roubos...

O avarento nunca está satisfeito com o que possui, elle quer sempre mais. Emquanto houver um outro mais rico do que elle, quer augmentar os seus haveres, e para isso lança mão de todos os meios, e, para elle, o fim justifica os meios.

Têm-se encontrado pobres, até mendigos, vivendo na miseria, a mais profunda, ficarem deitados em cima de uma fortuna de ouro...

Uma segunda consequencia: o **endurecimento** do coração, que não vê nem sente mais os soffrimentos dos pobres.

Lembremo-nos do pobre Lazaro, reduzido a comer as migalhas que cahiam da mesa do rico; e seu estado de miseria commoveu os proprios cães, que lhe lambiam as feridas, emquanto o coração do avarento ficou insensivel e lhe recusava até as migalhas da sua abundancia.

Uma terceira consequencia é a **trahição**. Judas vendeu o seu Mestre por trinta moedas.

Não se deve acreditar na amizade de um avarento; elle é amigo do dinheiro e não da pessoa, como não se deve acreditar na religião de um avarento. Elle serve ao dinheiro, logo, elle aborrece a Deus, conforme a sentença do Salvador.

Este vicio capital póde vir a ser peccado grave:

1. *Contra Deus*: o avarento prefere, com ef-

feito, o dinheiro a tudo, adora o ouro... é seu idolo, Deus não existe mais para elle.

2. *Contra o proximo*, pois o avarento não cumpre o preceito da caridade; e este preceito, em certas occasiões, constitue uma obrigação imperiosa.

### III. Conclusão

Deante de um mal tão grande e tão perigoso convém indicar os remedios: Não basta conhecer o mal, é preciso extirpal-o; como não basta conhecer o perigo de uma molestia, é preciso empregar o remedio que a cure.

O mal da avareza é uma falta de *convicção*; é preciso pois formar o espirito, orientar este espirito, dando-lhe a noção exacta do valor dos bens desde mundo.

Para isso, dois remedios são necessarios:

1. *A unica riqueza* é o amor de Deus. Tudo passa neste mundo; os bens materiaes nos são emprestados por Deus, temos apenas o uso e o usufructo, mas a Deus se reserva a propriedade.

Ora, para que apegar-nos desordenadamente ao que não é nosso?... e que perderemos amanhã, para sempre?

2. *O grande modelo* da nossa vida é a vida de Jesus Christo. Elle é o dono, Elle é rico de todos os bens do tempo e da eternidade; como tratou Elle estes bens?

A resposta está em seu nascimento num estabulo; em sua vida numa pobre officina; em sua morte, num patibulo...

A sua riqueza em toda parte é a *pobreza*.

E nós, *quereríamos para nós a riqueza?*

O homem póde ser rico só uma vez: sendo-o aqui na terra, elle será pobre na eternidade.

Não o sendo aqui, elle o será na eternidade.

*Beati pauperes*, dizia Nosso Senhor — *Bem-aventurados os desapegados da terra, pois delles é o reino do céu.*

## EXEMPLOS

### 1. Caractaco

Este rei, barbaro, vencido pelos romanos e levado por elles em captiveiro, vendo as riquezas e as magñificencias de Roma, exclamou: — Como é possivel um povo tão rico ambicionar a minha pobre choupana?

O' vós, que Deus chama á magnificencia do céu, desprezae as riquezas deste mundo!...

### 2. Ablavio

Ablavio, um dos grandes dignatarios da côrte de Constantinopla, não sonhava sinão em accumular riquezas.

O Imperador tomando-o um dia, pela mão, lhe disse com affecto: Para que accumular thesouros, meu amigo? E traçando no chão, com a ponta da espada, a fórmula de um esquite, ajuntou: A' hora da morte, tu não terás sinão este pedaço de terra que acabo de traçar... si ainda o tiveres!

Foi uma prophecia, pois poucos dias depois Ablavio foi feito em pedaços.

### 3. O rei Pyrrho

Plutarco narra na vida de Pyrrho, rei de Epiro, que este principe tencionava guerrear contra os romanos, e que falando sobre este projecto

com o ministro *Cenéas*, houve entre 'os dois o seguinte dialogo :

— Vossa Majestade quer vencer os romanos; mas, de que lhe servirá esta victoria?

— Para conquistar a Italia.

— E depois de ter conquistado a Italia, que pretende V. Majestade?

— A Cicilia, que é visinha, se entregará depois.

— E estando de posse da Cicilia, V. Majestade parará ali?

— Não; pretendo conquistar a Africa...

— E depois da Africa?

— Quero apoderar-me da Macedonia.

— E depois?

— Tambem da Grecia...

— E depois de ter tomado todos estes paizes, que irá fazer V. Majestade?

— Descançar e passar uma vida socegada.

— Mas, que vos impede, Majestade, retorqui *Cenéas*, que vos impedirá de descansar desde já e de vivermos em paz, sem derramar tanto sangue?!

E' o que se deve dizer a um avaro: — Si pensaes viver em paz depois de ter abarrotado os teus celleiros, porque não o fazer desde já? pois já possues o bastante para viver socegado, sem lançar-te em tão arrojadas empresas...





---

---

# 15º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Luc. VII. 11—16)

---

---

11. *Naquelle tempo, foi Jesus a uma cidade, chamada Naïm : e iam com elle seus discipulos e muito povo.*

12. *E quando chegou perto da porta da cidade : eis que era levado um defunto a sepultar, filho unico de sua mãe : e esta era viuva : e ia com ella muita gente da cidade.*

13. *E tendo-a visto o Senhor, [movido de compaixão para com ella, disse-lhe : Não chores.*

14. *E' aproximou-se, e tocou no esquife. E os que o levavam, pararam. Então disse elle: Joven, eu te digo, levanta-te.*

15. *E sentou-se o que tinha estado morto, e começou a falar. E (Jesus) entregou-o a sua mãe.*

  
COMMENTARIO MORAL

## A educação dos filhos

O Evangelho de hoje nos mostra a dedicação, até ao fim, de uma mãe que comprehende os seus deveres para com os filhos.

Durante a molestia, a pobre mãe dedicou-se dia e noite, e após a morte, ella não quer sepa-

rar-se d'elle sinão no ultimo instante, acompanhando o cadaver até ao tumulo.

Pobre mãe, ella voltará sozinha ao lar deserto, onde viverá orando pelo esposo já fallecido e pelo filho unico que acaba de perder.

Jesus vê a dôr desta mãe carinhosa, conhece o seu soffrimento e o que lhe espera no isolamento da sua solidão, e tocado de compaixão, Elle resuscita o filho e o restitue á mãe.

A desolação e a alegria da mãe nos levam a tratar do importante assumpto da educação dos filhos. Examinemos pois:

1. **Os deveres** dos paes na educação,
2. **Os meios** a empregar na educação.

## I. Os deveres dos paes

Os paes têm deveres rigorosos para com os filhos, e devem dar lhes a educação do *corpo* e da *alma*.

O 4º mandamento da Lei de Deus fala apenas dos deveres dos filhos para com os paes; mas Deus gravou no coração dos paes esta lei com traços tão profundos, que nem era preciso lembrar-lhes este dever; elles o sentem quasi irresistivelmente, embora muitos não o interpretem bem.

Não falaremos hoje da educação *physica*, que geralmente é bem comprehendida e até exaggerada, mas sim da educação *moral* da alma.

Tal educação se refere ás três faculdades da alma: a intelligencia, a vontade e o coração.

Devem educar a *intelligencia*, elevando-a acima do senso das cousas terrenas, para introduzil-a no senso espiritual, invisivel, mas tão real e verdadeiro que o primeiro.

Devem educar a *vontade*, formando-a na fir-

meza e na dignidade que tanto presamos, e que vae desapparecendo cada vez mais da sociedade moderna.

As vontades da geração actual são fluctuantes, indecisas, molles, porque os paes não souberam educal-a no brio, pelo exemplo e pela correcção opportuna.

Devem educar o *coração*, incutindo-lhe o amor nobre, desinteressado, que tem por base necessaria o amor de Deus.

A mocidade de hoje se deixa levar pelo attractivo, pela *sympathia* exterior, pelo sorriso, em vez de aspirar ao amor desinteressado, que ama não por egoismo ou paixão, mas para fazer o bem áquelles a quem ama.

Eis a grande e sublime tarefa dos paes, na formação dos filhos. Para conseguir este ideal, devem necessariamente empregar os meios proporcionados.

## II. Os meios a empregar

Estes meios, que podem reduzir-se a 3, são:

O exemplo — A vigilancia — A correcção.

O *exemplo* é a base de toda educação. Não dando o exemplo do que ensinam, os paes perdem o seu tempo, e as licções não surtirão effeito. «Palavras sem exemplos, diz o grande Vieira, são tiros sem bala».

De facto, que fructo se poderia esperar de quem prégasse a virtude, a abstinencia, a assistencia á Missa e a frequencia á Communhão, si elle proprio não dêsse o exemplo?

O menino pensará logicamente, si não o disser: «si é tão bom, porque o meu pae não o faz?»

A *vigilancia* é necessaria para prevenir o mal; e prevenir é mais efficaz do que curar.

Os paes têm obrigação de saber das companhias que os filhos frequentam, das suas leituras, das suas sahidias, das suas inclinações, das suas fraquezas, etc. Vigilancia de dia e de noite, de longe como de perto.

*A correcção* é o complemento necessario da vigilancia. Hoje, infelizmente, muitos paes são governados pelos filhos, não tendo mais a força moral de reprehendel-os, de oriental-os nos caminhos da vida.

Taes paes são indignos da sua autoridade, e são responsaveis perante Deus, do extravio dos seus filhos.

Deus deu aos paes uma autoridade *dominativa* e não simplesmente paternal. Sempre são paes, mas devem mostrar a sua autoridade, não simplesmente aconselhando como paes, mas obrigando como mestres e educadores.

### III. Conclusão

Os paes amam necessariamente os seus filhos; mas devem amal-os, não com um amor egoista, que vê nos filhos apenas a *sympathia* natural, o amor de sangue, e sim querer-lhes a felicidade, e para isso os dirijam, instruam e reprehendam nas faltas que commetterem.

Os paes devem amar os filhos, sem fraqueza e sem predilecções. Não lhes devem conceder o que póde ser prejudicial a seus verdadeiros interesses.

Cariños demasiados, sensibilidade exaggerada, seriam culposos e trariam consequencias desastradas.

Quem sabe amar, deve saber punir, diz o dictado.

O amor dos paes não deve tambem fazer

diferença ; deve ser o mesmo para todos. As preferencias manifestadas provocam facilmente inveja, aborrecimento, raiva, e introduzem a discordia entre irmãos.

Mostrem os paes que são verdadeiramente paes e terão bons filhos, que serão a sua consolação e a sua gloria: *Ut anima patris, ita et anima filii.* (Ezech. XVIII. 4)

## EXEMPLOS

### 1. Amor aos filhos

Lord Bristol tinha muito amor a sua filha. Um dia, ao sahir com ella de uma reunião, por entre um frio glacial, interpellou-o o duque de Loval :

— Mylord, faz um frio de atormentar até as pedras, e o sr. está sem sobretudo?

— Oh, respondeu o pae olhando para a sua filha, a menina tem a sua pellica, e estando ella quente, eu não sinto frio...

### 2. Lições de mãe

Durante a guerra de 1914, conta um official da marinha franceza, havia adoração nocturna em um dos postos militares.

Vieram assistir á adoração: um almirante, dois capitães e 27 alumnos da guarda marinha, todos uniformizados.

No dia seguinte o almirante conversava com os seus companheiros, deante dos alumnos, e, dirigindo-se a um delles, perguntou :

— Porque vieste assistir á adoração nocturna?

— Eu, Sr. Almirante, vim porque minha mãe disse-me que devia sempre ir até ao fim da mi-

nha tarefa. Julguei dever ir até ao fim do dever, assistindo á adoração do Smo.

— E tu, meu filho? perguntou a outro.

— Almirante, confesso que não tinha muita vontade de vir: preferia dormir, mas lembrei-me do que dizias muitas vezes minha mãe, que a desgraça da França é a falta de consciencia. Então, quiz mostrar que na marinha franceza ha gente de consciencia, e vim assistir.

— Ouviram? disse ao sahir, o Almirante a um dos officiaes, ouviram o que as mães francezas deram a seus filhos? Com taes principios a França está salva.

E de facto, foi salva!

### 3. E' necessario fazer-se obedecer

Muitos paes não sabem fazer-se obedecer, ou antes, não sabem mandar. Eis a proposito um pequeno factó suggestivo:

Uma mãe, pela segunda vez, conduziu o filho ao consultorio do medico.

— Ah! eis! como vae o nosso homenzinho? disse o medico, batendo na bochecha do menino, que se fazia de amuado. Então, que effeito produziu o remedio que receitei a ultima vez?

— Nenhum, respondeu a mãe. O menino não quiz tomal-o, senhor doutor.

A estas palavras, o medico mudou de tom:

— Não quiz? disse sério — mas neste caso, sois vós, minha senhora, que precisaes de uma consulta!...

E despediu attentiosamente a consulente.

— Pobre senhora! murmurou o medico, onde irão parar as cousas?!





## 16° DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Luc. XIV. 1—11)

---

---

1. *Naquelle tempo, aconteceu que, entrando Jesus em um sabbado em casa dum dos principaes phariseus, a tomar a sua refeição, elles o estavam ali observando.*

2. *E eis que estava deante delle um homem hydropico.*

3. *E Jesus, dirigindo a palavra aos doutores da lei e aos phariseus, disse-lhes : E' licito fazer curas ao sabbado ?*

4. *Mas elles ficaram calados. Então Jesus, pegando no homem pela mão, curou-o e mandou-o embora.*

5. *Dirigindo-se depois a elles, disse : Quem dentre vós que si o (seu) jumento ou o (seu) boi cahir num poço, o não tirará logo (ainda que seja) em dia do sabbado ?*

6. *E elles não lhe podiam replicar a isto.*

7. *Disse tambem uma parabola, observando como os convidados escolhiam os primeiros assentos á mesa, dizendo-lhes :*

8. *Quando fôres convidados para bodas, não te assentes no primeiro lugar, porque póde ser que outra pessoa de mais consideração do que tu tenha sido convidada pelo dono da casa.*

9. *E que vindo este que te convidou a ti e*

*a elle, te diga: Cede o teu logar a este: e tu, envergonhado comeces a occupar o ultimo logar.*

*10. Quando fôres convidado, vae tomar o ultimo logar, para que, quando vier o que te convidou, te diga: Amigo, vem mais para cima. Então terás com a gloria na presença dos que estiverem juntamente sentados á mesa:*

*11. Porque todo o que se exalta, será humilhado: e o que se humilha, será exaltado.*

---

## COMMENTARIO MORAL

### A santificação do Domingo

O episodio que o Evangelho narra desenrolou-se num Sabbado, o qual na antiga Lei era o dia do Senhor, enquanto hoje é o *Domingo*.

Em torno do milagre de Nosso Senhor houve discussão entre os phariseus, si era permitido fazer cura neste dia, porque todo trabalho era rigorosamente prohibido no dia do Senhor.

Examinemos e discutamos nós tambem esta grande questão, objecto do 3º Mandamento da Lei de Deus: a santificação dos domingos e dias santos, reduzindo o assumpto a estes dois pontos:

1. Ha um **dia do Senhor**.
2. Como deve ser **santificado** este dia.

#### I. Ha um dia do Senhor

No calculo do tempo podiam-se grupar as semanas em numero de oito ou dez dias, tão bem como de sete dias; tal agrupamento de uma semana em sete dias, é obra divina.

A Biblia nos mostra a origem de tal agrupa-



mento. Dos milhares de annos empregados para formar o mundo, Deus formou uma semana que dividiu em 7 epochas, dando-lhes o nome de dia.

Cada um destes dias referem-se a uma das phases principaes da creação; o homem, como sendo o mais perfeito dos seres creados, é collocado por Deus no sexto dia.

Deixando de crear, Deus descançou no setimo dia. Este descanço ou repouso symbolico, que não se refere a Deus, pois Elle não cança, é um acto puro, refere-se ao homem, é como a regra de trabalho e de repouso, traçada para o homem, que deve trabalhar seis dias e repousar no setimo dia.

Deste modo, a humanidade desde o berço, recebeu a lei da semana, ou lei do Sabbado, que devia ser o dia de repouso ou dia do Senhor.

Antigamente este dia era o Sabbado, não por ser tal dia determinado, mas por ser no calculo o setimo dia, o dia de repouso.

A palavra: Sabbado — não indica, no sentido litteral, o setimo dia da semana, mas significa: *repouso*.

E' o erro fundamental dos Sabbatistas, que pretendem que o *Sabbado* é um dia determinado, quando etymologicamente significa apenas: dia de repouso.

Eis o texto do Exodo prescrevendo este dia de repouso:

*Lembra te do dia do Sabbado (repouso) para o santificares. Seis dias trabalharás... mas o setimo dia é um sabbado (dia de repouso) consagrado a Jehovah, teu Deus. Não farás serviço nenhum... pois durante seis dias Jehovah creou o céu, a terra, o mar e tudo o que encerram, e no setimo dia descançou. (Ex. XX. 8-11)*

Este dia de repouso, estabelecido por Deus,

cahiu no sabbado, na Lei antiga. Na Lei nova é o *Domingo*, em lembrança da resurreição de Jesus Christo, da descida do Espirito Santo, dois factos que se realizaram no Domingo.

Este dia, como se deprehende da Biblia, não é rigorosamente tal dia determinado, mas sim o *setimo* de uma serie de sete. Contando como primeiro dia a Segunda-feira, temos o *Domingo* como setimo dia.

Foram os proprios Apostolos que começaram a celebrar o Domingo como *dia do Senhor*; *in Dominica die*, como diz S. João (Apoc. I. 10).

## II. Como deve ser santificado

O terceiro mandamento preceitúa a obrigação de prestar um culto a Deus, no dia do Senhor, ou Domingo, sem determinar as particularidades deste culto.

A Igreja completa este mandamento, dizendo que é preciso ouvir Missa inteira nos Domingos e festas de guarda.

Porque exige a Igreja a assistencia á Missa, e não impõe qualquer outro exercicio espiritual?

Porque a Missa, sendo a representação e a renovação incruenta do Sacrificio do Calvario, é o acto mais sublime e mais perfeito de se prestar a Deus o culto que lhe é devido: o de adoração.

Ha 3 cousas a considerar na assistencia á Missa:

1. *A presença corporal*, pelo menos a presença *moral*, que permite conhecer as partes essenciaes do Sacrificio, com um dos sentidos: como quando se vê ou ouve o Sacerdote, ou o movimento dos assistentes. Não estando na Igreja, o afastamento não pôde ser muito grande (Lugo indica approximadamente 30 passos). **22**

2. *A audição da Missa inteira,* não sendo licita a omissão de uma parte essencial do Santo Sacrificio. Deve-se considerar como essencial as 3 partes da Missa: Offertorio, Consagração e Communhão.

Si pois, alguém, accidentalmente chega ao Evangelho e sahe depois da Communhão, cumpriu com o dever da assistencia á Missa.

E' falta leve, entretanto, perder a parte que precede o Offertorio, e a que segue a Communhão.

Ouvindo parte da Missa de um Sacerdote, incluindo esta Missa a Consagração e a Communhão, satisfaz ao preceito, ouvindo na Missa de outro Sacerdote a parte que falta, comtanto que não seja grande o intervallo entre as duas Missas.

3. *A assistencia religiosa ou intenção de assistir á Missa* como a um acto religioso, e com a *atenção* que exige este acto.

A intenção necessaria é a de prestar culto a Deus, e não de ouvir canto ou musica, de passeiar ou de ter encontros com amigos.

A atenção requer que se saiba o que se está passando no Altar. Não se póde ler, escrever, conversar ou dormir durante parte notavel da Missa, sem faltar ao dever da assistencia.

### III. Conclusão

A assistencia á Missa dominical é, pois, um dever grave, imposto pela Lei de Deus e da Igreja, e é preciso uma razão grave para poder dispensar-se deste dever.

Como causas de dispensa póde-se indicar:

a) *A impotencia physica*, como são a doença e a falta de Sacerdote.

b) *A impotencia moral*, como são a distancia, conforme a idade, o tempo e os caminhos.

c) *Os deveres de estado*: será o caso de uma mãe de familia em certas situações, o soldado em serviço, a vigilancia perto de um doente em estado grave.

Fóra destes casos, a assistencia á Santa Missa é um dever sagrado, do qual nenhuma catholico sincero póde eximir-se.

O dia do Domingo não é nosso: *é do Senhor*; é a sua propriedade e por isso deve ser santificado do modo que Elle indica, e este modo é a abstenção de trabalhos servís e a assistencia á Santa Missa.

## EXEMPLOS

### 1. Devoção curta

Uma senhora queixou-se um dia a Monseñhor La Motte; Bispo de Amiens, da duração da Missa dominical.

— Madame, respondeu o Prelado, não é a Missa que é longa demais; é a sua devoção que é curta demais.

### 2. Dois sapateiros

São João, o esmoler, conta que em seu tempo, havia em Alexandria, dois sapateiros, dos quaes um era pae de numerosa familia; fazia sempre bons negocios e prosperava visivelmente; enquanto o outro, talvez mais habil no officio, e com familia pequena, estava sempre na miseria, embora trabalhasse o Domingo inteiro.

Nesta continua desgraça foi ter um dia com

o seu collega de officio, pedindo-lhe o segredo da sua prosperidade.

Oh! sim, respondeu o companheiro, além de meu trabalho, tenho de facto um segredo, que lhe desvendarei no Domingo proximo.

No dia marcado leva o seu infeliz collega para a Igreja e lhe diz:

E' ali que está o meu thesouro, é a bençãam de Deus.

Venha commigo todos os Domingos, para rezar deixando o seu trabalho, e o seu negocio prosperará.

O collega seguiu o conselho, e desde então os seus negocios prosperaram.

Quantos operarios precisavam seguir este conselho para serem menos infelizes.

### **3. Meios de ficar pobre**

Ha duas coisas que conduzem infallivelmente á pobreza e á miseria, dizia o Santo Cura d'Ars, é trabalhar no Domingo e roubar o bem alheio.

Prestem attenção! nunca um negocio vae avante si é baseado sobre o trabalho do Domingo.

### **4. Apparição de Salette**

Maria Santissima na sua apparição em Salette recommendou com instancia a assistencia á Missa no Domingo, e predisse terriveis castigos a quem committir este dever sagrado. Citemos umas das suas palavras:

— Si o meu povo não quer submetter-se, sou forçada a deixar o braço de meu Filho castigal-o.

— Dei-vos seis dias para trabalhar; reservei o sabbado para mim, e não o quereis conceder-me

— Apenas umas senhoras idosas vão assistir á Missa; os outros trabalham no Domingo, o verão inteiro; e no inverno, quando não sabem o que fazer, vão á Igreja, para zombar da religião.

## 5. Epitaphio de um Bispo

Em 1851, o Bispo de Châlons, venerando ancião, mostrando a sua Cathedral a um visitante fel-o entrar numa capella lateral, e mostrando-lhe um epitaphio: Eis, disse, o tumulo que mandei preparar para mim, as palavras que mandei gravar nelle são o unico epitaphio que desejo.

O visitante inclinou-se para lêr; não havia sinão estas palavras: *Lembrae-vos de santificar o dia do Senhor!*

Este Santo Bispo, até depois da morte, queria prégar a grande lei do Domingo, a qual bem cumprida, faria a prosperidade de uma nação.





## 17º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Math. VII. 34—46)

---

---

34. *Naquelle tempo, tendo os phariseus sabido que (Jesus) reduzira ao silencio os sadduceus, reuniram se.*

35. *E um delles, doutor da lei, tentando-o perguntou-lhe :*

36. *Mestre, qual é o grande mandamento da lei?*

37. *Jesus disse-lhe : Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma e de todo o teu espirito.*

38. *Este é o maximo e o primeiro mandamento.*

39. *E o segundo é semelhante a este: Amarás a teu proximo como a ti mesmo.*

40. *Dests dois mandamentos depende toda a lei e os prophetas.*

41. *E estando juntos os phariseus, Jesus interrogou-os dizendo :*

42. *Que vos parece do Christo? De quem é elle filho? Responderam lhe : de David.*

43. *Jesus disse-lhes : como pois lhe chama David em espirito Senhor, dizendo :*

44. *Disse o Senhor ao meu Senhor : Senta-le á minha mão direita, até que eu ponha os teus inimigos por escabello de teus pés?*

45. *Si pois David o chama Senhor, como é elle seu filho?*

46. *E ninguém podia responder-lhe uma só palavra: e daquelle dia em diante não houve quem ousasse interrogal o.*



## COMMENTARIO MORAL

# Mandamentos de Deus e da Igreja

«Mestre, qual é o grande mandamento da lei de Deus?» perguntou o phariseu a Jesus Christo.

Elle falou apenas do primeiro dos mandamentos; porém, nós vamos tratar hoje, de um modo geral, dos dez mandamentos, e ver depois, como estes mandamentos são admiravelmente compilados e interpretados pelos mandamentos da Igreja.

Nestes mandamentos figuram todos os nossos deveres, ou tudo o que devemos fazer ou evitar, para ganharmos o céu.

Examinemos pois, successivamente estes dois codigos:

1. Os mandamentos **de Deus.**
2. Os mandamentos **da Igreja.**

## I. Os mandamentos Deus

Deus promulgou a sua Lei divina de dois modos:

Inscrevendo-a na consciencia do homem. E' ella que nos faz distinguir o bem do mal, de tal modo que qualquer homem, por selvagem que seja, comprehende que mentir, matar, roubar, insultar os paes, etc., é um mal que não se póde commetter.



Deus porém, quiz manifestar-nos mais claramente a sua Lei. Foi o que Elle fez no monte Sinai, entregando esta Lei a Moysés, escripta sobre duas taboas.

E' a origem do *decalogo*, ou dez palavras.

Lendo-o, sentimos que a nossa consciencia conhece estas leis, e apenas uma escapa á nossa comprehensão natural: a santificação do Domingo.

Este accordo perfeito entre a consciencia intima e a Lei solemnementemente promulgada no Sinai, é uma prova da origem divina dos mandamentos.

Lembremo nos que Jesus Christo veio a este mundo, Deus feito homem, não para abolir, mas para completar a Lei.

Ora, completar quer dizer ajuntar-lhe qualquer cousa.

Estes 10 mandamentos constituíam a lei judaica. Esta lei completada constitue a Lei evangelica.

Na Lei evangelica ha, pois: os preceitos do *decalogo*, e os preceitos do *Evangelho*.

Citamos apenas o exemplo da communhão eucharistica: é um preceito do Evangelho, que não figura no Decalogo. *Quem não comer a carne do Filho do homem, não terá em si a vida eterna*, (Joan. VI. 54) não pode figurar no Decalogo, porque a Eucharistia ainda não existia.

## II. Os mandamentos da Igreja

Ha, pois, preceitos no Decalogo, e preceitos no *Evangelho*. Estes ultimos espalhados nas paginas do Evangelho, foram recolhidos pela autoridade da Igreja e codificados por ella em 5 preceitos, que chamamos: Mandamentos da Igreja.

Estes mandamentos possuem a mesma autoridade e obrigam com o mesmo rigor que os mandamentos da Lei de Deus.

Jesus Christo disse a seus Apostolos que fôsem ensinar a todas as nações tudo o que Elle lhes havia mandado.

E' o que os Apostolos fizeram, elles e seus successores, e para ter um codigo abreviado de tudo o que o Evangelho exige do christão, elles codificaram estes mandamentos:

1. Ouvir Missa
2. Confessar-se
3. Commungar
4. Jejuar
5. Pagar dizimos

Estes 5 mandamentos além de impôr uma obrigação, mencionada no Evangelho, fornecem o meio de melhor cumprir com a Lei de Deus.

Mas as prescripções da Igreja, não se limitam a estes 5 mandamentos. Ha muitos outros que a Igreja coodificou egualmente, agrupou em ordem logica, e que constituem o que chamamos *o Codigo de direito Canonico*.

Ali não ha simplesmente 5, mas 2.414 canones ou leis ecclesiasticas.

Muitas entre estas regras applicam-se á categorias especiaes de christãos, por exemplo, aos Bispos, aos Sacerdotes, aos religiosos, etc., de modo que é dispensavel conhecer todas estas prescripções.

### III. Conclusão

Si os mandamentos da Lei de Deus devem formar a base da nossa vida, porque são a expressão nitida e sensivel da lei natural, gravada por Deus em nossa consciencia; os mandamentos

da Igreja devem ser a norma de nossa vida christã, evangelica.

Lembremo-nos pois, do dever sagrado de *ouvir Missa* inteira nos Domingos e festas de guarda.

Recorramos ao menos uma vez cada anno, ao sacramento da Confissão, para purificarmo-nos dos nossos peccados.

Approximemo-nos da Mesa Sagrada, onde o proprio Jesus Christo se dá como alimento divino ás nossas almas; e façamol-o o mais vezes possivel, não nos limitando á communhão prescripta no tempo da Paschoa.

E como somos peccadores, procuremos expiar as nossas faltas, fazendo umas leves penitencias, como jejuar e abster-se de carne, nos dias marcados pela Igreja.

Enfim, não pagando mais os dizimos, como se fazia nos primeiros seculos, auxiliemos as obras catholicas, as missões, as instituições de caridade, as vocações, com as nossas esmolas.

Nestes poucos preceitos estão os mandamentos da Igreja, propostos a todos os fieis para que possam salvar-se.

## EXEMPLOS

### 1. Cumprir o seu dever

O primeiro dever do homem é cumprir com a lei de Deus, e este dever jamais acaba, conforme a bella palavra de um heroico soldado.

Em 1914 o poeta francez, Carlos Perrot, partiu como tenente para o campo de batalha.

Em 26 de Outubro recebeu ordem de conduzir a sua tropa em assalto dos jardins de São Lourenço, em Arras.

Um de seus camaradas vendo-o bastante doente e cansado, lhe disse:

— Estás causado, fica aqui, eu te substituirei. Sempre compriste o teu dever, descansa agora.

Carlos lhe respondeu com esta bella sentença:

*A gente jamais acaba de cumprir o seu dever!*

Deu ordem de assalto á sua tropa e cahiu fulminado, com uma bala na frente.

Tinha cumprido o seu dever até ao fim.

Assim devemos fazer com os mandamentos de Deus e da Igreja.

## 2. A fé e as obras

Um dia, perto do collegio religioso de Pontlevoy, um Padre encontrou um Auvergnat, pequeno negociante ambulante, alerta e de prosa abundante.

Sem apresentação dirigiu-se ao Padre.

— Senhor Vigario, este grande edificio lá em cima não é o famoso collegio de Pontlevoy?

— Sim, meu amigo.

— Olhe, contaram-me que ha lá um provedor que faz diariamente servir um almoço para 20 pessoas, mesmo quando está só em casa.

— E accreditaste na historia?

— Escute: acreditei porque isto não me custou nada; mas si isso me houvesse custado um tostão, não teria acreditado.

Muitos são auvergnats (habitantes de uma provincia franceza, o Auvergna) no reino de Deus. Elles teriam a fé, se isso não lhes custasse nada; porém, custando um esforço, não acreditam mais.

(Monsabré)

### 3. O decalogo de Boaventura

Um velho soldado do Paraguay gostava de contar as suas proezas antigas, e todas as noites os meninos o cercavam, dizendo:

—Pae Boaventura, conte-nos uma historia.

—Meus filhos, disse elle uma noite, estou muito velho; olhem, tenho apenas uma madecha de cabellos no craneo; ví muitas cousas, entre as quaes notei sempre as cinco verdades seguintes.

1. O trabalho do Domingo não enriquece a ninguem.

2. O bem, mal adquirido, nunca prospera,

3. A esmola nunca empobrece,

4. A Missa do Domingo nunca fez perder tempo,

5. O menino vicioso nunca é feliz!

E' um resumo do Decalogo de Deus!



---

---



---

---

## 18º DOM. dep. de PENTECOSTES

### EVANGELHO (Math. IX. 1—8)

1. *Naquelle tempo, subindo Jesus a uma pequena barca, passou para a outra banda, e veio para a sua cidade.*

2. *E eis que lhe apresentaram um paralytico que jazia no leito. E vendo Jesus a fé que elles tinham, disse ao paralytico: Filho, t' m confiança, são te perdoados os teus peccados.*

3. *E logo alguns dos Escribas disserum dentro de si: Este balphema.*

4. *E Jesus tendo visto os seus pensamentos, disse: Porque pensaes mal nos'vossos corações?*

5. *Que coisa é facil dizer: São-te perdoados os teus peccados: ou dizer: Lavante-te e cominha?*

6. *Pois para que saibaes que o Filho do homem tem poder sobre a terra de perdoar peccados: Levanta-te, disse então ao paralytico, toma o teu leito, e vae para tua casa.*

7. *E elle levantou-se e foi para sua casa.*

8. *E vendo isto as multidões, temeram, e glorificaram a Deus que deu tal poder aos homens.*

### COMMENTARIO MORAL

## Modo de confessar-se

Domingo passado, tratando dos mandamentos da Igreja, vimos que o segundo destes mandamentos é a obrigação de confessar-se.

O Evangelho de hoje nos mostra Jesus Christo, perdoando os peccados, poder que Elle transmittiu a seus sacerdotes, e que estes exercem no sacramento da Confissão.

Vejamos hoje o modo de confessar-se, para que este sacramento de misericordia, instituido por Jesus Christo, produza em nós os seus effeitos salutaes.

1. As **disposições** necessarias ;
2. Os **actos** essenciaes.

### I. Disposições necessarias

Três disposições são necessarias para fazer uma bôa confissão :

Deve ser *humilde, simples e inteira.*

1. **Humilde.** O peccador deve estar convencido de sua culpabilidade, e como tal deve accusar-se, para implorar o perdão de Deus a quem offendeu.

Nada attrahe mais a benevolencia de Deus do que a humildade, como nada inclina mais o seu coração para perdoar, do que a humildade que implora.

*Elle resiste aos soberbos, mas dá sua graça aos humildes* (Joan. IV. 6)

2. **Simple.** Taes sentimentos de humildade fazem nascer a simplicidade, que é tambem a lealdade.

Deus conhece o nosso peccado: é impossivel enganar-o. E', pois, logico que o peccador apresente os factos como se deram, não mencionando pormenores ociosos, nem deturpando factos certos.

Deve haver, na exposição de certos factos, delicadeza e discreção, omittindo as circumstancias que não têm gravidade.

Muito cuidado se deve ter tambem, em se falando da vida alheia, nas culpas ou defeitos dos outros, sem necessidade.

3. **Inteira.** O penitente deve accusar todos os seus peccados, exactamente como os conhece, dando como certos os que são certos, como duvidosos os que são duvidosos, e responder com franqueza ás interrogações do confessor.

## II. Actos essenciaes

A confissão é composta de quatro actos essenciaes, que são: o *exame*, a *contrição*, a *confissão*, e a *satisfação*.

1. O **exame**, é necessario, para conhecermos bem os nossos peccados. Deve-se fazel-o com simplicidade e diligencia. Quanto mais frequentes forem as confissões, mais facil e rapido será o exame de consciencia.

Ha diversos modos de fazer este exame:

1) Percorrendo rapidamente os mandamentos de Deus e da Igreja, os peccados capitaes, os deveres de estado.

2) Percorrendo os peccados commettidos por pensamentos, palavras, obras e omissões.

3) Examinar as obrigações para com Deus, para com o proximo e para conosco mesmos.

2. A **contrição** é o arrependimento dos peccados commettidos, com o firme proposito de nunca mais peccar.

Para excitar em nós esta contrição convém considerar a bondade de Deus que temos offendido pelo peccado e os castigos que merece o peccado.

A contrição é *perfeita*, quando nos arrepen-



demos de ter offendido a Deus, por ser Elle infinitamente bom e amavel.

Ella é *imperfeita*, quando nos arrependemos do peccado, por causa da perda do céu ou mêdo do inferno.

A contrição deve necessariamente estender-se a todos os peccados mortaes commettidos, por isso, é preciso accusal-os com sua especie, numero e circumstancias.

3. A **confissão** consiste em accusar os peccados ao confessor, de modo simples, claro e distincto, para elle poder julgar a sua gravidade.

Si se escondesse qualquer peccado, ou se lhe mudasse a especie, de modo que de grave, parecesse leve, seria commetter um horrivel sacrilegio, e não alcançaria o perdão de nenhum peccado.

A *materia necessaria* a confessar são os peccados mortaes, ainda não remittidos directamente pela absolvição, como tambem os peccados involuntariamente omittidos em confissão anterior.

*Materia livre* são: os peccados duvidosos, e os peccados veuiaes.

*Materia sufficiente* são os peccados veniaes, ou peccados mortaes já perdoados, excitado se á contrição sobre elles.

4. A **satisfação** é a execução da penitencia imposta ao penitente pelo confessor.

Tal penitencia tem por fim reparar a injuria feita a Deus pelos peccados commettidos e deve ser cumprida quanto antes, para não expôr-se ao esquecimento.

### III. Conclusão

Com estas disposições e estes actos a confissão será optima e produzirá graças abundantes na alma do penitente.

Indiquemos, para terminar, o *modo* de confessar-se, para conservar uma certa uniformidade na recepção deste sacramento.

Reza-se o «Eu peccador» antes de entrar no confessorio.

1. Chegando ao confessorio, o penitente ajoelha-se, faz o signal da cruz e diz: Meu pae, abençoa-me, porque pequei.

2. Meu Pae, a minha ultima confissão foi (dizer o tempo). Sou casado... ou solteiro ou viuvo.

Depois da minha ultima confissão, accuso-me de ter... (dizer as faltas).

No fim: Accuso-me destes peccados, daquelles de que não me lembro mais, de todos os da minha vida passada, particularmente de tal... (um peccado da vida passada). Peço perdão a Deus, e a vós, meu pae, penitencia e absolvição.

3. O penitente escuta depois o conselho do confessor.

4. Reza depois o acto de contrição, emquanto o confessor dá a absolvição.

Terminada a confissão, o penitente deve agradecer a Deus, renovar os bons propositos, e cumprir a penitencia imposta.

## EXEMPLOS

### 1. Remorso sem contrição

Era em 1848. Lacordaire entrava pela primeira vez na Assembléa Constituinte de que tambem Laménais era membro. Laménais percebe seu antigo amigo e desvia o olhar.

— Sabe quem está ahí chegando? lhe diz um visinho.

Lamenais não responde. Seu visinho insiste:

— Mas, então, vire a face, é Lacordaire.

— Ah! por Deus, me deixa, responde o apostata, nervoso, não comprehendes que este homem me pesa nos hombros como um mundo.

## 2. Acto de contrição numa palavra

Durante o cerco de Paris em 1870, o Padre Picard, depois Superior geral dos Assumpcionistas, acompanhava a sahida do exercito sitiado.

Numa destas sahidas, caminhava ao lado de um official, e como o fogo era intenso, separaram-se uns metros para dar menos alvo aos inimigo, sseguinto cada qual uma fossa á beira da estrada.

De repente, o official cáe, a cabeça atravessada por uma bala. O Padre Picard dá um pulo até perto do ferido, e vendo-o nas ancias da morte, brada-lhe ao ouvido: -- Estás zangado de ter offendido a Deus?

— «Zangado», responde o moribundo.

E o P. Picard lhe dá a absolvição, e uma unção suprema na testa. Numa unica palavra o moribundo fez o seu acto de contrição.

## 3. Allegoria eloquente

Para fazer comprehender que não é sómente na occasião da Paschoa que o peccador deve confessar os seus peccados, mas logo depois de os ter commettido, um prégador dizia no pulpito: «Meus irmãos, acabo de ser testemunha de um facto tetrico. Um joven, atravessando uma praça visinha, foi apanhado por um automovel e foi gravemente ferido. O povo o cercou immediatamente, e quiz chamar o medico.

— Não, murmurou a victima, de voz moribunda, não consulto o medico sinão na occasião da Paschoa... E a Paschoa é daqui a 8 mezes.

Deante da emoção do auditorio, o prégador completa:

Ha uma minucia inexacta no facto que acabo de contar. Não é um auto que prostrou a victima, nem é um joven, mas quantidade de jovens, de homens feitos e de velhos: E' o *peccado mortal*. E os infelizes adiam até á Paschoa a intervenção do medico! E o que arriscam não é sómente a morte, é a *morte eterna!*



---

---



---

---

# 19º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Math. XII. 1—14)

---

---

*1. Naquelle tempo, tomando a palavra Jesus, tornou-lhes a falar em parabolas, dizendo :*

*2. O reino dos céus é semelhante a um rei que fez as nupcias de seu filho.*

*3. E mandou os seus servos chamarem os convidados para as nupcias, e não quizeram vir.*

*4. Enviou de novo outros servos, dizendo : Dizei aos convidados : Eis que preparei o meu banquete, os meus touros e os animaes cevados já estão mortos, e tudo prompto : vinde ás nupcias.*

*5. Mas elles desprezaram (o convite) e foram-se, um para a sua casa de campo, e outro para o seu negocio :*

*6. Outros porém lançaram mãos dos servos que elle enviara, e depois de os terem ultrajado, mataram-nos.*

*7. O rei, tendo ouvido isto, irou-se : e mandando os seus exercitos, exterminou aquelles homicidas, e pôz fogo á sua cidade.*

*8. Então disse aos seus servos : As nupcias com effeito estão preparadas, mas os que tinham sido convidados, não foram dignos.*

*9. Ide, pois, ás encruzilhadas das ruas, e a quantos encontrardes, convidae-os para as nupcias.*

10. *E tendo sahido os seus servos pelas ruas, reuniram todos os que encontraram, maus e bons: e ficou cheia de convidados a sala do banquete de nupcias.*

11. *Entrou depois o rei para ver os que estavam á mesa e viu lá um homem que não estava vestido com a veste nupcial.*

12. *E disse-lhe: Amigo, como entraste aqui, não tendo a veste nupcial? Mas elle emudeceu.*

13. *Então disse o rei aos seus ministros: atae-o de pés e mãos e lança-o nas trevas exteriores: ahi haverá pranto e ranger dos dentes.*

14. *Porque são muitos os chamados, e poucos os escolhidos.*

## COMMENTARIO MORAL

### Disposições para a Communhão

O Evangelho do Domingo passado nos ensinou o modo de fazer bem as nossas confissões; o de hoje, completa este ensino, indicando-nos as disposições exigidas para communhar com fructo.

Para a *validade* de direito divino, basta ser baptizado para receber a Sagrada Communhão; para a *liceidade*, a Igreja exige: o uso da razão e a instrucção sufficiente.

Para communhar com fructo são exigidas ainda certas disposições, e é destas que vamos tratar hoje, vendo:

1. As disposições da **alma**;
2. As disposições do **corpo**.

#### I. As disposições da alma

Estas disposições podem reduzir-se a três:

1. O estado de *graça*.

2. A fé na presença real de Jesus Christo na Hostia.

3. O *desejo* de melhorar a sua vida espiritual.

— **A disposição** rigorosamente exigida é o estado de graça.

*Que o homem se experimente a si mesmo, diz o Apostolo, pois o que come e bebe indignamente o corpo e o sangue do Senhor, come e bebe a sua propria condemnação* (Cor. XI, 28).

Segundo o Codigo do Direito Cononico, quem está *consciente* de ter peccado mortal, ainda que arrependido da sua culpa, não deve receber a Sagrada Communhão (Can. 856) antes de se ter purificado pela confissão sacramental, si isto fôr possível.

Tal é a regra e a excepção.

Quem está *consciente* de ter peccado mortal, deve confessar-se.

Quem estiver *duvidando* de ter peccado, ou da gravidade do peccado, fará bem em confessar-se, embora não esteja rigorosamente obrigado a isso.

Quem se lembrar de ter omittido involuntariamente um peccado grave, poderá receber a Communhão, mas deverá accusar este peccado na primeira confissão subsequente.

— **A fé na presença real** de Jesus Christo. Define o Concilio de Trento que: no Sacramento da Eucharistia, estão contidos, *verdadeira, real e substancialmente*, o corpo, o sangue, a alma e a divindade de Jesus Christo, e por conseguinte o Christo inteiro. (Sess. XII.)

Dois pontos destacam-se deste dogma de fé:

a) a *realidade* da presença de Jesus Christo. Com effeito, Elle está na Eucharistia, não por figura ou symbolo, mas *verdadeiramente*; não

como effeito da nossa fé ou nossa imaginação, mas *realmente*; não simplesmente como presença virtual, ou pelos effeitos que produz, mas *substancialmente*.

b) É a presença de toda a pessoa de J. Christo. E' o Christo inteiro, com este mesmo corpo que nasceu da Virgem Maria e reina hoje na gloria do céu com a sua alma e a sua divindade.

— **O desejo de melhorar a vida.** A Eucharistia, de facto, é um alimento, o alimento da alma; ora, o alimento tem por fim conservar e augmentar as forças. A Sagrada Communhão, tem, pois, por fim, conservar e augmentar em nós a graça divina, que é a força da nossa alma.

Com estas três disposições, a Sagrada Communhão augmenta na alma: a caridade e as graças actuaes, que levam á pratica da virtude, e no proprio corpo, enfraquece a concupiscencia e o prepara á vida eterna do céu.

## II. As disposições do corpo

São duas estas disposições:

1. O jejum eucharistico,
2. A decencia dos trajés.

1. **O jejum** eucharistico consiste em não absorver nenhum alimento, nem solido, nem liquido, desde meia-noite.

Este jejum é uma lei ecclesiastica, e não divina, pois Nosso Senhor instituiu a Eucharistia de noite e após a Ceia legal da Paschoa, mas por causa dos abusos já censurados pelo proprio S. Paulo (I. Cor. XI. 20) a Igreja promulgou a lei do jejum de obrigação, não admittindo materia leve.

Para que o jejum seja violado é exigido:



a) que a substancia engulida venha *de fóra*. Engulindo alimentos permanecidos na bocca, não rompem o jejum.

b) Que a substancia ingerida seja *digestivel*: cabellos, unhas, pedacinhos de metal, por exemplo, não rompem o jejum.

c) Que a substancia seja tomada como alimento ou bebida.

Póde se lavar a bocca e os dentes, embora necessariamente misturem-se com a saliva algumas gottas de agua. Fumar ou respirar qualquer perfume ou remédio não rompe o jejum; mastigar fumo seria entretanto muito inconveniente.

**2. Os trajes indecentes.** A modestia é absolutamente indispensavel, por parte dos que se approximam da Mesa Sagrada.

Deve se evitar tudo o que é indecoroso ou mundano nos trajes.

Senhoras, moças e crianças devem trajar decentemente, sem decotes, nem no pescoço nem nos braços.

As proprias criancinhas devem ter vestido, pelo menos até aos joelhos, mangas até ao cotovelo.

As moças e senhoras, com mais razão, devem conservar a decencia de seu sexo: usando mangas compridas, meias, e véu ua cabeça.

As modas indecentes modernas, procuram sobretudo tirar ás criancinhas o que faz o seu encanto: a modestia, a reserva, o pudor. Devem ser banidas da Mesa Sagrada estas modas francamente immoraes, de saias acima dos joelhos, de roupas transparentes ou apertadas, que não permitem á criança nem ajoelhar-se, nem sentar-se decentemente. Conforme o conselho de S. Paulo, as mulheres devem ter a cabeça coberta com um véu. (1. Cor. XI. 6 e 13)

### III. Conclusão

Communguemos!... Communguemos!... mas communguemos bem!

A Communhão é necessaria para o sustento da nossa vida espiritual, e toda Communhão nos traz um augmento da graça santificante, desde que é feita em estado de graça.

Mas convém notar que a graça *santificante* torna nossa alma mais agradavel a Deus; porém é a graça *actual* que faz praticar a virtude, e esta graça não é dada unicamente pela recepção da Eucharistia, mas pelas disposições do commungante; donde a necessidade de preparar-se cuidadosamente pela oração: actos de fé, esperança, caridade, contrição e desejo de receber Jesus Christo.

Depois da Communhão é necessario recolher-se uns 10 minutos, pelo menos, excitando em seu coração sentimentos de fé, de amor e de gratidão, e pedindo as graças de que necessitamos.

Nunca se deve sahir da Mesa da Communhão e deixar logo a igreja, mas consagrar á acção de graças um minimum de 10 minutos.

E' um momento tão sagrado... temos Jesus Christo em nosso peito, não o deixemos só, nem o deixemos retirar-se sem nos ter dado a sua benção e o seu amor!...

### EXEMPLOS

#### 1. Exemplo de brio

Um dia em que o almirante Thours foi commungar em grande uniforme de gala, um amigo lhe disse:

— Cuidado, Almirante, este uniforme pôde compromettel-o.

— E' com este uniforme de gala que costumo visitar os meus superiores, respondeu. — Ora, que eu saiba o bom Deus não perdeu o seu gráu, nem deu a sua demissão.

## 2. Igualdade na Communhão

Um dia de festa o grande Turenne tinha-se ajoelhado no meio do povo, e preparava-se a receber a Sagrada Communhão.

Ao signal dado pela campainha, levantou-se, e de olhos baixos e mãos postas, seguiu para a Mesa Sagrada.

Um de seus creados que o precedia, foi eviado por um visinho da presença de seu senhor.

O creado vira-se, e faz signal a seu mestre de pa: sar.

Absorto em sua devoção, Turenne não notou a honra que se lhe fazia. O creado inclinou-se então para elle e murmurou-lhe no ouvido :

— Faça o favor de passar, Monsenhor.

Turenne olhou e reconheceu o seu creado.

— Meu amigo, respondeu elle, sorrindo, Monsenhor ficou na porta ; aqui ha sómente um Senhor: Aquelle que vamos receber... vá adiante de mim !

Que bella palavra na bocca deste heróe !... Turenne prostrava o seu nome, a sua gloria, a sua autoridade deante da santa egualdade dos convivas eucharisticos. (Monsabré)

## 3. Ricos e pobres descalços

Eis um pequeno factio authenticico de raro heroismo para crianças. O factio deu-se em 1885, numa aldeia da Inglaterra.

Os Redemptoristas haviam prégado uma missão, e para que as crianças tivessem também a sua missão, o Padre Hall prégou-lhes um pequeno retiro de primeira Communhão.

No auditorio havia ricos e pobres, crianças de alta sociedade e filhos de pobres operarios. Os primeiros, vestidos com conforto e gosto; os segundos, mal trajados e de pés no chão.

Para estimular os pobres, o Padre lhes havia feito uma conferencia sobre a pobreza de Jesus.

Chegou o dia da primeira Communhão.

Todos chegam á igreja, os filhos de ricos com ternos novos, sapatos lustrosos; e os pobres, limpinhos, com os vestidos que a mamãe havia lavado e concertado; todos com um laço branco no braço... apenas os pobres estavam descalços, os paes não tinham podido comprar sapatos para elles.

O Padre, alinhando os para assistirem á Missa, nota que os pobrezinhos de pés descalços, sentem se um tanto incommodados no meio de seus colleguinhas, apesar do sermão sobre a pobreza de Jesus, porém, não reflectiu além, e todos, misturados nas fileiras, tomam o lugar indicado.

A Missa começa, celebrada pelo Padre Hall, sendo assistida com recolhimento.

Eis o momento da Communhão.

O ajudante recita o *Confiteor*.

O celebrante não ouvia nenhum destes ruidos que geralmente fazem as crianças em marcha.

— Porque os meninos não se approximam da Mesa Sagrada?

O sacerdote vira-se para ver a razão desta demora. E o que vê elle?

O seguinte : As crianças ricas olham para os pés descalços de seus camaradinhas e para que estes não se sentissem humilhados, indo assim á Mesa Santa, uma ideia genial penetrou em suas cabecinhas : todos inclinam-se e tiram dos pés as suas botinas, e é nesta occupação que o olhar do celebrante os encontra, quando se vira para dizer o *Misereatur*.

O missionario sentiu as lagrimas molharem-lhe as palpebrás, começou a chorar de commoção, enquanto as crianças, ricos e pobres, avançam todos, pés descalços, para a Mesa Sagrada, onde os espera o pequeno Jesus dos pobres.





## 20º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Jo. IV. 46—53)

---

---

46. *Naquelle tempo, foi Jesus novamente a Caná da Galiléa, onde tinha convertido a agua em vinho. Havia ali um regulo, em Capharnaum, cujo filho estava doente.*

47. *Este, tendo ouvido dizer que Jesus vinha da Judéa para a Galiléa, foi ter com elle, e rogou-lhe que fôsse a sua casa curar seu filho, que estava a morrer.*

48. *Disse-lhe pois Jesus: Vós si não virdes milagres e prodigios, não crêdes.*


49. *Disse-lhe o regulo: Senhor, vem antes que meu filho morra.*

50. *Disse Jesus: Vae, o teu filho vive. Deu o homem credito ao que Jesus lhe disse e partiu.*

51. *E quando elle já ia para casa, vieram os seus criados ao seu encontro, e deram-lhe provas de que seu filho vivia.*

52. *E perguntou-lhes a hora em que o doente se achára melhor. E elles disseram-lhe: Hontem pelas sete horas o deixou a febre.*

53. *Reconheceu então o pae ser aquella mesma hora em que Jesus lhe dissera: Teu filho vive; e creu nelle, e toda sua casa.*



## COMMENTARIO MORAL

## Etapas da fé

Já falei anteriormente (3.º Domingo depois da Epiphania) da natureza e das obrigações da fé; entremos hoje nos segredos desta fé, seguindo o seu desenvolvimento na alma, desde a conversão até a sua plena irradiação no zelo.

O regulo de Capharnaum era um homem indifferente, porém sincero; e Deus aproveita a occasião da molestia de seu filho para leval-o da indifferença até ao zelo, fazendo-o passar pelos dois degraus intermediarios, que são:

- 1.º A fé **theorica**;
- 2.º A fé **pratica**.

## I. A fé theorica

O regulo era um official do rei Herodes. Tinha ouvido falar de Jesus, sem duvida, mas sem indagar da sua doutrina, ou da verdade da sua missão extraordinaria.

Havia ficado *indifferente*.

Seu filho cahe enfermo; tinha ouvido falar dos milagres de Jesus; o seu coração de pae quer salvar o filho, e para esse fim dirige-se 'a Jesus, querendo obter d'Elle a cura do filho: é já um começo de fé.

Não é uma fé firme ainda, pois embora acredite que Jesus póde curar o filho, ignora que póde tambem resuscital o. Para elle Jesus é um habil medico, mas não passa de um bom medico.

Jesus instrue o official e este crê na palavra de Jesus; é já uma fé esclarecida, e esta fé merece o milagre pedido; por isso Jesus não lhe

promette ir até a sua casa, mas diz simplesmente: *Vae, teu filho vive.*

O official não insiste mais para que Jesus vá com elle até a sua casa; elle crê em seu poder, crê que pôde curar de longe como de perto, reconhece que não é um simples medico, mas um enviado de Deus, e crê.

Movido por esta fé, põe-se a caminho para ir averiguar a cura annunciada, sem dizer uma palavra, e eis que em caminho encontra os seus criados que lhe communicam a feliz noticia que o filho estava vivo.

Vimos nesta narração as diversas etapas da conversão de uma alma. A fé vae despontando, ao longe, excitando primeiro a confiança, depois o desejo, e emfim o conhecimento.

E' ainda a fé theórica... mas é desta fé que nasce a fé prática.

## II. A fé pratica

O Evangelho diz 2 vezes que o official *cria*. Jesus lhe diz: teu filho vive, e elle crê.

Pouco depois, seus servos lhe communicam que o filho vive, e de novo *elle crê*. Porque esta repetição?

E' para exprimir que a primeira fé era apenas uma fé theórica, enquanto a segunda é a *fé pratica*, a fé que admite os principios e delles tira a conclusão, a fé logica que se traduz pela pratica do dever.

Quantas pessoas ha neste mundo afóra que crêem na palavra de Deus, dizem-se catholicos, rezam antes de deitar-se, e até assistem à Missa nos domingos.

Perguntando-lhes porém quantas vezes se confessam e commungam, respondem que não



têm peccados, que não podem ficar em jejum, que não têm tempo de communhar, etc...

Entretanto a Confissão, pelo menos a Confissão annual e a Communhão Paschoal são de prescrição rigorosa.

*Nada de impuro pôde entrar no céu (Apoc. XXII. 15) e ninguem terá a vida eterna em si, si não comer a carne do Filho do homem, disse o Salvador. (Joan. VI. 54)*

Eis dois preceitos sem réplica. Somos peccadores, logo, devemos apagar estes peccados, o que se faz pela Confissão: *A quem perdoardes os peccados, ser-lhes-ão perdoados, diz Nosso Senhor. (Joan. XXI. 23)*

Para ter a vida eterna, necessitamos comer a carne do Filho do homem; o que se faz pela Sagrada Communhão.

Recusando obedecer a estes 2 mandamentos, o homem pôde ter uma fé theorica, como aliás a tem o proprio demonio, mas não tem a fé practica, a fé que salva.

Tal catholico assemelha-se ao protestante.

Este tambem crê, mas não opera, crê na Biblia e renega o que está escripto na Biblia, crê no preceito e não crê nas obras, crê na lettra e não crê no sentido. Tal fé é uma fé morta, porque é uma lettra sem sentido.

*O homem é justificado pelas obras da fé, diz São Thiago, ou pelas obras que nascem da fé, porque a fé sem as obras fica morta. (Th. II. 24 e 17)*

Tal é a fé practica, a fé propria do catholico.

### III. Conclusão

A fé practica é ainda uma fé **pessoal**, mas como a fé gera o amor, e o amor sendo expansivo, a fé tambem quer expandir-se e torna-se

o **zelo**. O zelo é, pois, a coroação da fé... a manifestação, o triumpho da fé.

Encontramos esta ultima etapa da fé igualmente mencionada no Evangelho de hoje: *Elle creu e toda a sua familia.*

Vê-se que o official communicou logo a sua fé á sua esposa, a seus filhos, a seus servos, fazendo-se apostolo da verdade, até ganhá-los todos para esta verdade que acaba de descobrir em Jesus Christo.

A tradição diz que este official professou a sua fé perante Herodes, dando testemunho do que havia presenciado.

E temos nós este zelo pelo que amamos?

Temos a peito fazer partilhar a nossa fé pelos nossos amigos?

A falta de zelo é uma falta de amor, como a falta de amor é uma falta de fé! *Qui non zelat non amat!*

## EXEMPLOS — 1. **Comparações**

Deus nos deu a *razão*, pela qual é dado ao homem adquirir varios conhecimentos; em particular, o da religião.

Entregue a si mesma, a nossa razão não póde adquirir um conhecimento bastante seguro, nem bastante rapido, por isso Deus deu estes conhecimentos a sua Igreja, que é o seu portavoz infallivel, de modo que dando *fé* a esta palavra divina, completamos o que a simples razão não póde descobrir.

Quando, por exemplo, queremos obter noticias de um ausente, recorremos ao *correio*; tratando-se, porém, de uma noticia mais importante e mais urgente, recorremos a um meio mais rapido e mais seguro: o *telegrapho*. 24

O telegrapho não supprime o correio; vem ajudal-o. Assim, a fé não destróe a razão, mas lhe traz auxilio e apoio.

\* \* \*

Deus nos deu olhos para ver. Ha, porém, vistas fracas ou cansadas: neste caso utilizam-se oculos que permitem ver mais claramente e com menos esforço.

Os ensinamentos da fé são como oculos, collocados deante dos olhos da nossa razão, os quaes ajudam a ver melhor as verdades religiosas.

## 2. Crer e fazer

Uma joven piedosa foi percorrer as ruas de uma cidade, pedindo esmolas para os pobres do logar. Todos deram de bôa vontade, embora aqui e acolá houvesse um sceptico que não deixava de atacar um pouco a religião.

— Olhe lá, filha, disse um velho negociante, eu sou catholico, apostolico, romano, creio tudo o que a Igreja ensina, por isso tenho a certeza de ir para o céu.

— Parabens, sr., respondeu a joven sorrindo, O sr. me deu 1\$000 réis para os pobres, mas eu creio firmemente que o sr. vae me dar 50\$000.

Ah! isso não!

— Mas eu creio receber do sr. estes 50\$000 para os pobres.

— Não dou, não: já dei, Deus está satisfeito com a bôa vontade da gente.

— Sim, mas eu não tenho os 50\$000 apezar da minha fé.

— Mas que tenho eu com isso ?

— O que o sr. tem é que renega seus princípios: Não basta crer, é preciso fazer... como não me basta crer que o sr. vae me dar 50\$000; é preciso recebê-los.

A fé' theorica não basta para se salvar; é preciso ter a fé pratica.

### **3. A outra vida neste mundo**

Um incredulo, observando um dia uma Irmã de caridade que havia abandonado generosamente as alegrias legitimas do mundo, para dedicar-se ao serviço dos pobres e dos doentes, disse-lhe sorrindo :

— Minha bôa Irmã, como a senhora ficará atrapalhada si não houver outra vida!

A angelica creatura, sorrindo-lhe com um semblante onde se reflectia o céu, lhe respondeu :

— Não comprehendendo o que o sr. diz: pois, já estou gozando a outra vida neste mundo!





## 21º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Math. XVIII. 23—35)

---

23. *Naquellè tempo, disse Jesus a seus discipulos esta parabola : O reino dos céus é comparado a um rei, que quiz fazer as contas com os seus servos.*

24. *E tendo começado a fazer as contas, foi-lhe apresentado um que lhe devia dez mil talentos.*

25. *E como não tivesse com que pagar, mandou o seu senhor que fôsse vendido elle, e sua mulher, e seus filhos, e tudo o que tinha, e se saldasse a divida.*

26. *Porém o servo, lançando-se-lhe aos pés, lhe supplicava, dizendo : Tem paciencia commigo, e eu te pagarei tudo.*

27. *E o senhor, compadecido daquelle servo, deixou-o ir livre e perdoou-lhe a divida.*

28. *Mas este servo tendo sahido, encontrou um dos seus companheiros que lhe devia cem dinheiros : e lançando-lhe a mão, o suffocava, dizendo : Paga o que me deves.*

29. *E o companheiro lançando-se-lhe aos pés, lhe supplicava, dizendo : Tem paciencia commigo, e eu te pagarei tudo.*

30. *Porém elle não quiz : mas retirou-se, e fez que o mettessem na prisão, até pogar a divida.*

31. *Ora, os outros servos, seus companheiros, vendo isto ficaram muito contristados: e foram, e referiram ao seu senhor tudo o que tinha acontecido.*

32. *Então o senhor chamou-o e disse-lhe: Servo mau, eu te perdoei a dívida toda porque me supplicaste.*

33. *Não devias tu logo compadecer-te também do teu companheiro, como eu me compadeci de ti?*

34. *E o seu senhor irado entregou-o aos algozes até que pagasse toda a dívida.*

35. *Assim também vos fará meu Pae celestial, si não perdoardes do intimo dos vossos corações cada um a seu irmão.*



## COMMENTARIO MORAL

### O perdão das offensas

A parábola evangelica de hoje é toda consagrada ao perdão das offensas. É a moral que Nosso Senhor tem em vista, mostrando-nos a perversidade de quem recusa perdoar aos outros.

O perdão é um dos grandes deveres da vida christã, e é por isso que o divino Mestre nos faz repetir todos os dias: *Perdoae-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores.*

Para bem nos compenetrarmos deste dever, ás vezes penoso, vejamos:

- 1• O **preceito** de Jesus.
- 2• O seu **exemplo**.

## I. O preceito de Jesus

Tal preceito é formal e rigoroso.

No sermão da montanha, Nosso Senhor diz que veio para completar e aperfeiçoar a lei antiga, e nos impõe o preceito de perdoar como sendo um preceito seu, um preceito novo: *Eu, porém, vos digo: amae os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, e orae pelos que vos perseguem e calumniam, para que sejaes filhos de vosso Pae, que está no céu, o qual faz nascer o seu sol sobre bons e maus.* (Math. V. 43)

Varias vezes Elle repete este preceito, porque sabe quantos obstaculos ha de encontrar este perdão, seja da parte do orgulho, da colera, como do amor proprio ferido e do desejo de vingança.

E' a razão porque Elle escolhe a caridade para com o proximo, para ser o signal distinctivo dos seus verdadeiros discipulos.

Vae ao ponto de dizer-nos que tendo de tomar parte em um sacrificio, lembrando-nos que temos qualquer rancor contra um irmão, é preciso que antes nos reconciliemos com este irmão, sinão o sacrificio não será acceito por Elle.

No «Padre Nosso», nos faz pedir o pão de cada dia e após este pão, o perdão de nossas faltas e a promessa de perdoar aos outros.

Termina a parabola de hoje, fazendo a applicação do preceito a cada um de nós: *Assim é que meu Pae celestial vos ha de tratar, si cada um de vós não perdoar a seu irmão do intimo do coração.*

## II. O exemplo de Jesus

Sobre este ponto, como sobre todos os outros, N. S. nos deu o mais admiravel exemplo. «Dci-

vos o exemplb. para que, como eu vos fiz, assim façaes vós tambem». (Joan. XIII. 15).

Quem jamais perdoou tão generosamente como Jesus Christo?

«Pae, perdoae-lhes porque não sabem o que fazem!» exclamou Elle do alto da Cruz, em beneficio dos carrascos que acabavam de crucifical-o.

A nossa maldade procura sempre desculpas na malicia dos nossos inimigos ou na grandeza da offensa; porém, taes desculpas ou objecções nada valem perante o exemplo do Salvador.

Quem já foi mais odiado do que J. Christo?

Quem soffreu mais atrozmente do que Elle?

Quem foi mais calumniado, perseguido, maltratado do que Elle?

Entretanto Elle perdoava... passou a vida a perdoar, foi o sementeiro do perdão e da misericordia.

E' inutil recapitular os numerosos exemplos coroados pelo perdão supremo, pois, para todas as miserias e fraquezas que terminam pelo arrependimento, Jesus tem a palavra do perdão.

O que convém destacar é que Jesus Christo, depois de subir ao céu mais ainda do que durante a vida mortal, continúa a semear o perdão sobre a terra.

Não ha talvez durante o dia, nem um momento em que uma mão sacerdotal não se levante sobre qualquer peccador, para absorvel-o em nome e da parte do Redemptor.

Outro ponto a destacar é: que o perdão que devemos dar ao proximo, nada é em comparação do perdão que recebemos de Deus.

Não é sem razão que Jesus Christo, na parabola de hoje, põe em confronto «dez mil talentos» e «cem dinheiros», o que equivale mais ou



menos em nosso calculo, a sessenta milhões e de outro lado a cincoenta mil réis.

Ha a mesma desproporção entre o perdão que nós recebemos de Deus e o que concedemos ao proximo.

Nestas condições, como é possivel que o homem recuse obediencia ao preceito divino? Sêde misericordiosos como vosso Pae celeste é misericordioso.

### III. Conclusão

Do preceito formal e do exemplo instructivo de Jesus Christo tiremos a conclusão: Devemos perdoar para sermos perdoados; e quem não perdôa ao proximo não será perdoado por Deus.

Lembremo-nos, ás vezes, do contraste entre a primeira e a segunda sentença deste rei.

Pela primeira sentença toda a divida está perdoadada, em attenção á simples confissão e ao pedido do servo.

O rei lhe concede muito além do seu pedido.

E uma hora depois a sentença é toda outra.

O rei irritado, reprehende com dureza o mesmo servo, a quem havia antes perdoado generosamente toda a divida, e o entrega aos carcereiros.

Porque tal mudança?

Unicamente porque tal servo beneficiado por elle não quiz perdoar a um de seus companheiros.

A moralidade é clara: *Assim é que meu Pae celestial vos ha de tratar, si cada um de vós não perdoar a seu irmão, do intimo de seu coração.*

Não esqueçamos tão grave conclusão!

## EXEMPLOS — 1. O perdão da cruz

Um fidalgo levou a Luiz, rei da França, uma lista na qual figuravam os nomes dos homens mais notáveis da côrte, e disse ao monarcha :

— Assignalei com uma cruz f os nomes dos vossos inimigos e dos vossos desaffectedos. São esses os que desejam a vossa ruina, e, por isso, penso, Majestade, que não os deveis poupar.

— E estão marcados com uma cruz? indagou o rei.

— Sim, com uma cruz.

— Pois bem, volveu o rei: A cruz manda que eu lhes perdôe, e elles estão perdoados.

## 2. Perdoae-nos as nossas dividas

S. João, o Esmoler, celebrava a Santa Missa deante de um principe, que guardava no coração um odio mortal contra o seu inimigo.

Chegando a estas palavras do «Padre Nosso», o padre pára, e o principe, que participava das orações liturgicas, continúa: «E perdoae-nos as nessas dividas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores».

O Patriarcha, virando-se para elle, disse:

— Olhae, Principe, o que estaes dizendo a Deus. Não quereis perdoar, e não sereis perdoado.

Foi um verdadeiro relampago para o principe. Cabindo de joelhos, exclamou: — Pae, perdôo, dizei o que devo fazer... estou prompto a perdoar.

Sahiu logo e foi reconciliar-se com seu inimigo.

Todos devem lembrar-se do perdão a seus inimigos, cada vez que recitam o Padre Nosso.

### 3. José do Egypto

O exemplo de José é conhecido por todos. É um dos mais tocantes exemplos de perdão.

Vendido como escravo, por seus proprios irmãos, que procuravam mata-lo, José encontra na sua desgraça, o meio de chegar ao cume das honras, tornando-se o Vice-Rei do Egypto.

Seus irmãos, que não se lembravam mais delle, constraugidos pela fome, vão pedir-lhe um auxilio em trigo.

Teria sido, para um coração vulgar, uma bôa occasião de vingar se, mas José, sem se dar a conhecer, manda encher os seus saccos de trigo, deixando num delles o dinheiro que haviam trazido. Uma segunda vez mandou preparar um festim, sentou-se com elles, e no meio do espanto de todos os seus irmãos, não podendo mais conter a sua ternura, despede os serventes da mesa, e tendo ficado só com seus irmãos, no meio de soluços, elle exclama: Eu sou José, vosso irmão. O meu pae vive ainda?

Amedrontados por estas palavras, não tiveram a coragem de responder; mas José ajuntou com ternura: Approximae-vos de mim, não tenhaes mêdo, não vos afflijaes de me terdes vendido para estas regiões, pois é para vossa salvação que Deus me enviou para o Egypto.

E lançando-se ao pescoço de Benjamim, seu irmão mais novo, abraçou-o, chorando.

Benjamim tambem chorou. Abraçou depois cada um de seus irmãos, regando-os com suas lagrimas.

Mandou vir a familia para o Egypto, com Jacob, seu pae, partilhando com elles todas as suas riquezas.

Os corações maguanimos não se vingam si não pelos beneficios.

---

---

## 22º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Math. XXII. 15—21)

---

---

15. *Naquelle tempo, os phariseus consultaram entre si como haviam de surprehender Jesus em suas palavras.*

16. *E enviaram-lhe seus discipulos juntamente com os Herodianos, os quaes disseram: Mestre, nós sabemos que és verdadeiro, e que ensinas o caminho de Deus segundo a verdade, sem attender a ninguem, porque não fazes accepção de pessoas:*

17. *Dize-nos pois o teu parecer. É licito dar o tributo a Cesar ou não?*

18. *Porém, Jesus conhecendo a sua malicia, disse: Porque me tentaes, hypocritas?*

19. *Mostrae-me a moeda do tributo. E elles lhe apresentaram um dinheiro.*

20. *E Jesus lhes disse: De quem é esta imagem e inscripção.*

21. *Elles responderam: De Cesar. Então disse-lhes: Dae, pois, a Cesar o que é de Cesar: e a Deus o que é de Deus.*

COMMENTARIO MORAL

### Deus e Cesar

No Evangelho de hoje, N. S. nos dá uma bella e lucida explicação da virtude da justiça.

Numa phrase lapidar, que se tornou classica, Elle divide todas as contestações e resolve todas as duvidas a respeito da *justiça*, hoje em dia, tão mal comprehendida, e praticada: *Dae a Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus.*

Meditemos bem estas palavras, examinando practicamente:

1. O que devemos a **Deus**;
2. O que devemos á **sociedade.**

### I. O que devemos a Deus

Devemos a Deus a observação da lei divina. Nesta lei estão contidos todos os nossos deveres para com Elle e para com a sociedade.

Estes deveres reduzem-se a três: *fé, moral e culto.*

1. A **fé** nos obriga a crer em todas as verdades reveladas por Deus, e ensinadas pela Igreja, taes como estão expostas no Symbolo dos Apostolos.

O objecto da fé é, pois, a *revelação divina toda.*

Póde-se considerar de dois modos esta *revelação*:

- a) em seu conjuncto;
- b) em seus pormenores.

Considerada em seu conjuncto, a revelação chama-se: *fé divina*; tomada em seus pormenores a respeito de certas verdades, implicitamente contidas na revelação, chama-se: *fé catholica*; taes verdades são tambem chamadas dogmas, ou artigos de fé.

2. A **moral** abrange um duplo objecto:—preceitos e conselhos.

Os preceitos são os mesmos do Decálogo, completados pelos mandamentos da Igreja.

Os 10 preceitos do Decálogo dividem-se em duas partes: os três primeiros indicam os nossos deveres para com Deus, o 4º os nossos deveres para com a família, os 6 últimos, os nossos deveres para conosco e para com o próximo.

Taes mandamentos ou mandam ou prohibem fazer alguma cousa, donde: serem uns positivos e outros negativos.

Além destes preceitos, a lei encerra os grandes *conselhos*: obediencia, castidade e pobreza. Não são ordens que impõem obrigações; são conselhos que convidam a uma perfeição mais alta.

3. **O culto** exprime os meios de santificação, como são os Sacramentos, a Santa Missa e cerimoniaes com que prestamos a Deus o culto que lhe é devido.

Este culto é chamado: culto de adoração ou *latria*, cujos actos são: adoração, acção de graças, desagravo e oração, incluindo da nossa parte as três virtudes theologaes: fé, esperança e caridade.

## II. O que devemos á sociedade

Os nossos deveres para com a sociedade podem reduzir-se a três: *justiça, caridade e bom exemplo*.

1. **Justiça.** E' a base da vida social; e é esta base que N. Senhor tem em vista no Evangelho de hoje.

A justiça é a virtude que consiste em dar a Deus o que é de Deus, como acabámos de ver: fé, moral e culto, e dar á sociedade humana o que lhe devemos.

Como virtude natural só nente, a justiça é

o mesmo que *equidade*, preceituando todos os deveres dos cidadãos uns para com os outros (*justiça commutativa*); seus deveres para com o Estado (*justiça legal*); e os deveres do Estado para com os subditos: protecção a todos, leis eguaes para todos, repartição imparcial dos encargos e dignidades (*justiça retributiva*).

**2. Caridade.** Esta caridade tem por objecto directo o proprio Deus, por si mesmo, e o proximo por amor de Deus; e deve manifestar-se pelas obras de caridade na ordem espiritual e corporal.

A' ordem espiritual pertencem: instruir os ignorantes, dar bons conselhos e corrigir os que erram.

A' ordem corporal pertencem: visitar os doentes, dar hospitalidade aos peregrinos necessitados e dar esmola aos pobres necessitados.

**3. Bom exemplo.** Eis o que é de summa necessidade em nossa epoca de materialismo e respeito humano.

Si o homem vivesse separado, só, elle poderia contentar-se em cumprir o seu dever, porém, vivendo em sociedade e fazendo parte della, elle tem obrigação de agir de tal modo que o seu exemplo seja um estímulo para o proximo.

Não se deve fazer o bem para ser visto, mas se deve fazel-o embora seja visto, com sinceridade e piedade.

O exemplo da virtude vale todos os sermões sobre ella. — *Verba movent, exempla trahunt*, diziam os antigos.

### III. Conclusão

Tal é a solução do grande problema social que o mundo procura solucionar e que se complica cada vez mais.

Convém lembrar-se de que, do mesmo modo que não póde haver caridade para com o proximo, sem caridade para com Deus, assim tambem e pela mesma razão, não póde haver justiça para com os homens, si não houver justiça para com Deus; em outros termos: para que os homens dêem a Cesar o que é de Cesar, é preciso que elles dêem a Deus o que é de Deus. Estes dois deveres são inseparavelmente unidos.

Deus em cima; a sociedade em baixo.

Deus por si mesmo; a sociedade por amor de Deus. 'Quem paga o seu tributo a Deus, não deixará de pagar-o a Cesar.

## EXEMPLOS

### 1. Culto externo

No mez de Junho de 1750, Diderot, o incredulo, passando pela rua de S. Luiz de Versailles, no dia de Corpus Christi, olhava com indifferença para o altar, que se acabava de levantar, no qual se devia depositar o Smo. Sacramento, no caminho da procissão. Eis que de repente se faz ouvir, no meio do mais profundo silencio o hymno sagrado: «Lauda, Sion, Salvatorem».

O audacioso Diderot sente-se commovido na presença deste espectáculo, mas trabalha por encobri-lo. O pallio pára, os sacerdotes sobem ao altar, o Deus eterno é collocado sobre um throno de flores. Diderot sustém-se com difficuldade, ajoelha-se, seguindo o exemplo de todos, para não ser notado, inclina a fronte a seu pesar. O momento da bençãem chega; o philosopho faz um derradeiro esforço para levantar a cabeça, e cãe desmaiado. Abre os olhos e faz-se conduzir a uma casa visinha, onde o esperava o seu amigo Grimm.



— Que vos aconteceu, caro Diderot? exclamou Grimm, vendo o pallido e vacillante.

— Não sei, amigo, tornou elle, mas tudo é verdadeiramente majestoso no culto catholico, tudo impressionou-me, commoveu-me!

## 2. Bom exemplo

O Dauphin, pae de Luiz XV, encontrando-se em Strasburgo, na occasião da festa do Corpo de Deus, assistiu á procissão, com tanta piedade, que o povo ficou commovido, e varios protestantes que por curiosidade assistiram-na, converteram-se á fé catholica.

Dizia-se commumente que pela sua piedade havia elle convertido mais gente, na côrte de França, do que Bourdalou pelos seus sermões.

## 3. Ampère e Ozanam

Um dia, acabrunhado pelo desanimo, que era a sua tentação mais commum, Ozanam entrou na igreja de Santo Estevam do Monte e veiu aos pés do altar procurar a coragem que faltava a sua mocidade para lutar contra a corrente do mal.

Entrando, encontrou num canto do santuario, no meio de umas senhoras devotas, um homem ajoelhado, rezando, num profuudo recolhimento.

Ozanam o reconheceu: era Ampère, o sabio mais illustre da epoca, o genio que havia descoberto a theoria das correntes electro-dinamicas, e que se havia collocado, pelo seu saber, ao lado de Kepler e de Newton.

A' vista deste homem prostrado por terra, Ozanam corou de sua covardia, e a fé de Ampère veiu excitar e firmar a fé do futuro fundador das Conferencias vicentinas.



## 23° DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHO (Math. IX. 18—26)

---

---

18. *Naquelle tempo, estando Jesus falando ao povo, eis que veiu um principe, (da synagoga); aproximou-se d'elle e o adorava, dizendo: Senhor, morreu minha filha: mas vem, põe a tua mão sobre ella, e viverá.*

19. *E Jesus levantando-se o seguiu com os seus discipulos.*

20. *E eis que uma mulher, que havia doze annos padecia um fluxo de sangue, se chegou por detrás d'elle e tocou a fimbria de seu vestido.*

21. *Porque, dizia dentro de si: Ainda que eu toque sómente o seu vestido, serei curada.*

22. *E voltando-se Jesus, e vendo-a, disse: Tem confiança, filha, a tua fé te sarou. E ficou sã a mulher, desde aquella hora.*

23. *E tendo Jesus chegado á casa daquelle principe (da synagoga) e tendo visto os tocadores de flauta e uma multidão de gente que fazia muito barulho, disse:*

24. *Retirae-vos, porque a menina não está morta, mas dorme. E elles o escarneciam.*

25. *E tendo feito sahir a gente, elle entrou e tomou-a pela mão. E a menina levantou-se.*

26. *E divulgou-se a fama (deste milagre) por toda aquella terra.*

## COMMENTARIO MORAL

## A blasphemia

Jesus entrando na casa do chefe, encontrou ali tocadores de flauta e um bando de gente em alarido, e estes ao ouvirem a voz do divino Mestre, dizendo que a menina não estava morta, zombaram d'Elle.

E' esta palavra que vamos escolher e meditar hoje.

«Zombar de Deus» é uma blasphemia, um peccado prohibido pelo 2º Mandamento, peccado gravissimo que importa conhecer bem e evitar com cuidado. Para isso, vamos examinar:

1. A **natureza** da blasphemia;
2. A sua **gravidade**.

## I. A natureza da blasphemia

A blasphemia é uma palavra injuriosa a Deus, á maneira de insulto. Póde ser *directa* ou *indirecta*, conforme, si refere a Deus pessoalmente ou ás creaturas, attingindo a Deus, como quando se refere ás pessoas ou ás cousas consagradas a Deus.

E' o objecto proprio de um mandamento da Lei divina. De facto, os 3 primeiros preceitos do Decalogo têm por objecto, nossos deveres para com Deus:

Respeitar o proprio *Deus*: é o primeiro preceito.

Respeitar o *nome* de Deus: é o segundo.

Respeitar o *dia* de Deus: é o terceiro.

Todos comprehendem que o nome de Deus merece todo respeito, e não deve ser pronunciado sinão com veneração.

Ha dois modos de faltar ao respeito para com o nome de Deus :

a) Pronunciando-o em vão, por impaciencia ou indignação.

b) Blasphemando-o por leviandade ou costume.

Limitemo-nos a este ultimo ponto. Como póde alguém blasphemar ?

A) Negando as perfeições de Deus ou attribuindo-lhe vicios ou erros, dizendo por exemplo: Deus não é justo! Deus não devia fazer isto ou aquillo! Deus não se incomoda de nós! Deus é cruel em seus castigos! Deus não attende ás orações! Deus é padrasto! Deus é tyranno em sua vontade, etc.

Taes expressões, si são reflectidas, atacam a Deus *directa e pessoalmente*, o que ajunta uma gravidade especial a este peccado.

B) Falando mal de Deus em suas creaturas, como e: zombar da religião, falar mal dos sacerdotes e dos religiosos, e até, de algum modo, tolerar sem protesto, por fraqueza, covardia e respeito humano, as maledicencias ou calumnias dos outros. Tudo isso é injuriar a Deus *na sua obra*.

Mais grave ainda seria a blasphemia si tal offensa se dirigisse á pessoa de Maria Sma, dos santos, aos sacramentos, ás orações e ás festas religiosas.

Tal enumeração, muito incompleta, mostra como o peccado de blasphemia é frequente, até entre pessoas religiosas.

Ha alguns que blasphemam o que praticam, deixando-se levar pela perversidade, pelo mau humor, pela contrariedade, dizendo nestas occasiões verdadeiras blasphemias contra Deus, contra a Igreja e contra os ministros sagrados.

E' um triste habito, contra o qual urge reagir, pois a blasphemia é um dos peccados que Deus castiga mais rigorosamente.

## II. A gravidade da blasphemia

Quem comprehende o que é 'a blasphemia, comprehende tambem a sua gravidade.

De facto, é um ataque, uma especie de provocação dirigida a Deus; peccado este, que não admite materia leve, e só a falta de reflexão póde ser uma circumstancia attenuante.

E' a razão porque na legislação mosaica, a blasphemia era punida com a pena capital, sendo o culpado apedrejado (Levt. XXIV. 16) e foi esta mesma incriminação que se aproveitou para suppliciar Nosso Senhor. (Math. XXVI. 65)

Pelos Romanos, a blasphemia era punida com a morte. (Cod. Justiniano)

Até em 1791 tempo da revolução, em quasi todas as nações europeas a blasphemia era punida pelo afogamento, o ferrete de ignominia, o desterro ou a canga.

Os proprios governos comprehendiam que a blasphemia não é um simples peccado pessoal, mas uma especie de crime social.

Havendo um certo numero de pessoas que commettem este crime, torna-se um verdadeiro peccado publico, que provoca os castigos de Deus sobre uma nação, onde as blasphemias são pronunciadas impunemente contra a Majestade divina.

Um insulto, de facto, é tanto mais grave, quanto mais altamente collocada é a pessoa a quem se dirige.

Ora, Deus, sendo a majestade suprema, infinita, toda palavra insultuosa que se dirige a Elle, aquire, pelo facto, uma gravidade sem igual.

A desobediência á lei de Deus, póde ter a sua attenuante, na paixão, na educação, na exaltação nervosa; mas insultar a Deus, revoltar-se contra Deus, não póde encontrar explicação si não na perversidade e na malícia do coração humano.

E' o que fazia dizer a um santo Prelado: «A blasphemia é filha do odio mais insano, mais cêgo, mais detestavel, porque é o odio ao Supremo Bem, ao Supremo Bemfeitor.

### III. Conclusão

E' pois importante declarar guerra de exterminio á blasphemia.

Para isso, dois meios estão ao nosso alcance:

**Evitar** toda palavra blasphematoria, dirigida a Deus ou ás creaturas, por causa de Deus, como são: as queixas contra Deus, contra a sua Providencia ou a sua misericordia.

Nunca zombar das pessôas consagradas a Deus, ou das cousas santas que se referem a Deus.

**Reparar** as blasphemias que podemos ouvir, por um acto de louvor á divina Majestade, dizendo por exemplo: Bemdito seja o Santo Nome de Deus! ou outra qualquer jaculatoria em desagravo.

### EXEMPLOS

#### 1. Castigo da blasphemia

Eusebio narra em sua historia que o Imperador Maximino fez compor uma pequena brochura repleta de blasphemias contra o Deus dos christãos. Fez distribuir estes escriptos nas es-

colas e obrigou as crianças pagãs a decorar e a declamar estas impiedades.

A justiça divina não se fez esperar. A peste surgiu de repente, e fez morrer as crianças em tão grande numero, que a metade das familias ficaram sem filhos.

O proprio Imperador perdeu a vista, enlouqueceu e acabou por suicidar-se.

Nenhum christão ficou atacado pela peste.

Como são terriveis os castigos que Deus reserva aos que blasphemam seu santo nome!

## 2. Crime contra Deus

Quando Ruperto foi eleito Imperador, pediram-lhe a liberdade de um grande numero de prisioneiros.

O novo Imperador informou-se da sua conducta passada, e restituiu a todos á liberdade, fóra de um só, que havia sido condemnado por blasphemia.

— Os demais, disse o Imperador, offenderam os homens, mas este offendeu directamente o proprio Deus.

O blasphemador, de facto, levanta contra o céu a sua fronte orgulhosa, para insultar Aquelle que os anjos adoram.

## 3. Castigo de Sapor II

Sapor II cercava a cidade de Nasibe e havia aberto brechas nas fortificações da cidade, as quaes foram milagrosamente reparadas pelos anjos, a pedido do Bispo da cidade, São Thiago.

Sapor vendo o seu ataque inutilizado, ficou tomado de furor, e lançou uma flecha contra o

céu, em signal de odio contra Deus, o autor de tal milagre.

São Thiago, testemunho da blasphemia, ajoelhou se sobre os baluartes e fez a Deus a seguinte prece: Senhor, derrotae esta multidão, por meio de um exercito de mosquitos.

Immediatamente appareceu um enxame enorme de mosquitos que se abateu sobre os animaes dos cavalleiros, penetrando até na tromba dos elephantes, no nariz e nas orelhas dos cavallos.

Estes animaes, furiosos, jogaram os seus cavalleiros no chão, e metteram o exercito inteiro em desordem.

Sapor, desesperado, pôz fogo a suas machinas de guerra, e juntando os sobreviventes de seu exercito, voltou para a Persia, onde chegou com as tropas dezimadas pela peste e a fome.

Deus castiga muitas vezes; até neste mundo, aquelles que o ultrajam pela blasphemia!







## 24º DOM. dep. de PENTECOSTES

EVANGELHIO (Math. XXVI. 15—35)

---

---

15. *Naquelle tempo, disse Jesus aos seus discipulos: Quando, pois, virdes a abominação da desolação que foi prediça pelo propheta Daniel, posta no lugar santo, — o que lê entenda.*

16. *Então os que se acham na Judéa, fujam para os montes:*

17. *E o que se acha sobre o telhado, não desça para tomar coisa alguma de sua casa:*

18. *E o que está no compo, não volte a tomar a sua tunica.*

19. *Mas ai das (mulheres) grávidas e das que tiverem criança de peito naquelles dias.*

20. *Rogae pois que não seja a vossa fuga no inverno ou em dia de sabbado:*

21. *Porque então será grande a afflicção, como nunca foi desde o principio do mundo até agora, nem jamais será.*

22. *E si não se abreviassem aquelles dias, não se salvaria pessoa alguma: porém serão abreviados aquelles dias em attenção aos escolhidos.*

23. *Então si alguém vos disser: Eis aqui está o Christo, ou eil-o acolá: não deis credito.*

24. *Porque se levantarão falsos christos e falsos prophetas, e farão grandes milagres e*

*prodigios de tal modo que (si fôsse possível) até os escolhidos se enganariam.*

25. *Eis que eu vol-o predisse.*

26. *Si pois vos disserem: Eis que elle está no deserto, não saiaes: eis-o no lugar mais retirado da casa, não deis credito.*

27. *Porque assim como o relampago sahe do oriente e se mostra até ao occidente: assim será tambem a vinda do Filho do homem.*

28. *Em qualquer lugar, em que estiver o corpo, ali se ajuntarão tambem aguias.*

29. *E logo depois da tribulação daquelles dias, escurecer-se-á o sol, e a lua não dará a sua luz, e as estrellas cahirão do céu, e as potestades dos céus serão abaladas.*

30. *E então apparecerá o signal do Filho do homem no céu: e então todos os povos da terra chorarão, e verão o Filho do homem vir sobre as nuvens do céu com grande poder e majestade.*

31. *E mandará os seus anjos com trombetas e com grande voz, e juntarão seus escolhidos dos quatro ventos duma extremidade dos céus até á outra.*

32. *Ouvi uma comparação tirada da figueira: Quando os seus ramos estão tenros e têm brotado, sabeis que está perto o estio:*

33. *Assim tambem quando virdes tudo isto sabei que (o Filho do homem) está perto (que está) ás portas.*

34. *Na verdade vos digo que não passará esta geração, sem que se cumpram todas estas cousas.*

35. *O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão.*

## COMMENTARIO MORAL

## As tribulações finaes

O Evangelho de hoje, ultimo do anno ecclesiastico, descreve-nos as perturbações e tribulações dos ultimos tempos, tribulações taes, diz o divino Mestre, que nunca houve nem jamais haverá iguaes.

Examinando de perto a nossa sociedade, notamos, em toda parte, uma perturbação, uma vacillação como nunca houve na raça humana. O mundo nos dá a impressão de uma immensa locomotiva sem freios e sem conductor, que se precipita para o abysmo, sem que haja alguém capaz de detel-a; ou melhor, nota-se ainda certa mão mysteriosa brutal, que conduz a machina para uma grande catastrophe.

Será o começo do fim?... Será o advento do antichristo? Muitas cousas o fazem acreditar?

Qual será esta mão brutal, infernal, que conduz a humanidade? A resposta será o objecto da consideração de hoje, apoiando-nos sobre o Evangelho que acabamos de ler.

Podemos dizer que esta mão brutal é:

- 1.º A **maçonaria**, elemento de revolta.
- 2.º O **espiritismo**, elemento de loucura.

## I. A maçonaria

A maçonaria tal qual existe hoje, foi fundada em 1717, por dois pastores protestantes inglezes e um atheu.

E' uma sociedade secreta, tendo em mira a revolta contra toda autoridade constituida, no fim de fazer um imperio judaico universal.

A columna mestra da maçonaria é o judaismo

A sua base philosophico-religiosa é o *deismo*, systema que consiste em cultuar o architecto Supremo do universo, negando-lhe qualquer intervenção no governo deste mundo e rejeitando os dogmas revelados: não é pois atheu, mas francamente *anti-christão*.

A Igreja nunca hesitou deante da perversidade da maçonaria, mas diversos Pontífices excommungaram-na official e publicamente: Clemente XII, em 1738; Bento XIV, em 1751; Leão XII, em 1825 e Pio VIII, em 1829; Pio IX, em 1869; Leão XIII, em 1884; Bento XV no Direito Canonico.

Deante desta attitude firme e resoluta da Igreja, a hesitação é impossivel: a maçonaria é uma seita excommungada. O Codigo de Direito é positivo em suas prohibições:

O canon 2.535 diz que todos aquelles que se inscrevem na maçonaria incorrem na pena de excommunhão reservadas á Santa Se.

Os vigarios não podem fazer encommendações e officios funebres em favor dos maçons, a não ser que tenham dado signaes de arrependimento antes da morte. (can. 1.240)

Não se póde permittir o comparecimento official de maçons a qualquer acto religioso, nem póde o clero celebrar missas ou officios religiosos a convite da maçonaria. (S. C. Of. 5/7/1875.)

Não se póde admittir maçons notorios para padrinhos de baptismo ou de chrisma. (Cod.: canon 766 e 769)

Não se póde admittir maçons ao sacramento do matrimonio, com as solemnidades catholicas. (Conc. plen. lat. n. 175)

Não se póde receber validamente em associações catholicas, pessoas filiadas á maçonaria. (can. 639)

Peccam gravemente as pessoas que tomam parte em festas e bailes maçonicos ou promovidos pela maçonaria. (S. C. prop. fide, 15/7/1876.

Tudo isto é claro e positivo.

Alerta, pois, catholicos! Detestemos a maçonaria que pretende collocar o seu dominio acima do proprio Deus e da sua Igreja.

Judaismo, maçonaria e communismo é a trindade infernal da revolta, do odio a Deus e á sua Igreja!

De nenhum modo, e sob nenhuma fórma um catholico póde sér maçon. | . e um maçon deixa de ser catholico.

## II. O espiritismo

O espiritismo é outra seita das trevas, nascida do tronco commum: o protestantismo. A maçonaria é filha do protestantismo, o espiritismo é seu netinho: a primeira ataca a autoridade pelo odio, a segunda attráe os incautos pelo seu lado mysterioso e perverte-lhes o espirito, atirando os na loucura.

O espiritismo contemporaneo, que não passa de uma reproducção adaptada da antiga necromancia, foi introduzido pela familia protestante, Fox, dos Estados Unidos, em 1847.

Os phenomenos espiritas originam-se da fraude e da mentira, não sendo sinão trapaça, a maior parte das vezes; e outras vezes sendo o resultado natural da *nevropathia* e da *hysteria* na pessoa dos mediums.

O espiritismo não é nem *religião*, nem *sciencia*: é uma molestia.

Objectivamente só existem no espiritismo fraudes, trucs, com uns raros phenomenos ma-

gneticos e hypnoticos, o resto não passa de nevropathia, hysteria, ou perturbação mental.

Não é *religião*, pois a religião vem necessariamente de Deus, por meio da revelação divina, enquanto o espiritismo provém da cabeça allucinada de certos mediums, que pretendem estar em relação com espiritos desencarnados, o que é absolutamente impossivel e contrario ao ensino positivo da doutrina divina.

Não é tão pouco *sciencia*: a sciencia, de facto, baseia-se na observação de phenomenos, tomando por base o principio que: *uma causa identica em identicas circumstancias, deve produzir identicos efeitos.*

Ora, o espiritismo não se baseia em nenhuma causa determinada, mas sobre milhares de causas differentes, conforme o estado intellectual e moral de cada medium.

E' uma balburdia, sem principio, sem base, de modo que não é nem da terra, nem do céu. Nem a revelação o gerou, nem a sciencia o pôde perfilar.

E' uma molestia. Nada mais: e uma molestia perigosa, porque perturba o espirito, a consciencia, fazendo do homem intelligente e livre um sêr escravo dos mortos.

E' pois uma seita anti-christã, anti-social e anti-moral, como o provam as noticias diarias dos jornaes.

Eis porque o propheta Isaias disse já muito antes do advento de Christo: *Quando vos disserem: consultae os pitões e os advinhos, respondei-lhes que o povo consulta a seu Deus, e não precisa consultar os mortos em favor dos vivos.* (Isai. VII. 9)

O espiritismo é rigorosamente prescripto pela Biblia e pela Egreja Catholica.

As leis canonicas têm penas rigorosas contra os **espiritas**.

Estes são equiparados aos herejes, incorrendo **ipso facto**, em excommunhão. (can. 2.314 1)

E' prohibido ler e conservar livros espiritas. (can. 2.319)

Como hereje, o espirita tendo sido avisado do seu erro e não se corrigindo, fica excluído dos actos religiosos, não podendo ser padrinho, nem de baptismo, nem de chrisma. (can. 2.315)

### III. Conclusão

Dos dois erros precedentes, nasceu o grande erro moderno: o communismo.

O communismo é a grande revolta e o grande desequilibrio.

Da maçonaria, o communismo herdou a revolta; e do espiritismo herdou o desequilibrio.

E' um filho legítimo deste triste casal: o espiritismo é o pae, a maçonaria é a sua mãe.

Eis porque o communismo se apresenta como uma verdadeira exaltação sem freio, sem lei, sem moral, querendo abater tudo o que se lhe oppõe: e não pretende fazer isso com diplomacia, com calma, mas com uma verdadeira frenesia, que indica a loucura.

Não trepida em declarar guerra a Deus, renegando a sua autoridade, mas pretendendo aniquillar a patria de cada mortal, para fazer uma republica universal; como pretende dissolver a propria familia, o ninho sagrado da fidelidade conjugal e berço santo dos filhos.

E', pois, tempo de cada homem civilizado levantar a voz e bradar através do mundo: Queremos **Deus, a Patria e a Familia**. A trindade basica da ordem, da paz e da felicidade.

## EXEMPLOS

**1. A historia maçonica certa**

Para melhor documentar as proibições da Igreja e as condemnações lançadas por ella contra a maçonaria, relatemos aqui brevemente, a sua historia.

A maçonaria é descendente das antigas associações de constructores, pedreiros (em francez: maçons) da Idade media.

No anno de 1717, operou-se porém, uma mudança radical nestas associações.

Dois protestantes e um atheu reuniram-se em Londres para fazer uma união entre as associações de pedreiros. Elaboraram estatutos novos e adoptaram ritos especiaes.

Escolheram para o cargo de grão-mestre, um tal Antonio Sayer, e começou a funcionar a maçonaria moderna, com fins perversos e perversores, e ambições desmedidas. Foi no dia 24 de Junho do referido anno, razão porque esse dia é considerado como data da fundação da seita. (festa de São João Baptista)

A base philosophico religiosa desta loja era o *deismo*, systema que reconhece e cultúa um supremo architecto do universo, negando porém qualquer intervenção divina no governo do mundo, e rejeitando os dogmas revelados. Nos seus primordios, portanto, a actual maçonaria não se declara *athéa*, mas sim *anti christã*.

A maçonaria é essencialmente inimiga de toda autoridade constituida, seja ella civil ou religiosa, e sobretudo religiosa, como se deve deduzir dos dizeres de seus proprios chefes.

A revista maçonica berlinense: «Herold» declara sem reбуços: «O nosso inimigo é o ultra-



montanismo (a Igreja Catholica; quebrar o seu poder, é o nosso fim».

O grão-mestre maçônico belga, em 1909, não é menos explicito: «O que é necessario é acabar com a religião, porque della se aproveita o clero para enganar as massas populares. A guerra entre a maçonaria e a Igreja é de vida ou de morte, guerra pois sem treguas e sem perdas».

A' frente do grão oriente francez, seguido no Brasil, se acha o conselho da ordem, composto de 33 membros, que se obrigam a não pertencerem a religião alguma, nem elles, nem suas familias.

No decorrer dos tempos esta hostilidade á religião não tem mudado sinão para peor, e esta mudança consiste em esconder melhor os tramas e planos de luta.

A maçonaria age ás escondidas. Ella é fraca, no fundo, mas para dar-se apparencias de poder, ella recruta em todas as camadas da sociedade, socios ignorantes, unicamente para fazer numero. Depois prevalece deste numero, não querendo saber si taes socios são ou não homens de valor e de honestidade.

E' o que explica, como entre nós, no Brasil catholico, ha maçons que, com a mais bõa fé e simplicidade mais ingenua, ficam admirados quando se-lhes diz que a maçonaria é uma seita perversa.

Não querem acreditar-o, porque — dizem elles — nunca ouviram, nem viram nada na maçonaria que a religião condemnasse.

Póde ser!... isso prova que taes maçons fazem apenas uma parte de palpalvos, ignorando tudo, e servindo apenas a maçonaria pela mensalidade que pagam, pela sua influencia moral e o numero de sua pessõa.

Já é bastante: contribuem indirectamente para o mal que a maçonaria vae fazendo.

Um catholico não pôde ser maçon; e um maçon não é catholico: é um hereje, um excomungado. (1)

## 2. O espiritismo

O espiritismo é a negação completa de toda religião, como o protestantismo é a negação da religião catholica.

E' o grosseiro e estúpido **materialismo**, emquanto pretende ser espiritualismo.

Não se pôde dizer que é um ensino: não, é uma negação!

Vejamos aqui apenas que o espiritismo é:

Anti-biblico;  
Anti-christão;  
Anti-catholico;  
Anti-clerical, e  
Anti-moral.

Tudo nelle é *anti*, contra, negativo.

O espiritismo é anti-biblico:

Deus diz: *Sereis para mim santos, porque Santo sou eu, soberano Senhor, e vos separei dos outros povos, para que sejacs meus. O homem ou a mulher nos quaes se encontrar espirito pitonico (isto é, de medium espirita) ou espirito de adivinção, receba a pena de morte, seja apedrejado e sobre elle corra o proprio sangue (Lev. XX. 26).*

Mais tarde, esta prohibição divina foi confirmada pelo Senhor: *Nem se encontre entre vós quem interrogue os ariolos e observe os sonhos,*

---

1) Cf o nosso livro: «O anjo das trevas»; capitulo IX  
A maçonaria. 26

*e os agouros, nem seja malefico, nem encantador, nem quem consulte os pitões, nem os adivinhos, ou inquiria a verdade dos mortos. Pois, a todas estas coisas abomina o Senhor. (Dt. XVIII, 10—12).*

E no propheta Isaias : *Quando vos disserem : consultae os pitões e os adivinhos, respondei-lhes que o povo consulta o seu Deus e não precisa consultar os mortos em favor dos vivos. Is. VII. 9)*

Ora, interrogar os pitões ou *mediums*, observar os sonhos e inquirir a verdade dos mortos são as praticas ordinarias do espiritismo.

Portanto, os espiritas são transgressores deste tão claro preceito divino.

O espiritismo é anti-christão, porquanto procura negar a divindade do Christo, a quem avilta, ao ponto de proclamar-o um *medium*.

Crer em Jesus Christo é crer em todas as verdades por elle reveladas. Pois bem, os espiritas não admittem nenhuma destas verdades, não querem nem dogmas, nem mysterios, nem céu, nem inferno.

O espiritismo é anti-catholico, porque repudia os sacramentos, o purgatorio, o culto da Virgem e de todos os santos, os mysterios da SS. Trindade e da Encarnação, a autoridade de São Pedro, todo o culto catholico.

O espiritismo é ante-clerical: visa, sobretudo, a campanha sordida contra a Igreja e os seus sacerdotes.

E' anti-moral, porque nega o livre arbitrio, uma fonte de responsabilidades.

Por fim, que é o que fica desta armação de negações?

O espiritismo é, antes de tudo, e unicamente, a negação de tudo.

E' o nada, é o vacuo...

Notem bem isto ; nenhuma *base*, nenhum *principio*, nem do céu, nem da terra. Nada fica em pé.

Os seis mil annos que o mundo já viveu são nada... Não deixaram nem uma lembrança, nem uma ideia que sirva... tudo, tudo ha de ser novo.

O espiritismo não tem base... ou melhor, como diz muito bem o Padre Dubois : o espiritismo pousa sobre a religião, como certas aves sobre o cume das egrejas, para desarrumar as telhas, abrir gotteiras e emporcalhar tudo.

Basta ver este principio, para se comprehender como o espiritismo leva tão facilmente e tão directamente á loucura.

Nossa intelligencia não vive só de imaginações, de supposições ; ella procura, antes de tudo, (e isso é seu elemento proprio) a certeza, a convicção. Não a encontrando, ella se perturba, agita-se e cae numa especie de desespero, que a paraliza, e, pouco a pouco, extingue-se, por via de innanição, de anemia, pois lhe falta o alimento proprio, de que vive e se fortalece : a *certeza*, ou a verdade.

Conclusão : o espiritismo é uma *ruina*, é a duvida, é a *negação de tudo*.

Ora, a negação não se sustenta ; precisamos de qualquer coisa de positivo, de qualquer coisa que exista, seja na ordem material, espiritual, intellectual ou moral.

Quem já viu uma pura negação ? Si me perguntarem : que é o homem ?... respondo pela parte negativa, dizendo que não é vegetal, nem mineral, nem puro animal ?

Sim, mas que é, então ?

Queremos uma resposta positiva, que não diz simplesmente o que não é, mas tambem o que é.

O homem é uma criatura racional, composta de um corpo e de uma alma!

Pois bem, no espiritismo, nada ha de positivo, tudo é negação; e estes novos scientistas de asylos querem que a nossa intelligencia se contente com isso?

Pobres tresloucados!

---

### **Nota liturgica.**

Havendo mais de 24 Domingos depois do Pentecostes, o Evangelho é tomado nos Domingos depois da Epiphania.

Por exemplo, havendo 25 Domingos depois de Pentecostes, o vigesimo quarto figura no quinto Domingo depois da Epiphania (parabola da boa semente). Si houver 26, o vigesimo quinto será tomado do sexto depois da Epiphania.

O acrescimo de Domingos, além dos 24, que pôde haver depois de Pentecostes, é retirado dos Domingos depois da Epiphania.



# INDICE



APPROVAÇÃO . . . . .	7
INTRODUÇÃO . . . . .	9
1. <i>Dom. do advento</i> — A esperança . . .	18
2. « « — O escândalo . . .	25
3. « « — A humildade . . .	32
4. « « — Os caminhos de Deus	37
<i>Dom. dep. de Natal</i> — O crescimento divino	44
<i>Festa da Circumcisão</i> — O anno novo . .	49
<i>Dom. dep.</i> « — A lei divina . .	55
<i>Festa da Epiphania</i> — As Virt. theologaes	62
1. <i>Domingo depois</i> — Modelo das familias	68
2. « « — Deveres dos filhos	74
3. « « — A fé . . . . .	80
4. « « — As tentações . .	86
5. « « — A prudencia . .	93
6. « « — O peccado venial	99
<i>Dom. da Septuagesima</i> — A inveja . . .	107
« <i>Seragesima</i> — A paciencia . .	113
« <i>Quinquagesima</i> — A confiança . .	121
1. <i>Dom. da Quaresma</i> — Jejum e abstinencia	128
2. « « — A conversão . .	134
3. « « — A impureza . .	141
4. « « — A Paschoa . .	148
<i>Domingo da Paixão</i> — Archit. da confissão	155
— A mentira . . .	161

<i>Dom. de Ramos</i> — Os applausos do mundo	<b>168</b>
« <i>da Paschoa</i> — A coragem christã . . .	<b>173</b>
1. <i>Dom. depois</i> — A incredulidade . . .	<b>180</b>
2. « « — Os deveres de estado .	<b>186</b>
3. « « — Juramento e voto . . .	<b>194</b>
4. « « — O peccado . . . . .	<b>201</b>
5. « « — A oração toda-poderosa	<b>207</b>
6. « « — O respeito humano . . .	<b>212</b>
<i>Dom. Pentecostes</i> — Fidel. á palavra de Deus	<b>219</b>
<i>SS. Trindade</i> — Deveres no Baptismo .	<b>225</b>
2. <i>Dom. dep. de Pentecostes</i> — O Banquete eu- charistico	<b>232</b>
3. « « — A acção social catholica	<b>239</b>
4. « « — O peccado mortal . . .	<b>247</b>
5. « « — O homicidio . . . . .	<b>253</b>
6. « « — A questão social . . .	<b>260</b>
7. « « — Os falsos doutores . . .	<b>267</b>
8. « « — A propriedade e o roubo	<b>277</b>
9. « « — As lagrimas de Jesus .	<b>284</b>
10. « « — O orgulho . . . . .	<b>291</b>
11. « « — Os surdos mudos . . .	<b>298</b>
12. « « — A virtude da caridade .	<b>307</b>
13. « « — Bemfeitores e beneficiados	<b>315</b>
14. « « — A avareza e a cupidez .	<b>322</b>
15. « « — A educação dos filhos	<b>328</b>
16. « « — Santificação do Domingo	<b>335</b>
17. « « — Mand. de Deus e da Igreja	<b>343</b>

18.	<i>Domingo dep.</i>	— Modo de confessar-se	<b>349</b>
19.	«	« — Disp. para a Communhão	<b>357</b>
20.	«	« — Etapas da fé . . .	<b>366</b>
21.	«	« — O perdão das offensas	<b>373</b>
22.	«	« — Deus e Cesar . . .	<b>379</b>
23.	«	« — A blasphemia . . .	<b>386</b>
24.	«	« — As tribulações finaes	<b>394</b>

## INDICE ALPHABETICO

<b>A</b>	pgs.		pgs.
Abstiencia e jejum	128	Confiança . . .	121
Acção social . . .	239	Confissão (architect.)	155
Actos da confissão	351	Confissão (modo)	349
Amor a Deus . . .	308	Conversão . . .	134
Amor ao proximo	309	Coragem christã .	173
Anno novo . . . .	49	Crescimento divino	44
Applausos do mundo	168	Cupidez e avareza	322
Archit. da confissão	155	<b>D</b>	
Avareza e cupidez	322	Deus e Cesar . . .	379
<b>B</b>		Deveres dos paes	329
Banquete eucharist.	232	Deveres dos lilhos .	74
Baptismo (deveres)	225	Deveres de es'ado	186
Bemfeitores . . . .	315	Deveres no baptismo	225
Beneficiados . . . .	317	Disposições á Com.	357
Blasphemias . . . .	386	Domingo (santificaç)	335
<b>C</b>		<b>E</b>	
Caminhos de Deus .	37	Educação dos filhos	328
Circumcisão . . . .	49	Escandalo . . . . .	25
Cobardia . . . . .	299	Esperança . . . . .	18
Communhão (disp.)	357	Espiritismo . . . .	396



	pgs.		pgs.
Etapas da fé . . .	366	Oração poderosa . . .	207
Eucharistia . . .	232	Orgulho . . .	39—291
<b>F</b>		<b>P</b>	
Falsos doutores . . .	267	Paciencia . . . . .	113
Fé theorica e pratic. . .	366	Paschoa . . . . .	148
Fé (virtude da) . . .	80	Peccado . . . . .	201
Fidelidade a Deus . . .	219	Peccado mortal . . .	247
<b>G</b>		Peccado venial . . .	99
Graça . . . . .	46	Perdão das offensas . . .	373
Gratidão . . . . .	317	Propriedade e roubo . . .	277
<b>H</b>		Prudencia . . . . .	93
Homicidio . . . . .	253	Pureza de Maria . . .	69
Humildade . . . . .	32	<b>Q</b>	
<b>I</b>		Questão social . . . . .	260
Inveja . . . . .	107	<b>R</b>	
Impureza . . . . .	141	Respeito humano . . . . .	212
Incredulidade . . . . .	180	Roubo . . . . .	277
<b>J</b>		<b>S</b>	
Jejum e abstinencia . . .	128	Santif. do Domingo . . . . .	335
Juramento e voto . . .	194	Sensualidade . . . . .	38
<b>L</b>		Sociedade (deveres) . . . . .	381
Lagrimas de Jesus . . . . .	284	Submissão de Jesus . . . . .	70
Lei divina . . . . .	55	Suicidio . . . . .	255
<b>M</b>		Surdos-mudos . . . . .	298
Mandament. de Deus . . . . .	343	<b>T</b>	
Mandamentos da Igreja . . . . .	344	Tentações . . . . .	86
Maçonaria . . . . .	394	Tribulações finaes . . . . .	394
Mentira . . . . .	161	<b>V</b>	
Missa (assistencia) . . . . .	337	Vicio (surdez do) . . . . .	239
Modelo da familia . . . . .	68	Vicios do orgulho . . . . .	293
Modo de confessar-se . . . . .	349	Virtudes theologaes . . . . .	62
<b>O</b>		Voto e juramento . . . . .	194
Obedecer a Deus . . . . .	56	<b>Z</b>	
Offensas (perdão) . . . . .	373	Zelo (palavras de) . . . . .	245